

Alexandre Albagli Oliveira

Estrada de Luz

A História de Brasileiro de Deus

ROMANCE



Estrada de Luz
A História de
Brasileiro de Deus

Alexandre Albagli Oliveira

Estrada de Luz

A História de Brasileiro de Deus

ROMANCE



Ilhéus-BA

2002

© 2002 by ALEXANDRE ALBAGLI OLIVEIRA

Direitos desta edição reservados à
EDITUS - EDITORA DA UESC
Universidade Estadual de Santa Cruz
Rodovia Ilhéus/Itabuna, km 16 - 45650-000 Ilhéus, Bahia, Brasil
Tel.: (073) 680-5028 - Fax (073) 689-1126
http://www.uesc.br e-mail: editus@uesc.br

GOVERNO DO ESTADO DA BAHIA
OTTO ALENCAR - GOVERNADOR

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO
ANA LÚCIA B. CASTELO BRANCO - SECRETÁRIA

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ
RENÉE ALBAGLI NOGUEIRA - REITORA
MARGARIDA CORDEIRO FAHEL - VICE-REITORA

DIRETORA DA EDITUS
MARIA LUIZA NORA

PROJETO GRAFICO
ADRIANO LEMOS

CAPA

ADRIANO LEMOS SOBRE TELA DE CIDA RABELO

CONSELHO EDITORIAL:

DÁRIO AHNERT
DORIVAL DE FREITAS
ERONILDA MARIA GÓIS DE CARVALHO
FRANCOLINO NETO
JANE KÁTIA BADARÓ VOISIN
LURDES BERTOL ROCHA
MARIA DA CONCEIÇÃO FILGUEIRAS DE ARAÚJO
MARIA LAURA OLIVEIRA GOMES
MOEMA BADARÓ CARTIBANI MIDLEJ
PATRÍCIA DA COSTA PINA
PAULO DOS SANTOS TERRA
REINALDO DA SILVA GRAMACHO
ROSANA LOPES
RUY LORDÃO NETO

EQUIPE EDITUS

DIRETOR DE POLÍTICA EDITORIAL: JORGE MORENO; REVISÃO: MARIA LUIZA NORA
E DORIVAL FREITAS; SUPERVISÃO DE PRODUÇÃO: MARIA SCHAUN; COORD. DE
DIAGRAMAÇÃO: ADRIANO LEMOS; DESIGN GRÁFICO: ALENCAR JÚNIOR.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

O48 Oliveira, Alexandre Albagli
Estrada de luz : a história de Brasileiro de Deus
: romance / Alexandre Albagli Oliveira. – Ilhéus :
Editus, 2002.
370p. : il.

ISBN: 85-7455-054-X

1. Romance brasileiro. I. Título.

CDD 869.93

Aos meus três grandes amores, que se encarregam da difícil arte de me entender, como homenagem e bênção de vida: meu pai, Itamar, minha mãe, Juju, e Polliana.

E, também, aos meus irmãos:
Marcos e Maurício

A Deus.

Ainda, a Caetano Veloso e às memórias
de Jorge Amado, Graciliano Ramos e Machado de Assis.

“A filha do estrangeiro não parece nem
preto nem branco; nem afoiteza nem lerteza; nem
rameira nem donzela; nem simplicidade nem soberba”
(disse-me a velha Miru, ao conhecer a moça filha do estrangeiro).

“As mulheres de tua vida foram as tuas outras almas, tua estrada
de luz: dois xodós, três amores e uma lembrança”
(prosa do velho Chico, em momento de erudição).

“El dio ke t'escape de ojo malo i de ayinarah”
(abençoou-me a menina, em letras estrangeiras).

“A Bahia é um
estado de espírito”
(Jorge Amado).

“Afinal, o Brasil é uma tristeza.
Estas misérias são iguais a várias
que por aí circulam. Escrevemos à
toa, e ainda achamos quem nos elogie”
(Graciliano Ramos).

“Não se luta contra o destino; o melhor é
deixar que nos pegue pelos cabelos e nos arraste
até onde queria alçar-nos ou despenhar-nos”
(Machado de Assis).

“Compositor de destinos, tambor de todos os ritmos,
tempo, tempo, tempo, tempo”
(Caetano Veloso).

Agradeço ao Prof. Dorival de Freitas e à Prof^a. Báisa Nora pelo engenhoso trabalho de revisão como, de resto, à toda equipe da EDITUS (Jorge Moreno, Maria Schaun, Adriano Lemos e Alencar Junior) por abrilhantar o meu humilde romance. Agradeço, também, a Zé Nazal pelo trabalho de fotografia.

Apesar da preocupação histórica e geográfica, esta é uma obra de ficção e, portanto, não está presa a detalhes. As personagens nela presentes, mesmo que históricas, são tratadas de forma ficcional. Confundem-se, para tanto, com outras personagens do livro, criadas pelo autor para ajudar na feitura da história de Brasileiro de Deus.

Ilhéus, fevereiro chuvoso de 1997.

O livro foi revisado por sugestão da prof. Balsa Nora e do escritor Hélio Pólvora, afora a minha própria vontade. A ambos, pela atenção, o meu agradecimento.

Ilhéus, dezembro sombrio de 2000.

1

Brasileiro de Deus, assim eu me chamo. “Brasileiro” por opção de meu pai, cabra de valor. Sujeito de poucas palavras, privou-me do seu convívio ainda cedo. Meu pai foi, ainda, o que se pode chamar de um homem patriota. Amava o país como se estivesse amando uma mulher. Diziam até que o destemido enfrentou cangaceiro por amor à nação.

Pobre de minha mãe, mulher de hábitos simples e crenças múltiplas, que sofrera, e muito, com a paixão inusitada de meu pai. O complemento “de Deus” foi por gosto dela. A credence era para a mesma o que a pátria significava para meu pai. Gosto do tamanho do mundo, de dar dó.

Apesar do pouco convívio — na verdade foi quase nenhum —, eles foram um grandioso espelho, exato reflexo. Uma das minhas importantes estradas de luz.

* * *

Por respeito, mais ainda por educação, tenho que reconhecer uma verdade, antes de qualquer pormenor. Minha história foi endeusada por seis mulheres, enredo maior. Alguns cabras também me foram importantes, não me custa reconhecer. Porém, o próprio velho Chico se encarregou da correção: “as mulheres de tua vida foram as tuas outras almas,

tua estrada de luz”. Isto mesmo, sem delongas, seis mulheres: dois xodós, três amores e uma lembrança.

Leninha foi uma delas, um xodó, um deleite e um estrupício, foi o que eu pensei. A que primeiro motivou o encanto sem fim que cultivei pelas mulheres, e me doutorou em sem-vergonhice. A primeira a aquecer o meu juízo, ainda molecote, muito embora eu fosse tomado, naqueles idos, pela ingenuidade. Mas, depois, eu me fiz homem e a moçoila espevitada, dos olhos de vai-e-vem, caiu de chamego por mim e recebeu em troca o que lhe foi prometido: mimos e estrondo. Talvez o meu primeiro xodó, ao menos em gosto. Leninha era filha de Parmério “Brabeza”, o que não me parecia boa nova, pela abertura da empreitada. O sujeito era um borra-botas, um doidivanas, e prometia aos ventos capar o primeiro que desrespeitasse a filha. Desse triste fim eu me livreí, já adianto.

Tafynha foi o meu xodó no puteiro de Prazeres e, por mim, caiu em adoração, não sei se por ter sido eu o autor do malfeito, ou se por préstimo do destino. Quando a quentura a consumia, ela apelava para o calundu, o que me deixava em desajeito. Apresentou-se com ternura e me fez cair em perdição: “Me chamo Tafynha, com ipsilone”. A quenga era um vulcão, e me aperfeiçoou o beabá da vadiagem.

Cinthia foi o primeiro dos meus amores, pelo sangue e fraternidade. Era minha irmã, mas me consumiu o juízo, quando lhe subiu à cabeça o fogo de menina-moça. Jamais saberia se o perdão lhe foi ofertado, por conta de minha mágoa sem fim. Mas era minha irmã, a minha extensão. “Um doce de umbu com mel”, derretia-se dona Miru.

A velha Miru também foi um dos meus amores, não haveria de ser diferente, o que me foi imposto pela gratidão. Foi quem nos criou, depois que meus pais se perderam no mundo, o que me consumiu aos poucos e incrementou a intransigência de minha alma. “Tua vida é sobrelevar os pensamentos e costurar as tuas

memórias”, dizia a velha, perdida na sabedoria de suas palavras.

O último dos meus amores foi a menina filha do estrangeiro. Esta chegou sem pedir licença e consumiu o meu juízo ao apresentar-me o tal amor, sentimento miserável que consome o peito e nos deixa em desajeito. Penso que jamais o quis, mas ele me seguiu por conta e rasteira do tal destino, e o mistério de minha alma foi se quebrando aos poucos. Nem eu bem sei o fim de nossa história, o que fica ao gosto do intérprete.

Minha lembrança ficou por conta de minha mãe, que se perdeu no mundo, junto a meu pai. A distância motivou as minhas memórias e angústias. “Eu bem sei a razão da intransigência de tua alma”, afirmava a velha Miru, que se postava de atalaia, nas sombras da casa, sempre a interpretar os sentimentos e sonhos meus e os de Cinthia.

* * *

A primeira homenagem do nosso bom Deus estava posta e justaposta: o dia estava um encanto de se ver. Era fim de tarde (o horário comprometeu um pouco a minha razoável memória), porém o sol cáustico do verão nordestino impedia que a noite tomasse corpo. Ainda daria tempo para uma breve parada no Metediço.

O Metediço era, na verdade, um afluente intruso do Rio São Francisco. Ganhara tal gracejo por se tratar de um rio enxerido. Não deveria existir. Herdara o volume e as águas do São Francisco, numa intervenção moderna do homem. Mas suas águas nem por isso deixavam de ser sãofranciscanas. O engraçado é que muitos não sabem, por estas bandas e por outras, qual o motivo do pequeno Metediço chamar-se assim. Metediço é a mesma coisa que intrometido, para que não nos atolemos em imprecisões.

Diferentemente ocorre com o São Francisco, vez que difícil é encontrar um só indivíduo por aqui e pelos arredores, mundo adentro, que não tenha conhecimento acerca do rio. Famoso por onde passa, o São Francisco abastece o Metediço quando invade terras baianas, como se por devoção. Em meio à terra seca do sertão baiano, seus humildes habitantes oravam em louvor ao rio. Graça divina permitir que o pequeno Metediço fosse avolumado com águas tão abençoadas.

Pois bem, eu havia saído de casa pela manhã. O cantar dos galos, que no interior serve de acordador natural, ainda nem bem podia ser escutado. O sol escaldante dera, àquela época do ano, espaço a uma neblina friorenta. A iluminação, àquela hora da manhã, só mesmo com o artifício da lamparina. Com querosene no local especificado e pavio devidamente aceso, tratei de iluminar o ambiente. Na verdade, só onde eu passava. Ainda era cedo e não seria eu uma espécie de “cantador das madrugadas”, numa inconveniente analogia às qualidades dos galos.

Dona Miru, entretanto, já estava a se levantar. As pisadas provocadas pelo barulhento tamanco de pau prensado eram um antigo indicador. A velha era uma espécie de museu de conhecimentos. Pessoa nascida e criada naquelas terras, tratava-se de gente de valor, o que convém ressaltar. Pessoa de predicados e valores, como poucas que conheci. O que mais me encantava era a exatidão das suas palavras, não sei se pela doçura ou se pela rigidez dos vocábulos. Mas o certo é que Deus lhe emprestou o talento de conhecer as pessoas e decifrar-lhes as almas, o que mais me impressionava na velha. Desde pequenos, moramos com ela, assunto, no que pese a boa educação, para outra oportunidade.

Passou-se o dia e eu já estava por retornar. Fiz o que tinha de fazer. Voltava da peleja diária. Ainda sob o castigo do sol, que naquele instante contrastava com a manhã de frio, rumei de volta à cidade. A Fazenda Jerusalém não era

muito longe de Itajumam. Coisa de dez léguas. Eu sempre contava, também, com a ajuda de um jegue bom de trote e carga.

No caminho de volta, impus um ritmo mais maroto. Naquele dia, entretanto, desprezei a ajuda de animais. Não trazia nada comigo, exceto uma sensação estranha no peito. Coisa de espantar, como eu mesmo pressaguei. Uma sensação constante em minha vida, pois muitas vezes perdi-me em minhas próprias razões e sentimentos. “Tua vida é costurar um tecido de memórias”, é o que dizia a velha Miru.

Fiz um percurso diferente, pois era de minha vontade passar perto da cabana. Ainda a caminho, pude recordar tempos não tão longínquos. O tempo ainda não havia apagado da memória a matéria e o espírito que aquele lugar guardava. A vida não se apagava assim tão facilmente. O reconhecimento sempre fora uma das minhas maiores virtudes, e não poderia ser diferente. “O reconhecimento é virtude maior, bênção de vida e de poucos”, advertia a velha Miru. Virtude de gente grande e honrada. Até os mais hipócritas, aqueles que não valorizam sentimentos desvinculados de ambição, não saberiam esquecer uma vida por inteiro. Dona Miru, em seu tradicional discurso, não se cansava de propagar aos sete cantos: “Filho, nada como o tempo”. E a frase tinha ares de veracidade. É que o tempo se mostrou o melhor remédio para as minhas angústias e aflições.

O certo é que eu também sentia a presença do velho ao meu lado. Quantas e quantas vezes senti. Certamente o velho Chico estaria por perto. Não em corpo, mas em espírito. Coisa de quem nasceu e se foi de uma forma iluminada. De gente de valor e estima. De suas palavras não esqueço, menos ainda de suas lições. Quando queria me encabular, fazia breve relato de minha alma. “As mulheres de tua vida foram as tuas outras almas, tua estrada de luz: dois xodós, três amores e uma lembrança”, dizia o velho, perdido na sabedoria de suas palavras.

O velho Chico foi um enviado de Deus, assim como a

velha Miru, cuja função na terra talvez tenha sido emprestar educação e talento a mim e a minha irmã. “Deus tira com uma mão e dá com a outra”, diria o velho, em um dos seus muitos momentos de erudição.

O certo é que aquele lugar trouxe-me um sentimento saudosista, o que não era de espantar. A palavra de ordem, naquele momento, era nostalgia.

Continuei a andar. A caminhada de volta, em retorno à Itajumam, trouxe-me ainda mais recordações. Pensei em acontecimentos marcantes, lembrei-me de fatos e histórias. Eu estava, na verdade, com uma enorme vontade de reviver todos os momentos que passei em Itajumam e fora. Presságios e pensamentos. As decepções e alegrias, uma complemento da outra; meus momentos de solidão, minha saída da cidade, a estadia no estrangeiro e mais alguns não tão importantes acontecidos. Todos valiosos, é verdade; apenas uns mais do que os outros. As nossas histórias são oferecidas pelo Criador. Os símbolos também. Ele apresenta a nossa estrada de luz para que nos guiemos por ela. Resta-nos caminhar. Prosa que aprendi com a vida e com os livros; com o sentimentalismo de minha irmã, com a erudição de dona Miru e do velho Chico, com os encantos da menina, os chamegos das rameiras, a prosa fácil dos companheiros de boteco, entre outros. Enfim, de tudo que aprendi pouco sabia, mas o suficiente, posto que a vida e o destino se encarregaram da instrução.

E a caminhada no Parque estava mais do que tranqüila. O que me perturbava — na verdade não sei se era mesmo uma perturbação — era aquela idéia constante do passado. Coisa de espantar. A velha Miru diria: “Mal da alma”.

A necessidade de parar em um lugar, sem ninguém por perto, acentuava-se. Refletir seria um remédio perfeito contra aquela incômoda moléstia. A cura seria, provavelmente, uma boa meditação. Aprendi isto com a vida e com os livros.

Achei ser o Metediço o melhor lugar. Lá, tive boas recordações e, além do mais, o rio era um lugar que guardava, ao longo do tempo, uma espécie de retrato fiel de todo sertanejo. Costume da caatinga. O lugar certo para curarem-se rancores e ressentimentos.

Já estava a caminhar há exaustantes horas. O Parque era grande, cheio de estradinhas laterais, de uma vegetação divinamente bonita, coisa rara por aquelas bandas, afora a caatinga e a urtiga. Os umbuzeiros e xique-xiques davam lugar a uma vegetação mais esverdeada. É até curioso achar, em meio ao sertão, lugar tão rico em natureza.

O certo é que a região não deixava a desejar em beleza natural. A mata seca não prosperava por aquelas bandas, ao menos próximo do riacho. Ali, com a ajuda do Metediço, podíamos ver o esplendor da natureza. O pó seco às vezes impregnava o ar criando nuvens de poeira, é bem verdade. Era a enfermidade do sertão. Mas em Itajumam esse mal não era tão acentuado. O São Francisco, via Metediço, abastecia a cidade. Bênção de Deus.

Eu conhecia todo aquele lugar. Coisa de intimidade. Já podia ouvir o barulho das águas. Fiquei a apreciar os detalhes, como se jamais por ali tivesse passado. Aquele lugar era abençoado por Deus, disso eu estava certo. Todos os detalhes eram divinos. O ar que ali respirávamos era diferente. Parecia que estávamos num lugar encantado, típico dos livros e prosas de estilo. E aquelas lembranças serviam como um combustível potente à minha sofrível imaginação.

Intrigava-me aquele sentimento nostálgico. Eu não gostava daqueles sentimentos melosos, sempre tão cultivados por minha irmã. Coisa de gente sem eira nem beira. O que estaria acontecendo comigo? Eu estava parecendo um visitante qualquer, acostumado com concreto e ferros. Por aquele instante, minha cabeça parecia mais um gravador, um troço repetitivo demais. Dona Miru certamente sentenciaria,

como de costume, perdida na sabedoria de suas palavras: “Tu és refém de sua própria memória”.

Dobrei o Monte Alto, passei pela beira do Riacho do Navio e, até que enfim, topei com o Metediço, majestoso e querido. A léguas dali, corria o não menos estonteante Pajeú, onde o Riacho do Navio desaguava.

Como era tempo de quentura, a água parecia estar ainda mais transparente. Não havia ninguém por perto, o que me deixou por demais realizado, com a graça do nosso bom Deus. Debrucei-me sobre a cerca e parei um pouco. Queria respirar todo aquele ar de felicidade, afora o pensamento relutante. Ali estava, sob os meus olhos de admiração, o Metediço. Pouco mais além, podia-se ver o Riacho do Navio. Em ambos vivi momentos difíceis de esquecer; momentos que não fogem à memória. As mais apazíveis aventuras e os mais inusitados acontecimentos. Ali era o meu lugar. Aquilo me pertencia. Eu tinha pelo Parque uma enorme gratidão. Coisa de princípio. Aliás, toda a caatinga tinha, para mim, uma certa atribuição de lar. Como esquecer os dias de convívio sadio em que, num instante de loucura comum a alguns mortais, pus-me a atravessar a imensidão da mata em companhia do nosso bom Deus e rumar à auto-afirmação? Como esquecer daquele inusitado dia de chuva que trouxe consigo, num repente que só o acaso e o destino podem explicar, a menina dos olhos de mel e encanto? Tempo bom, não me custa acrescentar. Mas isso tudo já fazia parte do passado e eu, agora, estava mesmo era com vontade de relembrar os acontecidos. Mesclar os acontecimentos ilustres com o dissabor de outros nem tanto convidativos. Seria esta a minha sentença. “Teu maior prazer é costurar tuas memórias”, sentenciava dona Miru, mestra nessa arte. Meu desejo, àquela hora, era recordar alguma coisa que permanecesse em meu inconsciente. “O que é a vida senão uma eterna recordação?”, pregava a velha. E a lembrança de

uma vida, naquele instante, era a minha única aspiração. Afora isso, contar histórias.

Lá no alto, permaneci por instantes. Tirar o chapéu em reverência à natureza era uma questão de princípio. Como de costume, livre-me da vestimenta fuleira que usava e fiquei apenas com uma única proteção para manter a conveniência. Banhei-me primeiro, para só depois mergulhar no passado.

Depois de algumas braçadas, deitei-me à beira do rio com a cabeça protegida por um traveseiro de areia e com os pés recebendo constantes sopapos de água. Eu já não tinha a mesma agilidade de antes. Os mergulhos e a agilidade braçal faziam parte do passado. As juntas já não eram mais tão ágeis. Apesar do corpanzil forte, o tempo deixara em mim suas marcas.

O Metediço não era imenso como o majestoso lago da Galiléia, nem tampouco místico como aquele. Não tinha o luxo do londrino Tâmis, dito e redito nas prosas de estilo. Mas o certo é que aquele afluente do Riacho do Navio e do Pajeú, abarrotado de águas sãofranciscanas, tinha um charme incomparável. Não o trocava por nenhum outro. Estilo para mim é gosto, coisa de grande importância. E a minha afeição era pelo Metediço.

Eu pretendia ficar ali até o completo cair da tarde. Aquele marasmo inusitado e sem fim, inclusive, proporcionou-me uma incômoda e persistente indolência. Tive até vontade de toscanear, repartir os meus pensamentos com os sonhos de um interessante cochilo. Seria a minha redenção. Mas rapidamente estava a divagar pelo tempo. Agachei-me sobre pedregulhos e comecei uma viagem ao passado. O suor ainda lambia as costas e eu já me recordava de certos trechos de uma vida inteira.

Minha humilde pretensão ganhou forças incomparáveis e o que seria uma simples e comum recordação transformou-se numa verdadeira viagem ao passado. Com o coração abarrotado de felicidade, afora os rancores e ressentimentos, lembrei-me de uma vida inteira. Pode parecer inverdade, conversa de gente afeita aos embustes. Aliás, a região era rica

em contadores de caso. Gente que se vale e que cultua o disse-que-me-disse, as falações sem fim. Que o diga o negro Adão, afora o incomparável mestre do exagero, Rodolpho Miguel Paternostro. Mas eu não fazia parte dessa tropa.

O certo é que, naquele simples momento, tive oportunidade singular de reviver uma vida inteira. Parecia prosa fantasiosa, mas certamente não era.

Não foram poucos os episódios: as saudades, ressentimentos, alegrias e sonhos. Mas por um todo, não devo (e não posso) me queixar. A minha história já havia sido escrita. Era a minha sentença. E Deus sempre fora o meu grande companheiro e eu, sob a sua égide e bênção, consegui transpor obstáculos, que não me foram poupados. “Você venceu o poderoso veneno burguês que impregna a nossa sociedade, lapidado pela sua obstinação”, revelava a velha Miru, não sei se tomada pela verdade ou se pelo amor. “O amor e a verdade nem sempre são conciliáveis”, dizia ela. Nada que uns tabefes e muito cobre não curassem. “No sertão, quando a resposta de língua falta, a melhor é a do punhal”, explicava o velho Chico. O certo é que não se vive senão para contar histórias, afora os aprendizados.

Sentado à beira do Metediço, tive a impressão de retornar ao passado. Entre pessoas, acontecidos e prosas, recordei muita coisa. Experimentei a maravilhosa percepção de satisfazer aquele enorme desejo que estava contido dentro de mim. Aos poucos fui-me lembrando de tudo: da saída de meus pais à menina dos olhos-de-mel; das prosas e artimanhas nos leitos e botecos à minha retirada da cidade. Minha cabeça girava num ritmo persistente. Talvez fosse diversão de bronco, cheguei a desconfiar. Gente sem eira nem beira. Mas era um desejo e pouco importava parecer coisa de ignorante ou não. Gosto é coisa séria e importante. Não devemos ignorá-lo.

O certo é que tudo ia acontecendo de uma forma natural, simples, com acontecimento puxando acontecimento, em obediência à cadência dos fatos.

Aquela solidão, há muito, era minha parceira. Acreditei sempre que o ser humano não conseguia viver sem o estigma da falsidade. Talvez, por isso, eu tenha sido indivíduo tão reservado, individualista com os sentimentos, mas sensato diante das circunstâncias. Entre acertos e desacertos, o mundo que eu vislumbrara nem sempre fora o que havia vivido. Queria poder ajudar a muita gente, mas nem sempre consegui satisfazer a mim mesmo. Mas assim é a nossa história de vida.

O certo é que, hoje, eu tinha o dever de me considerar feliz, por conta dos préstimos da gratidão. Afinal, os acontecidos, queridos ou não, fazem parte de uma história. E não somos nós, simples mortais, que ousaremos repudiar o Criador. E a vida se constrói assim: de passado, presente e futuro. Aprendi isso com as boas companhias e as prosas de valor. Nada mais somos que o produto do passado. E é a nossa história de vida que nos faz diferentes. A estrada de luz que nos guia e nos ensina.

Guardava dentro de mim o sentimento “mais grande” — como dizia o folclórico Tonho do Botequim, também personagem de minha história de vida — que alguém poderia experimentar, o tal amor, sentimento miserável que consome o peito e o juízo. Agora eu já acreditava em reciprocidade e já me via como um vencedor. Tudo à custa de trabalho, cobre e tabefe. Confesso, contudo, que muitas e muitas vezes caí perante o desgosto da derrota. Coisa miserável. Chego a tremer, só de pensar. Mas Ele queria assim. O nosso bom Deus já havia escrito a minha história. E a mim restava o privilégio de, pelo menos, recordá-la. Foi o que fiz, à beira do São Francisco.

E foi nesse contexto que, tranqüilamente, revivi uma vida inteira. Às margens do Metediço, fiz uma viagem histórica de vida, para satisfazer o meu gosto.

2

As minhas recordações começaram lá pelos idos de trinta e não sei quantos. Melhor: na virada da década, entre os anos 20 e 30. Do ano não me recordo bem. O certo é que, naquela época, Itajumam vivia a pior seca de todos os tempos; uma miséria sem fim. Chuva só de mês e, mesmo assim, em mirrada quantidade. A situação era horrível: o povo a morrer de fome e a agricultura arrasada.

Falava-se em uma tal de grande crise. Coisa mundial. Parece que os negócios não iam bem para todos, que isso não era exclusividade nossa. As exportações haviam diminuído e os problemas econômicos se avolumavam. A “Folha Itajumense” assim noticiava.

A tal crise arruinara com fazendeiros e trabalhadores. Talvez tenha sido mais um desses problemas relacionados com colonialismo e concentração de terras. Prosa afeita aos intelectuais letrados e vividos. Para eles não seria surpresa que o povo pagasse um preço alto. As coisas funcionam assim. A tão falada estupidez humana que corrompe as sociedades já há muito tempo. Vivemos, apenas, um reflexo condicionado. “É a relação de trabalho vista por teorias utópicas, fazendo prosperar o egoísmo de classes, tão comum aos seres humanos e às sociedades humanas”, dizia o professor Miguel. Prosa de respeito que aprendi nos livros e nas conversas inteligentes com os intelectuais de fato e estilo. Não os de boça, afeitos às falações e mesmices.

Aqui em Itajumam era mais ou menos assim. A vontade de muitos não vigorava frente ao poder de poucos. Havia os poderosos e os fracos. Naquelas terras quem ditava as regras eram os coronéis, cheios de cobre e prestígio, afora as posses e nome. A nós, por capricho ou valentia, cabia o dever de nos rebelar. Assim é que o povo, por aqui, sentira na pele os efeitos da tal crise.

Eu, ainda menino, talvez não me lembre com exatidão de determinadas coisas. O fato é que a seca espantara muita gente da região e a crise contribuíra para tanto; um punhado corra para a capital, atrás de melhores oportunidades, outro tanto fora para o sul e mais um bocado se perdeu pelo mundo.

Muitos rumaram para o sul atrás de emprego. Havia uma preferência por parte do governo, àquela época, em construir estradas. O lema era “governar é abrir estradas”, noticiavam os letrados e, também, os intelectuais de fato e os de boça. Eu não entendia muito dessas coisas. Mas, a verdade é que, até por aquelas bandas, havia muitos cassacos¹ perambulando entre as cidades.

O certo é que no meio daquela multidão de desinfelizes, que via na saída de Itajumam, mesmo que provisória, única solução possível de transpor aquela fase ruim, estavam meus pais.

Como dito e redito, de muita coisa não me lembro, devido à pouca idade. Mas o fato é que dona Miru contou-nos, mais tarde, que os dois haviam ido atrás de emprego em terras distantes. Deixaram-nos um pedacinho de terra onde, mais tarde, criei umas cabras e fiz pecúnia.

Cinthia, minha irmã, ainda era uma menina — “uma cabritinha desmamada”, derretia-se a velha — quando meus pais se foram e, praticamente, fora criada por dona Miru. As

¹ Operários da construção de estradas.

duas tinham uma relação mímica, muitos gestos e poucas palavras. A afinidade era tamanha que não precisavam de palavras. Bastava olhar. Proseavam com os olhos, mãos e sobranceiras. Uma sabia o que a outra dizia com os gestos e sinais. Comigo, Cinthia cultivava uma relação de respeito e palavras. Não muitas, mas suficientes. Às vezes, altas e irônicas. É que minha irmã era melosa e choradeira, um berreiro sem fim. “Trata-se de uma relação bérrica”, ensinava dona Miru.

Cinthia ganhara esse nome de minha mãe, que fizera promessa a São Lázaro, em homenagem à irmã Cinthia, uma freira de Pedra das Antas que cuidava de crianças abandonadas, dando-lhes carinho e educação.

Talvez para ela, minha irmã, tenha sido mais fácil engolir a separação forçada. Falo isso porque nunca tinha visto Cinthia chorar pela falta de nossos pais, afora o seu sentimentalismo sem fim. Na verdade, não sei afirmar ao certo se essa imagem só era passada em minha frente ou não. Dúvida tola, aliás, pois Cinthia fora educada pela velha Miru para ser transparente. A velha a mandava berrar, mas jamais se calar. “O silêncio é o pior dos gritos; dói mais que moléstia grave”, dizia dona Miru. Cinthia obedecia e exagerava, não escondendo sentimentos. Quando triste, era um berreiro sem fim; quando alegre, perambulava pela casa contando sonhos e recitando poesias, um dos seus grandes amores.

Diferentemente, eu, no começo, senti — e muito, não me custa revelar. Com o tempo é que fui me acostumando com a realidade e possuindo uma postura mais madura. Mas, o certo é que eu fui muito mais perguntas que respostas. “Tu foste um açude de memórias e um mestre na reserva dos pensamentos”, dizia a velha Miru.

Lembro-me de certa feita, de quando chegou a Itajumam uma ruma de gente que não resistira à distância e retornou aos seus familiares. Vinham vindo de Jeremoabo. Foi Tonho do Botequim que me avisou da chegada do pessoal. Rumei feito um pássaro em debandada para a praça, com o coração a sair do

peito. Eu tinha a ingênua certeza de que dentre aquele pessoal estariam meus pais. Ver o velho do cajado e sua esposa, com a bíblia nos braços, era a minha obstinação.

Com os olhos esbugalhados, mirei cada uma daquelas caras e só com o passar do tempo percebi que minha angústia duraria ainda mais, não sei se à custa dos anos ou do infinito. Sei que quando cheguei em casa, dona Miru estava a esperar-me cheia de consternação, acompanhada por Cinthia, que também me olhou com jeito e trejeitos de comiseração. Aquele olhar com a cabeça inclinada, olhar enviesado, de quem não tem coragem de arrostar. E, na verdade, eu não gostava de passar para minha irmã aquela imagem de fraco. Corri em direção ao quarto e lá adormeci. Outra escolha não me restou.

* * *

Quando partiu, meu pai deixou-nos na casa da velha Miru. Apesar da ausência deles, tocamos a vida para a frente e fomos em busca de um ideal. Os dias passaram e tudo foi seguindo o ritmo que Deus nos reservou. Ainda assim, confesso a minha fraqueza. Eu fui um homem de muitas perguntas sem respostas. “Um retalho de memórias”, dizia a velha. Contudo, aprendi com a vida que o homem é movido por paixões. É isso que acende a nossa chama: as paixões melosas do coração e os desejos da alma. “As paixões da alma nos impulsionam”, competrava-se Cinthia. “E as paixões do corpo, que nas moças sem traquejo residem à beira das coxas, só servem para apimentar o pecado”, emendava a velha Miru, com as palavras dirigidas a minha irmã, mas com a voz alta para que também eu as ouvisse.

Por mais esforço que eu fizesse, esquecer a ausência de pai e mãe não era tarefa das mais fáceis, convenhamos.

As indagações que surgiam na minha cabeça, ainda menino, eram massacrantes, talvez o que cultivou o meu embaraço com sentimentos, é o que pregava dona Miru. Era, por certo, frustrante presenciar os outros garotos de minha idade pendurados no lombo de um animal em companhia dos pais. Não se tratava de inveja, sentimento miserável. Tratava-se de uma insuspeita falta. Uma grande falta.

Porém, o menino estúpido de outrora, aos poucos, fora se transformando em um homem maduro e frio. É o que dizia Cinthia, provavelmente em palavras herdadas da velha Miru. Talvez só na aparência, é verdade. Não importa. Para os homens, parece que a aparência é o bastante. Já os sentimentos eu reservaria. Amostração sem eira nem beira, só no retorno dos meus pais. Afora isso, frieza e reserva.

Inegavelmente, quando criança, somos bem mais sensíveis às circunstâncias do que quando crescidos. E, sendo assim, finda a fase de moleque, tratei de segurar o fardo criado pela retirada de meus pais, com extrema persistência e paciência. Não que eu fosse um exemplo de paciência; porém, a barba já crescia no rosto ensebado pelo trabalho exaustivo na terra e pêlos surgiam no corpo criando ares de serenidade. Talvez tenha perdido as emoções, ou preferi ignorá-las, o que me fez viver mais pela razão. Coisa que não aconselho, pois o melhor é a transparência. A velha Miru assim educou Cinthia. Mandava-a berrar, mas jamais se calar. Porém, a cada berro, uma saraivada de cocorotes. Mas se defendia: “o silêncio é o pior dos gritos; dói mais que moléstia grave”, dizia a velha, quando Cinthia ensaiava atrevimento. Minha irmã obedecia e exagerava, posto que não escondia sentimentos.

Mas o certo é que a necessidade de transpor obstáculos apagou, em parte, de minha memória, aquele sentimento intimidador, simbolizado pelas ausências paterna e materna. Eu fui muito mais perguntas do que respostas; mais ainda incertezas.

O que eu gostaria mesmo de saber era o paradeiro dos dois. Esta era a minha obstinação. Se já não mais existissem, que soubéssemos. Apesar da explícita falta e do quase inconsolável sentimento de saudade aprisionado no peito, jamais deixei derramar em meu rosto uma única gota de lágrima em presença alheia. Ao menos, de que eu me lembre, pois reconheço que é de nossa índole exagerar em nossas próprias conveniências. Mas é que eu bem sabia que os covardes não têm espaço neste mundo de meu Deus, uma das verdades que aprendi com a vida e com a educação da velha Miru.

Porém, indagações aos montes não fugiam à minha cabeça, reconheço. E se ainda vivessem, onde estariam eles? Essa eterna dúvida criou em mim um coração um tanto quanto seco e reservado. Ser correto seria a única exceção. Gostar mesmo, só de quem de mim gostasse. Afora isso, aos outros eu ignoraria.

Eu fui um daqueles eternos receosos do mundo, era o que dizia Cinthia. Fui muito mais perguntas que respostas. Minha irmã era melosa, por ordem expressa da velha Miru. Isso até que era do meu agrado, posto que Cinthia não conseguia esconder nada, nem felicidade, nem tristeza, muito menos atrevimento. Mas, quando moça, oportunidade em que pretendeu se mostrar melosa e sentimentalista, caiu no meu desgosto. Aí a tal transparência exigida pela velha consumiu o meu juízo. Fogo de menina moça se cura é no chicote. Cabra que se ousasse, eu capava.

Pois o certo é que eu não conseguia guardar por ninguém sentimento que fosse além de uma boa gratidão, mesmo com a censura de Cinthia. Apego por mulher nem pensar. Quando muito, a gratidão. “Coisas de quem não ama e não é amado”, provocava minha irmã. “Coisa de quem pensa que o amor se resume à sem-vergonhice”, provocava a velha Miru, em prosa perdida com Cinthia.

Cinthia experimentou em dona Miru a mãe que não teve. Ainda era muito criança e talvez não tenha sentido a retirada dos nossos pais, como eu senti. Por ser diferente de minha irmã, e no que pese o respeito e gratidão que tinha pela velha Miru, fui filho da terra, dos bichos e do acaso.

3

Depois de acostumado — se é que posso chamar assim — com toda aquela triste realidade, resolvi construir a minha vida. Não nego que, por vezes, esperei pelo pior, impulsionado pelo pessimismo sem fim. Na cabeça de um jovem que passava por tudo aquilo por que eu estava passando não poderia ser diferente. Graças a Deus o tempo foi-me ensinando a viver. “Cultive a reserva, quando necessário, diante dos impropérios da vida”, educava dona Miru.

Coloquei em minha cabeça que sairia vencedor daquela peleja e que faria da ausência dos pais um curioso estímulo de vida. Por certo, eu gostaria de fazer uma homenagem a ambos. Mas, para tanto, precisaria, primeiro, realizar-me, o que nem sempre foi possível. Mas não perdi a esperança em revê-los.

Assim sendo, fui construindo o meu espaço. Fui suficientemente capaz de romper horizontes e escrever a minha própria história. Não é mera apologia a uma simples história de vida — que se saiba. Na verdade, assim o é de uma forma terna, talvez fruto da vitória de um jovem que venceu por bravura e persistência, constringendo os intronetidos com palavras, atitudes e punhal, e sem precisar passar por cima de ninguém que se respeitasse. Por aquelas bandas, dever-se-ia ter olhos de lente e punhal amolado. Coisa de faroeste, lugar de destemidos. Chão seco, mata, jagunço, cangaceiro e coronéis. Homem safado se cura é com faca; já aos decentes,

restaria a redenção. E foi nesse caminhar que conheci um velho, parceiro de vida e prosas, de quem guardo as melhores lembranças.

* * *

Certa feita, eu estava em companhia de uma moçoila rameira, por dentro da mata, já avançando os limites da conveniência, quando percebi a presença de um sujeito de idade avançada. Confesso que fui, de começo, vencido pela antipatia. Uma raiva sem fim. A pobre quenga, apesar de estudada na vadiagem, mostrou-se pálida de vergonha, em razão do flagrante inesperado e inconveniente que aquele desconhecido proporcionara. Foi-se embora em duas pernadas, sem ter sido prestigiada pelos mimos que lhe prometera.

Fiquei a encarar o sujeito, só o respeitando pela idade que ostentava. Não fiquei com medo, mesmo porque este era um sentimento que em mim inexistia, ao menos assim eu pensava, mais uma ilusão. Fiquei, na verdade, um tanto quanto enraivado e curioso. Inconveniência miserável.

Quem seria aquele sujeito? Seria um almocreve²², um can-gaceiro? Não. Os olhos do velho não me amedrontaram, mesmo porque o velho falava com os olhos. Coisa de expressão. Não transmitia perigo a sua presença. Assim eu pude sentir. O velho transmitia paz, muito embora o sorriso sarcástico escancarado na face. Pareceu-me querer assustar a moçoila. Pirraça sem graça.

Aquele sujeito velho parecia não ser daquela redondeza. O rosto meio que calejado escondia algumas dezenas de anos. Portava um facão na mão direita, inegavelmente bem amolado. Logo percebi. Coisa de precaução. Ficamos alguns

² Transportador de bens.

minutos a entreolhar-nos, sem que eu pudesse perceber algo a mais. Esperei, pacientemente, por uma reação sua e ela veio de uma forma inesperada.

Estendendo a mão como se pedisse ajuda por cansaço, o velho rogou:

— Perdão pelo acontecido.

— Claro, é claro ... — respondi ainda curioso.

— Quem se enrosca com mulher no meio da urtiga corre esse risco: ou fura a moça com espinho e amor, ou se presta ao flagrante — comentou ironicamente, embalado por um sorriso sarcástico.

O velho apresentou-se dizendo chamar-se Francisco, nome recebido em homenagem ao rio. Era um antigo morador de Itajumam. Saíra daqui para visitar uns parentes mundo afora e só agora retornara. Contou-me um pouco de sua vida e também quis saber acerca da cidade. Falou-me do passado, que conhecera meus pais, da viagem e mais um bocado de coisa supérflua, mas interessante. Nesse prosear sem fim, fiquei conhecendo o velho, apelidado, por si mesmo, de Chico. E mesmo sem cultivar amizades maiores, coisa além da prosa perdida nos botecos, ganhei, naquele dia, um grande companheiro.

Amizade mesmo é coisa de gente sem eira nem beira. Afora isso, não me parece que o homem seja suficientemente capaz de ser honesto e amigo de seus pares. Prudência maior que o coração mole de alguns. Isso Cinthia também censurava, afeita que era às amizades e amores sem fim.

O tempo venceu e passamos a prosear com freqüência. Muitas e muitas vezes vi-me a seguir estilos do velho. Tardes e mais tardes ficamos a bebericar e prosear no botequim de Tonho, perdidos em prosas de valor ou de diversão. Enterrei na companhia daquele velho parte considerável de minha vida. Já naquele fatídico dia, da inesperada apresentação, tive uma ligeira, mas sólida impressão de que se tratava de um

enviado de Deus, espécie de anjo-da-guarda tão comum nas histórias de ninar da velha Miru. O velho, a princípio, mostrou-se chato e sarcástico. Mas, depois, conseguiu provar-me que estes não eram defeitos, mas sim qualidades.

O velho era culto e falava com os olhos. Afora isso, estava sempre disposto a me estender as mãos e fora, talvez, o meu maior aliado, junto com Deus. A experiência vivida em exaustivos anos servira para que tivesse o dom do conhecimento. Mesmo aparentando o contrário, o velho Chico era um homem instruído e agredia com os olhos, atributo marcante. Falava coisas interessantes, conhecia gramática, artes e política. Falava da vida, do seu percurso. O velho dizia que a vida é uma imensa estrada e que devemos ser conduzidos pela luz oferecida pelo nosso bom Deus. “A vida é uma estrada de luz”, ensinava. Era uma daquelas companhias benéficas. Prosa de valor. A presença do velho era indicadora de boa prosa e de histórias interessantes.

O Rio São Francisco beirava Itajumam. Meio que de improviso, é verdade, mas beirava. A cidade vivia em torno do rio. Quando pequeno, cansei de tomar banho às margens do Metediço. Nem a grande seca de outrora diminuiu o brilho daquele presente da natureza. Itajumam, assim, respirava dia e noite o São Francisco e afins.

Lembro-me de certa feita, quando eu e uma molecada achamos por bem espiar as sobrinhas do coronel Júlio e outras moçoilas tomarem banho de rio. A molecada toda ficou detrás das moitas que cercavam o aguadio. As moças eram muito bem afeiçoadas, o que motivou a intromissão. Como muita moçoila de capital e destas bandas, primavam pela boa aparência.

Ficamos com os olhos esbugalhados e atentos esperando o banho começar. Uma delas — Leninha — lembrava-me uma sereia, igual às dos contos que aprendi com as histórias de ninar da velha Miru. Tinha a cor de um jambo e jeitos e trejeitos de menina-encanto. Ainda nova, mas já formosa, Leninha deixava transparecer sob o vestido de renda que usava os pequenos e rígidos seios, recém-chegados ao mundo. O problema é que Leninha era filha de Parmério Brabeza, sujeito de poucas palavras e muitos berros. “Um casca grossa”, afirmava dona Miru. Sua fama corria o sertão. Parmério tinha um ciúme sem horizontes da mulher e da filha, o que

motivava medos e prosas em Itajumam e arredores. Dona Miru contou-me, tempos depois, que o miserento jurou de morte o primeiro que se atrevesse a encostar na filha. Beijo no rosto só mesmo depois da averiguação, assim também o desfile de mãos dadas na praça da igreja. O cabra tinha que cumprir as ordens do doidivanas, caso contrário, havia de encomendar a alma ao coisa-ruim. “Beijo de boca só depois do altar e benção do padre; e sem-vergonhice só depois de Parmério ter ido pro outro mundo”, aclarava dona Miru, com inescandível rebeldia nas palavras.

A menina protegida só vendia alegria quando o pai viajava para Pedra das Antas e arredores, onde mascateava para o sustento da família. O excesso de zelo contribuiu, mais tarde, para o espevitamento de Leninha, que se mostrou chegada ao desfrute e à pouca vergonha. Leninha era um fogaréu de moçoila, é bom acrescentar. Afora isso, tinha os olhos de vai-e-vem. “Olhos de moça desavergonhada que está doida para perder o juízo e o excesso, se é que já não o perdeu”, como dizia dona Miru. Na verdade, um pitéu!

“O que é que adiantou Parmério ser ‘guardião de cabaço’? O que ele fez foi atçar a chama da filha, não sabe?”, provocava dona Miru, para quem moça direita, neste mundo, se conta é nos dedos, e só os da mão, incluindo Cinthia.

A moçoila brincava com a água demonstrando pouca familiaridade com a natureza. A brincadeira, apesar de desinteressante, provocara, em mim, um desenfreado palpitar no coração. Coisa de quem não tinha intimidade com o assunto.

A água, além de deixar a vestimenta da moça transparente, colava em seu corpo como a amoldar-se em seus perfeitos contornos.

As coxas grossas eram visíveis e admiráveis. As nádegas carnudas deixavam-se apreciar esculpidas e detalhadas por uma indiscreta calcinha de cor distinta.

Talvez ali, ainda molecote, olhei para uma moçoila como se fosse uma mulher com todos os predicados. Mulher de verdade verdadeira. Pela primeira vez em minha vida senti desejo. Ainda que infantil, era desejo.

O embalo do peito era reflexo de uma sensação genuinamente masculina. Apesar, como ponderado, da pouca idade, acredito que ali houve o nascedouro de uma adoração que cultivei pelas mulheres. Adoração sem fim que ultrapassara os contornos físicos para repousar na alma feminina. Coisa grande. Aprendi não apenas a olhar as moçoilas. Tinha de estudar. Qualquer moçoila merecia respeito e atenção, afora o estudo. Cada uma com jeitos e trejeitos próprios. Cada uma com uma lição de vida para dar. Elas são os encantos das nossas vidas, as encarregadas de abençoar este mundo de meu Deus.

Lembro-me de que visualizei a filha de Parmério Brabeza com extrema atenção, não sei se mais por beleza ou se também pelo risco da empreitada. Quando a menina começou a despir-se, meu coração parecia pular para fora do peito. Naquela época, eu não tinha tido ainda grandes contatos com o sexo oposto. Na verdade, nenhum. Meninote que era, resumia meus desejos, quase que inexistentes, a uma curiosidade meio que ingênua.

As moçoilas, descrentes da platéia, tiravam as suas roupas sem precauções, esbanjando alegria com o banho inusitado, para que pudessem se banhar em águas sãofranciscanas. Ficaram desprezadas, protegidas ora pelas calcinhas coloridas que teimavam não cair, ora pela água. Confesso que tive uma imensa vontade de ir ao encontro daquela moçoila. Oferecer-lhe um poema, fazer-lhe juras de amor, imitando o sentimentalismo meloso de Cinthia. Coisa até então recente para mim. Cinthia certamente repreenderia: “Para a pouca vergonha meu irmão não é reservado”.

Mas o certo é que, talvez naquele instante, eu tenha experimentado meu primeiro interesse de homem. O nascedouro de uma adoração sem fim. Meus olhos renderam-se ao encanto daquela simples moçoila. Experimentei uma sensação nova. Havia, quase sem querer, descoberto um novo sentimento. Não era nada de obscuro, nem impuro.

Afinal, eu ainda era um molecote e a época não comportava pensamento diferente.

O certo é que o que acontecia era, na verdade, desejo puro que invadia meu corpo. O brilho dos meus olhos diante da cena incomum talvez explicasse melhor aquela descoberta.

Os cabelos pretos da moçoila, esvoaçados pelo vento e abrihantados pelo sol, contrastavam com as águas claras do Metediço. A diminuta vestimenta era, também, limite ao esculpido ventre que na menina quase inexistia. O cenário perfeito para uma poesia que depois ensaiei.

Pois bem, quando a menina-encanto se preparava para ficar como veio ao mundo, numa alegria sem fim, ouvimos gritos de uma outra moçoila, que corria em debandada ao encontro das demais. Vinha gritando e se aproximando de Leninha, já se despindo, para participar também do banho. Meio que atônito, reconheci a moçoila que se aproximava. Por certo, quase padeço do coração. Parti correndo atrás de Cinthia que me olhou com inevitável surpresa. A essa hora, a molecada toda já saíra em debandada. Confesso que fora faceto o acontecido. Minha vergonha era tanta que tive pouca facilidade no manejo das palavras. Tudo aconteceu muito rápido e eu não permitiria que minha irmã fosse vista desprevenida por um bando de moleques desocupados. Arranjei desculpa para ela tentando desviar a veracidade do acontecido.

A minha indisfarçável indignação apenas não era maior que a infâmia do acontecido. Imagine, minha irmã banhando-se no rio sob os olhares curiosos de um bando de desocupados! Nessa hora, esqueci-me, meio que por conveniência, que eu também participara daquela aventura. Talvez isso tenha arrancado ainda mais gargalhadas das meninas, o que, por certo, desconcertou-me por inteiro.

Do episódio restou apenas a lembrança agradável de Leninha, a filha encantadora de Parmério Brabeza e a primeira sensação genuinamente masculina que em mim se abatera. A menina que tinha os olhos de vai-e-vem e que motivou o meu encanto, inspirou poesia e abriu o meu peito para uma adoração sem fim que cultivei pelas mulheres.

5

Como de costume, estávamos a bebericar no bar de Tonho. Boteco ordinário e fuleiro, de único cômodo, mas que servia de ponto de referência para borrachos e intelectuais. Gente que curava a amargura com pinga e companhia. Verdadeira plêiade.

Moradia obrigatória, também, de Geó Carraspana, golador afamado por aquelas bandas e sertão afora, capaz de entornar cinco garrafas de cachaça em dois tempos. Bebia dois contos de réis em uma sentada. Só se dava por vencido quando adormecia ao relento.

Não era do agrado de Tonho o assédio freqüente do golador. Mas o certo é que Geó Carraspana entretinha os fregueses do boteco com anedotas e profecias. Além disso, era profundo conhecedor (e não se sabe como) da vida alheia. Nem as beatas tricoteiras, nem o negro Adão, nem dona Adelaide, comadre de dona Miru, eram tão eficientes. Geó era mestre na arte de conhecer e divulgar a vida alheia. Só por isso impunha respeito. Antes ter amizade com o pifão, a ser alcançado por seus relatos surpreendentes e inconvenientes. Ao final das falações sem fim, rendia-se, com cara de pobre coitado, talvez por vergonha, muito mais pela borracheira: “Vixe-Maria, quem sou eu?”.

Na verdade, os fregueses de Tonho preferiam, por rotina, o lado externo do bar. Explica-se: o botequim ficava em

local privilegiado, na esquina da rua das Auroras, em frente à praça principal, palco dos acontecimentos mais importantes da cidade, e perto da igreja do padre Lorran.

A má conservação, produto do tempo, não comprometia a boa clientela. “Os pratos preparados por mãos abençoadas, as iguarias mais apetitosas da caatinga, fazem do recinto uma boa saída contra o marasmo”, promovia-se Tonho do Botequim. A cachaça de inigualável qualidade, com referência e prestígio, era servida em quantidade. Gotejo de primeira.

Eu, que já tinha barba no rosto, fiz-me borracho por devoção. Fui um fiel parceiro do gotejo, sem excessos, mas com assiduidade, acho por bem confessar. A cachaça do bar de Tonho, resalte-se, quando descia goela abaixo, até inspirava confiança. “Sertanejo que se respeite é chegado às putas e ao gotejo”, dizia o negro Adão.

Essa era uma das formas que eu encontrava para fugir da realidade que me cercava, das memórias e angústias. O fardo da ausência de meus pais ainda pesava em minhas costas, acho por bem confessar. Eu fui um universo de perguntas e muito poucas respostas, afora os sentimentos relutantes. Não os melosos, a que se referia Cinthia, mas sim os contidos.

Sempre reservado com meus sentimentos, talvez por isso nunca havia conseguido prender-me aos encantos de qualquer moçoila, afora os encantos efêmeros e o gosto pela vadiagem, como resmungava a velha Miru. Parecia, na verdade, que eu carregava dentro de mim uma grande insegurança, espécie de suspeita eterna do mundo, como bem dizia Cinthia.

Preferi, comumente, o encanto de todas à companhia de uma, afora a adoração sem fim que cultivei pelas mulheres. Porém, o certo é que mais uma ausência seria intolerável. Quis desvendar o universo feminino sem, no entanto, cultivar sentimentos melosos. “Preceito machista, mas compreensível”, analisava a velha Miru. Não queria apego nem sentimentos. Essas coisas deixam marca e eu não estava preparado para outro desgosto. Ausência maior já bastava a de meus pais.

Tal barreira natural, que primava pela retirada de sensações profundas e presença de receios múltiplos, viu-se, com o passar do tempo, comprometida por um sentimento até então desconhecido. Coisa de quem sentira a ausência de pai e mãe, provavelmente.

A cada um, Deus reserva um destino e eu não iria ficar produzindo opiniões precipitadas. Apenas não nutria nada de especial por quem quer que fosse, afora o chamego das putas. Falo de sentimentos de homem, sentimentos melosos e escancarados. Aliás, sempre duvidei de que, algum dia, esse tal sentimento pudesse invadir o meu peito, uma das minha muitas fantasias e que motivou a rasteira do destino. As coisas deveriam ser como eram, com os mimos sem comprometimento. Sentimento atolechado não me causava afeição.

Por certo, eu não seria contra o matrimônio. Não havia motivos para tanto. Mas, de fato, diante da menor existência de sentimentos melosos, eu me afastaria de uma pretendente. Era, para mim, uma espécie de precaução. Outra perda nem pensar. Já bastava a adoração pelas mulheres. Afora isso, não cultivaria sentimentos melosos e profundos que pudessem, mais tarde, transformar-se em perda e ressentimento.

Uma vez, pegamos a prorear com o negro Adão, capanga com ares e trejeitos de filósofo, patusco e garganteiro, que trabalhava nas terras do coronel Francisco dos Colares. Adão, já entrando no oitavo casório, dizia ser um eterno prometido. O jeito debochado fazia dele um palhaço dos mais competentes. Com seu modo espontâneo e cômico de viver, o negro era a alegria do botequim de Tonho. Chegava ao cúmulo de dizer-se sócio do boteco.

O mesmo negro Adão, que ficara famoso pelo tamanho avantajado do “entre pernas” — diziam as más línguas que beirava o joelho —, fez-se filósofo após uma coça que levara do desinfeliz do coronel. Pudera: o dito cujo, na ânsia descabida de fazer uso do seu famoso objeto do prazer, que pecava pela dosimetria excessiva, enrabava todas as empregadas do patrão, que tinha por hábito experimentar as criadas.

Contavam os mais aproximados que o coronel punha um colar no pescoço depois de cada malfeito, o que originou o complemento “dos Colares”. E o certo é que o miserento só andava exibindo adornos pendurados. Poucas eram as vezes em que o desgraçado estava de pescoço nu.

O negro Adão, coitado, achou de se emolecar para os lados de uma criada que acabara de chegar à Fazendeira. De fato, o crioulo até que tinha bom gosto, pois a mulatinha era uma formosura de mulher, é bem verdade. Um pitéu de encher os olhos. Mas ele foi sedento demais e acabou por cair na sova. Apanhou do coronel por um dia e uma noite, amarrado ao tronco da Fazendeira, utilizado, outrora, à época da escravidão. Depois da sova, o negro transformou-se em um exímio bufão. Muitos juram que a surra deixara o negro Adão com o juízo mole. Vivendo e aprendendo.

O negro se defendia com aquele requinte nas palavras, próximo à docilidade de uma estaca de cerca: “Comigo mulher geme na entrada e na saída. Primeiro de dor; após, de alívio; mas muito mais de gosto”.

E foi nessa concepção de que meu corpo era fechado para o amor, que enterrei boa parte de minha vida. E olhe que moçoilas, prendadas ou não, por aqueles arredores, não faltavam. E realmente não me faltaram. Todas mereciam estudos: das putas do baixo meretrício às puritanas; das endinheiradas que prendiam a atenção pelo fato de serem filhas de coronéis, às filhas da penúria, que viam na emolecação, uma forma pouco dispendiosa de recreação ou, mesmo, um meio de vida.

O certo é que eu já me havia enrabichado, por vezes, com algumas moçoilas, prendadas ou não, e desdonzelado uma ou outra por aquele vasto sertão afora. O nascedouro da adoração se deu, tempos atrás, com Leninha, a moçoila apimentada dos olhos de vai-e-vem, quando meu peito palpitou pela primeira vez, afora o fato de ser um molecote. Leninha era filha de Parmério Brabeza, “o guardião de cabaço”, como dizia a velha Miru, em palavras rebeldes.

Mas tudo não passava de sentimento de pouca inspiração, coisa que o padre batizara de pecado da carne. Enrabação sem sentimento. Certeza mesmo é que o tal sentimento meloso que motivava as poesias desenxabidas de Cinthia não me causava afeição.

O certo é que, afora os caprichos da juventude, não cultivei sentimento meloso no peito. O começo de vida resumia-se a infindáveis noites de amor com putas cata-cobre, em aquecidos luares à beira do rio, na luxúria barata das moças que se deixavam deleitar em troca de sussurros, língua e cobre. Muito lambe-lambe. Coisa de noite inteira de enrabação. A moçoila devia sair estrompada. Reclamaria e agradeceria. Perninha ajuntada: depois da noite, ardia feito pimenta. Mas valia. Apronto, só mesmo após a redenção. A mulher tinha de chiar: cansada e lasqueira. Esse era o segredo.

6

Eu andava há mais de uma hora. Havia ido comprar, num vilarejo vizinho, algumas coisas para a velha Miru. Preferi voltar pela mata, em vez de pela estrada de barro. Era inverno e batia um frio desconcertante, quando passava do fim de tarde. O tempo não estava lá muito humorado: ventava e eu andava sob a constante ameaça de chuva, coisa não muito comum por aquelas bandas.

O Riacho do Navio parecia assobiar com suas águas a invadir o caminho pelo qual sempre passávamos. Nesse momento, ele se preparava para correr em direção ao Pajeú. A época era das mais propícias.

O céu encontrava-se fechado, sem nuvens que pudessem transmitir melhor tempo. Não tive receio, mesmo porque eu conhecia muito bem toda aquela região. Com o tempo, a chuva transformou-se em realidade e passou a produzir fortes estocadas de água. Coisa rara por aquelas bandas. Mas talvez fosse produto da estação do ano que já se apresentava com ferocidade.

O vento soprava sem parar causando-me certo espanto. Passei a andar mais rápido e a tentar localizar um lugar seguro para respirar um pouco. Achei por bem caminhar mais, sempre à procura de um abrigo.

Lembrei-me da existência de uma modesta cabaninha no Parque, que muitos afirmavam ter sido construção de

cangaceiro. Corri em direção a ela e só ali pude respirar. O interessante foi que, só depois de minha estocada, é que pude ouvir um pranto perdido, seguido de soluços e gemidos. Mas seria difícil eu ouvir antes barulho qualquer que não o da chuva que se aproximava sem pedir licença. Como estava escuro, não pude discernir de imediato de onde vinha o ruído. Deixei as incômodas encomendas de dona Miru no chão e fui ao encontro do autor daquele pranto. Afinal, podia ser uma criança atordoada com o mal tempo ou coisa parecida. Emboscada de jagunço ou cangaceiro não me parecia possível. Eu conhecia arte de gente ruim; cabra safado a gente conhece no ar que se respira e até mesmo pelo choro que se chora.

Pois bem, aproximei-me da pessoa tentando saber de quem se tratava. Percebi que era uma moçoila, pelo tamanho do cabelo e semblante feminino. De imediato, puxei-a ao meu encontro e pedi que abandonasse o receio.

Apesar da minha solidariedade, percebi uma certa aflição no olhar daquela moça. Um olhar miserável, parecendo feitiço de gente afeita às mandingas. Coisa de espantar. A moçoila do choro e dos gemidos tinha um olhar que não me pareceu bom presságio, tamanho encanto. O certo é que, com jeito, entretanto, procurei tranqüilizar a menina e voltamos, juntos, à proteção natural da cabana feita pelos cangaceiros. O frio excessivo fez com que a moçoila tremesse o corpo e batesse os dentes. Enxuguei-a com respeito e lhe ofereci minha camisa de botão, ficando com o peitoral nu. Esses princípios e cortesia eu aprendi com a velha Miru, exigente que era em matéria de educação.

Por certo, a menina deveria ter perdido o caminho de volta em meio à chuva forte. Apresentava, ainda, alguns arranhões oriundos, provavelmente, de espinhos da vegetação e da urtiga. Mas o que mais me comoveu, mais ainda que os gemidos, foi o choro. Choro de mulher é uma miséria, corrói a alma e atinge o coração. Chego a tremer só de pensar. Afora

o choro e o gemido, tinha o olhar, pior que feitiço. Não tinha os olhos de vai-e-vem, como os de Leninha; “olhos de moça desavergonhada que está doida para perder o juízo e o excesso, se é que já não o perdeu”, como dizia dona Miru. O olhar da menina era coisa muita, afora o feitiço. Era um olhar de ousadia e ternura; de tristeza e alegria; de encanto e adoração; enfim, olhar de quem tem uma alma em forma de mundo, a quem se tenta estudar mesmo impregnada pelo encantamento.

Abracei a menina, protegendo-a da chuva e frio, com o respeito que a situação exigia. Aproximei-me dela e voltei a rogar tranqüilidade.

A aproximação excessiva fez-me sentir o cheiro perfumado daquele corpo. Maldito perfume que se fez entranhar em mim. Mas não fora o odor o que mais chamara a minha atenção. Os olhos daquela moça eram encantadores. A menina tinha um lindo e cativante olhar. Pareceu encantar-me pelos olhos, recitar poesias e atrativos outros. Era um olhar expressivo e esclarecedor. E, afora o perfume, aquele olhar muito me incomodou. Perfume e olhar de mulher são pragas que temos que recluir. Coisa de precaução. Pareceu-me que os olhos da menina eram diferentes, da cor de mel. Era isso: a menina tinha os olhos da cor de mel.

A moçoila aparentava idade semelhante a de Cinthia, talvez menos gasta, mas, até então, desconhecida das minhas relações. Tinha uma estatura mediana, a pele lisa como casca de fruto e um corpo que exalava perfume e perfeição. Estava em desajeito, mas, ainda assim, com uma elegância de espantar. O choro e os gemidos não ofuscaram seu brilho que, muito embora o desajeito, mostrou-se insuportavelmente charmosa e encantadora. Pareceu-me um conjunto perfeito. Um daqueles trabalhos majestosos da natureza.

A fisionomia trêmula e fragilizada atentaram contra meu peito. Senti um enorme desconsolo que aumentou

quando a moçoila desmanchou-se ainda mais em lágrimas. Tremi por inteiro. Coisa mais significativa é choro de mulher. Aquela moça indefesa não poderia estar passando por aquilo, essa é uma verdade. Poderia ser minha irmã ou outra qualquer. Não importa. O certo é que o tempo não se mostrava amigo da moçoila dos olhos de mel e encanto, do choro e gemidos.

Ficamos um bom tempo na cabaninha para só depois irmos embora, sem prosa nem agonia. Tempo suficiente para que o perfume e o olhar de encanto me tomassem como feitiço. Palavras me faltaram, afora a respiração ofegante. Antes que a moça encontrasse o rumo de casa, apresentou-se, em poucas palavras e muitas definições, dizendo-se ser recém-chegada à Itajumam, filha de família estrangeira e que morava perto da igreja do padre Lorrán, mais precisamente na Ladeira dos Ladrilhos Portugueses.

Talvez a minha história de vida começasse a ser escrita a partir daquele encontro. A mais nova e importante personagem, a dona de minhas angústias e de minhas grandes alegrias, enfim aparecera. Talvez o meu mundo não fosse mais o mesmo; talvez o mundo mudasse depois daquele dia. Foi o que pressagiei.

* * *

A partir daquele dia, minha vida não continuou sendo a mesma. Essa foi a minha fraqueza, confesso. De uma forma ou de outra as coisas mudaram para mim, depois da chegada daquela menina. Talvez fosse um raciocínio tolo, mas o tempo encarregou-se de provar o contrário.

No começo, custou-me acreditar. Mas a verdade é que fiquei perturbado demais com a presença da moçoila que exalava perfume e encantamento. Coisa sem maiores explicações. Talvez fosse uma passageira admiração como tantas

outras que eu já havia tido. Mas, o certo é que alguma coisa de incomum a menina deixara para trás. A peste fora o perfume, que entranhava no corpo e na alma. E tinha também os olhos de encanto. A menina falava com os olhos. Olhar de gente prendada, às vezes de moça desavergonhada; olhar de muitas palavras e sentimentos; certeza, apenas o encantamento.

A velha Miru, após conhecer a menina do choro e gemidos, se encarregou do alarde: “A filha do estrangeiro não parece nem preto nem branco; nem afoiteza nem lerdeza; nem rameira nem donzela; nem simplicidade nem soberba; não se permite definir e calcular, vendendo mistérios nos gestos e palavras”.

Com o pensamento único de não cultivar sentimentos melosos dentro do peito, procurei apagar o acontecido. Aliás, esse raciocínio, para mim lógico, foi o que também tentei passar para minha irmã, ainda que sem muito êxito.

Passaram-se alguns dias sem que eu visse a moçoila. Seria uma temeridade eu dizer que não me lembrei dela. Na verdade, até cheguei a ficar um tanto quanto preocupado, pois aquela coisa inovadora teria de acabar, para que não tivesse destino igual à saudade de meus pais. O que me espantava era aquilo que as palavras não dizem. Nem precisam. O jeito e a alma se encarregavam da revelação. O cheiro e o gosto também. “Tenho muito receio do que as palavras não dizem ou não bastam”, afirmava a velha Miru.

Procurei não mais pensar no assunto, contentado-me com o “muitíssimo obrigada” que ouvi. Assim sendo, bastaria para mim aquele encontro. E até que, de certa forma, evitei um possível e temerário reencontro. Não havia razão para tamanho temor, mas, por prudência, evitei reencontrar a menina dos olhos-de-mel, a menina que encantava pelo olhar e pelo cheiro. Um feitiço. Mulher que prende pelo olhar, coisa de feiticeira. Faz-se arriscada, capaz de coisa muita, caso não se tome providências. A minha pouca experiência já percebia isso.

Não consegui evitar, contudo, o meu típico saudosismo, para contrastar com a intrasigência de minha alma. Tentei até desvendar a menina, a partir de seus olhos. Eram “olhos de jabuticaba”, na forma; “olhos de mel”, na cor. Os olhos que falavam e recitavam, que confundiam. Olhos de moçoila prendada, de quenga fervendo em quentura. Não me pareceu bom prelúdio. O cheiro e os olhos eram preocupantes: muito encantadores para o meu gosto.

Apesar de fazer uma imagem boa da moça, não poderia ter convicção de como era ela. Talvez, malmente me desse um bom dia; talvez nem isso.

Eu havia nascido e crescido no sertão e, independente das viagens que um dia fiz, sempre fui um sujeito observador, gosto que herdei de meu pai, é o que afirmava a velha Miru. Não seria uma desconhecida qualquer que me abalaria, disso eu estava certo; uma outra fantasia. E se me faltava, àquela época, dinheiro, fiz-me falacioso por natureza. Coisa de quem aprendera a conhecer o mundo desde cedo, com os seus encantos e desencantos. As luzes a que o velho Chico se referia em suas prosas de valor. O Criador oferece as luzes para que iluminem a nossa estrada. Basta-nos segui-las.

O certo é que não poderia prever jamais a reação da menina do choro e dos gemidos, diante de um novo encontro. Sentimento miserável. Eu também não tinha como saber se se tratava de moça de valor, pois, neste mundo miserável, muitas vezes o supérfluo tem inexplicavelmente mais valor que o espírito. “Mundo egoísta, pobre de pureza e vazio”, dizia a velha Miru. No mais, sobrevivemos achando que vivemos.

Tormentos de lado, lembro-me de que afastei a idéia feminina que tomava minha cabeça de assalto, trabalhando com veleidade. Em minhas terras eu criava bodes e carneiros e plantava algumas coisas que entendi interessantes. O curioso é que ninguém sabia das minhas posses. O velho Chico é que me ajudava e era exceção, posto que sabia. Por lá tinha

umbuzeiro, xiquexique e mandacaru; afora muitos bichos: juritis, azulões e jibóias.

Foi dando amor à terra que aprendi a tratar com a natureza e a obter os frutos do trabalho. O reconhecimento, mesmo que tardio, veio como um presente divino às minhas incontáveis horas de trabalho. Dei à terra nome e valor. Plantei e colhi. Criei bichos e fiz fortuna. Mas riqueza mesmo nunca havia sido coisa de minha cabeça. Coisa pouca, que se acaba. A roça, o bicho come, e a casa, o vento leva. Riqueza mesmo é educação e cultura. Ninguém bota a mão. Morre com a gente. O único imprevisto é o olho gordo. Mas, aí, apelamos para as rezadeiras.

Nessa jornada sadia, o meu parceiro era Deus. E não medi esforços para vencer. À custa de muita dedicação, consegui multiplicar as distâncias e a plantação. Não permiti que nenhum coronel safado me passasse a perna, roubando de mim a única herança de meus pais. E, se preciso, derramaria até sangue no chão. Valorizaria até os últimos contos de réis de minhas terras. O pequeno espaço de antes fora crescendo e ganhando corpo. As terras, sob a minha exaustiva labuta, prosperaram e, mais tarde, ganharam enormes dimensões.

Assim, e por lógica, muitos foram os que se atreveram a peitar-me. E não foram poucas as vezes em que respondi com rispidez às invasões. Cabra safado se combate com garrucha e punhal. Construí no braço aquela realidade, como forma de homenagear os meus pais, talvez minha última aspiração.

O certo é que meu coração obstinado e fiel aos meus princípios não poderia encabular-se por uma feição meiga e até então desestudada. Praga de perfume e olhar se cura é com o esquecimento. Eu era mestre nisso. Não devia temer. A situação, que para mim era insuportavelmente constrangedora, tinha de findar. Alguma coisa, assim como um sopro dos céus, aconselhava-me isso.

Pressenti que aquela moça não seria uma participante qualquer. Presságio miserável. Coisa que o acaso revela, mas que nem mesmo os intelectuais explicam. O certo é que, talvez ainda que tardia, pareceu-me que ela entraria na minha história de vida, construindo um universo de acontecimentos e não um episódio qualquer. Ela tinha uma luz que não era qualquer. Encantava pelos olhos. Talvez, por isso, fosse tão significativa e merecesse atenção. “O palpitar do coração e a quentura da alma são presságios de amor”, revelava a velha Miru, incomparável no manejo das palavras.

Aqueles olhos de mel tinham uma acepção única. Pareciam avisar-me de um futuro provável e convidativo. Pareciam falar, prender e recitar. Tinham também o encanto, afora o perfume. Eu pressenti isso, já no primeiro momento, quando a luz do olhar daquela moçoila invadiu a minha existência, crivando seu nome em minha história. O seu espírito eu ainda teria que estudar e a sua alma teria de refletir na minha. Mas, a luz já tinha sido oferecida pelo Criador, mais uma que iluminasse a minha estrada.

À noite, a diversão em Itajumam resumia-se aos botecos e à casa das putas. Confesso ter sido durante um bom tempo freguês assíduo e querido do estabelecimento. Eu mantinha até um romance com uma delas, Tafynha, um dos meus xodós ou, quem sabe, estrada de luz. Moçoila brejeira e fogosa, e que tinha o xibiu adocicado, capaz de permitir-se enrabar a noite inteira.

Tafynha chegara ao bordel ainda donzela. Não passava nem vento nem pensamento. Muito menos atrevimento. Per-ninha ajuntada para fazer estilo. O xibiu fresquinho e apertado, coisa que proporcionava suspiros de alegria e satisfação. Mas, em pouco tempo, eu a deixei relaxada, uma avoação sem fim de cabaço, em inúmeros “feitiços de pernas”, o que trouxe para a quenga alegria e lhe rendeu um inescondível encantamento: chamego e apegção.

Tuquinha se perdeu de encanto pela quenga e ensaiou arrojado: “um pé de xibiu com mel”. A assertiva lhe custou um tabefe e muitos pedidos de desculpas. Tafynha gostou do revide e prometeu recompensa. A quenga se perdeu em meus braços, depois que adentrei seu quarto e a flagrei com os seios ao mundo, com o califon na mão, quando da mudança de roupa. A quenga não se fez de rogada e se rendeu à minha intromissão:

— Viu algo que não devia?

— Apenas um dos seus seios ... — respondi de pronto.
— Se viu um, tem de ver os dois — propôs a quenga, já cheia de jeitos e trejeitos, rendida pela bem-querença.
— Não sou homem de desobedecer mulher — acudi-me.
— Então que veja logo tudo e que me faça mulher.

A cafetina, que tinha o sugestivo nome de Prazeres, guardava por mim imensa adoração. Sentimento gratuito, coisa de sangue. Preferiu, assim, reservar a sua mais nova menina-encanto para o seu protegido.

Prazeres, a cafetina, já era um mulher de idade avançada. Mantinha, entretanto, um corpanzil de fazer inveja a muita mulher de menor idade. Era apumada e estilosa. Vestia-se mal, é verdade. Muito espalhafatosa para meu gosto. Mas tinha presença, coisa de gente incomum. Não dispensava os adornos pendurados por todos os lados. Misturava as cores, agredindo a discrição e parecendo um verdadeiro arco-íris.

Apesar do estilo espalhafatoso, Prazeres não me parecia vulgar. Era uma barregã de estilo e uma pessoa das mais generosas, dando comida e trabalho a muitas moças daquelas bandas e outras deste sertão de meu Deus. Em troca, as “filhas” de Prazeres eram orientadas para amar, mesmo que sem amor. “É o meio de vida mais antigo que existe”, dizia o velho Chico. Ali, naquele estabelecimento, o corpo muitas vezes tinha preço, mas nem sempre. Muitas deitavam-se por vontade e não em troca de cobre. Aquilo era o meio de vida de Prazeres, e eu sempre respeitei, afora a relutância da velha Miru, afeita às credences religiosas. “Aquele é o celeiro da pouca-vergonha”, definia.

A proteção ostensiva da cafetina para comigo chegou até a gerar ciúmes entre os freqüentadores do bordel, que conta com a presença diária de pessoas de renome da sociedade itajumense.

Certa vez, lembro-me perfeitamente, o coronel Cle-mêncio Barroso puxou a arma para mim, ao saber que eu dormia com uma de suas amásias, que se tratava, na verdade, de

Tafynha, já inaugurada e viciada na canseira. Descontrolado, o coronel partiu ao meu encontro com arma em punho. Percebendo que aquele safado vinha em minha direção, melhor atitude não me restou senão jogá-lo às mesas e desferir-lhe um golpe de faca à altura da barriga. O safado, espumando de ódio, ainda conseguiu levantar-se. Tentei, por fim, conter o patife atirando ao seu encontro um tamborete que se encontrava ao lado da janela, no puteiro. O sangue jorrava, mas o desqualificado não se dava por vencido. Apanhou uma pistola 32 caída ao seu lado e desferiu um tiro que me atingiu de raspão, deixando, entretanto, e exposto, um razoável ferimento. Corri em debandada pela mata, pois os jagunços do filho da puta intrometeram-se para terminar o serviço: João “Mata Cem”, Antônio “Arranca Tripa” e “Trombeta”. O episódio não deixou maiores marcas, pois o velho Chico encarregou-se de curar a úlcera e costurar o talho com linha de costura. Quanto ao coronel, não me atrevo a tecer detalhes. Certamente, o episódio serviu como nascedouro de um grande ódio que perdurou de pai para filho, e que marcou, e muito, a minha história de vida.

Mas, de fato, Tafynha era uma rapariga de muitos mimos e atributos. Apresentou-se em poucas palavras e me levou à perdição: “Me chamo Tafynha, com ipsilone”. A velha Miru resmungava, em prosa perdida com Cinthia: “Esta moça está doutorando seu irmão na sem-vergonhice”. Cinthia também resmungava, ainda que eu pregasse inocência: “É uma desfrutada, que se entrega nos cantos e aos ventos”.

A pele morena da rameira cheirava a perfume barato, é bem verdade; mas cheiro que não entranhava, no que se diferenciava da menina do choro e dos gemidos. Tinha, ainda, quadril perfeito e seios avantajados, afóra as coxas bem torneadas, tão comuns à raça.

Era uma puta estilosa e diferente. Adorava dormir aos sussurros e carinhos, com palavras elogiosas e românti-

cas. Gostava de ser tratada com distinção e exigia fidelidade. Coisa de quem se apega fácil, de quem não resiste ao “feitiço de pernas”. Era o meu xodó no puteiro. Tinha ancas largas e um xibiu adocicado.

Além das manhas e artimanhas, do chamego e apegção, Tafynha exigia benquerença e atenção. Certa vez escrevi-lhe um poema que deixou a moçoila num assanho de se ver. Não disfarçou o contentamento e se derramou em lágrimas. Disso eu não gostei. Não havia nada que me despertasse mais do que choro de mulher. Verdadeira peste. Era ver e tremer. O certo é que a quenga gostou do escrito, que leu com dificuldade, e prometeu recompensa: cinco dias de canseira que me deixaram num abatimento de dar dó. “Você está num abatimento de se ver e isto é arte do pecado”, queixou-se dona Miru. A homenageada, no entanto, prometeu ler a poesia que lhe motivou o assanho sem fim, todos os dias:

É certo que não lhe tenho amor,
Mas também não lhe tenho pouco,
Pois contigo sou cabra frouxo,
Quando me rendo nos braços seus;

E este mundo de meu Deus,
Que tem me apresentado gosto novo,
Moçoila que arde que nem fogo,
Mas um ardor que quero ter.

Chamou-me a atenção, contudo, o seu olhar triste e perdido. A preferida de Prazeres confessou-me, mais tarde, que havia se abrigado, no puteiro, em troca de casa e comida. Não por mera descarração. Talvez por isso mesmo, cultivei pela moça um sentimento de apego. Pouca coisa, é verdade, mas nem por isso desimportante.

Certa vez, inclusive, risquei a faca para Antônio “Arranca

Tripa”, um dos capatazes do coronel Clemêncio Barroso. O miserável puxou prosa com Tafynha, o que lhe foi negado. Tomado pela ira, passou a hostilizar a quenga com freqüência, quando esta se achava perambulando pelas vielas de Itajumam. Tafynha me contou o acontecido com voz de choro, o que me fez tremer. Pranto de mulher é uma peste, parece que atinge a alma. Também, o acontecido não me rendeu grandes satisfações. Tafynha era uma moçoila, o que por si só já exigia deferência. Afora isso, coisa que eu não tolero é desrespeito e hipocrisia. O capanga miserável achou-se no direito de distribuir malquerença, para curar sua rejeição, só pelo fato de ser homem da confiança do coronel. Não me restou melhor alternativa. Topei com o miserento na rua das Quintas, quando ele falava, aos berros, impropérios com Tafynha. Risquei a faca e aponte para o desgraçado. Cabra metido a valente, Antônio “Arranca Tripa” ameaçou revide. Mas, antes que o safado puxasse a garrucha, atirei um punhado de pó de barro em sua direção. O miserável ficou numa tontice de se ver. Após a artimanha, dei-lhe uma rasteira e ameacei cortar sua língua se não respeitasse a quenga, com o punhal rente à goela do falastrão. O capanga até hoje promete revide e me jurou de morte, mas deixou Tafynha em paz. “Mais um”, pensei.

Quando Cinhtia soube do acontecido, desmanchou-se em lágrimas, jurando amor eterno: “Meu irmão, perna existe é para correr, não para enfrentar”. A velha Miru também não se fez de rogada: “Valentia só traz aversão e dor na costela”.

As outras putas do prostíbulo morriam de ciúmes de Tafynha. Falava-se, nos botecos, pelos mais linguarudos, que a moça era a “filha” mais querida de Prazeres. De fato, Tafynha desafiava o costume e sempre andava bem vestida. Vestidos de chita coloridos. E perfume, muito perfume. Cheiro que dava gosto, afora o exagero, mas que não entranhava. Dona Miru condenava a afetação, em palavras rebeldes: “Não sabe esta moça que seu grande ‘talento’ encontra-se justamente

sob a roupa?”.

Apesar da pouca instrução, a quenga parecia fazer questão de usar coisas boas. É claro que nem sempre acertava. Adorava usar perfume barato, comprado, provavelmente, em Riacho Alegre ou Pedra das Antas, com o qual se lambuzava da cabeça aos pés, encharcando, também — e aí ela conseguia ser magistralmente tentadora —, o apetitoso xibiu.

Enfeitava-se com jóias ordinárias, é verdade, quando o seu esplendor era o nu, deslumbrante.

Admito até que sempre achei também que Tafynha era a predileta de Prazeres. Só não alardeava isso porque às vezes dormíamos sob o mesmo cobertor.

Mesmo mais tarde, já enrabichada para os lados do coronel Clemêncio, mantivemos alguns encontros no prostíbulo e fora dele. A companhia daquela puta me fazia, muitas vezes, um bem indescritível. Além do mais, Tafynha jamais esquecera o fato de que se tinha perdido em meus braços, num estrondoso “feitiço de pernas”, o que demonstrava em palavras e atitudes, com eternos agradecimentos.

Sabia amar como ninguém. Era puritana e arqueira nas horas certas. Moçoila que não se encontra com facilidade. Eu não conseguiria satisfazer Tafynha em apenas e tão somente uma noite. A quenga era uma quentura, que nem mesmo o estrondo dava jeito, afora o fato de despir com os olhos. Era uma canseira sem fim noite adentro e, ao acordar, queria mais, senão fazia manha e ensaiava calundu.

Certamente, foi na casa de Prazeres que passei bons momentos de minha vida.

Àquela época, em Itajumam, o frio já não era novidade. O São Francisco contribuía, deixando a cidade coberta de neblina. Estava perto do São João e os filhos dos coronéis retornavam de férias, mesmo que a contragosto.

Fogueiras enfeitavam Itajumam nessa época do ano. Por toda parte podiam-se ver barracas e adereços que lembravam a festa. Eu me encontrava contente, porque fora naquele ano que comecei a ganhar uns contos a mais.

Como falei antes, ninguém, na realidade, se dava conta de como eu vivia. Eu nunca fora adepto do exibicionismo comum a muitos que ali habitavam. Nas férias, os filhos dos coronéis entravam em Itajumam guiando carros novos e desfilando ternos de linho puro, muitas vezes comprados no exterior. Eu não entendia muito bem e até achava grotesca aquela exibição sem fim. Só depois, fui entender toda aquela enfeitação. “Para o homem, o dinheiro significa muito mais do que nós ingenuamente imaginamos”, ensinava a velha Miru. Coisa miserável.

Mesmo feliz com os bons negócios daquele ano, eu permanecia calado. Não queria que botassem olho gordo em meus negócios. O certo é que vendi um pedacinho de terra para seu Amado, um velho paulista que falava cantando. O bendito queria construir uma hospedaria e não mediu esforços para fazer a aquisição. Fiz bom negócio. A terra não era das

melhores: terreno inclinado e pragas de monte.

Com o dinheiro em mãos, tratei de comprar umas cabras e aumentar o meu, até então, minguaço rebanho. Era a minha estratégia. Com a ajuda do velho Chico e de constantes orações, toquei meu negócio para frente e em pouco tempo multipliquei espaços. A terra foi abençoada em minhas mãos e tratou de produzir, em gratidão a mim, disso eu estava certo.

* * *

Estávamos a bebericar no botequim de Tonho e a ouvir as inverdades do negro Adão — ele dizia tratar-se de filosofia. Crioulo desbocado e inconveniente. Além: astuto como uma raposa. Não se agüentava frente ao chamego de uma rapariga.

Àquela altura, o miserento já propagava um suposto cansaço. Para o escuro, o “entre pernas” fazia efeito. Noites e noites de amor. Coronel Francisco dos Colares que o diga. “Mulher a gente vence é com enração e porrada”, propagava o escuro, com extremo mau gosto.

Naquele ambiente descontraído, estávamos a cantarolar e a beber, adormecendo a monotonia que, às vezes, assolava a cidade. Ríamos com o passear sem fim dos filhos dos coronéis, que mais pareciam marionetes da civilização. Falamos de tudo e todos, e não perderam a oportunidade de falar de mim, o que não me pareceu boa nova:

— E aí, meu amigo, quem é a fruta deste pomar? — indagou Tuquinha, com sua peculiar indiscrição, fazendo gestos e estripulias obscenas com a língua.

— Quem sabe, a quenga de seu chamego — respondi em indisfarçável ironia.

A resposta deixara Tuquinha sem uma gota de sangue

no rosto, afora o cacoete de colocar a língua para fora.

Tuquinha chamava-se Tunísio, nome carregado e repleto de sofisticação. De dar dó. Daí ser conhecido por Tuquinha. Ganhara outro gracejo, “Azeitona”, obra minha, pela semelhança da cachola com o fruto da oliveira. Contudo, era mais conhecido mesmo por Tuquinha “da Gerlande”, que era a quenga de chamego do Azeitona. Tuquinha perdeu-se em adoração pela quenga. Conheceu Gerlande no bordel de Prazeres. Ganhou a rameira na dança, atributo que diferenciava o Azeitona, um mestre dos salões. Não se demorou para acontecer o casório. Uma festança de se ver: cachaça, sanfona e quitutes. Tudo que era rameira deste sertão de meu Deus estava presente. Um estardalhaço de dar dó. Bate-coxa e rala-peito a noite inteira, ao som de sanfonas, agogôs e bandolins. O bar de Tonho encontrava-se devidamente enfeitado para a comemoração do enlace, com bandeirolas e flores.

O noivo estava uma belezura, muito embora a vestimenta espalhafatosa. Obra de Lilica, efeminado famoso no sertão pelos enlaces matrimoniais que proporcionava. Era casamenteiro, afora a xibunguice. Mas o certo é que Azeitona estava vistoso e aprumado. O cabelo corria pelos lados. A vestimenta era de qualidade, porém visivelmente espalhafatosa. Trajava um rodape amarrado, uma camisa de linho adornada com bolinhas esverdeadas e presa a uma calça mal acomodada, afora o suspensório. A gravata borboleta era arroxeadada. Calçava, ainda, um par de alpargatas de couro. Uma aberração sem limite. Gosto miserável.

A noiva vestia-se a caráter. Vestido branco, véu e grinalda. O negro Adão provocou:

— Vê se tem cabimento esta enfeitação toda! Vestido branco, véu e grinalda. Só falta mesmo dizer que é donzela.

— Cala-te boca, Adão, não vê que é tudo simbologia? Mulher pura casa é de branco — assanhei o negro, sabendo que Gerlande era quenga estudada e pós-graduada.

— Mulher pura, uma arte e uma peste. Tuquinha é pedreiro; é pedreiro tapa-buraco.

— Não é não — afirmei.

— Ela pode até estar lavada, eu acredito. Mas lavada é uma coisa, nova é outra.

— Ah, minha Nossa Senhora, tu está difamando a pobre da noiva?

— A minha mesmo é lavada, uma beleza; mas nova, que é bom, só se for benzida ou pra contar de novo.

— Vê se toma jeito, homem de Deus. Gerlande casou-se jurando donzelice — amenizei.

— Tuquinha vai é tapar buraco. É “pedreiro tapa-buraco” aquele língua solta, pode acreditar.

— Você está é de falação.

— Falação uma peste. Se Tuquinha fosse escorraçar os homens que Gerlande já teve, ia ser uma correria sem fim neste sertão — finalizou o negro, encenando, com jeitos e trejeitos, a suposta correria provocada por Tuquinha.

E foi assim, entre brincadeiras e risos, que ficamos a prostrar até que o padre Lorrان tocasse o sino das seis e o miserento filho do coronel Clemência perturbasse o ambiente.

Quando estávamos a ouvir o velho Chico falar sobre terras longínquas, escutamos um barulho mesclado de gritos. Corremos para a praça e vimos o corpo de Pepê estendido no chão. Pepê era um gago afamado na região que ganhara este apelido quando, em certa feita, contou ao negro Adão a aventura tida com uma puta de Riacho Alegre. Ao dissertar a respeito da protuberância da garota, notadamente dos seios dela, ficou nervoso e começou a gaguejar:

— Sa-sa-bes a-a-a-migo Adão, ela tinha u-u-mas co-xa-xas e um pe-pê-pê-pê ...

E daí não saía.

Pepê não gostava de recordar o episódio, enfurecendo-se quando ouvia prosa semelhante. Talvez por isso, e também

pelo fato da conversa ter saído da boca no negro Adão, vejo a veracidade do acontecido com certa reserva. Mas o certo é que o gracejo pegou.

De fato, ouvimos um barulho estranho seguido de brados agudos. O pobre gago atravessava a rua e fora abatido pelo miserento Julinho, filho do não menos asqueroso coronel Clemêncio Barroso.

Falava-se, à boca pequena, que o filho do coronel só não fora embora, porque seu carro, um lamborguine estalando de novo, perdera, de logo, as funções automotivas. Confesso que o xibungo não teve lá tanta culpa, pois o gago era atordoado e desatento. Mas o certo é que eu já não ia muito com o pedante daquele rapaz. Em primeiro plano, pelo fato dele ser filho do coronel Clemêncio. Ademais, quando percebi que o tal lançava olhares insinuosos para minha irmã, o que me foi alertado, ainda que sem querer, pela velha Miru.

Eu não pretendia pecar pela inconseqüência. Mas aqueles olhares serviram de alerta. Eu não mediria atitudes, caso soubesse de algum tipo de desrespeito. Defenderia com estilo a honra de minha irmã. Coisa que açoite e capaço dão jeito.

O que não sou com prudente sintonia foi o fato de minha irmã contar-me que a intromissão do rapaz não passara de olhares. O estranho é que, como sempre, eu nada tinha perguntado a Cinthia. Aquela reação estranha de minha irmã não me agradou muito e, por certo, ainda ia me proporcionar muitas aflições, foi o que pressaguei.

Já existindo precedente, uma inevitável peleja com aquele sujeito, não vi aquele acidente com sensatez. Deixei-me levar um pouco pela emoção, consumido pela raiva, e reagi ao presenciar o desinfeliz aplicar um cocorote na cabeça do irmãozinho de Tonho, que berrava alucinado, gesticulando inadvertidamente, o que provocara a ira do sujeito.

Restando-me a franqueza, não agi por correto ao puxar

a faca para o desgraçado. Já havia uma rusga entre mim e o pai daquele patife e qualquer precipitação poderia custar-me a vida.

* * *

Aquele episódio, por mais que parecesse irrelevante, deixou em mim uma sensação desagradável. Eu dificilmente me enganava quanto às premonições e aos sentimentos melancólicos. O certo é que, naquele instante, o sentimento que em mim se abatera foi a desconfiança, pior que doença de corpo ou mal de alma.

Procurei controlar-me por inteiro. Nesses instantes o homem deve primar pela inteligência. Aprendi isso nas pelejas e prosas. Por mais desconfiança que tivesse, eu não deveria exaltar-me. O certo é que motivos para tanto eu tinha. Quando cheguei à casa de dona Miru, já Cinthia esperava-me no portão com cara de espanto. Franzi a testa num gesto típico de quando estava apreensivo. Mirei minha irmã por completo e só não lhe pedi explicações porque não era a minha intenção dar-lhe ousadia.

— O que aconteceu, meu irmão? — perguntou com olhar avexado.

— Preocupada, ou é impressão? — rebati adentrando a casa, sem ao menos desejar boa noite a dona Miru.

Lá de dentro, ainda vi a velha abraçar Cinthia e dizer, ao seu pé de ouvido, o costumeiro “Nada como o tempo”.

Os olhos de Cinthia, na minha entrada, já haviam se encarregado da revelação. Olhar de gente revela mais que muitas palavras. O olhar talvez seja a expressão mais verdadeira do ser humano; as palavras, muitas vezes, são manipuladas e usadas ao bel prazer de quem as profere. Perde-se a virtude.

Os olhos de uma pessoa, para mim, são seu retrato fiel. Não se fantasiam. Olhar de gente não tem manejo. E os olhos avexados de Cinthia apenas figuraram em minha certeza. O olhar de minha irmã fora o mais revelador possível. Naquele instante, ela confessou-se a mim, mesmo que assim não desejasse. Ela mesma sabia que não ia conseguir enganar-me. A verdade eu já sabia; eu só desconhecia até onde ela poderia chegar.

* * *

Os dias seguintes serviram para acalmar meus ânimos. Talvez a grande festa que se aproximava se prestasse para tanto. Realmente, a festa em louvor ao santo era uma festa e tanto e a de Itajumam mais ainda. A cidade fervia de gente bonita a desfilar de um lado para o outro. A pensão de dona Miru, nessa época, ficava completa, ocupando-se, inclusive, os últimos quartos reservados aos passantes.

Muitos eram dali mesmo, filhos dos coronéis e que estudavam na capital. Outros ficavam na Hospedaria Alegria, do forasteiro Amado. O paulistano que falava cantando construiu a hospedaria em terreno comprado em minha mão. Fiz um grande negócio. O tal chegou aqui em Itajumam, dizendo-se doutor de profissão e achando que ia me tapear. Estudado, eu até então não era, mas tinha conhecimento sobre aritmética e fiz grande negócio.

A cidade movimentada serviu mesmo para eu esfriar a cabeça e renegar os pensamentos relutantes. Nem com o velho Chico comentei minhas suspeitas. Acredito que os linguarudos e beberrões devam ter percebido minha insatisfação, mas como eu não era afeito às falações, nem mesmo tocaram no assunto.

Aquela desconfiança foi capaz, inclusive, de afastar de

minha cabeça as lembranças da “noite de chuva”. A verdade é que eu fugia daquela lembrança. Brigava com um inimigo inexistente. Itajumam era uma cidade pequena, onde as pessoas se encontravam com certa frequência. Acredito que, talvez por isso, eu evitava um novo encontro. Pensei algumas bobagens. Mas era época da festa em louvor ao São João e não seria justo minha cabeça ficar recheada de pensamentos jururus, afora a desconfiança em relação a Cinthia. Pensei conversar com dona Miru, chamá-la às vistas, mas logo desisti, por conta do amor sem fim da velha, que sempre advogava em favor de Cinthia. Naqueles dias, a angústia que me assolava só foi curada com a esbórnia e com a bebida. Única redenção.

9

Nas férias, a pensão de dona Miru lotava. A casinha, embora humilde, tinha muitos cômodos: um ocupado pela velha, um ocupado por mim, outro, maior, dividido entre Cinthia e uma moçoila espevitada, de cujo nome não me recordo, e dois outros destinados aos passantes. Havia, também, uma ampla sala e uma cozinha ainda maior.

A casa, com todos os seus adornos, era o grande xodó da velha, que propagava aos sete cantos: “Daqui só saio carregada por quatro pessoas”.

A sala possuía dois sofás cobertos por tecido comprado em Riacho Alegre, uma mesa sobre a qual se encontrava um rádio (presente meu) e uma grande estante, onde a velha Miru guardava seus adornos e coisas variadas. Mas, o grande ornamento da sala era, sem sombra de dúvidas, um quadro que dona Miru havia ganho de dona Eurides, vizinha achegada. O adorno era de uma vistosidade de dar dó, fruto da benquerença da vizinha: “Miru, Eurides, eu e você”.



Os móveis eram feitos com madeira do sertão, coisa ordinária, fuleira, muito embora vistosos, raspados medianamente e transportados por almocreves.

A cozinha, já perto do quintal, era o maior compartimento da casa. Era nesse recinto que a velha Miru mostrava toda a sua magnificência. Apesar da idade avançada, sabia como ninguém a arte da culinária. A cozinha era também o local mais arejado da casa. A velha servia, todas as manhãs, leite de cabra, bolachas, bolos — ora de milho, ora de macaxeira —, banana, batata doce e ovos mexidos. Um mundaréu de comida. No almoço, comia-se feijão de corda com farinha de mandioca pura, carne (a velha tinha predileção por carne de carneiro ou bode), maniçoba, jerimum, quiabo e jiló. A verdura era variada. A velha Miru orgulhava-se de que em sua casa comida não faltava.

À noite, além do leite, comia-se sempre uma farofa feita pela mistura de temperos, farinha de mandioca em grande quantidade e carne de bode salgada no sol. Um manjar!

Cinthia dividia o quarto com mais uma moçoila, filha do prefeito de Riacho Alegre, a qual morava em Itajumam a pedido da mãe que, diziam as más línguas, não mais se deitava com o esposo.

* * *

Realmente, naqueles dias, foi a esbórnica a minha companheira. Antes que o pior acontecesse, resolvi amenizar o sofrimento à custa de aventuras. Naquele instante, alguma coisa divina impedia-me de chamar minha irmã para uma conversa. O silêncio seria mais conveniente. “Muitas vezes o silêncio diz mais que uma penca de palavras”, pregava a velha Miru, em voz alta, para que não só minha irmã escutasse. Sempre era assim: as palavras eram remetidas a Cinthia, mas

em voz alta para que eu também as escutasse. No mais, afora Cinthia, tinha a lembrança da “noite de chuva”.

Ainda calado, perdi um pouco meu habitual equilíbrio. Sentia, mais uma vez, a ausência de meus pais. Uma fraqueza sem fim. A verdade, eu confesso, é que eu fui um homem de muitas perguntas sem respostas. “Um tecido de memórias”, como bem dizia a velha.

Eu conversava com o velho patriota, fazia perguntas e ouvia respostas. Via minha mãe de lenço na cabeça, segurando uma trouxa, ao lado do marido, de quem herdei as poucas palavras. Eu me apegara a esses companheiros imaginários.

Os conhecidos eram simples companheiros de boteco e de prosa. Todos os dias ficávamos a bebericar no botequim de Tonho, vendo os preparativos da festa que se aproximava. Bebemos, àquela época, uma cachaça trazida pelo negro Adão, fabricada em um alambique da capital. Para acompanhar, acaçá. A cachaça trazida era o que de pior existe. Pior, até mesmo, que o jeropiga, vinho ordinário servido no puteiro de Prazeres. Rejeitado até mesmo por Geó Carraspana, que recusou a oferta após o segundo gole: “Minha Nossa Senhora, mãe dos aguados, tenho dignidade e não me permito golar bebida tão miserável”. Após o jeropiga, o borracho começava a falação sem fim, não poupando ninguém, com anedotas e inverdades. Ao final, como de costume, dava-se por envergonhado, com cara de arrependido: “Vixe-Maria, quem sou eu?”.

O certo é que acredito não haver ser humano no mundo que ficasse em pé depois de dois goles da tal cachaça. Gotejo miserável. Dizia o negro que a cachaça fora presente de uma criada recém chegada à Fazendeira e que o gotejo era afrodisíaco. O acaçá servia para amenizar os efeitos devastadores da pinga. E, assim, eu fugia de pensamentos maçantes e de suposições não queridas.

À noite, a diversão ficava à cargo da casa de Prazeres. O bordel ficava lotado com a presença de freqüentadores ilustres,

como o doutor Antílio — médico da cidade, o juiz de direito, doutor Antônio Castro “Mordaça” (o gracejo surgiu após um veredito do magistrado), o Promotor de Justiça, doutor Paolo Jacobina, representante do Ministério Público nas comarcas de Itajumam, Riacho Alegre e Pedra das Antas, e vários coronéis. Também, o dono do Armazém de Itajumam, o velho Xevita — sujeito avaro de bigode grisalho —, que pechinchava até com as putas, além do redator da Folha, o muçulmano Graub, entre outros confrades de fé. O muçulmano era sem valor, só lhe prestando a filha Ratiche, uma boniteza de ver, quando não escondida sob o xador. Até Pança, o sacristão da igreja do padre Lorrán, dava suas escapulidas para a casa da cafetina. Pança era um católico fervoroso, mas só até o sino das dezoito horas. Após, dizia-se ateu confesso, por conveniência.

O codinome Pança surgira na quermesse do ano passado. O padre Lorrán apresentava o ex-seminarista à comunidade quando o negro Adão chegou. Fora impossível segurar a risadaria sem fim diante do espanto do escuro ao ver o tamanho da protuberância abdominal do sacristão. De fato, Pança demonstrava ter um apetite incomum. Em seus incômodos cem quilos, reservava uma boa sede pelo pecado. Várias foram as vezes em que o sacristão desrespeitara o celibato e caíra no pecado da carne no bordel de Prazeres. Bastava, para tanto, que o padre reduzisse a vigilância e que soasse o sino das dezoito horas, quando, então, transformava-se em ateu por conveniência.

Eu gostava de freqüentar o prostíbulo pela diversão que me proporcionava. Era engraçado, quando menos, ver os coronéis transformando-se em homens comuns, babando atrás das putas de Prazeres e gastando um punhado de cobre com elas. Ver Pança demonstrar seu estilo galanteador, diferente de quando estava na sacristia. Aquele mundo meio que promíscuo, meio que ingênuo, agradava-me, afora a relutância da velha Miru: “Um celeiro da sem-vergonhice”. Ali, eu estava para me

divertir. No bordel, o tempo passava sem que percebêssemos. O mundo que ali existia era diferente. A luxúria não era a única descontração da casa de Prazeres, disso eu estava certo. Naquele instante, por exemplo, eu ali estava, não para me deitar com qualquer das putas, mas sim para esfriar a cabeça fatigada de pensamentos ruins. Dançávamos ao som de sanfonas e bandolins. Às vezes, Lilica colocava uns boleros antigos e o bordel transformava-se em pura nostalgia.

Lilica era, na verdade, um verdadeiro maricas, homem que gosta de homem, coisa de estremecer. Não sei como, mas o certo é que o xibungo, contrariando as leis da natureza, gostava era de gente do mesmo sexo. Diziam, inclusive, à boca pequena, pela esquinas da vida, tratar-se de moléstia. Para mim era mesmo coisa de estremecer. “Antinatureza”, diria o velho Chico. Lilica era, sim, um m-a-r-i-c-a-s com todas as letras.

Morava com Prazeres e as rameiras. O tal xibungo era uma espécie de braço direito da cafetina. Comentava-se em Itajumam que ele tinha um caso com um fazendeiro rico da capital que lhe emprestara a carinhosa alcunha. Coisa de tremer só de ouvir.

Eu preferia mesmo as mulheres. Uma adoração sem fim. Não tem cabimento um homem de verdade verdadeira se bandear para o lado de outro homem, com tanta moça de saia rendada por aí. De qualquer forma, o frosô não era má pessoa. Apesar de adepto das fofocas e falações, como muitos outros, tinha um coração bondoso. Além de xibungo e tricoteiro, era casamenteiro que só se vendo.

O certo é que minha cabeça estava atordoada e aquelas fugidas faziam-me certo bem, afora o desgosto de Cinthia e dona Miru. Não sei se de uma forma coerente, mas eu atropelara, assim, a minha suspeição. Já não bastasse a “noite de chuva”, vinha Cinthia atormentar o meu juízo, consumido, antes, pela ausência de meus pais.

Muitas vezes, também, fui parar no Metediço. Resistia

muito em ir para lá, é bem verdade, por saber que a menina dos olhos de mel adorava aquele lugar. Disso tinha conhecimento por intermédio de Cinthia, em prosas e troca de confidências com a menina, de quem se tornara colega de classe, na escola do professor Miguel.

Minha irmã comentou, certa feita, que a menina dos olhos de mel e encanto gostava de banhar-se no rio. Contou-me, também, que ela era filha de um estrangeiro endinheirado, que viera à Itajumam fazer negócio. Cinthia chegou a dizer que muitos foram os convites da menina para ela ir à sua casa e que, apesar de rica, era muito humilde. Não sei se a impressão de minha irmã era fantasiosa, motivada por sua ingenuidade, ou se verdadeira. O certo é que a menina provavelmente era uma moçoila espevitada, tão comum em cidades grandes. O pai, o estrangeiro, deveria ser um cabotino safado. Conhecia pelo olhar de banda e pela cara ensebada.

Não dei ouvidos à prosa. Já ia saindo, sem demonstrar maiores interesses, quando Cinthia puxou-me para falar da conversa que tinha tido com ela. Minha irmã havia mostrado à menina uma fotografia que havíamos tirado com um retratista de Riacho Alegre e que guardara como recordação.

— Conhece o rapaz? — perguntou a menina, apontando para a fotografia.

— Claro, é meu irmão. — respondeu Cinthia instintivamente.

— É, é ... eu já o conheço, quer dizer ... — gaguejou a menina, mais parecendo Pepê.

— Quer dizer que a senhorita já conhece meu irmão? — indagou Cinthia, com surpresa, deixando a menina ainda mais desconcentrada.

— Eu só o conheço da ... acho ele, assim, educado ... — tornou a gaguejar a menina.

Não demonstrei interesse pela história, o que desapontou Cinthia, uma sentimentalista sem estribeiras. Mas

o elogio a encantou, pelo que abriu um sorriso sem pausa e escancarado. Confete que eu não esperava.

Esse negócio de querer bem, para mim, era frouxidão baldada. Na verdade, essas coisas melosas do coração não me enchiam os olhos. Cinthia é que era afeita a esses sentimentos. Os melosos, não os contidos. Mas se eu imaginasse tratar-se de fogo de menina-moça apelaria para a cinta e distribuiria safanões.

Para ser franco, eu tinha uma espécie de aversão a esses sentimentos. “Coisa de gente desocupada”, diria o negro Adão. Eu tinha mesmo era de ter gosto pela terra e pela labuta diária. Meus sentimentos seriam de uma inquestionável fidelidade às minhas terras, afora o chamego das putas. Às minhas terras eu reservaria a minha mais nobre atenção. Reservaria o meu tempo e o meu bem-querer.

Os outros sentimentos deveriam ser passageiros. Estes não nos angustiam nem se perdem pelo mundo, assim como a falta sem fim de meus pais. Coisa de precaução. Adoração mesmo, só depois do retorno de meus pais. Antes, não era aconselhável. Bastava aquela ausência a consumir meu peito e inspirar a minha reserva. Desgosto outro eu não toleraria.

10

O foguetório mal deixava a gente falar. A praça já se enchia com a chegada do prefeito e sua tropa de despojados. O padre Lorrán preparava, também, seu pronunciamento, ao lado do seu fiel escudeiro Pança.

Os fogos acusavam a presença do governador do Estado. Toda elite política de Itajumam, de Riacho Alegre, de Pedra das Antas e da capital estavam presentes. Só faltava mesmo o presidente, que estava às voltas com um “criador de casos”, um tal de Luís Carlos Prestes, prosa egressa da voz da burguesia. Assim a Folha Itajumense noticiava. Diziam até que o desaforado era comunista. Aqueles da bandeira vermelha. Parecia-me que o sujeito estava por trás daquilo que o jornal chama de “intentona comunista”. Coisa que só mesmo o professor Miguel para explicar. Para mim, eram todos farinha torrada na mesma casa.

Nesta hora, o botequim de Tonho deveria estar cheio dos fanfarrões de costume. Algumas das garotas de Prazeres, Tuquinha da Gerlande, Mineiro e o negro Adão certamente deveriam estar na festança, hedonistas que eram. Além destes, eu daria como certa a presença dos irmãos Caquinho “Juazeiro”, Petrônio “Salgueiro” e Oton “Petrolina”, filhos da costureira Artildes. Em cada cidade onde a miserenta montava seu comércio, arranjava um filho com um cabra diferente. A demora era embarrigar para buscar abrigo em outras terras.

Artildes perambulou pelo sertão afora, tendo filho em tudo que é lugarejo e, por fim, alojou-se em Itajumam. Por aqui não embarrigou, apesar do negro Adão jurar de pé junto que Tonho do Botequim era filho da parideira: “Não é Tonho do Botequim coisa nenhuma; Artildes tem filho em tudo que é canto deste sertão; uma filharada sem pausa; o daqui é Tonho, Tonho Itajumam”. A inconveniente e maldosa assertiva deixava Tonho do Botequim indignado.

O certo é que Itajumam jamais recebera tantas visitas ilustres. Presença do prefeito, Teolindo Araponga, com seu bigode vistoso, do governador, Antônio Dantas, nomeado interventor federal para o Estado da Bahia, do secretário da educação, doutor Agripino Barbosa, do juiz de Direito, doutor Antônio Castro “Mordaça”, do Promotor de Justiça, Paolo Jacobina, entre outros.

Comentava-se, na cidade, que a obra fora feita com verba federal, mas a pedido do governador, que anunciaria, naquela oportunidade, a construção de açudes e de uma grande represa em Itajumam. A obra fazia parte de um projeto daqueles do tipo “engana-besta” que o governo fazia para brindar a população. “A política do pão e circo, de raízes históricas”, dizia o velho Chico, em prosa de valor.

Na casa de dona Miru, mal se escutava o rádio e não demoraria a começar o bombardeio de discursos. Nosso estimado prefeito fora o primeiro, com extremo mau gosto, o que não me pareceu inovação: “Queridos itajumenses, queridas itajumanas; é com o coração pulando como um macaco, gritando como um periquito e ventando como um porco, que estou aqui neste palanque acompanhado de meus correligionários e com a bênção dos santos protetores”.

Eu já imaginava aquela figura da grossura de uma cobra, coçando o seu volumoso bigode e falando meia dúzia de bobagens. A voz do miserento parecia que ia quebrar as vidraças, tão aguda que era.

Seu Teolindo até que era gente de estima. Filho de Seu Teófilo e de dona Olinda, ganhara este nome do avô, numa tentativa grotesca de cruzar os nomes dos seus pais. Nascera longe da caatinga e se mudou para Itajumam ainda cedo. Não era o que se pode dizer de moralidade em pessoa. Mas o bigodudo até que era simpático, não há que se negar.

O certo é que eu já não mais agüentava as suas preleções. Lilica era quem sempre organizava os festejos do prefeito. Trazia charanga, vestia saia e fazia dos comícios uma verdadeira balbúrdia, bem ao gosto do alcaide.

Falava-se, no meio político, que o próximo governador seria um tal de Landulfo Alves. Talvez, por isso, é que o coronel Antônio Dantas viera à Itajumam para se despedir do mandato. Para mim, aquilo tudo era um teatro de má qualidade e a diversão mesmo era o frenético discurso do nosso prefeito e as xibunguices de Lilica.

A algazarra tomava conta da cidade. De dentro de sua cozinha, a velha Miru provocava, dizendo-se velha para agüentar toda aquela gritaria. O certo é que o prefeito tinha predileção pelas fanfarrices, o que custava pouco e lhe rendia muito.

Cheguei na praça aos pulos, correndo atrás de alguma coisa que nem eu mesmo sabia. “Quem corre atrás do desconhecido acaba consumido pelas surpresas”, advertia a velha.

Passsei os olhos no palanque e reparei que o prefeito ainda tagarelava. O codinome Araponga era perfeito para Teolindo. A voz aguda e a eloqüência no falar faziam lembrar, por certo, a ave. Ao seu lado, o governador e duas dezenas de seguidores. Acenei para a filha do prefeito de Riacho Alegre que estava ao lado do pai e da tropa política da cidade.

Outro traço marcante do prefeito era a sua incomparável deselegância. Trajava uma camisa de tecido grosso e ordinário, de coloração acentuada, com um fraque de cor distinta e, ainda por cima, uma gravata de ridículas bolinhas.

Teolindo Araponga discursava ao lado de sua esposa,

que se vestia, também, com uma deselegância de arder os olhos. Portava um chapéu de baeta com detalhes grotescos e espalhafatosos. Trajava um ridículo vestido de gabardina acizentado, enfeitado com indiscretas formas arredondadas.

Naquele instante, o prefeito prometia, entre outras coisas, criar uma volante especial para perseguir Lampião. Citou, inclusive, e não se sabe como, exemplos estrangeiros, invocando, por exemplo, o lendário Búfalo Bill Cody.

Tentei localizar alguém. A praça estava lotada de curiosos e até para andar era difícil. Dona Miru mais uma vez tinha razão. O tal do Teolindo era um loroteiro da pior qualidade. Não tinha cabimento ele dizer que enfrentaria até Lampião pelos interesses municipais. Sujeito de poucos atrativos físicos, Teolindo fora castigado pela magreza e frouxidão. “Só de ver Maria Bonita já estaria todo cagado”, comentavam os linguarudos.

Ouvindo o heroísmo exacerbado do prefeito e me espremendo na multidão, foi que encontrei Cinthia. Eu não tinha mesmo vontade de falar com minha irmã, consumido que estava pelas minhas certezas e, por isso, preferi ignorar a sua presença, saindo pelo outro lado da praça. Alguma coisa, porém, inexplicavelmente, me fez mudar de idéia. Retornei ao meu antigo percurso e parti ao encontro de minha irmã. Andei alguns metros e, involuntariamente, baixei a cabeça. Mesmo tentando disfarçar, Cinthia não impediu que eu visse a sua mão a segurar a do filho do coronel Clemêncio Barroso, o miserento Julinho, o que já seria suficiente para que poeira subisse e sangue jorrasse.

A raiva fora tão imensa que nem reparei a presença da menina dos olhos de mel e encanto, a menina do choro e dos gemidos. Franzi a testa, respirei e parti de volta para a pensão. Cheguei a pôr a mão no punhal que me acompanhava. Pensei em furar o desgraçado e lhe cuspir a cara, afora os sopapos distribuídos no barro. Esse tipo de desrespeito se cura é na

ponta da faca, capando o miserável. Porém, mais uma vez, uma força desconcertante e inominável me fez mudar de idéia. Preferi, de fato, bater em retirada.

Ainda assim, pude perceber os trejeitos de regozijo do miserento Julinho, o que me consumiu o juízo e motivou a vingança. Seu pai, coronel Clemêncio Barroso, estava no palanque para empestear ainda mais o ambiente.

Ceguei na pensão com a cabeça fervendo e corri em direção ao quarto. O armário de jacarandá foi aberto num piscar de olhos. Já em cima de um tamborete, puxei a caixa de balas. Armei uma carabina Winchester de alavanca, que havia comprado na mão de um coiteiro, e guardei sob o terno surrado. Já estava a sair pela porta, contrariando aquela força estranha que me puxava para o quarto, quando a velha ordenou com rispidez:

— Volte já para o quarto, rapaz!

Olhei-a encabulado, ainda tentando ir ao encontro do safado.

— Eu vou assistir ao discurso, dona Miru — amenizei.

— Pensa que eu sou besta, rapaz? Minha idade não é indicativo de que estou broca. Você não quer ver aquele merdica de prefeito falar um bocado de caraminhola. Você está é pretendendo fazer besteira. Já para o quarto! Respeite os meus cabelos brancos, senão faço o que nunca mais fiz e lhe dou umas boas palmadas.

Inverdade a afirmação da velha, chegada à educação do tamanco. Dava-se motivo e víamos um festival de pancadas: cocorotes, cintadas e palmadas. Mas, confesso que jamais havia visto a velha com tamanha apreensão. Nem se fale da rigidez, posto que dos seus olhos pareciam sair faíscas. Parece-me que ela já previa o acontecido, ainda mais se fosse para advogar em favor de Cinthia. Coisa de presságio.

A verdade é que eu estava abalado. Sentei-me à cadeira de balanço e acreditei ter sido correta a atitude da velha. Dona

Miru aproximou-se lentamente, afagando meus cabelos.

— Filho, o nosso bom Deus há de te proteger. Mas por que tamanha preocupação?

Por mais que gostasse da velha, nunca foi próprio de mim extravasar sentimentos. A tal transparência que ela exigia de Cinthia. Sempre preferi, nesses momentos, a solidão ou a esbórnia, afora o gotejo. Apertei as mãos da velha e, ainda franzindo a testa, tentei desconversar:

— É mesmo um porre o besterol do prefeito, dona Miru.

— Um mandacaru poderia acreditar que é só isso, filho. Eu não nasci ontem. Meus oitenta e mais alguns anos ensinaram-me muito. Sempre estaria ao seu dispor, mas você lembra muito teu pai. Sempre prefere ficar calado ou ficar por aí, na vadiagem.

A velha tinha razão. Porém, alguma coisa impedia que eu desabafasse com alguém. Agradei a estima e levantei da cadeira.

— Cinthia ainda é muito novinha; tenha paciência; nada como o tempo — ponderou a velha, demonstrando saber mais do que se acreditava.

— Prometo não retornar à praça — asseverei, após a velha me obrigar a empenhar a palavra.

Voltei e lhe desferi um beijo no rosto. Gesto de agradecimento, recomendado pela boa educação. Corri para meu reduto, ao encontro dos deuses. Queria deitar-me à beira do Metediço, banhar o meu rancor e tentar esquecer um pouco aquela ingratidão de minha irmã. Nesses momentos, eu não queria ninguém ao meu lado, assim sempre foi. Preferia ficar no mais completo isolamento. Tinha de pensar. Talvez uma sova resolvesse o problema. Caso minha irmã não me obedecesse, restaria a sova. Quanto ao miserento, melhor castigo seria capá-lo. Mas tudo mereceria uma reflexão.

Já perto do Metediço, porém, pressenti a presença de alguma pessoa. Não sei de quem se tratava. Talvez de meus pais, é o que eu sonhava. O certo é que havia alguém ao meu

redor. Olhei atentamente. Puxei a faca que trazia comigo temendo tratar-se de uma emboscada. Indaguei a presença do intruso. Nada. Provavelmente seriam espíritos. Eles aparecem quando menos esperamos. Prosa do velho Chico, sinestésico até a alma.

A caminho do Metediço, percebi uma luminosidade sem fim ao meu redor, diferente das lamparinas e velas que havia deixado para trás. Pensei estar atordoado. Vi a imagem de uma menina linda a bailar nos céus. Imagem esta que me transmitiu uma certa paz, mas que eu não soube interpretar. Talvez não estivesse vivendo uma realidade, quem sabe, um sonho. Pensei, também, em meus pais. Percebi que alguma coisa de positivo estivesse por acontecer. Naquele instante, eu gostaria de ficar sozinho. Caso algum espírito sobrevoasse o meu horizonte, que soprasse a existência de um bom acontecimento por vir. Eu estava andando e sonhando, talvez anestesiado pela amargura sem fim. Não importa. Naquele instante, até ver espíritos e imagens era válido.

Talvez essas visões fossem frutos das circunstâncias. Talvez não. Não se sabe o que se passa no outro mundo. Quem sabe fossem avisos, premonições? Eu não acreditaria, nem desacreditaria.

A miragem que se fazia presente era um reflexo de luz. Coisas encantadas e que o homem não sabe explicar. Prosa de gente iluminada. Talvez a minha humilde imaginação fosse a fonte criadora. Quiçá, a vontade de crer em alguma coisa, amar e ser amado. O Metediço tinha dessas coisas encantadas. Ali eu estaria iluminado e abençoado pelo luar do sertão, que haveria de ser, por certo, a minha resignação. A minha estrada de luz começaria, certamente, pelo Metediço. Ternura natural. Coisa de familiaridade.

As luzes sempre me impulsionavam em direção ao rio, afluente do Riacho do Navio e do Pajeú. Era como se fosse por gosto divino. Aprendi a entender essas significações com

o velho, para quem a natureza tem todas as respostas que desejamos obter. Temos de absorver os símbolos. O Criador apresenta as indicações e nós temos de interpretar. A estrada de luz é oferecida. Basta-nos encontrá-la.

Deitado, metade na areia, metade sob a água, tratei de respirar. Não podia entender o motivo daquele romance. O suor lambia meu rosto juntando-se, posteriormente, à água. Cinthia não tinha o direito de fazer aquilo. Eu tinha a certeza, dentro de mim, de que, desde aquele dia, eu não seria o mesmo com minha irmã. Aliás, há um bom tempo eu já não conseguia ingerir aquela história, ao menos nos meus pensamentos e desconfianças, cultivados nas madrugadas sem sono.

Confesso que diversas foram as vezes em que pensei no pior. A todo instante via-me perto de dar um fim à vida daquela família de abutres. Gente sem valor, de sangue burguês. O mundo está empestiado desses trastes. Vontade foi o que não me faltou. Coisa de precipitação. Minha peixeira, sempre a acompanhar-me, amarrada à calça, dia após dia era amolada, fazendo-se reluzir como prova da amolação. Oportunidade para mandar o coronel e seu filho miserento para onde o coisa-ruim dorme não me faltou. Bastava um único comando para que eu solucionasse o problema. De cabra safado o mundo está cheio. Não sentiria falta de dois desinfelizes. Não me custava sovar os safados. Quem sabe, capar o miserento.

Como esquecer o dia em que eu voltava da casa do velho Chico e, por pouco, não tombei em uma emboscada? O fato se deu quando um peito-largo encarapuçado pulou, na

covardia, sobre minhas costas e, por pouco, não passei desta para melhor. Havia um homem espiando o acontecido e só não descobri de quem se tratava, porque estava uma escuridão que só vaga-lume para contar. É claro que deveria ser o coronel Clemêncio. Reconheci mais tarde a capa de lona sob a qual se protegera. Ainda tentei ir ao encontro do miserento, mas só deu mesmo para sangrar o matador, um mulato conhecido como “Trombeta”, e, ainda assim, sem que atingisse as tripas. João “Mata Cem” saiu incólume. Nenhum arranhãozinho para contar a história. O velho Chico já me havia alertado para a possibilidade do acontecido, por conta de que o coronel Clemêncio Barroso não engolira o fato de sua rapariga predileta não esquecer os meus mimos e companhia.

Na primeira emboscada que sofri contei com a ajuda do velho. Saíra de sua casa às escuras, mas, por insistência dele, fui por caminho adverso e em sua companhia.

Lembro que provoquei muito, por causa desse protecionismo:

— Agora só me faltava essa, velho: andar sob escolta e vigilância.

— Dileto e birrento moço de intrepidez impensada, as corujas não asobiam assim, sem mais nem menos, sem motivos ou aparências — sentenciou.

Mas o velho era assim, misterioso e astuto. Interpretava a natureza, procurando entender seus símbolos mais significativos. Às vezes, eu achava que ele conversava com os animais, tamanho entrosamento e costumes. Pensei até que o velho estivesse com o juízo mole, tal qual o negro Adão. Dizia ele que os bichos sempre estavam a balbuciar coisas. Prosa estranha, acho por bem confessar.

O certo é que eu só não fui atocaiado por causa do repente do velho. Mandei de presente para o coronel dois dentes do capanga, como prova do acontecido, para que não se metesse mais a besta. Só não sei qual o capanga que ficara

desdentado: João “Mata Cem”, Antônio “Arranca Tripa” ou “Trombeta”. Na próxima, mandaria as tripas.

* * *

Eu havia deixado a festança para trás. Teolindo certamente já havia proclamado o começo da festa que se aproximava. Pensei seriamente em fugir para as minhas terras. Eu não gostaria de rever aquele teatro risível, promovido pela insensatez de Cinthia, que se perdeu na ingratidão. Olhei para o céu a desabafar com nosso bom Deus. Em que terras estaria meu pai? Minha mãe, por onde andaria?

Passsei bom tempo a lamentar-me, sem que prestasse atenção ao meu redor.

Levantei-me, desde já retirando o excesso de roupa para a ocasião. Depois de pôr a calça e o terno sobre uma das enormes pedras que cercavam o rio, pulei nas águas já mornas do Metediço. Só não me banhava nu, como vim ao mundo, porque respeitava a vontade de dona Miru. A velha tinha uma crença besta, pela qual o rapaz que toma banho nu em um rio tende ao desfrute com outro de sua espécie. Talvez tenha sido essa a causa verdadeira da descaração de Lilica.

À noite, começariam os festejos do São João. As devotas do santo faziam, ano a ano, procissão antes da festa. A igreja ficava lotada nessas ocasiões. Eu sempre acompanhava o episdio de longe, sentado no botequim ou no Armazém. Era engraçado ver Pança suando feito um cuscuz, molambento, mas dedicado às causas eclesiásticas. E o padre Lorrán mal sabia das escapulidas de seu sacristão à casa de Prazeres. Pança era um católico ferrenho, mas só até o sino das dezoito horas. Após, virava ateu por conveniência.

Não sei o que consumia mais o meu juízo: se a ausência de meus pais, o fogo de menina-moça de Cinthia ou se a

lembrança persistente da menina do choro e dos gemidos. O certo é que minha cabeça estava atordoada, essa é uma verdade, para contornar as minhas fantasias. Voltei a sentar-me à beira do Metediço. Agora, eu estava só com a cabeça ao vento. O corpo banhava-se sob as águas mornas do São Francisco. Minha insatisfação com a vida era tamanha, que mal percebi a aproximação de alguém. As almas e espíritos se encarregaram do recado. Não entendi, talvez. Perceber a presença estranha era tão complicado como desvendar os encantos cercados de arcanos que a vida nos proporciona. A parte oculta que outros, como o velho Chico, tão bem conheciam. Eu era um leigo, não tinha o dom do conhecimento, da profecia. Coisa de gente mal moldada, sem traquejo e sensibilidade.

O certo é que lá estava a menina dos olhos de mel e encanto, a do choro e gemidos, a filha do estrangeiro. Estava ali com a cabeça voando, perdida em pensamentos, enquanto os periquitos e os passarinhos faziam um balé perfeito no céu. Aquele teatro era que me satisfazia. Talvez um aviso. O outro teatro, no qual a protagonista era minha irmã, só servia para me comer a paciência e me deixar na amargura.

Quando percebi a presença quase que divina da menina, já não havia tempo. O corpo praticamente despido tratou de envergonhar-me ainda mais. A menina estava com um vestido florido, estampando no rosto um olhar que transmitia alegria e piedade. A menina falava com os olhos e tinha o olhar de encanto, como já há muito havia reparado. Os cabelos bem cuidados voavam como os periquitos e os passarinhos. Os olhos cor de mel estavam apertados, protegendo-se do sol. A sensação de docilidade que aquela menina me passava era inimaginável, afora a minha relutância em aceitar essa verdade. “Muitas vezes corremos da verdade como o diabo da cruz”, dizia a velha Miru.

Confesso a minha carência, motivada pela ausência de meus pais e pelo fogo de menina-moça de Cinthia. Mas

a feição da menina dispensava qualquer espécie de desculpa, hei de reconhecer. Uma frouxidão dos diabos, tal qual o sentimentalismo desmedido de minha irmã. Os lábios cor da pele permaneciam cerrados e trêmulos, dando-me a impressão de querer falar alguma coisa. Tentei ser mais forte que o sentimento. Demonstrar uma coisa que nem de longe sentia. Admito minha fraqueza diante de tamanho encanto. Uma frouxidão de dar dó. Não sei se momentânea ou se permanente. Mas a menina tinha os olhos de mel e encanto. Coisa pior que feitiço.

— Posso retribuir a sua atenção no dia da chuva? — perguntou a menina, sem que eu nem mesmo escutasse.

— O quê? — tentei desconversar, involuntariamente.

— Achei você triste e pensei em lhe fazer companhia. Por isso, esperei que você aqui viesse — falou a menina, utilizando-se de palavras educadas.

Fechei os olhos, respirei fundo e me levantei, pronunciando poupadadas palavras:

— Perdoe a vestimenta, senhorita, e obrigado por sua atenção, mas acho que já vou partir.

Levantei-me, sentindo uma certa decepção nos olhos da menina. Não me importava. Eu precisava retornar à casa da velha Miru. De fato, as outras moçoilas não me encantavam, afora o chamego e a adoração. Com a menina era diferente. Parecia feiticeira, cheia de sentimentos e amores. Eu tenho certeza de que foram os olhos e o perfume. Verdadeira praga. O perfume que entranhava e os olhos de mel e encanto.

Parti em retorno à Itajumam, preferindo nem olhar para trás. Chegando à casa de dona Miru, a velha esperava-me para um diálogo.

— Gostaria de saber o motivo de sua irmã ter chorado a tarde inteira? — indagou-me demonstrando certa apreensão.

— Chorar faz bem, dona Miru — respondi, franzindo a testa e demonstrando estar para poucas palavras.

Entreí no quarto, tomei banho e fui para a esbórnia.

Talvez não exista uma causa significativa na birra que eu mantinha com o coronel safado e seu filho miserento. Talvez existam até mesmo várias. Não sei bem ao certo. Porém, o nascedouro da desunião certamente tem raízes na casa de Prazeres, com a troca de sopapos que mantive com o coronel Clemêncio Barroso. Ainda, a intromissão familiar gratuita do seu filho Juliinho, que se servia da ingenuidade de minha irmã para cultivar a discórdia. Relembremos certos acontecidos.

Afora o problema criado com Tafynha, na casa das putas (já lembrado), a birra foi ganhando dimensões incomuns. O certo é que motivo para tanto eu tinha. O miserento tem o caráter do tamanho de um besouro e por pouco não mancha a reputação minha e a do velho Chico.

Certa vez, em Riacho Alegre, o boato que atravessava a cidade e já corria sertão adentro falava da existência de um sujeito que andava espalhando malfeitos pelas terras nordestinas. Muitos diziam ser arte de Lampião e bando; outros atribuíam os acontecidos a alguma alma penada ou criatura estranha que viera à terra atemorizar os mortais. “Alma penada não assusta; o mesmo não se diga de cabra safado”, dizia o velho Chico.

Crendices à parte, o fato ganhou certa repercussão, principalmente, depois que o filho de um fazendeiro em bancarrota — o coronel Muniz da Matta — apareceu pendurado numa árvore, nas proximidades de Riacho Alegre. Os

bisbilhoteiros comentavam que o finado entregara sua alma aos céus com uma faca atravessada no peito. Os comentários rondavam a região e não se falava em outra coisa em Itajumam. Muitos tentaram explicar o episódio, mas, de concreto, nada foi estabelecido.

Alguns desconfiavam de que o rapaz era um homem de postura afeminada, tal qual Lilica, capaz de tudo para satisfazer o vício, e poderia ter sido abatido por algum xibungo enciumado. Tratava-se de mero falatório dos oportunistas, que nem ao menos respeitavam a memória do falecido. E o pior é que as autoridades locais não se mostravam afeitas às averiguações. “Por aqui mal se consegue desvendar briga de marido e mulher que, convenhamos, todo mundo acaba sabendo”, provocava a velha Miru.

Em Itajumam, o fato ganhou ainda mais comentários quando o pobre Tuquinha da Gerlande fora atacado, em plena caatinga, por um desconhecido. O engraçado foi que — contava a vítima — o agressor desistiu de consumir o malfeito ao ver a cara do pobre.

Tuquinha dissera para toda Itajumam, depois de beber dois contos de réis com Oton Petrolina, que havia, inclusive, acertado uma paulada na mão do miserento, que segurava uma garrucha e uma faca. A veracidade da história era questionada por muitos, mas eu, no fundo, acreditava no pobre. Tuquinha não era homem de contar inverdades, era casto e de fala mansa. Além disso, o próprio episódio não lhe traria qualquer benefício.

Aos poucos, a falação foi perdendo consistência, mas o fato não me parecia fácil de esquecer. Nem para mim, nem para o velho Chico.

Em conversa com o velho, questionei a possibilidade de ser arte de Lampião.

— Velho, sinceramente, eu não acredito que fora Lampião. O cangaceiro já deve estar em outro Estado. Nunca mais

nos deparamos com volantes por aqui. Os “macacos” quase que desapareceram. Há, inclusive, notícias de que o seu bando já tenha alcançado Triunfo e partira em direção às Alagoas.

— Não se trata de Lampião, nem tampouco de gente de outro mundo. Isso é coisa de algum miserento, coisa feita por vingança — comentou o velho, olhando as estrelas que, naquele dia, formavam figuras interessantes.

— Vingança? — indaguei.

— Acredito que sim — balbuciou o velho.

— Mas quem poderia querer vingar-se de Tuquinha, um pobre coitado desnutrido e magricela? Tuquinha só não é mais magro, aqui na região, que o pai da vítima — voltei a falar.

— Talvez não tenha sido ele, mas o pai da vítima, o pretendido. Talvez ... talvez ... Claro que deve ser isso, não era Tuquinha que deveria ser abatido — acrescentou o velho.

— Então quem seria, velho? — perguntei, sem conseguir acompanhar o seu raciocínio.

— Larga de ser troncho. Não foi você mesmo que comparou as semelhanças físicas?

Agora eu havia entendido. O pretendido deveria ser o pai da vítima, o coronel “da Matta”. Continuei a conversar com o velho que se mostrou competente em investigação.

— Vê isto? — indagou o velho, apresentando-me um pedaço de madeira que, provavelmente, se desprendera de uma peixeira qualquer.

— Que tem isso de especial?

— Eu achei no local em que Tuquinha fora atacado. Percebe as iniciais?

Continuei sem entender o significado daquele pedaço de madeira. Mas como não queria ser chamado novamente de bronco, fingi compreensão.

— Pode ser uma pista, velho.

— É claro que é uma pista. Repare estas iniciais — ordenou o velho a perder a paciência.

— CAB — soletrei, segurando o objeto.

— Alguma sugestão?

— Não será de Casa Almeida Braga? — questionei, demonstrando não ter afinidade com devassas. — É, velho, os Almeida Braga têm um comércio lá em Riacho Alegre — continuei, proferindo aquelas palavras e achando que iria receber um enorme elogio do velho. Elogio fácil, é bem verdade. Coisa que não tolero.

— Larga de ser troncho. Os Almeida Braga têm é um armarinho que, certamente, não vende peixeira — bravejou o velho, decepcionando-me.

— Quem sabe, daquela velhinha que mora perto da prefeitura, a senhora Cisleide Almeida Bandeira? — indaguei, achando agora ter sido brilhante.

— Eu não sei onde anda o seu cérebro. Primeiro, não modifique o nome de dona Sisleide. É com “S”, “S” de sem vergonha, seu desmiolado. E, segundo, uma velha que mal consegue andar não atacaria Tuquinha, por mais desnutrido que o pobre fosse.

— Eu não abro mais minha boca, velho. Reservo minhas idéias para as peijas que mantenho com gente sem valor, tal qual o coronel Clemêncio, que ...

— Claro, é claro. Você é demais — interrompeu-me o velho, sem que eu nada pudesse entender. — Preste atenção nas iniciais — bravejou novamente.

— Viu só, velho ingrato? Eu sou cabra de sangue bom — comemorei, encenando por conveniência.

— Foi ele, o coronel Clemêncio Antônio Barroso.

— Eu também penso assim. Foi o miserento — clamei tentando disfarçar o repente, porém cheio de orgulho pela inusitada descoberta.

— Eu sabia que você não me decepcionaria. Ave Maria, pai do céu, benza Deus, que cabra inteligente! — elogiou o velho, com inescondível sarcasmo.

A prosa serviu para eu educar o raciocínio. Eu gostava daquele tipo de prosa. Coisa de gente afeita aos estudos. Prosa comum entre os intelectuais.

Depois da investigação e do diálogo, faríamos às vezes, agora, de servidores da lei e dos bons costumes. “Nossa prosa foi similar às travadas pelo averiguador britânico Sherlock Holmes e seu inseparável amigo, filho de Apolo e de Corônis, o medicador Watson”, gabou-se o velho Chico.

* * *

Depois de descobrirmos o autor dos malfeitos, não poderíamos ser omissos com o acontecido. Por mim, aquele safado deveria ser julgado pela justiça divina, com a ajuda dos homens e de uma boa coça: três dias e três noites no tronco. Mas o velho Chico não se fez adepto do meu pensamento. Eu concordei com ele, por não poder ser diferente. Coronel é coronel e força igual só mesmo a do padre.

O pobre coitado até de maricas fora chamado. Imagine como sua alma não deveria estar desconsolada. Enquanto isso, o culpado ficava por aí se exibindo sobre o lombo de seus cavalos de raça, muitos comprados com dinheiro amaldiçoado.

Fomos, dias depois, à delegacia da cidade, e quem nos atendeu foi um sujeitinho pernóstico que se dizia delegado da lei. Eu não conhecia a figura, de codinome Lombriga. Ganhara esse gracejo, provavelmente, pela semelhança que guardava com o verme. Usando uma vestimenta desapropriada para o cargo que ocupava — um burlesco chambre de tecido grosso — e detentor de um físico motivo de pilhérias, não amedrontaria nem uma cabrita recém-nascida, foi a minha certeza.

Percebendo nossa presença, o delegado levantou-se de sua nada confortável cadeira, demonstrando um cansaço inexplicável e começou a prosa numa algaravia sem fim:

- Qual é o problema?
- Queremos fazer uma denúncia, seu doutor delegado
- respondeu o velho, exagerando nas formalidades.
- Doutor nem de branco nem de preto. Não tá vendo que este desinfeliz nem falar sabe? — cochichei, provocando o velho.
- Sejam bleves por favor.
- Desculpe, reverência e excelência. Sabemos que o vosso tempo é precioso — ironizei, sob o olhar de reprovação do velho.
- Seu doutor delegado, nós sabemos de quem se trata o sujeito que pendurou o filho do coronel Muniz depois de entregar a alma do pobre aos céus — começou o velho, já a se benzer.
- Continue noble amigo — interrompeu o delegado, tentando mostrar afinidade com a gramática.
- Nós podemos provar que o autor do malfeito foi gente deste mundo e não alma penada.
- Seu Flancisco, existem certos episódios em que a omissão do autor é a melhor solução para o caso — interrompeu o delegado, apurando ainda mais o vocabulário. — Muitos já sabem o mesmo que vocês dois, porém acho mais pludente que vocês também ignorem o acontecido, pelo bem das palavras ou pelo mal das barras de ferro.
- O senhor está querendo dizer que já sabe quem é o autor do malfeito e vai fingir que nada está acontecendo? — indagou o velho, de imediato, arregalando os olhos com espanto e desdém, emitindo a impressão de querer partir para cima do delegado.
- Eu quero dizer que quem acha o que é certo ou errado por aqui sou eu, que tenho a lei ao meu serviço.
- Olhe aqui, senhor Minhoca, doutor de lei, estou tomado pelo assombro e indignação — esbravejei, trocando a alcunha do delegado.
- Eu o repreendi, não sei se por instinto ou indignação.

Mas só incriminei o delegado, aos berros, porque sabia que ele tinha rabo preso e não podia revidar. Além disso, tinha jeito de ser cabra frouxo, afora a magreza, que não lhe permitia agüentar mais que dois sopapos. Mas não deixou de ser uma atitude precipitada e arriscada o deboche, acho por bem confessar. “Prestígio igual ao do delegado, só mesmo o do padre, depois dos coronéis”, dizia a velha Miru.

Consumida a verdade, depois do caso passado, o melhor a ser feito era a resignação, afora o esquecimento. Não se fazia interessante lembrar a existência de coronel, delegado e um monte de desonrados que cruzavam terras nordestinas. Não iria adiantar muito insistirmos na punição de um coronel opulento, cheio de cobre e nome, e que comprava uma autoridade por qualquer vintém. Talvez por isso, eu e o velho amargamos aquele desgosto, que nos foi imposto pelas posses e nome de um desinfeliz, afora a frouxidão do delegado. Isso nos foi imposto goela abaixo, sem direitos e alardes. “Não nos bastam os bons sentimentos, se nos faltam o vintém e o nome”, alertava a velha Miru.

Lembro-me de certa feita, inclusive, em que o doutor Dummond, homem adepto das práticas forenses, em visita à nossa cidade, fez breve comentário às leis vigentes. O causídico, orador de primeira, golador de segunda, toda vez que se encontrava borracho apelava para o discurso improvisado: “A Constituição do Estado Novo, meus irmãos itajumenses, projeto de Francisco Campos, foge à verdadeira acepção de justiça e é por isso que as imperfeições jurídicas perdurarão por muitos e muitos anos; não bastam os ensinamentos de Rui Barbosa, Teixeira de Freitas e Clóvis Bevilacqua, se existem os corruptíveis e os amedrontados”.

O certo é que a lei é única e serve para todos. É inegável. Mas se interpreta conforme a conveniência. Além disso, as leis existem nos textos e, para se concretizarem, necessitam do arrojo de alguns, como o delegado Lombrega, por exemplo.

“O texto da lei é morto, não chora nem sorri; só ganha vida pela vontade de alguns, e este é o problema”, dizia o causídico.

O certo é que a minha honra estava acima de qualquer coisa, única riqueza, e eu e o velho não tínhamos opções. “É ver, ouvir e calar”, sentenciava a velha Miru, perdida na sabedoria de suas palavras. Preferimos, assim, garantir as nossas reputações, ainda que a contragosto, pois o delegado ameaçou nos incriminar. O certo é que o coronel havia mais uma vez vencido. Tinha cobre e nome. Essa era a sua virtude e não precisava de outras. A lei dos homens não iria importuná-lo e ele não iria pagar pelos seus malfeitos, ao menos por estas bandas. Era coronel e isso bastava, pois o delegado se encarregou de pôr termo ao acontecido.

A verdade é que minha ignorância foi, aos poucos, sendo vencida por uma forte vontade de aprender e estas prosas de valor muito me ajudavam. Muito disso teve início, também, quando do encontro com o velho Chico. Já naqueles idos, guardava comigo uma enorme vontade — talvez obsessão — de entender um punhado de coisas que eu não compreendia. Vontade não me faltava. Gostaria de entender coisa significativa, como política e história, além de aritmética, que já dominava. “Meu irmão faz conta como ninguém e nem mais precisa dos dedos”, compenetrava-se Cinthia. O certo é que até para fazer suposições, devemos ter conhecimento. Caso contrário, vira falação, coisa de gente desocupada. Até nos casos comuns e alheios, devemos ter conhecimento para que possamos nos manifestar.

O fato é que, conforme diziam os doutos, até para tecer algum comentário a respeito de terceiros, o bom estilo recomendava conhecimento e precaução. Se não conhecermos o fato em detalhes, o melhor caminho é o silêncio, por respeito e conveniência. Caso contrário, incorreríamos no mesmo erro da beata dona Adelaide e tantos outros afeitos às falações.

Mas o mau caratismo do delegado não era falha isolada. Além de safado e comprometido com a burguesia, o miserento também era extremamente espalhafatoso. Beirava o grotesco. “É um doidivanas”, manifestou-se dona Miru. “Uma tripa de gente”, pilheriou Cinthia.

Certa vez, houve uma inevitável contenda entre Caquinho Juazeiro e dona Adelaide. O bode Aristides, animal de estima de Caquinho, passou a comer os arbustos do quintal de dona Adelaide, comadre de dona Miru. A beata era uma praga com a língua, tal qual Geó Carraspana e o negro Adão, e criou uma azuação sem fim por causa do bode. Disse que só se contentaria quando o bode estivesse “atrás das grades”. A contenda terminou na delegacia, com a intervenção do controvertido delegado Lombriga.

O miserento pôs fim à pendenga, em meio ao Deus-nos-acuda criado, numa algaravia sem fim, com uma decisão aberrante e inusitada: mandou prender o bode Aristides, para desespero de Caquinho Juazeiro.

— O meliante se encontra em flagrante delito — esquivou-se o delegado.

Caquinho se mostrou indignado com o destempero do agente e se perdeu em prantos e berros:

— Vão levar o meu bode Aristides para a mucura³, santo Deus.

A prisão do bode revoltou a cidade, que montou vigília em frente da delegacia. Caquinho Juazeiro tentou fiança e livramento, mas precisou mesmo contar com os préstimos do promotor Paolo Jacobina, que se mostrou sensível à causa do bode e apelou para o habeas corpus. O juiz de direito, Antônio Castro “Mordaça”, também se mostrou sensível e determinou a expedição de alvará de soltura em favor do bode.

³ Cadeia pública

Quanto ao filho do miserento, o tal do Julinho, minha birra acentuara, quando do rodeio em Itajumam, afora o cerco à minha irmã, que me consumiu o juízo para desespero da velha Miru: “Este moço, filho do coronel, parece ter predileção pelo perigo e despeito pela sorte”.

O coronel Clemêncio, homem de posses que era, tinha uma grande fazenda, onde criava mais de mil animais, entre cabras, bodes e carneiros. Para comemorar as posses, ele e um bocado de outros afortunados promoviam um grande rodeio na cidade. Era coisa de gente endinheirada mesmo. Regado a cachaça da melhor qualidade, carne de tudo que é bicho, muito animal bravo, música e muita moça prendada. Gente de tudo que é lado deste sertão de meu Deus.

A rivalidade entre os coronéis era para saber quem empregava o melhor amansador de burro bravo da região. Havia o Zequinha “Amansa Burro”, criado do coronel Tarcísio Botelho, Pedroca, da Fazenda Milheiros, e outros tantos.

A grande maioria, entretanto, não conseguia chegar ao objetivo final: enlaçar e amansar o burro brabo.

O público fiel ao rodeio era grande e a festa atraía a curiosidade de toda a região. A rivalidade, por sua vez, era o tempero da festança.

Naquele ano, o miserento havia adquirido um burro de nome Leão, afamado pela valentia e pelo trote. O coronel, que tinha o melhor amansador, desafiou a todos, inclusive a platéia, a uma aposta: quem rendesse o burro ganharia cobre e prestígio.

Muitos tentaram. Mas os estragos foram inevitáveis: Oton Petrolina cuspiu um dente; Tuquinha da Gerlande tomou um solavanco que lhe rendeu a rouxidão de meia cara. O certo é que o animal era um demônio. Ziguezagueava como nenhum outro.

Até aí, tudo na mais perfeita ordem. A contenda ganhou forças, quando da insistência para que eu fizesse uma tentativa. O negro Adão quase voa quando montou no burro, comendo barro no chão para o desvario de quem assistia. Assim, todos em volta criaram medo. Insistiram, porém, para que eu fizesse uma tentativa. Modéstia de lado, eu sempre fora um bom domesticador, traquejo que aprendi com os molambos em minhas terras, mas não gostaria de participar daquela aposta, mesmo porque havia cobre sujo ali. Contudo, as insistências foram insuperáveis e não menos os desafios: “Quero presenciar seu tombo, cabra atrevido”, berrou insistentemente o negro Adão, depois de comer barro no chão.

Percebi, mais afastado, mas não muito longe, Julinho, filho do coronel Clemêncio Barroso. Com jeito e trejeito de superior, talvez motivado pelas posses e nome da família, ensaiou arrojo e me dirigiu a palavra pela primeira e penúltima vez: “Quero ver você quebrar a cara, estrompar-se no chão. Aposto cobre vultoso”.

Achei um desaforo a intromissão. Não o desafio, mas sim o simples fato do miserento dirigir-me a palavra. Foi a primeira e penúltima vez. Na outra oportunidade, tempos depois, o safado ousou novamente me dirigir a palavra. Achei ainda mais petulante. Foi, contudo, a segunda e última vez. Acertei-lhe um sopapo que lhe custou dois dentes e a mudez eterna, pelo menos comigo.

Aproveitando a querela, não pestanejei e pulei sobre Leão. O animal era um demônio. Tentei firmar o pé no estribo, mas sem sucesso. Pensei que ia de encontro ao chão, o que redundaria em mais uma derrota, o que não me pareceu grande enredo. Depois do aceite é que me dei conta da empreitada. “Antes de se acatar um desafio, deve-se fazer uma reflexão”, ensinava a velha Miru.

Segurei com força a rédea. O bicho pulava e coiceava, perdido entre os gritos e o estribo. Entretanto, com a rédea

segura com uma força descomunal fui, aos poucos, cansando o animal. Este era o segredo: cansar o bicho, ofício que me foi passado pelos molambos, em minhas terras. Eu não poderia ser precipitado e Leão deveria tombar somente depois de vencido pelo cansaço.

Travei, por segurança, as pernas ao seu redor. Com um dos pés, cutucava Leão, com o intuito de irritá-lo. Assim, o burro ficaria bravo, mas as suas ações perderiam cadência. Seria mais fácil domá-lo.

Acertando na tática, e sob os olhares curiosos e gritos frenéticos dos presentes, em tempo hábil, fiz o animal tombar no barro. Já dominado, licei o burro deixando-o amarrado no chão. Posteriormente, fui resgatar a oferenda.

Com a dinheirama em mãos, parti ao encontro do miserento Julinho, filho do coronel Clemêncio Barroso. A platéia gritava, ainda que anestesiada pela minha indiferença.

Perto do miserento, e sem que pronunciasse uma única palavra, olhei-o fixamente, não me esquecendo do desdém e da intromissão. Joguei o cobre maldito na terra, aos seus pés, onde ainda cuspi em sinal de nojo. O desinfeliz ficou imóvel e atordado. Foi uma oportunidade razoável de atingir o miserento. Era, naquele instante, a minha mais justa e interessante resposta, o que me pareceu, mais tarde, uma fantasia. Eu podia, ainda, ter distribuído uns tabefes. Mas o restante viria com o futuro. A ingratidão de minha irmã seria curada amanhã.

Parecia mesmo que aquela angústia repentina não tinha fim. Minha irmã não poderia fazer aquilo, disso eu estava certo. Afora a pouca idade, romance só com minha permissão e com gente de valor. Tinha de estudar o cabra. Esse negócio de sentimento meloso é mesmo uma enorme besteira, prefiro os contidos. Coisa de menina sem eira nem beira, como minha irmã, que se atordoia fácil com os sentimentos. Respeito se conquista é com prosa; mas quando esta falha, o jeito é apelar para o chicote. Uma boa sova e o negócio se endireitava. Do marmanjo eu cuidaria depois, com calma.

Os dias multiplicavam-se e com eles vinham mais e mais decepções insuportáveis. Toda vez que isso acontecia, eu ia parar na mesa do botequim de Tonho ou no Armazém de Xevita, em prosas com borrachos, ou na companhia das mulheres de vida fácil. “O que o gotejo e uma puta não curarem, nada mais dá jeito”, dizia o negro Adão.

Já iniciada a festa em louvor ao santo, preferi a acomodação da casa de dona Miru. Por vezes, ficava deitado no sofá, tentando pensar em coisas mais agradáveis; em outras, ficava a ler algum livro, na tentativa louvável de adquirir, aos poucos, conhecimento. Contava, para tanto, com o incentivo do velho Chico, que, de tão majestoso, era simples, afora o fato de que arremetia com os olhos. Aliás, a simplicidade é fim de estágio. “Cabra que é bom é cabra simples”, diria o velho.

No São João, havia um festival de guloseimas na casa da velha, que ia desde uma enorme variedade de bolos e doces, à carne de sol com farofa d'água, maniçoba e outros quitutes. Carneiro ensopado só mesmo em ocasiões mais distintas como aquela.

A velha não dava suas receitas a ninguém. Defendia-se afirmando que o segredo da culinária era não propagar, não fazer públicas as invenções. “Muito tempero e boa vontade”, desconversava.

Dona Miru era aquela espécie de pessoa que motivava a nossa existência. Orgulhava-se de ter cozinhado para vários escravos em uma fazenda nas Minas Gerais e, também, de ter acolhido em sua residência anterior, nos idos de 1895, seu querido amigo Antônio Conselheiro, que estava às voltas com uma revolta numa localidade vizinha. A velha morava, àquela época, em Juazeiro da Bahia e seu amigo, Antônio Conselheiro, liderava um movimento na localidade de Canudos, ambas no sertão baiano. Não conheci o pobre, mesmo porque este fora morto por tropas do governo. A conversa que corria por o todo sertão, à boca pequena, era que o governador Luiz Viana tinha uma certa simpatia pelo movimento. O certo é que Conselheiro morrera no governo dele, Luiz Viana, e na presidência de Prudente de Moraes. Uma perda significativa, visto que o amigo da velha Miru gozava de enorme prestígio entre os sertanejos que o tinham como um homem incomparável.

Dona Miru gostava de demonstrar uma postura rigorosa, típica das criações do século passado, mas era uma criatura admirável. Já seria admirável só por sua capacidade de trabalho nos afazeres domésticos. Não obstante, era um ser humano de uma disponibilidade inimaginável. Ela, e só ela, sabia perfeitamente dosar a mais absoluta seriedade, com uma enorme simpatia. Quantas e quantas vezes, ainda molecote, sofri com a cinta da velha, em sovas homéricas. Qualquer desobediência era desculpa perfeita para borrachadas. Muitas outras vezes, sorrimos com a sua impagável presença de espírito.

Lembro-me de que, em certa feita, em tempos não tão distantes, a velha ficou a zombar de mim como se fosse uma

púbere qualquer. Fora, na verdade, uma espécie de tragico-média. O acontecido, até hoje, rende risadas e buxixos, afora o meu desconsolo.

Pois bem, depois de almoçar um enorme caldeirão de comida típica, regada a dendê e bastante leite de coco, sem esquecer da pimenta redonda e todos os temperos necessários à ocasião, tive a infeliz idéia de, também, jantar. Sentei-me à mesa, à noite, ainda satisfeito com a refeição passada. Não resisti, contudo, ao exuberante prato de feijão novo acompanhado de bode assado na brasa e, também, bastante pimenta, afora a maniçoba, que dona Miru fizera para pagar uma promessa. “Santo gosta é de comida”, defendia-se. A refeição noturna lembrava, em perfeição, a anterior. O problema foi, contudo, o efeito devastador e degradante provocado na manhã seguinte. “A gula é pecado”, advertiu, sem sucesso, a velha Miru.

Já à noite, pude demonstrar minha insatisfação intestinal, afugentando da sala dona Miru e Cinthia, que não conseguiram conviver mais do que alguns segundos com a flatulência exagerada, provocada pelo excesso de comida. A ventosidade não produzia barulho, mas se revelava terrível no odor fétido que proporcionava. Na manhã seguinte, já exausto pelas seguidas visitas noturnas ao banheiro, passei a só ingerir líquidos. Experimentei caldo de umbu e chá de limão com sal. Apesar dos esforços da velha, aquela indisposição perdurou até a noite posterior. Acolhido no local apropriado, ainda tive de aturar a velha brincar com a miséria alheia, num raro momento de absoluta falta de seriedade:

— Estás precisando de ajuda, comilão?

— Faça-me o favor, dona Miru — eu reclamava. — Não percebe que estou enfraquecido?

— É que minhas plantas estão a murchar — pilheriava a velha.

— Eu prometo que nunca mais vou ao banheiro de sua casa, velha ingrata.

— Pode utilizar, filho, mas não exagere no trovejo e na fetidez. É que você atira no calcanhar e atinge é o nariz da gente — continuou a velha, irritando-me ainda mais.

Muitas vezes, quando eu estava com a fisionomia abatida, dona Miru não escondia a apreensão:

— Agora você fica por aí, sempre jururu, sem que eu nada possa fazer. E tem mais, seu moço: esse negócio do senhor ficar cultivando peleja com sua irmã não está dando certo. Gostaria muito de ainda ter forças para te dar uns bons cocorotes.

Eu gostava da preocupação que a velha tinha por mim. Ela ficava deveras curiosa em saber o motivo de minha amargura. Mas eu não era de maiores falações. Dizia a própria velha que eu lembrava meu pai: econômico nas palavras. A velha, mesmo assim, puxou assunto:

— Você nem mais olha para sua irmã; negar os olhos é pior que açoite — bravejou dona Miru, que tinha adoração por Cinthia. — Eu estou mesmo é ficando velha; eu não entendo mais nada, nem ninguém. Deus há de reservar para mim um lugar no céu.

Eu até poderia desabafar com a velha, mas sabia perfeitamente que ela penderia para Cinthia. As duas mantinham uma relação mímica: muitos gestos e poucas palavras. A afinidade era tamanha, que não precisavam de palavras, pois bastava o olhar. Proseavam com os olhos, mãos e sobrancelhas. Uma sabia o que a outra dizia com os gestos e sinais, poucas palavras. Comigo era diferente. “Vocês têm uma relação bérrica”, censurava dona Miru, para quem a minha relação com Cinthia tinha muitas palavras e berros.

Mas o certo é que minha irmã iria respeitar-me, caso meus pais não estivessem perdidos no mundo. Não se enrabicharia para o lado daquele desqualificado, sem nem mesmo consultar-me. Assim eu preferia acreditar, não sei se por comodismo ou se por certeza. Hoje acho que por fantasia.

Acomodado no divã, golando um pouco de chá, fiquei a ler alguns livretos e visualizar o ambiente. A casa e os seus adornos eram o grande xodó da velha, que propagava aos sete cantos: “Daqui só saio carregada por quatro pessoas”.

Nada me entretinha, afora o quadro vistoso que a velha Miru ganhara de dona Eurides, adorno que era de uma vistosidade de dar dó, fruto da benquerença da vizinha: “Miru, Eurides, eu e você”.

Provavelmente, aquela melancolia romancesca era de minha irmã. Páginas e mais páginas que falavam de aventuras amorosas sempre bem sucedidas. Um monte de letras tolas, consumidas pelo sentimentalismo sem fim, talvez salvas pela presença de um trecho do livro “Les désenchantées”, de um escritor francês do gosto da velha Miru.

Já chateado com aquela leitura fútil, não hesitei em remeter o livreto de volta ao balaio. Antes de completar o seu destino, desprenderam-se dele algumas folhas.

Levantei-me de mal humor. Peguei as folhas avulsas e as restitui à sua origem. Chamou-me a atenção, contudo, um pequeno verso que se encontrava muito bem transcrito em uma das folhas. Li-o atentamente, que, para minha decepção, estava endereçado:

*“Coração que ama
faz chuva cair;
coração que ama
faz o sol se afastar;
coração que ama
é o meu por ti;
coração que ama
não vai te largar.”*

Aqueles versos da pior qualidade apunhalaram-me pelas costas. A carta tinha remetente e destinatário. A letra era, inevitavelmente, de Cinthia. O destinatário, o filho do miserento.

O verso fuleiro falava de amor, o tal sentimento meloso que minha irmã propagava. Coisa infantil, sem valor. Não me passou sensibilidade alguma. Mas era de Cinthia e pronto para ser enviado a Julinho. É como se eu fosse montando uma colcha de retalhos. E a cada novo achado, uma decepção a mais. “Tu te consomes por si só, perdido em tuas memórias e angústias”, definia a velha Miru, quando me via cabisbaixo.

Não iria curar o fogo de menina-moça de minha irmã, com prosa. Não me pareceu o melhor caminho. Ela bem sabia que não tinha idade nem consentimento para namoricos. Isso era sabido e ressabido. Não precisava de prosa. Cabeça de menina-moça deve se ocupar é com os estudos e afazeres domésticos, essa era a minha sentença. Ordem que não foi cumprida e que cultivou a minha irrisignação. Coisa que eu não tolerava. Afora isso, eu não fui criado para perdoar.

Já não mais poderia agüentar aquilo. Por que será que Deus havia reservado para mim decepção tamanha? Por que eu haveria de escorar um destino que não merecia? Minha irmã era como se fosse para mim uma cria, a extensão de meus pais. Deveria ser por mim orientada. Era um dever de irmão. Dívida maior que eu tinha com os velhos. Ela não poderia decepcionar-me, entregando-se à sem-vergonhice, no fogo de menina-moça. Não tinha idade para interpretar sentimentos. Confundia-os. Afora isso, fogo de menina-moça eu não tolero.

Muitas dúvidas pairavam em minha cabeça. Devolvi o bilhete ordinário para o lugar de onde jamais deveria ter saído. Levantei a cabeça e parti sem destino. Dona Miru ainda chegou a tempo de perguntar-me o que acontecera. Respondi, sacudindo negativamente a cabeça, e saí ouvindo o costureiro “Nada como o tempo”. Realmente o tempo ainda reservava para mim muita decepção, eu mesmo pressaguei.

Os versos eram fuleiros e sem conteúdo, muito diferentes dos que escrevi para a menina. Escrevi-os e guardei-os. Jamais teria coragem de entregá-los. Mas, o certo é que,

ordinários ou não, os versos feitos por minha irmã falavam de amor e tinham como destinatário o miserento Julinho. Isso é o que importava. Os que eu escrevi e guardei eram uma formosura de poesia, muito embora não fosse de minha autoria. Não os fiz mas, pelo menos, tive o bom gosto de escolhê-los. Eram versos lindos, do poeta Paulo Setúbal, e caíam bem para a menina:

*“De todas que me beijaram, de todas que me abraçaram,
já não me lembro, nem sei! São tantas as que me amaram,
são tantas as que amei! Mas tu (que rude contraste),
tu — que jamais me beijaste, tu — que jamais abracei,
só tu nesta alma ficaste de todas as que eu amei!”*

Guardei-os como se fossem um tesouro, uma revelação. Não me perdoei pela frouxidão, acho por bem confessar. Bati o queixo e tremi com os dentes, afora a palpitação, reconheço. Mas ninguém haveria de saber, só as minhas lembranças, na madrugada. Ainda mais porque eu estava certo de que a menina dos olhos de mel e encanto não merecia muito, ainda mais uma poesia de tanto valor. Mas eu a escolhi e preferi guardá-la, mesmo porque a destinatária só eu sabia quem era.

A festa já havia começado. Itajumam, nesta época, enchia-se de festejos e alegria. O prefeito Teolindo contratara sanfoneiros para animar a cidade. Podia-se ouvir de qualquer lugar o som dos tamborins, agogôs e muitos outros instrumentos. Por todos os lados havia a presença de artistas anônimos que tratavam de alegrar ainda mais a praça. Em todas as casas podia-se golar vários tipos de licor. Os coronéis sempre ofereciam os mais sofisticados, feitos com cachaça envelhecida em alambiques da capital. Era costume, também, oferecerem marasquino, um licor branco feito com cerejas amargas. Ruim e amarguento. Chegava até mesmo a travar a goela. Mas era bebida sofisticada, servida nos melhores ambientes. Licor fuleiro, um verdadeiro engodo. Mas o importante para as pessoas de posse e boça era que o marasquino era bebida afamada e cheia de sofisticação.

Mundo desgraçado. Não me importava, pois havia bebida e comida para todos os gostos. Não valeria a fama, se não houvesse proveito. Dispensava as tolas badalações e bebia o que era verdadeiramente bom.

Nem mesmo Geó Carraspana tolerava o engodo. Quando o borracho mentia muito, atolado em falações sem fim, e se ocupava com a vida alheia, a saída era oferecer o licor. Geó resmungava, mas se calava e era tomado pelo desassossego e vergonha: “Vixe-Maria, quem sou eu?”. Para o negro Adão

era tudo farsa desavergonhada:

— Este borracho da língua grande, por um acaso, tem vergonha de alguma coisa?

O certo é que tentei usar a festa como um refúgio. A presença alegre de pessoas humildes só tinha a acrescentar-me. É o que pregava a velha Miru: “A humildade é a dádiva da vida”. Na praça, podíamos ver Lilica fazer coreografias que lembravam, de alguma forma, a festa que ora se realizava; podia-se ver, também, a procissão das beatas, acompanhadas do padre Lorrán, que era festeiro, embora sisudo, Pança e demais fiéis.

Particularmente, eu nunca me interessei muito por religião. Apesar de respeitar toda e qualquer manifestação de fé — que se faça este reparo —, sempre achei que religião mesmo existia em cada um de nós. Eu sempre ouvira casos de milagres que aconteciam à custa de orações e rezas. Eu preferia, porém, não acreditar nem desacreditar no divino, desta forma, ao menos escancaradamente, como ali faziam.

Sempre gostei de manter certos princípios que pudessem fazer de mim um homem de respeito. Essa era a minha grande herança e religião. Cuidaria de minha dignidade com afinco e louvor. Honraria o meu nome. Dívida que tinha com meus pais, motivado pela educação rígida da velha Miru. Talvez, assim, eu tivesse condição de pedir a proteção de Deus.

* * *

Aquela confusão toda servira, pelo menos, para eu pôr minha cabeça no lugar e esquecer a menina dos olhos de mel e encanto, a do choro e gemidos. Preferia não mais lembrar de sua existência. Aos poucos, eu sabia que tudo ia se normalizar. Quanto a Cinthia, a situação era diferente e, na verdade, eu preferia nem mais pensar no assunto. O

meu mundo não se resumia a uma irmã desajuizada e a uma menina desconhecida.

À noite, depois de um ligeiro passeio pela praça, acatei a sugestão do velho e fomos prosear e beber na casa das putas. Prosa e vinho ordinário. A prosa ficava por conta do talento e cultura do velho Chico, homem que ensinava com os olhos. O vinho ficava a cargo de Prazeres: um jeropiga miserável capaz de curar até encosto. Assim seria melhor, porque evitava que eu presenciasse qualquer outro encontro desagradável.

Sentamos em uma mesa mais no fundo do puteiro. Prazeres, como de costume, veio ao nosso encontro com sua inseparável cigarrete em punho. Levantei-me, beijando-lhe as pontas dos dedos. Eu sabia perfeitamente que a cafetina adorava ser tratada como uma dama e, por isso, eu sempre exagerava nas congratulações. Vestia-se com uma saia rodada de tecido vistoso e uma blusa com um enorme decote que começava nas axilas e terminava à beira das nádegas. Como de costume, espalhafatosa. Luxuosa, é verdade, mas muito espalhafatosa.

Prazeres até que era bonita. Pena que a profissão tenha sugado as benesses que a natureza lhe ofertara. Dentre os fiéis fregueses do estabelecimento, certamente eu era um dos mais queridos. Sentia-me bem no bordel e, quando alguma coisa me perturbava, era ali o lugar que me servia de refúgio, afora o Metediço.

Gostava também do quarto de Tafynha. “Um antro”, diria a velha Miru. Mas, para mim, lugar mais desavergonhado e chamegumento não havia. Era ver a puta, e me dava vontade de correr para ele e me embrenhar na cama, antes dos remexos da quenga. Quando eu me recuperava da canseira, a primeira imagem que via era a penteadeira que se encontrava em frente à cama de Tafynha. Penteadeira de puta é mais sortida que armazém de cidade grande, igual aos de Riacho Alegre e Pedra das Antas. Uma exageração de dar dó: adornos, perfumes, santos, vestimentas grandes,

pequenas e pequeníssimas, uma imagem de Padre Cícero e mais um monte de coisas.

Depois de lisonjear-se com o meu galanteio, a cafetina puxou conversa:

— O meu queridinho vai querer atuar, ou está de folga?

— Não, Prazeres, viemos só prosear.

— Que pena o queridinho estar de pavio apagado, pois eu tenho uma moçoila nova que é uma boniteza de se ver — insinuou a cafetina, dando seguidas baforadas.

— Realmente é uma pena. Quem sabe, amanhã o apetite retorna. — tentei desconversar, pedindo, ainda, mais uma bebida qualquer, como forma de cortar a prosa.

— Meu garrote hoje não está nos seus melhores dias — provocou, por fim, a cafetina.

Olhei para o velho, como se a pedir amparo.

— Pois vou apresentar-lhe uma espanholinha que adotei lá em Pedra das Antas — continuou Prazeres, indo em direção a um dos quartos. Antes, porém, tratou de revelar, fazendo suspense em tom erótico:

— É uma belezura, rapaz. Novinha, sem uso nem lam-buzo. Um pitéu.

O ambiente, naquele dia, era o melhor possível. Alguns casais dançavam no centro da sala, enquanto muitas das rameiras de Prazeres abordavam seus clientes, não sei se pelo vício ou se pelo cobre. Era um ambiente da mais absoluta descontração, longe da mesmice que envolvia minha irmã e a moça filha do estrangeiro, que eu nem bem conhecia, mas que tinha os olhos de feitiço e de encanto.

Podia-se ouvir perfeitamente o som suave que ecoava da vitrola, tarefa que cabia a Lilica.

— Trata-se de um cantor novato, chamado Ataulfo Alves — comentou o velho, exímio conhecedor da história da música brasileira.

— É um bolero bonito, velho — ponderei, tentando demonstrar conhecimento. — Podem-se ouvir, inclusive, os bandolins.

— Não se trata de bolero; é, na verdade, uma música harmoniosa do populismo brasileiro — consertou o velho.

Não demorou a prosa porque fomos novamente interrompidos pela cafetina.

— Esta aqui é Thaíse, minha mais nova “filha”.

— Encantado, senhorita — cumprimentei-a, tentando parecer elegante, sendo seguido, em gesto, pelo velho Chico.

— O que acha de dançarem um pouco? — sugeriu Prazeres, fazendo valer a sua enorme inconveniência.

Acatei a sugestão a contragosto, pois a prosa era mais necessária que a dança, ao menos, naquele instante. No entanto, a parceira era uma moçoila das mais encantadoras, um pitéu.

Puxei a menina para o salão e começamos a dançar. Antes, porém, sussurrei convites e oferendas ao seu ouvido, não muito bem aceitos — o que me magoou. Preferi calar-me e conquistar a moça através da dança. “Mulher que se rende na dança não esquece o cabra mais nunca”, dizia Tuquinha, um mestre dos salões.

Em homenagem à puta, Lilica fez ecoar na vitrola um maravilhoso tango. Trata-se de uma música popular portenha de compasso binário simples. Havia aprendido a dança e estes detalhes com Tuquinha da Gerlande, um irreparável mestre dos salões. Quando o miserento dançava com sua quenga, chega dava gosto de ver, afora o cacoete de colocar a língua para fora. Era um mexe e remexe, jeitos e trejeitos, que parecia até manifestação de terreiro.

Joguei a menina para o canto do salão, estendi os braços e remexi as pernas. De canto a canto do salão, seguido de passos elegantes e compassados, motivados pela borracheira. A moça pareceu-me atônita e encantada, diante da minha enorme intimidade com o ritmo, o que também me surpreendeu. Por fim, olhou-me como quem olha um professor, movida pela surpresa. Abraçou-me agradecendo a parceria. Quando, no entanto, arriscou algumas palavras afetuosas ao

meu ouvido, foi tomada pela decepção: voltei-me à mesa e a deixei no salão. Se ela não gostou do meu gracejo anterior, eu também teria o direito de não aceitar um gracejo seu, posterior. Da próxima vez, certamente, os meus gracejos seriam aceitos, este era o jogo que a vida me ensinou. Ainda pude escutar aplausos que surgiram dos presentes; agradei com o chapéu.

Bebericamos durante um bom tempo uma enorme garrafa de licor de umbu, ofertada por uma das meninas de Prazeres, afora o jeropiga.

O velho quis saber o que andava acontecendo comigo. Como de costume, desconversei, alegando que se tratava de negócios afeitos às terras, de fácil manuseio. O fato é que o velho não era troncho e no fundo sabia que eu não era de ficar com a cabeça quente por causa de qualquer negócio, afora os créditos a receber e as contas a pagar.

Meus olhos já rodavam por causa da bebida doce e forte. Sentia, naquele instante, uma enorme vontade de vencer, de superar aquelas coisas ruins que teimavam em me aborrecer. “As notícias ruins se vão em dois tempos e, depois, vêm as vitórias”, ensinava a velha Miru, quando me via desenxabido.

A companhia do velho era do que eu precisava. Mesmo sem conversarmos nada sobre as duas meninas que tomavam a minha atenção, falamos de coisas interessantes e o velho, já sob o efeito da bebida, fez uma verdadeira apologia a um determinado país, fruto de lembranças de outrora.

Parecia mesmo é que o velho já tinha consumido um barril de cachaça. Volta e meia, cerrava os olhos, parecendo que dormia um sono profundo. Lilica saboreou a oportunidade e fez um cafuné no velho. O afeminado não perdeu o rebolado e se mostrou eficiente no assunto. O velho gostou. Chegou a espremer-se na cadeira e, por pouco, não gemeu. Naquele instante, não se poderia estancar o gargalho. Uma risadaria sem fim. A brincadeira só terminou porque Lilica

se excedeu no afago. O certo é que o velho, num rompante comum à juventude, deu um pulo da cadeira e só não partiu de encontro ao maricas porque este deu um show à parte, de histeria.

Fiquei, por alguns instantes, sorrindo da irritação do velho. Nas horas em que ele ficava agitado, o seu cacoete de coçar seguidamente a cabeça aumentava. Tudo se normalizou, na última mesa do bordel, quando o velho Chico pôs-se a prostrar sobre outros países, demonstrando cultura e conhecimento, o que não me pareceu grande nova:

— Eu estive ouvindo uma conversa do Xevita, aquele avarento do Armazém, com um gringo que chegou por aqui recentemente — começou o velho, que não esquecia o cacoete. — Eu ouvi o gringo dizendo que era judeu sefardi, que havia, inclusive, morado em Tel Aviv.

— Judeu se ... se o quê? — indaguei, demonstrando desconhecer o assunto.

— Judeu sefardi, nascido na Península Ibérica. Parece que o gringo é nascido na Espanha, tal qual a rameira com quem tu dançaste.

Depois de algumas informações a mais, pude perceber que o gringo em questão era o pai da menina dos olhos de mel e encanto, a do choro e gemidos. O velho Chico comentou a conversa que ouvira, mostrando um profundo conhecimento sobre o país, o que me deixou deveras intrigado:

— Anda lendo algum livro novo? — indaguei.

— Que livro coisa nenhuma — respondeu balançando negativamente a cabeça. — Quando eu saí de Itajumam, acabei indo para a Palestina — confessou.

Eu confesso que não imaginava que o velho já tivesse morado no outro lado do mundo. Depois da surpresa, eu até me interessei pelo assunto:

— Foi a trabalho, velho?

— Não, fui atrás de uma mulher. Um erro. Mas é que

geralmente os erros vêm antes dos acertos.

Aquelas palavras do velho fizeram com que eu me lembrasse da menina. Não sei se por contentamento ou analogia; mas o certo é que me lembrei novamente da menina dos olhos de mel e encanto, que me pareceu ser um erro em minha vida, ainda que dela a moçoila não fizesse parte. A prosa foi boa, mas teve este inconveniente.

Minha existência não acusava, até então, a presença de um grande sentimento. Nem eu o queria. Mas o sentimento a que me refiro não é um qualquer, o meloso, a que se referia Cinthia — “o que faz o coração bater e deixa a gente com falta de ar”. Refiro-me ao contido, que se apequena perante a razão.

Tinha de ser amor de verdade verdadeira. Coisa grande. Não os sentimentos melosos, como o que foi fruto do fogo de menina-moça de Cinthia, chama que se apaga com uma boa coça.

Muitas e muitas vezes, isto é certo, confundem-se sentimentos temporários com amor, não sei se por fantasia ou ignorância. Coisa sem rumo. O amor que eu vislumbrava — e nunca havia sentido — não era um sentimento desamparado, vazio ou egoísta, como muitos alardeados por este sertão de meu Deus. Apesar de nunca haver experimentado os seus efeitos — nem mesmo os queria, eu sabia muito bem distinguir o que era passageiro do que era eterno.

Os olhos do velho, quando se referiu àquela mulher, demonstraram que dentro dele habitou alguma coisa de grande, afora ter sido um erro, como ele mesmo aclarou. Seus olhos disseram a verdade naquele momento, evitando, inclusive, que eu procurasse averiguar mais sobre o romance. Eu também haveria de respeitar o silêncio do velho, por princípio. Senti-me, de fato, muito alegrado, também, com aquela realidade.

Na minha pouca idade, eu já havia tido experiências das mais diversas. Lembro-me do contato pouco afetuoso com abonadas e desprovidas; desinfelizes e choradeiras; lembro-me de meretrizes e donzelas. Com estas deleitava-me nas estradas da vida. Foram muito poucas, é verdade, mas que me proporcionaram estrondosos “feitiços de pernas”, uma voação sem fim de cabaço. Com aquelas tapei buraco. “Obra de pedreiro tapa-buraco”, dizia o negro Adão.

O certo é que, com cada uma vivi uma história diferente. Em cada uma pude encontrar virtudes e reparar defeitos. Mas em nenhuma guardei minha alma. Nenhuma havia se eternizado dentro de mim, cravando o punhal da vida e da existência. Confesso que também nunca fizera esforço para tanto, não sei se por receio ou se por destino. Mas o certo é que minha história limitava-se a encontros e desencontros, no mais das vezes sem nenhuma importância. Essa fora a minha promessa, motivada pela ausência de meus pais. Desgosto outro eu não toleraria. Meu coração só poderia ser reaberto, quando do retorno de meus pais, pois eu não toleraria outra perda. Melhor destino era a precaução. Nada que passasse de alguns afagos e enrabação sem sentimento, que o tempo apaga com facilidade, muito embora a reprovação da velha Miru e de Cinthia.

Somente Tafynha prendera-me pelas ancas e companhia: boa de prosa e leito. Pouca coisa, é verdade. Mas se permitia amar a noite inteira. Tinha o dom da safadeza: muitos gritos e lambe-lambe. Canseira pura. E tinha de sair feliz, esse era o segredo. Reclamava a lasqueira, é verdade. Tentava disfarçar na rua. Porém, no outro dia, queria mais. A quenga era uma quentura, que nem mesmo o estrondo dava jeito, afora o fato de despir com os olhos. Era uma canseira sem fim noite adentro e, ao acordar, queria mais, senão fazia manha e ensaiava calundu.

“Um pé de xibiu com mel”, atrevia-se Tuquinha da

Gerlande, antes do tabefe merecido.

Naquele instante, depois da prosa no bordel, alguma coisa de novo perturbava a minha cabeça. Indagações aos montes me tomaram por inteiro, motivadas pelo meu desalento e falta de apego com os tais sentimentos melosos do peito. “Tua vida é um tecido de memórias”, dizia a velha Miru.

Como seria o querer recíproco? Será que alguém teria caráter suficiente para penetrar na vida de outra pessoa? A ausência de respostas, se não me apavorava, também não me entretinha. Ao meu redor, os exemplos eram vagos. Dona Miru viudara cedo, mas logo depois já se encontrava com outro homem, viuvando, novamente, mais tarde. E só não partiu para o terceiro casório, não por falta de vontade, e sim por achar que sua companhia aliciava a morte.

Esses exemplos serviram para motivar as minhas indagações. Será que dona Miru gostava realmente do seu marido? Será que o passamento deste era motivo suficiente para o esquecimento? Amor de verdade verdadeira não seria eterno? Estas eram as minhas indagações, talvez originadas do meu amorismo sentimental.

Eu, de fato, não acreditava no amor, mas também não desacreditava. Não me causava afeição o tal sentimento meloso que fazia o peito palpitar. “O peito palpita ora de felicidade, ora de tristeza”, dizia Cinthia, que era melosa e choradeira, como bem queria a velha Miru.

À minha frente, via-se pouca coisa de interessante: ora um namorico faceto entre o filho do miserento e a minha irmã, coisa tola e infantil; ora os amores vagos, como o de dona Miru. Não havia ao meu redor exemplos dignos que desmentissem minha imaginação. Falava-se de amor nas músicas e nas trovas. Mas os corações não demonstravam isso. Não sei o motivo de minha curiosidade, se fruto do acaso, ou do receio. O certo é que as notícias trazidas pelos intelectuais e pela rádio davam conta de guerras e ódio. “Uma guerra no

estrangeiro está por estourar”, informava o professor Miguel. “Não sei onde vai parar este mundo”, queixava-se dona Miru.

Por estas bandas, contudo, ainda havia resquícios de harmonia, afora os egoístas miseráveis. “Uns narcisistas”, enojava-se o velho Chico.

* * *

Pensei muito sobre as coisas que ora se passavam comigo, talvez costurando as memórias a que se referia a velha Miru. Para fazer valer a época em que estávamos, procurei dissociar os pensamentos de minha cabeça e viver a festa mais popular de minha terra: o culto ao São João.

Não sei por que cultuavam tanto a imagem do santo. Em Itajumam, o padroeiro era São Lázaro. Provavelmente, o sertão sucumbiu aos encantos do santo que, naquele instante, se festejava. “A Bahia de Todos os Santos é muito rica em contos e profecias”, tentavam explicar as beatas, sem muito sucesso. O certo é que o culto ao São João, em minha cidade, sempre fora uma festa de grandes alegrias e, nesse ano, a regra não poderia ser desobedecida.

Seguindo a razão, esquivei-me dos problemas mesmo que temporariamente. Não seria justo que outras pessoas pudessem comprometer a minha alegria. Assim sendo, já no dia da quermesse, eu estava pronto para viver. Melhorei após a prosa com o velho Chico, esta é uma verdade.

À tarde, a praça ficava abarrotada de gente de tudo que é lugar. Havia só o inconveniente das falações sem fim. Além do padre Lorrán, participavam do falatório o prefeito Araponga e demais autoridades. O prefeito caprichou no discurso, como de costume. Uma falação miserável: “Vocês, meus queridos itajumenses, precisavam ver que grande homem era João; minha saudosa tataravó, dona Quindinha, fora amiga

do mesmo durante anos e todos na minha família sabem o quão João era bondoso e é por isso que ousou gastar o dinheiro público para parabenizar este mártir”.

“Esse homem não conhece a Bíblia?”, indignou-se dona Miru. O curioso no discurso do prefeito é que o João dito e redito era ninguém mais do que o santo festejado: o São João. “Esta pouca vergonha dos gestores públicos ainda vai durar muitos anos”, pressagiu o velho Chico, não se sabe se com acerto.

O falatório servia, pelo menos, para espantar os desencantos. Sentei-me à mesa do bar de Tonho e perdi-me em prosas. Mas meus olhos não se deram por vencidos e se mantiveram atentos. Apesar de turvos com a bebida, podiam perceber os detalhes da festa. Não sei bem o que eu queria procurar, se minha irmã ou se a menina. Talvez mesmo nenhuma das duas. Não sei. O certo é que, mesmo querendo esquecer aqueles aborrecimentos pretéritos, não escondi minha preocupação, acho por bem confessar. Mas é que o miserento certamente estava em Itajumam. Dirigiu-me a palavra uma vez, o que já me pareceu uma ousadia; na segunda, ou lhe quebraria os dentes ou lhe arrancaria a língua.

Tentei aliviar a tensão. Então, contei com a ajuda de um grupo de sanfoneiros que adentraram a praça perturbando as orações do padre Lorrán. A boa música da terra fez-me levantar da cadeira e ensaiar alguns passos dançantes em plena praça, mesmo que em desajeito, após a borracheira sem fim.

Mexi e remexi. Nada igual a Tuquinha, magricela bom de passo. O velho Chico ficou a assistir a cena, enquanto acusava a presença do negro Adão, que chegara cheio de trejeitos e berros.

O som oriundo do sertão, que muitos batizavam de forró, era uma mistura de sanfonas, triângulos e agogôs. O produto dessa mistura era uma harmonia perfeita que só mestres da boa música se arriscavam a produzir.

Pouco tempo depois, um punhado de gente já participava dos nossos remexos, dando à praça uma alegria

irradiante. O negro Adão já se atrevia a fazer dupla com a mulata Ritinha. Eu, naquele instante, já dançava junto ao corpo ritmado da espanholinha de Prazeres que, no que pese o pouco tempo, já dominava as danças folclóricas.

Pares se formavam a todo instante, o que aborrecera demais o nosso presbítero, muito embroa fosse este um festeiro sem estribeiras, ainda que sisudo por natureza. Do palanque, onde se encontrava, o padre começou a berrar impropérios contra a dança recém-formada e a música dos sanfoneiros. Razão para isso ele teve, pois o som formado pela mistura de instrumentos desafiava o seu sermão.

Tempo depois, entretanto, os músicos encerraram o trabalho, sob os protestos do vigário, que não hesitou nem mesmo em nos chamar de desordeiros, formadores de quadrilha. “Desordeiros quando se juntam é para formar quadrilha; respeitem o sermão da igreja”, ordenou. E, assim, sob o batismo do padre Lorran, surgiu e se popularizou, sertão afora, a dança nordestina conhecida por estas e outras bandas, como quadrilha.⁴

Ao fim da tarde, já de retorno à pensão, encontrei a menina dos olhos de mel e encanto. Ela se encontrava debruçada na janela de sua casa. Tentei disfarçar a apreensão, com o chapéu rente ao rosto, mas fui brindado com um adeus que, mesmo sem resposta, arrancou um sorriso escancarado do rosto da menina. Passei direto, sem olhar para trás. Não se deve dar ousadia ao tal sentimento miserável que consome o juízo, disse eu estava certo. Pareceu-me ser feitiço, coisa que se cura com reza. O certo é que prosa de sentimento não era o meu forte.

Amor de verdade verdadeira, ali pelo sertão, eu só conhecia mesmo o de Perivaldo.

⁴ Trata-se, na verdade, de uma falácia do narrador, sem comprovação de sua veracidade.

Perivaldo era um rapaz humilde e sonhador. Morava perto das minhas terras. Não incomodava ninguém. Risonho e faceiro. Infelizmente, perdera sua amada de forma repentina e, desde então, jamais olhara para qualquer outra mulher. Dizia ele que aguardava ansiosamente um reencontro nos céus. E, assim sendo, não saía de junto da tumba da moça.

Professor Miguel, certa feita, deu-nos uma aula sobre como se procedia com os mortos em diferentes lugares. No sertão, tem-se como costume enterrar as pessoas em tumbas, buracos feitos na terra. Em Itajumam, havia muitas delas escondidas às costas do Monte Alto. Quando a família preferisse, podia-se, também, queimar o falecido. Era um hábito, acreditado, de gente endinheirada. Mas essa não era uma realidade mundial, assim nos preparou o professor. O mestre lecionava para curiosos que, em lugares onde não havia lenha em abundância que pudesse abrasar os que se foram, e que possuíam terra gelada, em razão do frio excessivo, os nativos jogavam os mortos nas montanhas para que estes fossem devorados pelos abutres.

O certo é que, como já apregoado, Perivaldo tinha mesmo o sentimento que eu posso denominar de amor. Talvez fosse o único exemplo em mente, mas também fora um dos mais trágicos, pelas conseqüências que sobrevieram mais tarde, para espanto de toda a comunidade.

16

A tarde passou levando consigo a certeza de uma noite também alegre.

Passsei na casa de dona Miru, banhei-me e descansei um pouco. Afora uma passante que ocupava o último aposento, apenas dona Miru e Cinthia encontravam-se na casa. Comi alguma coisa sob os olhares insinuantes da novata, tomados pelo assanho.

— Meu marido viajou.

Olhei-a sem muito bem entender a assertiva, não sei se pela surpresa ou se pelo atrevimento.

— A estas horas, sinto falta de companhia — falou a novata, mostrando-se oferecida.

Neste instante, Cinthia se fez presente, para o meu alívio:

— E quer companhia? — indagou. — A praça está repleta de gente como você, sem jeito e traquejo de moça direita — asseverou Cinthia, vendendo moralidade.

Aproveitei a intromissão providencial de Cinthia e saí de casa. Minha irmã era prendada, orientada e educada com rigidez por dona Miru, acho por bem confessar. Mas tinha fogo de menina-moça, o que acabou com meus anos de vida. “Cinthia é que é moça direita”, propagava dona Miru, para quem moça direita neste mundo se conta é nos dedos, e das mãos.

Quando retornei para a casa da velha, Cinthia já não se

encontrava. Naquele instante, eu gostaria era de saber onde ela andava, mas também não queria perguntar sobre o seu paradeiro. Dona Miru, percebendo minha inquietação, não só amenizou, como também pôs fim à minha dúvida:

— Mandei Cinthia chamar minha comadre Adelaide. Não precisa faiscar pelos olhos.

A velha não mentia. Pouco depois minha irmã chegou acompanhada da beata falastrona.

Dona Adelaide se queixava de moléstia maior, peste sem cura:

— Comadre Miru, eu estou uma titica de gente. Não agüento mais nem prorear. É um queimor nas goelas, uma constipação, um vai e vem no juízo.

— Ave-Maria comadre, procure o doutor de branco — aconselhou dona Miru.

— O doutor Antílio passou medicamento, comadre, mas de nada valeu. É uma resfrialdade no corpo, um baticum no coração.

Quando a choradeira terminou, começaram as credências e falações de dona Adelaide. Quando a beata começava a tagarelar, era um converseiro sem fim. Parece que eu estou vendo a falastrona defender-se do mau hábito, arregalando os olhos e pregando inocência:

— Comadre, eu não olho nem para os lados. É que tudo acontece na minha frente. Eu só faço mesmo é arregalar os olhos. Isso eu faço. Não nego. Mas que eu procuro os acontecidos, isso é uma inverdade. Não sou mulher de me intrometer na vida alheia. Juro por todos os santos.

A comadre de dona Miru era capaz de falar por horas seguidas e sem pausa. Não conseguia terminar um caso. No meio de uma prosa já partia para outra. Seu trabalho era ocupar-se com a vida alheia.

Isso sem falar na sua predileção, que era tripudiar o muçulmano Graub, redator da Folha Itajumense. O sujeito

era um cretino, é bem verdade. Mas sofrera com o desafeto da beata, já que prometera construção de mesquita na cidade e pintura de seus símbolos místicos. “Até xador⁵ e almaleque⁶, diz que vai distribuir”, indignava-se dona Adelaide, beata fervorosa.



A antipatia era compartilhada por dona Miru, que não escondia a malquerença. “O tal Graub vive nas sombras e rastros, como as cobras no mato e os ratos nos canais, sem nem bem aparecer; vale-se da redação da Folha para semear a discórdia e vender a sua covardia; é um borra-botas, disto estejam certos”.

Preferi, assim, retirar-me.

Ainda na porta, olhei para Cinthia insistentemente, que se encontrava perdida em medos, depois do flagrante, conforme me foi dito pela velha Miru. Minha irmã temia a minha reação, por conta da minha intrasigência nestas pelejas. Sabia que, cedo ou tarde, o revide se concretizaria, no barro ou na água, com palavras ou com sangue.

Olheia-a insistentemente, pois acreditava que um simples olhar já seria suficiente para demonstrar o que eu queria dela: da sala para o banheiro, do banheiro para o quarto. Festa e culto nem pensar, essa era a ordem. Não gostaria de presenciar, novamente, o passear de mãos dadas com o miserento, naquela noite. Mal maior eu já tinha assistido; nada a mais.

⁵ Traje utilizado pelas mulheres muçulmanas.

⁶ Espécie de manto árabe.

Aquela noite seria a minha redenção. Eu podia sentir isso. O culto ao São João era a minha festa predileta. Tudo era alegria na cidade. Gente de todo o sertão de meu Deus e da capital vinham desfrutar do culto ao santo. Como já dissera em ocasião anterior, São João guardava com Itajumam uma relação curiosa. São Lázaro é que era o padroeiro da cidade, mas o culto era mesmo para São João.

Saí banhado e cheiroso. O cabelo escovado e a barba feita. Perfume pelo corpo todo. Roupa nova. Terno engomado, camisa de linho e sapato de couro. “Uma beleza de se ver!”, inquietou-se dona Miru. “Uma lindeza”, bajulou-me Cinthia.

A festa seria na praça. Lá havia uma enorme escultura do santo, que muitos consideravam ser a obra mais importante de Araçongá. Até Lampião, que muitos diziam ser ímpio por natureza, de passagem por Itajumam, rendeu-se à fé perante a obra sacra. E, talvez por isso mesmo, o São João de Itajumam tinha muito de especial.

O certo é que aquele dia tinha um charme diferente. Eu podia ver isso na natureza. Foi assim, com esse pensamento que iniciei meu dia. O olhar em direção a Cinthia foi um pressuposto disso. Eu não queria aborrecimentos. Minha irmã não iria estragar um dia que guardava consigo o nascer de muita coisa.

É engraçado como, às vezes, somos tão espirituais a ponto de sentir as vibrações de um futuro próximo. Coisa de misteriólogos. “É assim que o nosso bom Deus se comunica conosco; através dos mistérios que envolvem a relação de pai e filho e onde aquele é o Criador”, ensinava o velho Chico. A luz que nos guia em nossa estrada é a benção de Deus. Prosa que aprendi com a vida e com o talento e cultura do velho Chico.

Peguei algum cobre bem guardado dentro do criado-mudo e pus no bolso da calça. O perfume foi a gosto. Presen-

te de dona Miru em viagem à capital. Passei-o por todo o corpo. Um exagero de dar dó. Dizia a velha que o perfume tinha aroma de flor do sertão. Na verdade, eu não conseguia sentir era cheiro nenhum naquele frasco e, além do mais, mandacaru, que eu saiba, tem cheiro é de porqueira. Mas, conforme a boa educação, usei e abusei.

Camisa branca, abotoada até a penúltima casa, para não chamar atenção, conforme ensinou Cinthia, e cinto de couro de jacaré pipira que o velho Chico fizera para mim. A fivela grande não era muito do meu agrado pois chamava a atenção. Mas, em todo caso, era o único que eu tinha. O terno, como já disse, engomado.

Fiz questão, também, de escovar o cabelo com esmero e de fazer a barba. Nisso eu contei com a intromissão de Cinthia e de dona Miru:

— Vai fazer a barba, seu menino — exigiu a velha, oferecendo-me a navalha apropriada.

— Moça de bom gosto gosta é de homem da cara limpa, meu irmão — bisbilhotou Cinthia.

— Moça de bom gosto gosta é de se dar ao respeito e não ao desfrute — respondi em tom ríspido, arrancando lágrimas silenciosas mas inescandíveis de minha irmã.

Pois bem, àquela altura, o forró já dominava a praça matriz. Talvez a dança que o padre batizara de “quadrilha” já tivesse tomado corpo na praça. Passado algum tempo, fui à sala. Peguei uma moringa de licor e pus-me a bebericar. Cinthia, sentada no sofá, e depois da choradeira, ainda tentava conquistar-me com alguns elogios gratuitos, confetes, coisa que não tolero:

— Meu irmão está bonito e cheiroso.

Fingi não ter escutado. Elogio é coisa de pouca valia. Melhor mesmo é o reconhecimento.

— Eu posso ir com você? — perguntou envergonhada.

— E desde quando eu consigo impedi-la de alguma

coisa? — indaguei. — Parece-me que você esqueceu que ordens são dadas para ser obedecidas.

— É que eu ia gostar da sua companhia. Gostaria de dançar com você a “dança do padre”.

— Não é “dança do padre”, é “quadrilha”, assim o padre batizou; e não sei se é a minha companhia que você quer mesmo, pois lhe falta respeito e reconhecimento, afora o bom gosto — retruquei.

— Meu irmão está frio e distante — defendeu-se Cinthia.

— Eu aprendi, Cinthia, que, nesta vida, ou se faz o que se quer ou se faz o que se pode; e, hoje, eu tenho de fazer o que eu posso, pois o que eu queria não mais me pertence, fica para o meu rancor; e o que eu posso é curar, ao meu modo, o desrespeito de cabra safado, e o fogo de menina-moça.

Cinthia ficou um pouco nervosa, ensaiando calundu, ainda mais porque estávamos na presença de dona Miru. Baixou a cabeça como se fosse chorar.

Levantei-me com dificuldade da cadeira, já sob o efeito acumulado da bebida. Cinthia veio atrás de mim arriscando uma ameaça e mostrando atrevimento:

— Também não lhe conto o que é que minha amiga me falou.

— Provavelmente alguma besteira típica de vocês — provoqueei.

— Ela me falou a seu respeito.

Olhei Cinthia, como se duvidasse da veracidade daquelas palavras. Acreditei que minha irmã só falava aquilo por vingança, mas errei.

Pus-me à rua antes que me chateasse. As fogueiras enfeitavam tudo. Crianças por todas as partes brincando, numa correria sem fim. Os milhos, ora nas fogueiras, ora na boca dos esfomeados, era o prato predileto. O som das sanfonas tomava a cidade. Contornei a ladeira velha com seu piso de

pedra batida, de origem portuguesa. Preferi fazer o trajeto mais longo.

Perto da festa, pude perceber a presença de moçoilas interessantes, mas não convidativas. Afora a negra Lisdete, ninguém chamava a atenção. A negra não parava quieta. Era um reboliço sem fim, deixando os seios volumosos em desajeito.

A ladeira velha, ou Ladeira dos Ladrilhos Portugueses, era construção do século passado. Ali, os escravos desdobraram-se para agraciar alguns súditos da rainha em visita à Bahia. O chão de pedras portuguesas impressionava pelo esplendor. Figuras típicas contornavam as calçadas, bem ao gosto da realeza.

Fico a imaginar se Araponga toma conhecimento dessa história. Provavelmente iria construir uma estátua sua ao lado da do imperador, propagando que eram amigos e fazendo jus ao seu codinome “Cabeça de Vento”.

Certo é que o contorno daquele presente do século já findo trazia aos amantes das antiguidades um pouco de nostalgia. Já ao fim da ladeira velha, podia-se ouvir a inquietação que tomava a praça. O movimento de pessoas ali, entretanto, era quase que inexistente. Todos preferiam o outro caminho, por trás da Prefeitura, evitando a pequena ladeira de ladrilhos portugueses. E era nessa ladeira que eu me encontrava. A iluminação não era das melhores, facilitando os casais que se amavam ali mesmo, em meio ao luar, por trás de estacas e arbustos, não se importando nem mesmo com as minhas passadas, numa inconveniência sem estribeiras e fim.

Um dos inconvenientes era Oton Petrolina, filho da costureira Artildes, que se encontrava atracado com uma qualquer. Oton tinha um cacho de mulheres. “Tem três mulheres e dois pares de chifres”, esclarecia Tuquinha da Gerlande.

Perto da curva de acesso à praça, pus-me a refletir. A velha Miru, que observava cada passo meu, ainda que nas

sombras, sem alarde, ou vista, caso presente, certamente indagaria: “Estás costurando seu tecido de memórias?”. Era uma característica sua, distribuída a mim e a minha irmã. A velha interessava-se por qualquer gesto ou palavra, sempre a oferecer um julgamento. As observações eram feitas sem alarde, nas sombras da casa ou nas entrelinhas dos acontecimentos, definindo cada passo meu e de Cinthia, e merecendo alguma interpretação.

Encostei-me em um poste antigo de madeira, ainda não povoado por algum casal eufórico, que não demorou a se encurvar. O frio parece que crescia. Fiquei a observar o caminho por mim percorrido. Era realmente belo. Fixei o olhar em uma direção qualquer. Então, pude perceber, quase que deitada à janela, a menina dos olhos de mel e encanto, do choro e gemidos. Eu havia esquecido por completo que ali morava o estrangeiro. Fui, de fato, muito imprudente, coisa que não tolero. Mas o que é que eu estaria fazendo àquela hora, por ali? Confesso que não me lembrara desse pequeno detalhe, palavra de homem. Jamais imaginaria encontrar com a filha do estrangeiro por aquela banda da cidade, muito embora ela residisse ali.

Mas o certo é que o estrangeiro morava na Ladeira dos Ladrilhos Portugueses e a menina estava ali, com o olhar parado e triste. A peste é que a menina falava com os olhos. Era um olhar diferente. Não igual aos olhos de vai-e-vem de Leninha. “Olhos de moça desavergonhada que está doida para perder o juízo e o excesso, se é que já não o perdeu”, como bem dizia dona Miru. Era talvez mais signficante, talvez mais amedrontador.

A chuva que agora caía não me importunava. Eu ainda tentei mudar a direção dos meus olhos, que se perderam no horizonte. Mas era tarefa impossível, diante daquela paisagem e do repente. Menos pior, apenas, que o pranto. Choro de mulher é coisa de amolecer o coração, chego a

tremer só de pensar.

O certo é que a menina era realmente encantadora, acho por bem confessar. Dona de um olhar que fascinaria até mesmo a mais exigente das criaturas. “Olhar de encanto”, comentou Cinthia, certa feita. “Olhar de menina prendada e, ao mesmo tempo, de moça desfrutada”, manifestou-se, como de costume, a velha Miru. A velha, inclusive, não escondia o temor que sentia da menina. Certa feita, flagrei-a em conversa perdida com Cinthia, quando afirmou, sem maiores delongas: “Teu irmão deveria ter mais receio da filha do estrangeiro do que de jagunço de coronel ou de cangaceiro”.

A menina fechou a janela, sem que eu mesmo percebesse. Ajoelhei-me, tentando uma inútil proteção da chuva. Mas não foi preciso. Fui acudido pela educação e préstimos da moça filha do estrangeiro. A menina dos olhos de mel e encanto trazia, ainda, uma toalha de rosto estendida sobre os ombros. Chamou-me, em ordem e educação, fazendo ecoar a voz, quase inaudível, mesmo não sendo preciso, pois falava com os olhos: “Venha proteger-se da chuva”.

Olhei para os lados como se fosse conferir o destino correto daquelas palavras, quando percebi que elas foram proferidas, realmente, para mim. O cenário meloso não me entretinha, afora a consumição sem fim motivada pela redenção dos meus gestos diante da filha do estrangeiro.

Tentei fingir-me atordoado com os gotejos que se avolumavam. Mas meu esforço fora em vão. A menina atravessou a ladeira e me puxou pelo braço, não sei se com mais rispidez ou se com mais educação. Confundi-me.

Já protegido pela cobertura domiciliar, a menina mostrou-se delicada e afeita aos bons costumes. Coisa de educação. Enxugou-me com esmero e dedicação, não proferindo uma única palavra. E não era preciso, posto que as palavras eram ditas com os olhos. Coisa pior que os olhos de vai-e-vem de Leninha, ou o xibiu adocicado de Tafynha. Estes eu

contornava e esquecia, após o estrondo no leito. Mas os da menina me importunavam. Não sei se porque eu não os conhecia ou se porque eram tomados pelo feitiço.

Eu, também, permanecia silencioso, tentando fugir daquela realidade que me incomodava, mas, ao mesmo tempo, me entretinha. Posteriormente, com a voz quase inaudível, melosa, como a das putas, e educada, como a das damas, indagou:

— Primeiro você me ajudou, lembra-se?

Balancei a cabeça procurando responder positivamente.

— Agora é minha vez de retribuir aquele nobre gesto — continuou, mostrando-se afeita aos bons costumes.

A moça filha do estrangeiro pareceu-me querer vender educação, talvez por predicado, talvez por interesse:

— Aceita um mustatchudo? É um docinho de nozes delicioso, típico da culinária judia.

— Agradecido — respondi, negando a oferta.

— Que tal umas rechas? São rosquinhas feitas com água, açúcar, álcool, óleo, fermento e farinha de trigo.

— Obrigado — esquivei-me.

— Eu já estou alimentada, mas acompanharia você, pois é do meu gosto este doce. Berahá i salud! — complementou a menina, em letras estrangeiras.

Nesse instante, fechei os olhos buscando forças que teimavam em não vir e que me foram roubadas, sem pedir licença. Ergui-me da cadeira e tentei fugir. Tropecei em meu próprio nervoso, o que arrancou risos na varanda. Retribuí, não sei se por vergonha ou se por instinto. Após, olhando com curiosidade a estrela que ela carregava no pescoço, fui esclarecido:

— É a maguen David.



Meu olhar perplexo provocou ainda mais sorrisos.

— É a estrela de David — aclarou-me a curiosidade, com aquela voz quase que silenciosa, voz melosa de puta e educada de moça prendada.

Mas eu nem bem sabia que David era esse. Talvez fosse um qualquer, talvez gente importante. Quem sabe, até um parente dela. Assim, preferi permanecer calado.

— David foi um antigo rei hebreu — continuou a donzela, demonstrando cultura —, e esse emblema foi criado por ele.

Mas a ignorância é mesmo uma miséria. Bem me alertou o velho Chico. Porém, ninguém jamais havia me contado todos esses acontecimentos. Nem mesmo um livro assim noticiava, é o que eu pensei, tomado pela vergonha. Apontou para a estrela do tal David e se encarregou de aclarar.

— As pontas do triângulo superior falam da própria fé judaica, de Deus, do homem e do povo.

Prestei atenção em todos os detalhes, por gosto, pois cultura é coisa de valor.

— As pontas do triângulo inferior falam da história do povo judaico em seus três grandes momentos: a criação, a revelação e a redenção; a união dos triângulos reflete a idéia cristalina de entendimento, de união, de convivência e harmonia.

Eu estava boquiaberto e confuso, é bom confessar. Era muito atributo para pouca mulher: encanto, lindeza, cultura e educação. Prendada, não sei se era, pois tinha o olhar de feitiço e encanto, olhar de quem pede dengo e xodó. Afora isso, tinha a voz melosa de puta, muito embora, a educação de uma dama. Um encanto sem fim.

A própria velha Miru, mestra na arte de desemaranhar a alma humana, confessou a incerteza: “a filha do estrangeiro não parece nem preto nem branco; nem afoiteza nem lerdiza; nem rameira nem donzela; nem simplicidade nem soberba; não se permite definir e calcular, vendendo mistérios nos gestos e nas palavras”.

Lembrei-me de quando o velho falou da Palestina, inclusive falando do pai da moça. Para não parecer um completo deseducado, arrisquei:

— Seu pai é um judeu sefaramim, correto?

Parece que, definitivamente, minha pontaria não estava boa; arranquei mais risos na varanda.

— É sefaradi, judeu sefaradi — consertou-me. — Nossa família é judia.

— E o que isso ignifica? — indaguei, quase que por instinto.

— Significa que temos outros costumes, outras crenças; nós festejamos o Shabat, o Roshaná, o Kipur, a Pesah. Nossa culinária também é um pouco diferente. Comemos muito Piskado Ahilado, Kefres de Espinaka, Vitela kon Kaisí.

Realmente, dias atrás, o velho Chico comentou fatos acerca de tal lugar. Eu devia ter prestado mais atenção. Mas ela não deveria achar-me um troncho qualquer, afinal eu tinha conhecimentos sobre aritmética, literatura e muito mais. Também não iria ficar preocupado com o que uma menina que eu mal conhecia ia pensar de mim. Eu tinha caráter e acredito que já era o bastante. “Caráter é qualidade maior, afora o reconhecimento”, ensinava dona Miru. E tem mais, eu não sou obrigado a entender de gente estrangeira. Pouco me importa se o pai dela é sefa ... isso, sefa ... aquilo!

Tratei de levantar-me e, educadamente, agradecer a hospedagem. A chuva já tinha ido embora e, com ela, a minha resignação.

Já no portão, a pedido da menina, retornei. Assim o fiz por educação, o que me pareceu um pretexto. Aproximei-me dela com olhar horizontal, arreganhado escancaradamente para os lados. Não resistiria. Tinha olhos de encanto e perfume, afora a voz confusa de puta e dama. Tratei de verticalizar meu olhar para não fazer besteira. Eu havia de ser respeitador, mesmo porque não podia vender a minha fraqueza. Mas tinha

a menina, com os olhos de encanto, que parecia distante e carente, desejando alguma coisa que não ousava realizar. Deus me perdoe! Confesso que fui vencido pela frouxidão. Cabra frouxo não tem vez neste sertão de meu Deus, disso eu estava certo. Porém, o cenário — uma noite que nem mesmo a chuva pode estragar —, o momento e, principalmente, a outra personagem, não me proporcionaram destino outro. Fechei os olhos e roubei um beijo da menina dos olhos de mel. Um beijo rápido e trêmulo, mas que me pareceu uma eternidade.

O perfume também fez efeito. Muito melhor que o que dona Miru me presenteara. O problema é que entranhava. Verdadeira peste. Esse era outro grande problema. Mas foram segundos, talvez uma eternidade. E foram marcantes. Não houve malquerer. Não teria espaço para tanto. Eu estava diante de uma outra alma. Alma esta que teimava em me tomar por completo, mesmo que a contragosto. As tais histórias de sentimentos melosos que Cinthia contava. Talvez feitiço que se cura com rezadeiras, talvez não. Mas parece que essas coisas não nos pertencem. “Vêm e vão sem que esperemos”, dizia a velha Miru.

Um instante como aquele deveria ser valorizado. Aprendi isso com a vida. O significado nas coisas de um homem não se deterioram com o tempo. Os fracos é que se entregam aos encantos do amor, o tal sentimento que consome o juízo. Uma peste! E eu fui um fraco, acho por bem confessar. Um grande fraco. Mas ali, diante de uma menina que eu teimava desejar, não havia destino outro. Não sei se foi teima ou fraqueza. Talvez as duas. Mas reconheço a minha fraqueza, enfeitado pelos olhos de encanto e pelo perfume que entranhava. A velha Miru já havia se manifestado: “Essa moçoila açoita sorrindo e xinga de boca calada”.

Fui rendido pelos jeitos e trejeitos da menina, mesmo que a contragosto. Passei por cima dos meus princípios, tolos ou não, por um simples beijo. Feri de morte os meus

princípios. “Quantas vezes, desperdiçamos as oportunidades da vida por não sabermos aproveitar os grandes momentos”, era a prosa dita e redita por dona Miru.

Refeito, retirei-me. Não sei se feliz ou triste, muito mais, perturbado. Mas ainda tive tempo de olhar para o rosto da menina, que se encontrava perdida em felicidade, pois era o que diziam os seus olhos. A menina filha do estrangeiro apelou para os bons modos, não sei se por fineza ou se por sonsice, e me desejou boa sorte:

— Guadrado de ojos malus — disse-me, em letras estrangeiras. — É um desejo, uma bênção, no dialeto cultivado por minha família: o ladino ou espanhol-judaico.

— Não tenho nada a lhe oferecer, senhorita, senão as mãos e as palavras — foi o que por fim eu disse, no fundo, uma justificativa a mim mesmo.

Pensei que ali eu tivesse enterrado a minha existência. O certo é que eu perdera a guerra contra um inimigo desigual. Talvez fosse o meu fim. Talvez a redenção.

Palavra de nordestino tinha ares de veracidade e o nosso ilustríssimo e estimado prefeito Teolindo — “o Cabeça de Vento”, diziam os boquirrotos, — cumpriu a promessa e fez do culto ao São João daqueles idos talvez o maior da história. É claro que todos aqueles sanfoneiros, aqueles enfeites e tudo de precioso que ali se encontrava serviu — por que não? — como, digamos, um adicional para o prefeito, afeito que era às ostentações. Mas o certo é que a festa estava como nunca.

Já no começo da praça, pude ver Pança, que era católico fervoroso até às dezoito horas, demonstrar seus dotes artísticos. Após o sermão do padre, Pança tornava-se ateu. “Ateu por conveniência”, bisbilhotava Tuquinha da Gerlande. Muito provavelmente o escudeiro do padre Lorrán tinha pecado pelo excesso e ingerido mais vinho do que o recomendado. O gingado produzido, até com certa ritmia, aliado ao vai-e-vem do formoso abdômen em desajeito, provocava gargalhadas eufóricas na platéia.

A negra Lisdete, por sua vez, demonstrava sua fidelidade aos costumes afros, impondo um ritmo alucinante nos pés.

Momento engraçado deu-se quando o ex-seminarista, com os olhos esbugalhados diante do esplendor corporal da negra, rendeu-se ao samba, dança comum dos negros. “Esta negra tem o diabo no quadril”, comentou Oton Petrolina.

“E em outros lugares também”, acrescentou o negro Adão, inconveniente como de costume.

Curioso falar-se de samba em plena festa de São João, acho por bem acrescentar. Mas o certo é que, ali, podia tudo. Desde a recém-batizada pelo padre Lorrán “dança da quadrilha”, até os passos ritmados da negra Lisdete. E, assim, até assistir a um seminarista ébrio trocar passos com uma negra ferosa, parecia normal. Pança, desafiando os princípios divinos, acompanhou a negra ao som do cancionero popular. Tonto, não resistiu. Sucumbiu à volúpia da negra impetuosa e terminou no chão. Não se pôde prender os risos naquele lapso de tempo. Foram precisos dez homens para levar o aprendiz de dançarino à sacristia, antes que chegasse o acontecido aos olhos rigorosos do padre Lorrán, de quem se podia esperar tudo, pois se tratava de um homem de veras sisudo, muito embora festeiro. O padre só não tolerou a “quadrilha junina”, o que não pareceu um mistério. “O padre nem é água nem é pedra”, manifestou-se a velha Miru.

A descontração, entretanto, não apagava o acontecido de minha mente. Não sei se por sonho ou devaneio, talvez preocupação. Afora isso, não sei se estava feliz ou triste, antes mesmo perturbado. Mas fui tomado pela antipatia, uma sensação de frouxidão que me consumiu o juízo, pois não se brinca com o que não se domina.

Aquilo não podia estar acontecendo comigo. Como pude ser tão fraco? Eu não poderia acreditar. Uma simples moçoila, que eu mal conhecia, e ainda mais com a voz melosa de menina chegada ao desfrute, muito embora a educação de uma dama. Foi imperdoável, acho por bem confessar. Não mais teria tranqüilidade para repousar minha cabeça no colchão, bênção maior. Eu havia sido um grande tolo, coisa que não tolero. Eu não sabia com quem estava lidando, isso era uma verdade. “Conheça seus inimigos e a guerra será mais amena”, é o que ensinava a velha Miru. A moça filha

do estrangeiro era, provavelmente, mais uma daquelas garotas avoadas, talvez uma desfrutada, sem eira nem beira, igual a tantas por aí. “A filha do estrangeiro açoita sorrindo e xinga de boca calada”, dizia a velha Miru, não sei se por sabedoria ou se por presságio.

O pior é que o tormento que consumia o meu juízo não se fez passageiro, como se dava com as outras moçoilas. Tinha ainda o tal desejo, afora a ternura.

Além do mais, eu não a conhecia. Não sabia sua procedência e costumes. Talvez a menina nem mesmo donzela fosse. Vinha do estrangeiro, outra civilização. Pouco me importava. Talvez prudência. Mas o certo é que seria muito engraçada a notícia na “Folha Itajumense”, de Alberico Gompria: “Filha de estrangeiro rico casa com rapaz sem cobre, nome, e também sem pai nem mãe”.

Eu tinha, agora, de recolher-me ao lado de uma qualquer, disso eu estava certo. Seria o jeito. A resolução para os impasses da alma. Única forma de limpar de mim aquele perfume que teimava não sair do meu corpo. Devia ser castigo ou feitiço. Quem garantiria que a menina não fosse feitiçeira, gente adepta das mandingas? Aqueles olhos de encanto eram receosos, pois muito encantadores, afora o perfume. Tinha ainda a voz quase inaudível, voz melosa de puta, muito embora a docilidade de uma dama. A menina deveria ser filha de um santo qualquer, tal qual advertia as beatas. Deus me perdoe! O certo é que eu estava tomado pelo desassossego, consumido pelo feitiço. Verdade verdadeira. Obra do desconhecido, que se guerreia com rezadeira ou esbórnia.

Depois do “batismo” do padre, a “dança da quadrilha” transformou-se na grande novidade da festa em louvor ao São João. Era só andar um pouco e podíamos ver uma formada. A primeira que vi, e a mais animada, tinha como rainha Lilica.

Maricas mais famoso daquelas bandas, Lilica era um primor de animação. Vestido em seu insuperável traje junino, ele roubava a atenção dos que por ali passavam. Na “quadrilha”, era o animador. Punha-se a formar os casais não desmentindo a fama de casamenteiro que tinha. Diziam os itajumenses que muitos foram aqueles que trocaram alianças e gracejos às custas do afeminado.

A fama de casamenteiro não tinha horizontes. Certa feita, Lilica achou de promover o casório entre o bode Aristides e a cabra Arnete, animais famosos por aquelas bandas, pertencentes a Caquinho Juazeiro. Afamados e tratados com apreço e distinção, merecendo, inclusive, nome diferenciado. Negro Adão advertia: “Estes animais parecem até gente. Só falta mesmo ter lua-de-mel em pasto de fazenda”. E teve. Lilica se encarregou dos festejos e casório, e Caquinho providenciou pasto e ração para a lua-de-mel.

O bode vestiu-se a caráter, com terno cosido e tudo. A cabra, para não destoar, foi arrumada com um longo manto branco, afora a grinalda. O festejo foi regado a cachaça e petiscos. Um festão de casamento, tudo ao gosto de Lilica.

Gente de tudo que é lado dançando e comendo. Uma fatura. Caquinho Juazeiro não mediu esforços. Dez contos e ordem para Lilica providenciar o rala-peito. Um bate-coxa sem fim. Os festejos só acabaram com a intervenção do padre Lorran, que ameaçou relatar o fato ao bispo e ao delegado. Caquinho obedeceu, pois o bode já havia sido preso e não era mais réu primário.

Obsessivo em chamar a atenção de todos, Lilica aperfeiçoou a “quadrilha”. Após formar os pares de casais, improvisou uma grande roda, ao seu redor, para que pudesse ficar em evidência. Para dar ritmo, berrava coisas vãs, de dentro do grande círculo formado, para que ali permanecesse por longo tempo. Assim, conseguiria prender a atenção dos passantes e curiosos.

Pois bem, de dentro do grande círculo formado, Lilica, ao berros, pronunciava coisas desconexas: “Olhe a cobra! Olhe a fogueira! Caminho da roça”. E, assim, o efeminado conseguiu, mais uma vez, o que tencionava: chamar a atenção de todos.

Mais adiante, as barracas armadas para a venda de quitutes e apetrechos davam um colorido próprio à festa. Mais adiante ainda, o bar de Tonho. Lá reuniam-se o negro Adão, Tuquinha da Gerlande, Anzol, os irmãos Caquinho Juazeiro, Petrônio Salgueiro e Oton Petrolina, e Ataíde “Dadeira”, quenga carnuda e atrevida, entre outros e outras.

O velho Chico não se fazia presente. Deveria estar escondido na floresta, “respirando natureza”, como ele mesmo dizia. A casa de madeira, que eu também ajudei a construir, era o eterno refúgio do velho. Ele gostaria de ser enterrado ali. “Este é meu refúgio e santuário”, dizia. Ali era, sim, o seu lugar. Ele parecia conversar com os bichos e conhecia a caatinga como ninguém. Mas eu precisava falar com o velho. Ele também gostaria. Interrompemos aquela prosa na casa das quengas. Prosa sobre a Palestina. Coincidência ou não, assunto do meu interesse. O

pai da menina era estrangeiro. Gente do outro lado do mundo. Parece que tinha parente nessa tal de Palestina.

Apesar de não ser afeito a amizades quaisquer, coisa além do boteco ou do leito, eu entendia as coisas que o velho dizia. Também não deveria ser diferente. Ele e dona Miru eram verdadeiras cacimbas de conhecimento e experiência, eu sempre reconheci.

Eu buscava o conhecimento. Talvez por obsessão. Mas tinha uns certos embaraços. O tal David, por exemplo. A menina tinha de mencionar logo um desconhecido. Por que ela não citara Targino da Sanfona, o maior sanfoneiro da Bahia? Pois eu sabia tudo sobre Targino da Sanfona. E sabia também quem era o governador e quem era o presidente: Getúlio Vargas; G-E-T-Ú-L-I-O. Conhecia também de conta, como ninguém. “Meu irmão sabe tudo de aritmética, nem precisa dos dedos”, vangloriava-se Cinthia.

Ademais, gente descarada eu conhecia pelo olhar. Aqueles de olhar meio que de banda, pode ter certeza que é gente sem predicados. “Gente prendada olha nos olhos, e não enviesado”, dizia o velho Chico. “Moça direita eu conheço pelos olhos e pelas pernas; as que têm ‘olhos de cabra morta’ e quentura nas pernas são tudo desavergonhadas”, sentenciava a velha Miru.

Mas agora eu estava ali, à mesa de um boteco, com os companheiros de prosa e gotejo. Tonho, aproveitando a ocasião, ofereceu uma garrafa de vinho.

— Garanto que a bebida é da boa.

— A quem devo o fabrico, meu amigo Tonho? — indagou o negro Adão, acentuando o vocabulário.

— É importada — respondeu concomitante ao longo sorriso.

— Você está de gozação, miserento? — indagou o negro Adão.

— Eu sou lá homem de brincadeira? É presente do estrangeiro. Aquele homem que veio lá de longe, onde não se sabe se existe gente ou é mera prosa de rádio.

— Tonho, meu amigo, você está de caso com o estrangeiro? — pilheriou Adão, irritando o parceiro.

— Olhe aqui, seu miserável, eu vou te mostrar quem é maricas — partiu Tonho, garrafa em punho, ao encontro do negro Adão.

— É molequeira Tonho, você é macho — corrigiu Adão.

E assim venci mais um dia: Tonho correndo atrás do negro Adão praça adentro. Coisa sem interesse. Típica de Itajumam. Prosas e artimanhas sem relevo. Afinal, uma história de vida se constrói também com prosas e gestos sem muita valia, como bem ensinava dona Miru.

* * *

O certo é que eu não teria sossego. Mesmo na mesa do boteco, à custa de cachaça e vinho, haveria algum falador a lembrar-me da moçoila feiticeira.

Não bastasse o perfume que se impregnara em meu corpo, a mente que adormecia fora impulsionada. Coisa de quem carece de companhia feminina. Afagos e sussurros para que não ficasse parecendo um desmiolado pensando em coisa ruim.

O cheiro da menina havia entranhado em meus poros, que nem sopapo de água dava jeito. Esfreguei em vão. Tomei banho demorado para tanto, o que estimulou as observações da velha Miru, que vivia nas sombras da casa, com olhos e ouvidos em ebulição: “Está se purificando dos pecados?”.

A reminiscência dos lábios e dos olhos não se apagavam em minha memória. Ainda, já não bastasse, o negro Adão a perguntar, por inconveniência, quem fora que dera o vinho

de presente para Tonho do Botequim. Presente suspeito. O estrangeiro tinha cara de murrinha. Parecia-me, também, ser gente de poucos predicados, cabotino e afeito às falações.

Na ausência de melhores viravoltas, consumi bebida pelo gargalo. Um jeropiga miserável, que nem Geó Carraspana tolerava. Para o borracho, funcionava. Única forma de não se ocupar com a vida alheia. Ao final, como de costume, envergonhava-se: “Vixe-Maria, quem sou eu?”. Mas eu queria era embebedar o meu subconsciente. Afogar minha angústia.

E Cinthia, onde estaria? As ordens por mim dadas eram para ser cumpridas, sem apelo ou recurso. Mas não havia tempo para pensar em minha irmã. Eu gostaria de evitar um encontro com ela. Não queria sangrar e capar aquele miserento. Eu agora estava quase temulento. Coisa da pinga. Era melhor assim. Não ouviria a melodia incomparável de Targino da Sanfona, mas também não pensaria em quem eu não queria. Eu sempre fora um forte e forte deveria sempre ser. Lugar de frouxo é no cocheiro. Neste sertão de meu Deus não há lugar para os frouxos, essa era a lei. Tentei controlar tudo, o destino e os sentimentos, mas a verdade é que nem tudo podia ser controlado. Eu não era perdedor. A doença que me acometia era singular. E o mundo teria sentido, se sentido eu quisesse dar. Eu não podia entender isso. Não havia equilíbrio nem tampouco um alicerce em que eu aterrassse meu coração enfermo. Culpa do tal amor, sentimento miserável que consome o juízo, afora a ausência de meus pais. O mundo seria, mais tarde, alegre. Mas eu era um mortal comum. Apenas um filho de Deus. “O mundo é grande e perigoso”, afirmava a velha Miru, em prosa de ensinamento. A cachaça era fuga irrecomendável, mas pretendida. Igual às mulheres da praça, loucas pelo descaro.

Fuga também fora a companhia feminina. Pensei em ir à casa de Prazeres. Não era preciso. A praça estava repleta de moçoilas atrás de extravasar os desejos mais intensos. Mo

çoilas da fala mansa e melosa, igual à da menina, mas sem a educação e traquejo de dama. Coisa de amadoras. De quem gosta do deleite barato, qualquer. Da parceria sem compromisso. Moçoilas de pouca prosa e muita enrabação. Afagos noite inteira. Tinha de fazer bem feito: a moçoila reclamaria o estrompo. Após a noite, abrir as pernas nem pensar. Ardia feito pimenta. Tinha de faltar. A moçoila sairia estrompada, mas feliz, este era o segredo. O desfrute que dona Miru resmungava e condenava. “O pecado dos homens”, diria o padre Lorrán.

Escolheria uma potranca: olharia para as ancas, as tetas, a beijoleta. A beijoleta tinha de ser carnuda. Essencial para um bom lambe-lambe.

Seria uma caçada até mesmo fácil. Todas letradas. No leito, vulcões. Mas eu sabia caçar. Anos de manejo. Coisa de cheiro. Não importava o fato de serem amadoras. Existiriam beijos e afagos. E o mais importante: nada de perfume.

Por certo, seria mais fácil e menos perigoso. Nunca passara por isso antes. Sempre fora com quem eu quis. Apenas um encontro, sem perfumes nem lembranças. Coisa que durasse uma noite, afora o chamego sem fim de Tafynha. Perfume que entranhava e olhar de encanto, nem pensar!

Aquela noite passaria em companhia de mais uma moçoila. Uma que não me deixasse marcas nem pensamentos. Jamais o perfume. Alguém que apenas se permitisse amar e, ao amanhecer, levasse consigo o que a noite produzira. Era assim que deveria ser. Mal maior era a ausência de meus pais e eu não permitiria outra perda ou desgosto. Não queria que perdurasse nas minhas entranhas qualquer resquício feminino. Coisa de sangue. Muita enrabação e pouca prosa.

Eu tinha meu jeito próprio. Queria era esquecer as fraquezas. O passado não vingaria em mim. Eu levaria para longe aqueles pensamentos infundados. Coisa vã. Imaginações tolas. Mal de sentimento se cura é assim: muito afago e pouca prosa. Era assim que devia ser, e assim foi.

Eu mesmo já dissera antes, que amor igual ao de Perivaldo eu jamais havia visto, ao menos na duração e esquisitice. Mesmo depois que sua escolhida se foi, o cabra ainda cultivava o sentimento. “Amor de verdade verdadeira”, dizia Tonho do Botequim.

Perivaldo, quando saía do casebre onde morava, perambulava pela praça, cabisbaixo, parecendo não estar vivendo em nosso mundo. Tudo para ele parecia ser estranho. E assim era, sempre. Não se rendia ao destino, nem o aceitava, muito menos, era feliz.

“Perivaldo é uma espécie de ser humano completado pela existência de uma outra parte”, explicou dona Miru. Talvez por isso, fez-me verdadeiramente acreditar que sua vida era uma identidade de existências. Não se tratava de uma simples união, coisa tola que o tempo dissolve. O romance que manteve com sua escolhida era coisa muito grande. “Amor de verdade verdadeira”, dizia Tonho do Botequim. “Amor na essência mais veraz da palavra”, tentou explicar o velho Chico. Perivaldo não exalava sentimentos nem vida; nada de mágoas divinas ou desejos futuros. No rosto, uma fisionomia sorumbática; no corpo, o retrato de quem há muito tempo perdera o gosto pela vida. “Se magro era, mais magro ficou”, observou dona Miru.

O que mais chamava a atenção nessa história é que o

vazio deixado era realmente insubstituível, coisa só vista nos contos de amor e nas prosas sentimentalistas. “Faz lembrar *Romeo & Juliet*, tragédia de amor de *Shakespeare*”, observou o velho Chico. O certo é que não haveria outra. Jamais Perivaldo teria gosto renovado pela vida, o que ficou claro em palavras e atitudes.

Perivaldo falava pouco. “Aí você está se utilizando de eufemismos, pois ele, na verdade, não fala”, corrigia o velho Chico. Quando sua escolhida se foi para o outro mundo — “o mundo melhor”, dizia o padre Lorrán —, ele pronunciara talvez seus últimos vocábulos: “outra não mais existirá”.

À época, muitos duvidaram do pobre, ou quase todos. Achava-se que, mais dia menos dia, ele se enrabicharia para o lado de uma outra qualquer, o que foi uma ilusão. Desde o acontecido, jamais o vimos com outra mulher.

Certa feita, inclusive, o negro Adão sentia a falta de Perivaldo, que andava sumido. Comentou o acontecido com algumas pessoas. Foi aí que dona Adelaide, a comadre de dona Miru, conhecedora maior da vida alheia — “Informa melhor que a Folha Itajumense”, pilheriava Oton Petrolina —, pôs termo à dúvida: Perivaldo passara dias dormindo no cemitério.

Fomos atestar a veracidade da informação. Chegando ao destino, custou-nos acreditar no que foi visto e revisto. O certo é que o vazio deixado era de uma tal forma, que Perivaldo não conseguiria mais viver. Essa era a verdade. Só no cemitério ele conversava. Também chorava. E aquilo chocou a todos, não sei se pela esquisitice, ou se pelo melodrama.

Perivaldo queria reencontrar sua escolhida, isso ficou claro. Talvez Deus não quisesse uma companhia para a menina solitária que habitava o céu. O certo é que Perivaldo não demorou muito para ir ao encontro de sua escolhida. Desafiou o destino e o feriu de morte. Não aceitou o seu fim. Foi-se por vontade própria, para que, talvez, pudessem

provavelmente reviver todas as suas igualdades. Tinham um encontro marcado no céu. Isso era certo. Completar-se-iam mais uma vez. Agora só no outro mundo. O mundo melhor, como dizia o padre Lorrán. Talvez seu pecado fosse contrariar o destino, mudar o rumo de sua história. Assim não se deve fazer, é certo. Mas o fato é que Perivaldo se foi, não por morte matada ou por morte morrida. Se foi por instinto e devoção.

Contando carneiros e bodes, assim eu passei a noite. Insônia miserável, afora a dor de cabeça e tontice. O efeito da pinga podia ser sentido na manhã seguinte. Cachaça inditosa. Tonho era um safado. “Vendedor de pinga de má qualidade”, esbravejava o negro Adão, com razões para tanto. Miserento! E o pior, ainda tive que agüentar o falatório sem fim de dona Miru, afora os olhares de Cinthia. A velha falava entre a sala e a cozinha, em breves pausas, na medida certa para consumir as minhas forças e evitar o revide de palavras:

— É isso que dá passar a noite na vadiagem ... No meu tempo não existia isso ... As moças de hoje não se respeitam mais ... É um desfrute que só se vendo ... Vê se tem cabimento ... Uma pouca vergonha ...

O olhar curioso de Cinthia também não me agradou. A noite devia ter sido ótima, sem a sombra dos meus olhos e o receio do chicote. O rosto de minha irmã comprovava minhas previsões. Comigo ausente, cabra frouxo que era, aquele mariquinha miserento devia ter extrapolado, isso é que me atormentava.

Mas algumas indagações me angustiaram ainda mais. Passei a me culpar. O que é mesmo que eu estava fazendo de minha vida? Esqueci até mesmo minha irmã, sequer fiquei de atalaia. Agora, mesmo que a contragosto, eu tinha de investigar.

Já sozinho no quarto, pedi a presença de dona Miru:

— A senhora sabe, por um acaso, a que horas Cinthia chegou? — indaguei tentando disfarçar a curiosidade, com os olhos perdidos na janela do quarto, com a vista da caatinga.

— Olhe aqui, seu desavergonhado, você chega de manhã em casa, impregnado de pecado, e ainda fica molestado sua irmã? Eu devia era te dar umas palmadas. Vou lhe ensinar umas coisas, seu desavergonhado.

— Mas dona Miru ...

— Mas, uma ova de pirarucu ... Você fica nesses antros e ainda cobra respeito de sua irmã? Veja se toma juízo!

Não adiantaria, como já dito e redito, Cinthia era a preferida da velha. As duas mantinham uma relação mímica, muitos gestos e poucas palavras. Proseavam com os olhos, essa é uma verdade.

Mas era melhor a sova de palavras, do que eu carregar a culpa na cabeça. Se não fiquei de atalaia, ao menos tinha de saber o que minha irmã havia feito à noite. Seu lugar era em casa, quando muito, na porta. Mas tinha a quermesse e os festejos.

Pedi a presença de minha irmã, incentivado pelo sentimento de culpa:

— Cinthia, ontem eu tive de resolver uns problemas, contratempo importante, você entende ...

— Problemas importantes, meu irmão? — interrompeu-me demonstrando uma certa malícia no olhar.

— Problemas, sim. Você está pensando o que de seu irmão? — retruquei. — Eu fui tratar de uns assuntos importantes, coisa de negócio, em ... é ... não interessa.

— Meu irmão refere-se, por um acaso, à ladeira velha?

Tremi e bati o queixo, tenho de confessar. Tudo por instinto. Não seria possível. Cinthia devia estar brincando; uma brincadeira de muito mal gosto, revele-se. Diante de minha perplexidade, completou tentando amenizar a situação:

— Eu estive ontem na casa da filha do estrangeiro e ela me disse que você tinha estado lá.

Eu tinha razão. A menina não perdeu a oportunidade de propagar o acontecido. Ia vender a minha vida e fraqueza a preço de pechincha. O segredo era negar. “Com mulher a gente tem de negar até a alma; tem de pensar tanto que é verdade que, afora ela, você mesmo acaba acreditando”, é o que ensinava Oton Petrolina. O negro Adão advertia: “Oton Petrolina não sabe de nada, tem três mulheres e dois chifres”. O filho de Artildes se justificava, com um argumento comovente e inusitado: “Se eu posso, elas também podem”.

— É, eu estive lá para me proteger da chuva. Mas foi ela quem me convidou, e insistiu — falei a título de escusa.

— Eu sei, ela me contou — ponderou Cinthia tornando a surpreender-me.

— Ela falou que tinha me convidado? — indaguei tentando esconder a aflição.

— Foi. E me disse também que você é muito ensinado e que gostou muito de você.

Devia ser troça. Mas eu não podia transparecer nada. Minha irmã não podia estar falando a verdade. Eu tinha certeza de que a menina ia vender a minha vida a preço de pechincha. Esse foi o meu erro. Afora o desgosto da ausência de meus pais, eu teria de aturar ainda mais este.

Fui interrompido mais uma vez por ela, já à porta do quarto.

— Eu estive lá, meu irmão, e preferi não ir à praça pois achei que você não iria gostar.

— Eu adoraria acreditar, Cinthia, mas meu significado não é mais o mesmo para você; o fogo da idade é maior — respondi quase que de imediato, arrancando uma inescondível decepção em minha irmã, que ensaiou calundu.

Comigo a relação era de respeito, mas eu tinha de apelar para as palavras duras e irônicas. Não para os gestos, como

acontecía com dona Miru. O jeito era apelar para a surra de palavras. O ruim é que Cinthia era melosa e choradeira. Uma sentimentalista. “Meu doce de umbu com mel”, derretia-se a velha. Aí a prosa terminava com a choradeira sem fim de minha irmã. “Esta é uma relação bérrica, construída com sova de palavras e lágrimas”, resmungava a velha. Mas foi dona Miru que assim educou Cinthia. Mandava-a berrar, jamais se calar.

Fiquei um pouco intrigado com o que minha irmã dissera. A respeito de ela não ter ido à praça, não havia o que discutir; o motivo, muito provavelmente, deveria ser a ausência daquele titiquento miserável. Intrigado mesmo eu fiquei foi com a revelação sobre a menina. Mas será que ela não iria vender o acontecido a preço de pechincha? Essa era uma pergunta que só poderia ser respondida tempos depois, sempre sob os préstimos do tal destino.

Rodolpho Miguel Paternostro, italiano de nascimento, itajumense de coração. Rodolpho, em homenagem ao bisavô e Miguel em homenagem a um pintor italiano de quem eu nunca ouvira falar. “Michelangelo”, o velho Chico cuidou de esclarecer. Quem não haveria de conhecer o italiano, figura tão destacada pelo sertão afora?

Rodolpho era um eterno exagerado. Gente encarecida, boa de prosa. Baloeiro, é bem verdade. “Cabra bom”, sentenciava Tuquinha da Gerlande. Sempre empenhado de muitas mulheres — dizia ser do sangue europeu a razão para tamanho apetite — chegara a viver, inclusive, com três matronas de vez. Tudo na vida do italiano era exageração. Era conhecido pelo mimo “Mingué”, como gostava de ser chamado pelas putas e pelos companheiros de gotejo. “Um varapau que faz da demasia a sua fortuna”, ponderava dona Miru.

Famoso, não só pelo apetite exagerado em relação às mulheres, Mingué era mais ainda conhecido pelo incomparável modo encarecido de ser. Morava na rua das Tartufas, numa casa que, contavam os mais íntimos, possuía sete quartos. “Um para cada dia da semana”, defendia-se o ocidental.

Figura esguia e magra — “um varapau”, como descreveu a velha Miru —, Rodolpho era, também, um grande boêmio. Bom de prosa, falastrão, rufião, dizia ter lutado na guerra, quando fez amizade com praças brasileiros. Esta, en-

tre as incontáveis inverdades que o italiano não se cansava em propagar, teve um término incomum, pois todos tinham conhecimento de sua fama de exagerado, mas ninguém ousava contestá-lo. “Eu não minto, só acrescento”, dizia, no maior descaramento.

Certa vez, ele achou de dizer que tinha sido enviado para a guerra, motivando, inclusive, o fim da mesma. Isso porque pela heróica e fantasiosa versão do italiano foi ele quem pôs fim à guerra com a sua providencial chegada. O engraçado foi que, dias depois, quando se questionava na cidade um possível ataque de Lampião e bando, prosa chegada da boca de coiteiros, resolvemos, no bar do Tonho, que todos iriam se armar. Mingué, coitado, quase se cagou em pegar na garrucha que Petrônio Salgueiro lhe ofereceu, o que foi testemunhado por muitos. Tanto foi o seu pavor, que a garrucha caiu no chão e disparou para o ar. O italiano correu em disparada arrancando uma risadaria sem fim de todos os presentes. “Corre, varapau baloeiro”, pilheriou o negro Adão, esquecendo-se, por conveniência, que era outro grande mentiroso.

O acontecido não serviu para acabar com o seu imortal jeito de ser, mas não deixou de servir como um castigo para o italiano. Serviu, também, para que ele passasse três dias em casa, sem maiores falações, envergonhado com o acontecido.

A fama de Rodolpho não tinha horizontes. Ganhou, na cidade, uma praça que levava o seu nome, homenagem do prefeito Teolindo Araponga. Emocionado com o convite, fizera apenas uma única exigência: o chafariz deveria ser desenhado por ele. Foram dias e mais dias de uma enorme curiosidade. “Expectativa maior eu nunca vi”, comentou dona Miru. Todos queriam saber como seria a obra desenhada pelo italiano. Comentava-se, na região, à boca pequena, que o chafariz teria a altura de um sobrado, o que não passou de um engano. O importante da obra não seria a altura, mas a

dimensão. “Gente só olha para cima para ver zepelim passar”, esclareceu o homenageado. O chafariz desenhado pelo italiano tomou quase que toda a extensão da praça, restando ao prefeito míseros metros quadrados de chão livre que seriam ocupados pela placa com o nome do homenageado.

Assim era o nosso ilustre morador: um exagerado vendido e convicto. Vivia de emprego público depois que fechara o seu comércio. Mingué havia sido dono da “Massa Italiana”, uma cantina que vendia comida típica. Talvez o melhor restaurante que Itajumam já teve. A cantina era o reduto dos intelectuais daquelas bandas e de outras, afora as quengas sem estilo, traquejo e educação, que, vez em quando, povoavam o ambiente.

Freqüentavam o estabelecimento o professor Miguel, doutor Dummond e o prefeito Teolindo. Também, o medicador Antílio — “o pai-de-santo doutor”, como pilheriava a velha Miru, o juiz de direito, doutor Antônio Castro “Mordaça”, e o promotor de justiça, Paolo Jacobina. O juiz gozava de prestígio entre seus pares, após obrigar dona Adelaide a ficar amordaçada durante as novenas. O gracejo “Mordaça” surgiu após a utilíssima sentença do magistrado. A comadre de dona Miru era uma peste com a língua. Pouco menos que Geó Carraspana, é bem verdade. Mas também uma praga. Geó, pelo menos, envergonhava-se, como de costume, depois das falações sem fim, ensaiando arrependimento: “Vixe-Maria, quem sou eu?”.

Dona Adelaide, por sua vez, não deixava ninguém imune às suas falações. Sua defesa resumia-se à idade avançada e às moléstias: “Eu sou uma senhora adoentada e de muita idade; estou uma titica de gente; não tenho mais forças nem para prosear. Eu sinto é um queimor nas goelas, uma constipação, um vai-e-vem no juízo. Nem chá nem reza dão jeito à resfrialdade no corpo e ao baticum no coração”.

Afora as moléstias, ainda acusava bom comportamen-

to: “Eu não olho nem para os lados. É que tudo acontece na minha frente. Eu só faço mesmo é arregalar os olhos. Isso eu faço. Não nego. Mas que eu procuro os acontecidos, isso é uma inverdade. Não sou mulher de me intrometer na vida alheia. Juro por todos os santos”.

Porém, de tanto fazer e falar, recebeu ordem escrita do magistrado. O doutor juiz recebeu petição assinada pelo doutor Paolo Jacobina, promotor de justiça, que colheu a manifestação indignada de umas tantas pessoas e tomou providências.

O Promotor de Justiça não quis saber de prosa e redigiu o texto em verso. Uma pintura de petição, guardada com estima pelo Promotor. “O doutor Promotor parece até um nomofilaco⁷, tamanha a sua dedicação aos textos”, asseverava o velho Chico. Mas o certo é que a petição foi um primor:

*Senhor Juiz, quem muito diz, pouco tem a esclarecer;
e o que fazer, senão sentenciar a ré,
que não respeita nem homem nem mulher,
em suas inconvenientes declarações?*

*Se a fala é dom de Deus,
como diziam os fariseus,
por que não a abençoar?*

*Pois do contrário vira falação,
peste contrária à Nação,
que de inverdades tende a padecer;*

*Por isto, excelência, pedimos, na crença,
de que a decisão seja justa e abastada;
pois se assim não o fôr, além do doutor,
a Justiça sairá mal falada;*

⁷ Magistrado encarregado da conservação dos textos oficiais em muitas cidades da Grécia

*que dos confrades fala à toa,
é a ausência de castigo;
E esse é o perigo,
pois a grande língua faz estragos,
pouco importando os destinatários,
e atingindo a quem não merece;*

*Assim, manifestamo-nos em petição e prece,
para que a aleivosia não impere,
e a ré mereça punição;*

*Este é o anseio da sociedade,
que repugna a maldade,
de uma conversa a mais, e tacaña;*

*Neste caso, de maldade tamanha,
castigo melhor é a mordaza,
que tolherá a pirraça, de uma ré falastrona;*

*Para esta gente, que vende a vida alheia aos berros,
Pouca coisa são os ferros,
da clausura ou da redenção;*

*Assim, esperamos que a ilustrada decisão,
deste douto magistrado,
seja assim o melhor retrato,
do nosso povo cidadão.*

Acabou dona Adelaide sendo obrigada a ficar amordaçada durante as novenas. A sentença foi cumprida à risca por oficial de justiça designado especialmente para o ato. O decisório advertia: “Cumpra-se por intermédio de oficial de justiça designado para este fim. Notifique-se o Ministério Público para acompanhar a ordem”. Todos aplaudiram a

decisão do magistrado.

O restaurante era cenário, também, político. A “Massa Italiana” era o restaurante preferido dos letrados e políticos. Ali jantou o Governador Dantas, em visita à Itajumam, e toda a tropa da região.

Infelizmente, a “Massa Italiana” não durou muito; isso porque o italiano não tinha talento para o comércio, dado o seu desperdício. Não se cansava de oferecer jantares caríssimos às putas e companheiros, verdadeiras orgias, no próprio restaurante.

No seu último aniversário, querendo fazer jus à fama, convidou quase que toda a cidade para comemorar a festa. Nunca se viu tanta comida e tanta bebida juntas. Um bate-coxa e rala-peito sem fim. “Até a mim ele convidou!”, espantou-se dona Miru. O resultado foi a quebra do restaurante e o sumiço do italiano por dois meses em fuga dos credores.

Afora o exagero, era garganteiro e falastrão. Além do já proseado, o italiano era, também, um pescador de muitos predicados. Pelo menos em lábia e contos. Conversava, cidade adentro, o feito acontecido no Riacho do Navio. Dizia Rodolpho que a pescaria, um certo dia, guardou-lhe surpresa. Segundo o falastrão, o peixe recolhido às águas do Riacho do Navio chegava perto dos seis metros. “Coisa do outro mundo, um espetáculo de peixe”, disse. E o certo é que boa parte da população acreditava nas conversas exageradas do italiano.

— Acreditem, meus companheiros, o peixe dava três de mim — espalhava com ar de maior, encenando o tamanho do peixe, subindo, inclusive, em um tamborete para alcançar a altura.

— E que peixe era o tal, Rodolpho? — indagou o negro Adão.

— Era um ... um torpedado.

— Torpedado?

— É, é esse aí mesmo.

— E isso é lá nome de peixe, seu moço? — retrucou

Xavier, pescador famoso, desbravador do São Francisco.

— Pois é, Xavier, dizem até que o tal peixe é pré-histórico — rebateu o italiano, apurando ainda mais o falatório.

Assim é que, por estas e outras bandas, não raro, faz-se comparação ao inigualável jeito exagerado de Rodolpho Miguel Paternostro. Assim, quando se quer demonstrar a dimensão exagerada de determinada coisa, utiliza-se a expressão “à Mingué”, em homenagem ao apelidado⁸.

⁸Trata-se, na verdade, de mais uma falácia do narrador, sem comprovação de sua veracidade.

Os meus negócios iam muito bem, obrigado! A criação de cabra e bode havia triplicado nos últimos meses e os frutos do meu esforço começavam a aparecer.

Graças ao nosso bom Deus eu ia levando meus negócios adiante com uma competência, aparentemente, irretocável. Gabação contida, restrita aos meus pensamentos.

Aumentei, ao meu modo, o tamanho das terras, tripliquei o número de animais e passei a cultivar — “na cara grande”, como diziam os molambos — o que ninguém ali por perto tinha coragem de plantar. Peito-duro. Ou se consegue as coisas na marra ou na prosa. O negócio tinha de ser bom.

Investi pesado, também, na produção de leite. Mas eu não daria tiro em arame. Tinha a hospedaria do forasteiro Amado que consumia boa parte da produção. Ainda, conquistei espaço em Riacho Alegre, Pedra das Antas e vilarejos. A produção escoava. O hospedeiro Amado elogiava muito. Confete barato. Não tolero elogios excessivos desse tipo de gente. Elogio fácil. “Melhor mesmo é a crítica construtiva, afora o reconhecimento”, ensinava dona Miru.

Naquele ano, com a ajuda do velho Chico, que de tão simples era gênio, talentoso e engenhoso, passei também a produzir carne em quantidade. Comprei um bom pedaço de terra e alguns bodes a mais. O investimento produziu rentabilidade imediata e, em pouco tempo, eu estava vendendo

carne em grande quantidade. Troquei ainda alguns carneiros (que não me endinheiravam) por terras. “Troca do outro mundo”, elogiou o velho Chico.

Tratei, também, de regularizar minhas terras. Eu sabia que os negócios, indo bem, poderiam despertar a usura de algum coronel safado. Gente de olho grande e gordo. Eu tive de aprender a negociar estudando as leis e em prosas com rábulas e advogados. O doutor Dummond instruiu-me e aconselhou alguns livros: Teixeira de Freitas e Clóvis Bevilacqua. Do pedaço que era de meus pais não havia perigo de perda. Conforme o causídico, a minha posse era mansa e pacífica. “Tem posse de herança e de usucapião”, ensinou o advogado. Do que eu havia comprado também não, pois eu tinha recibo e escritura. Quando tive conhecimento de que o vizinho da frente, um velho misterioso, de cabelos grisalhos, que morava só, de cujo nome não me recordo, gostaria de vender um pedaço de terra, não pequei pela demora. Fiz proposta em dinheiro e assinei também promissória. Eu tinha conhecimento do grande negócio que estava fazendo. Primeiro, porque as terras compradas eram, na verdade, uma extensão das minhas. Também, porque o preço pago em dinheiro não comprometia minha estabilidade e o restante, assinado em papel, eu nunca iria pagar. O velho tinha comprado briga com alguns cangaceiros em passagem por Itajumam e recebeu recado de coiteiro para não mais aparecer por aquelas bandas sob pena de aparecer capado e pendurado em pé de árvore. As promissórias iriam ficar ao deus dará. Só assinei porque sabia que nunca iria recolhê-las. Afora isso, o doutor Dummond me explicou que as promissórias só poderiam ser cobradas na marra, não no fórum, pois as assinei quando menor. A orientação me custou alguns contos de réis em honorários, uma dinheirama, mas que paguei com gosto.

Assim, com minhas próprias forças, procurei expandir meu pequeno negócio. Com o tempo, passei a ter maior se-

gurança, tendo comprador certo, e a cada dia produzia mais. O tempo foi um grande aliado e professor. Por certo, eu gostaria de proporcionar uma vida decente à minha irmã, afora o desgosto que ela havia me dado, sendo que dona Miru também seria beneficiada. Questão de gratidão. Coisa de afeto. Mas a velha não admitia mudar de casa, a sua grande paixão, depois de Cinthia. “Minha riqueza são vocês e minha casa”, dizia. Eu tinha por hábito ser atencioso com as pessoas que me queriam bem. Gosto não é coisa isolada. É coisa séria. E eu gostava somente de quem por mim tivesse afeição.

O problema é que eu não comentava nada de negócios com ninguém, exceto com o velho Chico. Precaução. Olho gordo é uma miséria. Todos sabiam da existência de minhas terras, mas não imaginavam como andava a minha produção. Eu, por prevenção, procurava ser o mais discreto possível. Aprendi na labuta diária, sob o sol forte da caatinga, que negócio não se comenta nem com mulher. Pouca prosa e muito trabalho. O silêncio era grande arma.

Coisa foi quando eu resolvi melhorar a casa de dona Miru. A muito custo, convenci a velha a não fazer perguntas e aceitar o presente, como se fosse obra própria. Tinta e mobílias novas, compradas em Riacho Alegre e Pedra das Antas. Coisa pouca para não chamar a atenção, afora a boniteza.

Cinthia era mais fácil de tratar. Eu assumia suas despesas — que não eram muitas —, e ela não fazia perguntas. Respeitava minha posição e se mantinha fiel à confiança que guardava em mim. Ela, mais do que ninguém, sabia que desta vida eu não queria muito, afora saúde e paz, era o que eu sempre rogava. Riqueza nunca havia sido coisa de minha cabeça. Coisa pouca, que se acaba. A roça, o bicho come; a casa, o vento leva. Riqueza mesmo é educação e cultura. Ninguém bota a mão. Morre com a gente.

O velho Chico era o único que tinha conhecimento dos acontecidos. Certo é que eu deveria ter uma pessoa para

minha ajuda e foi no velho que eu apostei. Ele me ajudou muito a crescer. Hei de reconhecer isso. Mas eu, no fundo, com humildade, sabia que aquela era um vitória, antes de tudo, minha. Era o legado de meus pais. Herança menor; a maior foi a vida, muito embora educação não nos pudessem oferecer. Quando do retorno do velho do cajado e de minha mãe, eles teriam do que se orgulhar; foi uma das minhas fantasias.

O certo é que eu estava ali, numa terra mais pobre que seu povo, plantando o que desse na cabeça e criando o que a natureza permitisse. Fiz até casa na rocinha principal e contava com os braços calejados de Antenor, o “Pente Fino”, crioulo alto, filho de sinhá Anastácia. Era meu empregado de confiança. Olhar desconfiado, não dispensava a garrucha na cintura. Valente como um cão do mato, tinha ordens minhas para atirar no primeiro que aparecesse com conversa mole. “Gente besta a gente trata é com açoite e parabelo”, era a ordem.

Ganhara o apelido, ainda criança, por ter sido um potencial criador de piolhos. Mas não se importava com a pilhéria. O laçao até que gostava de mim. Tirei-o da vida ociosa em troca de trabalho e confiança. Como retribuição, dei-lhe comida e, mais tarde, alguns contos de réis. Trabalhava feito um monstro. Não havia para o molambo dia ruim. Sob sol ou chuva lá estava Pente Fino a correr atrás de bode ou a cortar pé de macaxeira.

Mais tarde, enrabichou-se pro lado de uma mulata de lábios carnudos que carregava no colo um suposto filho do negro. Aquele era um típico “filho de pai”. “Só o molambo para creditar”, comentou o velho Chico. O menino só não parecia mais com Antenor porque era esbranquiçado! A cara do braçal da fazenda vizinha. Pente Fino ainda acreditava na fidelidade da mulher: “É por causa da lua que o meu menino nasceu assim, patrãozinho”, justificava. “Filho de preto com mulata, nascido brancacento, é a primeira vez que vejo”, retrucou o velho Chico.

Mas com filho ou sem filho, com a perfídia da mulher ou não, Antenor não mediu esforços na labuta dos animais e da terra, derramando nesta grande quantidade do seu digno suor. Foi o reconhecimento por eu lhe ter emprestado confiança e trabalho. Gente de valor.

O primeiro encontro com a menina não demorou a acontecer. Ainda nos festejos em homenagem a São João, recebi recado de Cinthia:

— Adivinhe quem mandou recado para você?

— Não tenho a mínima idéia — respondi de cabeça baixa, lascando um taco de carne seca com a boca, que degustava acompanhado de maniçoba.

— A filha do estrangeiro — continuou minha irmã. — Ela disse que gostaria muito de conversar com você, mas tinha vergonha e receio de passar por oferecida.

Como estava, fiquei.

— Vocês estão muito amigos, não é? — xeretou Cinthia, com certa ironia nas palavras.

— Olhe aqui, dona moça, eu respeito muito essa senhorrinha e o que houve entre a gente foi apenas uma troca de amabilidades — retruquei, erguendo-me da mesa e dispensando uma colherada de farofa. — Não me culpo por ser cavalheiro e eu acho mesmo é que você deveria parar de ser enxerida e passar a cuidar de sua vida que, diga-se de passagem, não é lá do meu agrado.

Minha irmã baixou a cabeça fazendo menção de choro e ensaiando calundu. Pôs-se em disparada para o quarto. Ainda tive de ouvir os rumores de dona Miru, que jamais deixava de defender Cinthia:

— Olha, seu menino, sua irmã está aí cheia de carinho e você vem com essas bestagens. Parece que não conhece coração de menina-moça.

— Conhecer é uma coisa, aceitar é outra — rebati.

Mas preferi ir à rua a ficar sendo espancado pelas palavras de desafeto da velha. Nunca vi tamanha proteção. Comigo, Cinthia tinha de despencar para os berros da prosa ou do choro. “Uma manteiga derretida que se bota em macaxeira”, eu provocava. Mas, no fundo, dona Miru preferia as nossas palavras, mesmo que duras e pouco amistosas, ao silêncio. Ela sabia que não me custava ignorar Cinthia por completo, não só em atitudes, como em palavras. Eu era mestre nisso. “Deus me livre que o silêncio impere entre vocês”, ela dizia.

Certamente a velha Miru não suportaria que a minha relação com Cinthia descambasse para o silêncio e a indiferença. Assim o fiz com Licurtixa, nosso único parente. “Ele é filho do filho do irmão de teu pai”, revelou dona Miru. A velha contou-nos que o miserento falara mal de meus pais sem medo ou vergonha. “Sem dó nem piedade; uma pouca vergonha”, detalhou a velha Miru, mas depois se arrependeu. O certo é que o miserento distribuiu malquerença para cima de meus pais, não sabemos se por inveja ou se por herança. “Foram palavras rudes e duras”, disse-nos a velha Miru. Aquilo consumiu o meu juízo e não me restou melhor destino. Fui até Pedra das Antas e acertamos as contas: dia e noite trocando sapatos e rolando no barro. A partir daí, a nossa relação foi separada pelo silêncio das palavras. “Distância do tamanho do mundo” conceituava dona Miru.

O certo é que, certa feita, peguei dona Miru em prosa de conselhos com minha irmã, oportunidade em que a velha e Cinthia proseavam sobre o acontecido com Licurtixa e sobre o nosso relacionamento:

— Não quero jamais que você e seu irmão poupem palavras. Mal maior não existe.

— Eu não sou assim — acudia-se Cinthia, cuja transparência era ordem expressa da velha Miru.

— Você já viu como seu irmão e Licurtixa se tratam?

— Não se tratam, se ignoram — consertou Cinthia.

— Afinal ele é o único parente que vocês têm.

— Mas quando falo com meu irmão ele não ouve, não sorri, nem chora. Parece até que não estou por perto.

— É que Licurtixa falou mal dos pais de vocês e seu irmão invocou com o sujeito.

— Ontem mesmo Licurtixa esteve aqui. Falou comigo. Prometeu presente. “Só para você”, ainda frisou. Meu irmão entrou em casa e nem olhou para os lados. Entrou como saiu, sem uma única palavra ou gesto. Parece até que nem respirou.

— É por isso que exijo que vocês não economizem palavras. E não teime.

Não sei se a velha exigia a tal transparência de Cinthia depois do acontecido envolvendo Licurtixa. Mas a verdade é que dona Miru tinha um receio do tamanho do mundo de que eu e Cinthia descambássemos para o mesmo fim. Não por minha irmã, uma sentimentalista sem eira nem beira, mas certamente por mim.

O certo é que eu devia respeito à velha e, por isso, parti evitando argumentar. O que a velha queria era que eu concordasse com o namorico de Cinthia. Fogo de menina-moça não se cura com água fria e, sim, com açoite. Ela sabia que eu não gostava daquele filho de um salafrário. Cabra sem valor, de olhar de banda. Um merdica de nada. E o que é que fez? Cartinha de amor para um miserento daquele. Letra ordinária. Uma redação de dar dó. Pensa que eu sou troncho. Com tanto rapaz em Itajumam, tinha de ser o escolhido um indivíduo que tinha o meu maior repúdio, cujo pai, por pouco, não me coloca em apuros? Eu não perdoaria. Eu jamais perdoaria.

Além do mais, Cinthia não tinha idade para namoricos. Tinha idade, sim, era para os estudos e prendas domésticas.

Era, ainda, uma menina-moça. Tinha jeito e trejeito de mulher feita, era vistosa, é bem verdade. Mas não tinha idade para namoricos. Tinha era obrigação de cuidar dos estudos e afazeres domésticos. Não de se entregar à pouca vergonha, mantendo romance clandestino com aquele miserento. Eu mesmo vi: mão na mão, em plena praça. Coisa pior eu não iria tolerar. Se eu sonhasse que passou disso, a poeira ia subir neste sertão de meu Deus! “Nem quero imaginar”, pressagiava dona Miru. Sujeito cabotino. Cabra sem valor e de olhar de banda. O jeito seria a sova. Cinthia que esperasse. Restava, também, capar o miserento. Castigo melhor.

Mas devo reconhecer que Cinthia estava percebendo minha camaradagem com a menina dos olhos de mel e encanto, do choro e dos gemidos. E, também, curtindo o nosso possível romance, é o que aparentava. Haveria de reconhecer isso. Agora, daí a intrometer-se em minha vida é que não tinha cabimento.

Passsei a refletir em busca de respostas. Cinthia jamais se havia interessado por qualquer rapaz. Era prendada e caseira. Mui-tíssimo bem comportada. Não gostava desse tipo de prosa e me respeitava ao extremo. E olhe que beleza era o que não lhe faltava.

Cinthia já era moçoila das mais formosas. A lindeza já despontara antes, mas agora minha irmã estava mais mulher, com os peitos crescidos e os pêlos nascidos. “Um doce de umbu com mel”, derretia-se a velha Miru. Sempre bem comportada e ajuizada, jamais me dera qualquer tipo de aborrecimento, afora a mania de correr nua pela casa, com os peitos em desajeito e mostrando o que só podia ser visto por mim e dona Miru. Quando não corria nua, encontrava-se quase nua, com a pureza coberta apenas pela calcinha. Isso se dava sempre que estava feliz. Era o que ordenava dona Miru: “Não esconda nem alegria nem tristeza, minha filha”. Cinthia não só obedecia como exagerava. E, assim, toda vez que estava alegre, corria pela casa com os seios em desajeito e com a pureza à vista.

Eu reclamava o excesso de alegria, mas não tinha êxito:
— Veja se se enxerga, Cinthia! Que pouca vergonha é essa?
— É que eu estou feliz, meu irmão. E de você eu não tenho vergonha porque eu o amo muito.

— E precisa ficar correndo nua pela casa, vendendo alegria e mostrando a pureza?

O certo é que minha irmã não se fazia de rogada. Era estar alegre, para a correria começar. Eu tratava de trancar a casa. Nem portas nem janelas abertas e, se eu pudesse, até as frestas eu cobriria. Apenas eu e dona Miru podíamos ver Cinthia em sua correria de alegria, com os peitos em desajeito e a pureza à mostra, quando não coberta pela calcinha.

Minha irmã não era oferecida, nem mal vista. Mas tinha de se enrabichar com aquele miserento? Eu não poderia conformar-me. Tinha também o problema da idade. Era muito menina para romances. Fogo e rabicho de menina-moça eu não tolerava.

Mas o certo é que eu não perdoaria. É verdade que tinha mais ou menos a mesma idade da menina dos olhos de mel. Mas é uma outra história. A menina era filha de estrangeiro. Outra cultura. O tal modernismo. Mas esse tal de modernismo que passasse longe de minha casa! Coisa mais estranha. Que seja para os outros, não para minha irmã. “As restrições e o moralismo de seu irmão resumem-se a você”, provocava a velha.

A raiva já subia à minha cabeça e meu estômago também já sentia os efeitos da ira. Eu estava tão indignado, que já não me sentia muito bem. Parece que a carne seca e a farofa iam sair boca afora. Comecei a ficar meio que zozzo e, por pouco, vi a hora de cair. Segurei-me a uma árvore, já nas vielas de Itajumam, e tentei controlar as emoções. Eu não poderia morrer. Eu queria ter um filho. Eu queria achar meus pais.

Contornei a tontura e me agarrei aos galhos secos de um umbuzeiro. Meu estômago embrulhava mais do que tudo e

fazia ter o gosto enjoado de carne na boca. Pensei em vomitar, mas tive medo de cuspir as tripas. Eu lá sabia o que era aquilo? Eu lá era um doutor de doença? Aquilo só podia ser coisa do tnhoso. Era feitiço miserável.

O vômito não saía por medo, o que não acontecia com a flatulência. Não a segurei, posto que serviu para aliviar a pressão no abdômen e para empestear o ambiente. Ainda bem que não havia ninguém por perto, pois, entre os sonoros e os mudos, alguns faziam efeito. “Atira no calcanhar e acerta no nariz da gente”, diria dona Miru, chegada, vez em quando, às troças.

Respirei fundo para não desmaiar. Fechei os olhos que só foram abertos quando senti a presença de alguém. Era a menina filha do estrangeiro. Chegou por encanto e não se sabe como. Olhando-me com caridade, indagou:

— Santo Deus, por que está tão abatido?

Não havia tempo para resposta. Corri em disparada por alguns metros e me acomodei por detrás de alguns arbustos. Acororado, calças arriadas, pude derramar tudo de ruim que se encontrava dentro de mim. Entre a matéria pastosa e o podre de espírito, nada restou. A dor de barriga e a apreensão foram curadas com um fenomenal desarranjo. Coisa de arrepiar. Fiz força e lamentei. Carne miserável!

Ali, entre os arbustos, eu era apenas um animal qualquer a satisfazer suas necessidades. Problemas físicos, afora o “mal da cabeça”, como dizia dona Miru. Nada de pensamentos. Muita força e paciência. O cabra tem de ser paciente para vencer. É uma miséria. Parece que tudo de podre tinha ido embora e agora eu já me sentia, inclusive, mais leve.

Quanto à menina, ficara para trás. Talvez por lerdeza, talvez por perceber o verdadeiro motivo de minha fuga mata adentro.

A menina ficara para trás, o que também aconteceu com a minha indisposição. Mas também me eximi de culpa, pois não tinha condições de ser instruído em uma hora daquelas. Mas como é que ela sabia que eu estava ali? Aquilo era ocasião dela aparecer? Eram infinitas perguntas sem respostas. Parecia mais ser praga do coisa-ruim. Isso mesmo, manifestação de terreiro de fumo-d'angola, feitiço contra mim. Ah, se fosse, eu iria descobrir! Acima de mim, só Deus. Feitiço se cura é com reza, e o mandante, com açoite.

Mas o certo é que aquele desarranjo, sem mais nem menos, sem querer nem poder, parecia-me coisa de arrear. Eu era acostumado a comer moqueca boiada em dendê, caruru em dia de Cosme e Damião e um bocado mais de comida pesada e nunca tive tamanho seca-bucho, afora o dia em que fui motivo de pilhéria por parte de dona Miru. Era de estranhar.

Após o acontecido, pus-me na direção do Riacho do Navio, a fim de um banho mais do que bem vindo.

Já estava ao entardecer, não havia ninguém, como de esperar, o que me deixou ainda mais descontraído. Desfiz-me da camisa de colarinho apertado e do calção de pregas e me atirei às águas do Metediço. Uma maravilha! As águas claras que corriam ali pareciam milagrosas, é o que diziam os mais velhos, afeitos a credences naturais. Eu não era simpático a essas superstições, mas que aquelas águas eram um deslumbre, isso eram.

Pus-me a mergulhar em debandada. Atirava-me das pedras, criando acrobacias disformes. Tinham uma conotação de alegria aqueles movimentos. Não sei alegria de quê, mas tinham. Eu queria era pular. Após o seca-bucho sem fim, que me deixou em desajeito, nada melhor. Desconjuntaria as tripas.

Eu gostaria era de esquecer a parte infame de minha vida. Eu não era mais um menino aluado. Agora eu era um homem. Talvez um quase-homem. Diziam, por aquelas bandas, neste sertão de meu Deus, que, para um indivíduo nordestino ser um verdadeiro homem, fazia-se recomendável a existência de três pressupostos: fazer um filho, plantar na terra e escrever um livro. Para mim tinha, também, de amparar a família. O certo é que eu já havia plantado; quanto ao livro, em cada dia das nossas vidas, acredito, redigimos uma página de livro. “O que é a vida senão viver e contar histórias?”, é o que ensinava dona Miru. Faltava-me, contudo, fazer um filho. E que vontade eu tinha de fazer um filho! Deveria ser com a mulher certa, e este era o problema. Sem sentimentos melosos. Mas que vontade de verdade verdadeira eu tinha, isso é certo. Pensei até em emprenhar Tafynha, chegada ao feitiço de pernas. Mas, com o filho, o chamego e a canseira iam aumentar e eu não queria isso para mim. Embarrigar Tafynha me pareceu grande enredo, mas também grande preocupação. Já bastavam o perfume que entranhava e os olhos de encanto da menina.

Certa feita, inclusive, a moçoila apimentada queixou-se de que o sangue não havia escorrido pelas coxas e a barriga não parava de crescer, afora a tontice. Tremi só de imaginar. Não sei se mais pelo acontecido ou se pelo receio da reação da velha Miru. Esta, com certeza, indicaria o casório como redenção: “O pai da moça deve exigir o casório, no padre ou no quartel”. Mas o acontecido não passou de manha da moçoila, que alegou, posteriormente, barriga d’água, para disfarçar o acontecido. Isso só mesmo aconteceu depois que o doutor de branco receitou Tafynha, mandando-a findar o consórcio de beijo e a pouca-vergonha. A quenga não titubeou e contou a verdade.

A rameira tomava chá para evitar a prenhez, por conta dos seus desejos sem fim. Não haveria de ser diferente, pois

com Tafynha não tinha dia certo, era me ver para o fogaréu a consumir. Desde o dia da nossa apresentação — “Me chamo Tafynha, com ipsilone” —, quando se desdonzelou em meus braços, a moça espivitada não me dava descanso. Propus dia sim, dia não, o que não foi aceito pela moçoila, que queria se embrenhar na cama, comigo, todos os dias. A velha Miru provocava, em prosa perdida com Cinthia: “Seu irmão está num abatimento que só doença ou mulher ruim para pagar a conta”.

Deitado às margens do rio, restou-me imaginar. Realmente deveria ser uma emoção e tanta fazer um filho. O bucho que crescia era o da mulher, mas a semente era do homem. Isso é certo. Mas o certo maior é que me agradava a idéia de ver o petiz chorando, aguardando o afago do pai. Era como se um pedaço da gente estivesse ali. Nossa extensão. Também, talvez fosse isso que meus pais sentiram quando eu e Cinthia nascemos. Pela falta do petiz, talvez a velha Miru, nos seus dizeres cheios de censura, se referisse a mim como um quase-homem.

Fiquei a imaginar o parto. E como seria a vida na barriga de uma mulher? Afinal, a mulher empresta o bucho e o homem a semente. Coisa de Deus, mas que era estranha, isso era! Quando uma mulher estivesse a esperar um filho meu, eu faria questão de apertar a barriga da mãe para saber se era homem ou mulher. Ia cutucar. “Tocando no comprido da criança, pode-se saber se se trata de menino ou de menina”, dizia dona Miru. Era isso, eu iria mexer e remexer a barriga da mulher, cutucar, e iria logo saber se era homem ou mulher. Ia tentar tocar no comprido da criança. Idéia boa, afora a oposição de Tafynha, irredutível nessas pelejas: “Quando a ousadia é feita em pé, nasce menino-homem; mas se a ousadia for feita deitado, nasce menina-moça”. Mas, com Tafynha, a ousadia não tinha escolha. Era em pé, deitado, enviesado, na rede, no chão, de qualquer jeito ou em qualquer lugar.

Pensei também em meu pai, não sei se por conveniência ou por analogia. Mas pensei. Por certo, não haveria de ser um pai por inteiro, completo. Não se pode conceber, também, um pai que não estende a mão a um filho merecedor. Ingratidão eu não tolero. “O reconhecimento é uma das nossas maiores virtudes”, ensinava dona Miru, em prosa de educação. Certamente meu pai, por aquela época, não deveria ser um homem feliz. Certeza maior não existe. Talvez estivesse buscando condições para um retorno, confiando a criação à velha Miru. Ou até não mais existisse neste mundo. Certeza maior ainda é a de que o velho do cajado não dava notícias. Mas o meu coração de filho teimava em acreditar no melhor.

* * *

Nada neste mundo de meu Deus mexia mais comigo do que a lembrança de meus pais. Quando pensava neles, ficava inerte. Eu fui, durante muito tempo, muitas perguntas e poucas respostas. “Um tecido de memórias”, dizia a velha Miru. Naquele instante, por exemplo. Havia por perto um certo barulho. O movimento dos pássaros acusava a presença de alguém. Não seria tocaia. A cabana que se encontrava próxima, e que serviu de abrigo para mim e para a menina, em noite de chuva, foi a última reminiscência do cangaço. Aquele não era um lugar apropriado. Em todo caso, tratei de alcançar um pedaço de pau. Havia a promessa de Antônio Arranca Tripa. O jagunço safado jurou-me de morte, depois que curei o desrespeito à Tafynha.

Olhei ao redor e só avistava pedra e urtiga, fora a vegetação mais densa perto do aguadío. Papagaios e periquitos sobrevoavam o ambiente proporcionando uma algazarra

inconfundível. O céu estava repleto de símbolos da natureza. Eu estaria ficando endoidecido? Deus me livre! Era gente por perto. Lembro-me das palavras do velho Chico: “O vôo de um pássaro, sem motivo aparente, é sinal de surpresa da mata”. Mas quem haveria de ser? Talvez fosse Cinthia à procura de prosa e perdão; talvez Tafynha querendo apagar o fogaréu que a consumia. Ainda, arte do coisa-ruim.

Fixei o olhar e tratei de perceber os ruídos. Mesmo meio agudos, pude compará-los a um gemido. E era. No alto de uma pedra pude perceber a presença de uma pessoa. Continuava a misturar gemidos e soluços, olhando-me com insistência. Já havia ouvido aqueles mesmos gemidos antes. Gemidos de tristeza. O que não poderia ser, foi. Era uma mulher, acreditei, e eu estava quase desnudo. “Vixe-Maria!”, foi a minha reação. Nunca poderia imaginar uma mulher por perto. Benzi-me desconcertado com o possível flagrante. Porém, o mais inusitado ainda estava por vir.

Erguendo-se, mão ao rosto, pude observar melhor a moçoila, que se encontrava perdida em pensamentos. Num pranto de dar dó. Não seria possível! Olhos fixos na presença alheia, quase que caio no fundo do riacho. Pulando de pedra em pedra, demonstrando uma certa intimidade com o lugar, vinha a menina dos olhos de mel e encanto, dos choros e gemido, ao meu encontro, com os cabelos que esvoaçavam. A menina que falava com os olhos. A menina do cheiro que entranhava e da voz melosa de moçoila desfrutada, muito embora com a educação de uma dama.

Apovorei-me, de começo, até mesmo pela minha escassa vestimenta. Mas havia uma justificável escusa, afinal tudo fora muito rápido, impedindo qualquer reação de minha parte. E, quando dei por mim, já estava em frente à menina, com aqueles cabelos que voavam e a sedução que exalava.

Em sua habitual educação, com o fino trato e a voz quase inaudível, melosa como a de uma puta-ruim, muito embora

a docilidade de uma dama, pediu-me desculpas:

— Perdão, não gostaria de lhe assustar.

Perante meu silêncio, continuou:

— Eu estava ali — gesticulou —, tentando esquecer umas coisas vagas.

Preferi não questionar o motivo do choro, aproveitando a coragem para também me desculpar, embora secamente:

— Perdoe-me a vestimenta, senhorita.

— Parece que toda vez que eu estou triste eu encontro com você — rebateu a menina.

— Vai ver é o destino, coisa de Deus — arrisquei, perdido nas minhas palavras e na sedução sem fim da menina.

— E você sabe o que é o destino?

— Às vezes, penso que sim, outras, penso que não.

— O destino é a história de Deus — falou a menina, em prosa semelhante às do velho Chico.

— Meu destino é viver sem destino, disso estou certo. Procuro as luzes que me guiarão em minha estrada e não as encontro — falei, conforme os ensinamentos do velho Chico.

— *La luz de um dia, tapa la escuridad de muchos dias* — disse a menina, em letras estrangeiras.

— Perdão, não compreendi.

— Deus vai lhe oferecer luzes. Ele sempre nos oferece. Agora mesmo, você é uma luz para mim, como já foi naquele dia de chuva, pois eu me encontro em desalento.

— Eu não sou iluminado para ser luz; não tenho nada a lhe oferecer, senhorita, senão as mãos e as palavras — foi o que disse, no fundo, uma justificativa para mim mesmo.

— Todos nós temos o que oferecer. Uns têm dinheiro, outros, educação. O mais importante, para mim, é o exemplo.

— Eu não sirvo de exemplo, disso estou certo. Nem para minha irmã, que não teve o exemplo de um pai e de uma mãe a seguir.

— O teu exemplo é a tua vida, os teus sonhos.

— É muito pouco, senhorita.

— Não, não é. Vamos escrever uma história, o destino que Deus nos reservou, e essa história já serve de exemplo: muitos bons, alguns ruins, mas todos importantes. Você precisa é começar a escrever a sua história, movido pelas suas paixões e seguindo os ensinamentos de Deus.

— E quais são os ensinamentos de Deus?

— Isso a gente aprende com o tempo. Mas Deus nos oferece o caminho.

— Eu tenho o meu caminho e sonhos, é verdade.

— Mas não basta ter sonhos, se você não tem a capacidade de interpretá-los. “Sonho não interpretado é como carta não lida”, é o que diz o Talmude ⁹.

— Precisamos entender os nossos sonhos e construir o nosso caminho. Isso eu bem sei; só não sei como fazê-lo — acrescentei.

— Com as muitas luzes que vão iluminar a sua estrada.

— E quais são essas luzes?

— São muitas, de todas as formas. Um sorriso, um choro; uma vitória, uma derrota; uma alegria, uma pessoa.

— Mas eu sou um desacertado, senhorita, e penso ter muito pouco a oferecer.

— “*Mas vale um azno ke me yeve i no um kavayo ke me eche*”, é um pensamento sefaradi, muito dito por minha mãe, na língua cultivada por minha família, o ladino, já que somos judeus com descendência espanhola — finalizou a menina.

A prosa era parecida com a do velho Chico, o que me pareceu uma boa nova.

⁹ Livro sagrado dos judeus.

Pensei, comigo mesmo, que a luz a que se referia a menina podia ter cabelos longos e esvoaçados, os olhos de mel e encanto, o cheiro que entranhava, a voz melosa de moçoila apimentada e doce de menina-dama, a sedução do jeito e das palavras.

E era. A menina vendia ternura e iluminava o meu caminho. Seduziu o meu juízo com o jeito e as palavras, o cheiro de amor e de pecado. Tinha os olhos de encanto. Atirou em mim a munição que eu temia. O cheiro do perfume espalhou-se rapidamente pelo ambiente. Tinha de ser o perfume. Esse era o grande perigo. Verdadeira peste. Os olhos de mel funcionavam como feitiço. Olhos de encanto. A menina falava com os olhos. Ave-Maria! Merecia bênção. Voltou-me a fraqueza. Coisa de timoratos. Rendi-me. Inacreditavelmente, perdi as forças. Não havia mais como suportar tamanha vontade. Rompi princípios, tolos ou não, indo ao encontro de tudo o que imaginava, e rolei nas areias abençoadas do Metediço na companhia e quentura da menina.

Beije-lhe os lábios depois da prosa. Apenas um beijo. Mais outro. O pedido foi feito com os olhos de encanto. Obedeci. O abraço apertado foi por conta da menina, já sem vergonha. Jamais poderia imaginar o acontecido e pensei não estar no meu juízo perfeito.

Acaricieei seu rosto várias vezes, tentando entender o destino, o motivo da minha frouxidão. Admirei, também, os jeitos e trejeitos da menina, que, às vezes, parecia uma mulher madura, outras, a moçoila que era. Afora os trejeitos, tinha os contornos. O corpo que exalava pecado, muito embora o comportamento correto de moçoila prendada. “A filha do estrangeiro é uma amalgamação de ternura e sonsice”, dizia a velha Miru.

Beije-a muitas outras vezes, todas pedidas com os olhos de encanto. A menina me abraçou para que formássemos um único ser, falando-me, ao pé do ouvido, coisas

bonitas. Não era preciso, a menina falava com os olhos, encantava e recitava poesias.

Aos poucos, fomos rendidos pela quentura dos nossos desejos. Realidade tão pouco provável e imprevisível, como os nossos destinos. O encanto do olhar foi vencido pela ousadia do jeito. A voz melosa de menina apimentada foi maior que a docilidade de menina-dama. Não houve mais a inibição que o momento exigia. Este era o nosso destino. Já éramos, àquela altura, um do outro. Rolamos pela beira do riacho, espionados, apenas, pelos pássaros que ali se encontravam. Era o testemunho dos céus. Agora eles não mais faziam barulho, eles cantavam. Toda natureza cooperava para a convergência dos destinos. História feita de afagos e palavras, afora a quentura dos nossos desejos. A menina demonstrou confiança em meus braços, talvez guiada por uma luz que lhe foi oferecida. Abraçava-me por instinto ou amor, com a mesma força do seu desejo. Pensei em nossa prosa e achei que estava certo. Provavelmente a menina fosse uma luz oferecida. Talvez um sentido à minha vida. Eu receei contrariar o destino. Fiz o que tinha de fazer. Nem muito, nem pouco. Tudo ao gosto do nosso destino. Afora isso, segui o meu gosto. E gosto é coisa séria, que devemos acompanhar.

É certo, também, que as máscaras da falsidade se perdem nesses instantes. Não há constrangimento. Há vida. A menina, disse eu estava certo, não era moçoila oferecida e sem recato. Tinha jeitos e trejeitos de menina-dama. Afora isso, tinha prosa de valor e cultura. Mas a verdade é que, em determinados momentos, ultrapassamos princípios próprios, tolos ou não, em busca de um destino que a nós foi reservado. Aprendi isso, depois, com a vida. É assim que escrevemos a nossa história. A luz que ilumina a nossa estrada, ensinamento que aprendi, também, na prosa com a menina.

O certo é que, ainda que a contra-senso, e rompendo limites, ficamos eu e a menina a escrever a nossa história, a

viver o nosso destino. Entre gestos e palavras, muito mais gestos, eternizamos aquele momento bem ao gosto da nossa história de vida.

Não daria para acreditar jamais no acontecido, nem se poderia. Mas o certo é que nós dois ali éramos iguais. Não havia o pobre nem o rico; não importariam as posses e o nome. Não existiam diferenças. Eram duas almas e um único destino. Afora isso, o que muito me impressionou foi a quebra de conduta. Meus princípios voaram com os pássaros na proporção dos meus sentimentos; não os melosos, como os de Cinthia, mas os contidos. Assim o foi com a menina, que de moçoila donzela tomou-se de gosto pelo desfrute. É que o tal destino tem desses entendimentos. Foram-se os princípios, os jeitos e trejeitos; vieram os sentimentos.

A própria menina falou-me do cuidado de sua mãe, rigorosa nos valores morais e no comportamento da filha. A educação era moderna, do estrangeiro, mas, nem por isso, menos rígida. A educação é a riqueza maior, conforme os civilizados, e entre estes estavam a menina e sua mãe. A mãe da menina não se fazia de rogada e era direta nessas matérias. A cobrança era contínua e mordaz, segundo esclareceu a própria menina:

— Chegou como saiu, minha filha?

— É claro mãe.

— Por um acaso não esqueceste o juízo ou o corpo em algum lugar?

— Valha-me Deus, minha mãe!

— Eu apenas quero saber se a senhorita não esqueceu sua formosura, pois a educação sei que ainda tem.

— Eu fico encabulada com essas conversas; parece até que não lhe dou gosto.

— Gosto você me dá, e muito; o que você não deve ofertar é a sua formosura; a que reside embaixo do umbigo e de onde saem a água que bebemos e os filhos que parimos.

Perdoe-me, filha, mas você bem sabe que não sou mulher de eufemismos.

— Mamãezinha querida, conselho tem de ser oferecido quando pedido.

— Eu ainda vou à frente; quando sentir a quentura florescer, apele para o banho resfriado.

O certo é que eu enterrei minhas fraquezas nos braços da filha do estrangeiro. Sob o voar complacente dos pássaros, às margens das águas geladas do afluente do São Francisco e com os corpos quase que únicos, escrevemos uma das nossas muitas histórias de encanto e amor.

Eu já não me preocupava com a vestimenta escassa, mesmo porque ela já não mais existia. Nem era preciso. A menina dos olhos de mel e encanto também não mais precisava das vestes. Nesses momentos, elas não têm serventia e interesse.

Procedi como um verdadeiro homem. Fi-la sentir-se mulher, amada e desejada. O tal sentimento, não o meloso, mas o contido, encarregou-se da frouxidão. Disso eu não gostei, mas não houve exagero. É que os nossos princípios e jeitos se foram, apagados pelos nossos destinos, conforme a prosa dita e redita pela menina, com aquela voz quase inaudível de menina em busca do descaró, ainda que com jeito de menina prendada.

Tratamos de ficar como se tivéssemos vindo ao mundo naquele instante. Retirei o excesso, dispensável, daquele corpo exuberante que exalava sentimentos e perfume. Não precisávamos de excessos, nem da calça de pregas e blusa de colarinho, nem vestido florido. A menina dos olhos de mel e encanto, com jeito de menina-donzela, com a voz melosa de menina rameira, encontrava-se perdida em quentura e pensamentos. Os cabelos esvoaçados e o ventre irretocável completavam a pintura. O corpo fervia na medida dos nossos desejos. O jeito era simples. Não apelaria para o banho resfriado, como sugeriu sua mãe em prosa de conselhos. A for-

mosura, enfim, se ia, com os mesmos gemidos de quando a encontrei. Apenas que, naquele “dia de chuva”, os gemidos eram chorosos e, os de agora, não sei se de dor ou de felicidade, mas certamente de encantamento.

Fui vencido pelo tal destino. Talvez a menina fosse uma luz que viesse iluminar a minha estrada. Foi assim que eu aprendi. O certo é que a minha adoração sem fim pelas mulheres era diversa. Com a menina tinha mais, tinha alma. “Desejo que traz às pessoas a qualidade insuperável da dignidade”, dizia Cinthia. Fraqueza, é verdade. Mas o certo é que eu, pela primeira vez na vida, fui apresentada e vencido por aquele sentimento estúpido e grandioso. Aquele que nos cega e nos ilumina, afora os desejos e rendição.

Apreciéi a menina que se encontrava com o corpo em quentura. Dos pés, aos cabelos esvoaçados. Era um deleite diferente. Nada igual aos muitos que tive com putas cata-cobre.

Tinha o perfume e, também, os olhos de encanto. Muito pior: tinha o tal sentimento miserável que consome peito e juízo.

A doçura nos gestos só não foi maior que a forma respeitosa de entrega. A menina estava sendo amada, assim como estava escrito em nossa história. O destino disso se encarregou, é o que falava com os olhos de felicidade. Eu queria muito, e talvez não tenha evidenciado essa verdade em palavras ou sentimentos. Mas, de alguma forma, eu disse o meu querer. A menina também muito queria. E queria pela primeira vez, o que podia traduzir ainda mais minha dedicação em relação àquele primoroso momento. Abraçou-me donzela e confessou seu amor, já mulher. A primeira vez foi eterna e boa, o que disse com os olhos. Esqueceu-se da formosura e do juízo em minha companhia. “A formosura que reside embaixo do umbigo e de onde saem a água que bebemos e os filhos que parimos”, como dizia a mãe da menina. A quentura chegou e a menina não apelou para a água resfriada, como sugeria a mãe, em prosas de educação e conselhos.

Viveu comigo, como minha inseparável sombra. A menina dos olhos de mel e encanto cravara em mim o punhal da eternidade. Deu-se a mim, para que fosse cortejada por todo tempo. Queria dormir ao meu lado, carregar no ventre um filho meu. Seus olhos de encanto também disseram isso. Foi vencida pelo destino, mesmo que preferisse dizer que pelo amor. Queria os meus braços e pernas. Toquei-a no íntimo, onde as moçoilas guardam as diferenças. Mulher precisa de estudo e atenção. Não existe outra bênção maior neste mundo de meu Deus. As moçoilas são o encanto das nossas vidas. São as mulheres que regulam o nosso tempo, que fazem a vida um pouco melhor. São elas que distribuem ternura e adoração. Afora os mimos, têm a alma. Este é o grande atributo das mulheres: a alma. São elas as encarregadas da pureza deste mundo. De tornar as nossas vidas mais toleráveis e justas, com seus jeitos e trejeitos. As moçoilas são as grandes virtudes deste mundo de meu Deus. Têm a bênção e o encantamento, afora a magia dos jeitos e das palavras. Mulher, para mim, é a grande alegria deste mundo de meu Deus.

O certo é que a menina jamais se esqueceria de mim. Disso eu pude ter certeza — talvez uma fantasia. Eu bem sabia que não se deve mentir para si mesmo. Aliás, as inverdades não nos trazem gosto, só desajeito. “*La mentira no tiene pies mas tiene alas*”, dizia a menina, em palavras herdadas da mãe. Mal maior eu não teria. Não disse isso em palavras, mas em gestos e olhar. E, talvez por isso, um dia, retornei aos seus braços. Os judiciosos talvez concordem com a minha postura, depois de avançarmos no tempo, o que nem eu entendi bem. O importante é que, agora, existia o começo de alguma coisa grande. Coisa imensa. Não sei se o sentimento estúpido a que se referia Cinthia, ou se o tal destino. Talvez a mais importante revelação de minha humilde história de vida, cheia de encantos e desencantos. A luz mais importante, oferecida pelo nosso bom Deus, para iluminar a minha estrada. A minha grande estrada de luz.

Passada a tarde no Metediço, tentei equilibrar minha vida. Não tinha em mente como reagiria ao acontecido, acho por bem confessar. Pensei, mais uma vez, em refugiar-me nas minhas terras. Precisava mesmo fazer mais negócios e fiscalizar o serviço sempre bem feito de Antenor. Mas não tinha no coração aquela, como a melhor saída. “Ouça o teu coração”, era o que ensinava dona Miru. Cinthia, como sempre, ouvia e aprendia, o que lhe aumentou o sentimentalismo e a choradeira. “Estou seguindo o meu coração”, era como se acudia, quando eu lhe sovava com palavras e exigências. “Dona Miru, não se pode ouvir o coração, tão somente porque ele não fala”, eu tentava dissimular, para que minha irmã não levasse os dizeres da velha ao pé da letra. Mas a velha não se fazia de rogada e tinha a resposta na ponta da língua: “Aí é que você se engana, meu filho; coração fala mais que boca de gente”. Eu sabia que não tinha como me contrapor a dona Miru, que sempre sabia mais do que nós pudéssemos imaginar. “Sabe mais que a sabedoria”, compenetrava-se Cinthia. Nesses momentos, ou eu me calava, ensaiando redenção, ou eu me ia, para não ser espancado pelo acerto das palavras da velha.

Preferi visitar o velho Chico, em sua cabana. Devia contar o inusitado a alguém. O velho, no auge da experiência, não menos brilhante que dona Miru, deveria ser útil a mim. Ele certamente já passara por semelhantes surpresas da vida.

Também não havia terminado a história da mulher que deixou no outro lado do mundo — “um erro”, como definiu. Lembro-me das lágrimas estampadas no rosto desgastado do velho, quando contara o começo do acontecido.

Realmente, eu precisava falar com o velho. Disso eu estava certo. Achei melhor evitar um reencontro com a menina. Ela até pedira para que, manhã seguinte, nos encontrássemos no mesmo lugar. Mas eu evitaria, pois era de minha intenção passar o dia em companhia do velho. Não gostaria de ter um reencontro. Precisava, primeiro, acomodar minhas idéias. Atordoado, eu não teria resultado. Precisava, naquele momento, prostrar com alguém. Também não poderia acreditar que a menina estivesse, naquele instante, no Metediço. Mas o certo é que uma particularidade em especial chamou-me a atenção. Eu não havia desacreditado na postura de moçoila correta da menina. Longe disso e muito pelo contrário, conforme o respeito e a educação exigida pela velha Miru. Mas, àquela tarde, algo de muito significativo aconteceu para ela. Era menina donzela, afora o fato de ser menina-encanto. Confesso que aquilo era o que mais me afetava, senão o palpitar desenfreado do coração — “O coração parece querer pular fora do peito”, definia Cinthia. A menina tinha guardado para mim a prova do seu amor, prosa sentimentalista e melosa semelhante à de minha irmã. Uma alegria sem fim. Virou mulher em minha companhia, essa era a grande verdade.

O velho, facão em punho, estava a cortar lenha para o almoço. Feliz com a minha chegada, não hesitou em evidenciar seu notável senso de humor:

— Saudades do velho, menino ingrato?

— Saudades da comida, velho cozinheiro — rebati, com o mesmo senso.

Abracei-o com estima, dirigindo-me à cozinha. Sentei-me ao lado do grande fogão de lenha para que a prosa tivesse logo começo.

O velho preparava o almoço como um verdadeiro cozinheiro de capital. Temperava um pirarucu pequeno, mas suficiente para o almoço. Na verdade, tratava-se de um bodeco, filhote de pirarucu¹⁰. O velho tinha por costume alimentar-se apenas de carnes brancas (hábito nem sempre seguido), legumes e verduras: jerimum, macaxeira, jiló. Talvez, por isso, guardasse tanta vitalidade, independente da idade avançada.

— É pescaria de fora. Comprei em Riacho Alegre — observou o velho.

Sobre a mesa, uma tigela abarrotada de verduras variadas, provavelmente compradas na feira, e os demais quitutes, no Armazém. Fiquei curioso com a quantidade de comida e não demorei a indagar:

— Para que tanta comida, velho?

— É para você fazer força nos arbustos, mais uma vez.

A minha primeira reação não poderia ser diferente, repleta de espanto:

— Quem te disse? — indaguei invariavelmente perplexo. — Como sabe que eu viria aqui?

O silêncio do velho era previsível. Sempre ele sabia o dia de minhas visitas. Mas naquele dia, porém, ele extrapolou.

— O senhor soube do acontecido? — indaguei.

— O que é que a gente não sabe nesta vida?

— Mas, quem lhe disse? — insisti.

— Alguém — respondeu brevemente.

Eu já deveria desconfiar. O velho sempre sabia de tudo. Por vezes, duvidei da minha própria capacidade de não parecer bronco. Mas com o velho não podia. Ele sempre tinha ciência de tudo. Talvez fosse verídico o que contavam dele. Muitos diziam que o velho falava com os animais, tinha credices estranhas. Coisas de arrepiar.

¹⁰Peixe oriundo do Amazonas, conhecido pela carne saborosa e semelhante à de bacalhau.

Ao longo de nossa convivência, pude perceber, realmente, algumas diferenças. Mas nada que pusesse em risco o conceito razoável que eu tinha dele. Poderia dizer, simpli-ficadamente, que o velho era um homem singular e especial. Uma figura única, daquelas não vistas com frequência mundo a fora. Claro que eu tinha minhas considerações. Apesar de não o conhecer a fundo, ignorar o seu passado quase que por inteiro, eu era a pessoa mais indicada para tecer qualquer comentário a respeito do velho.

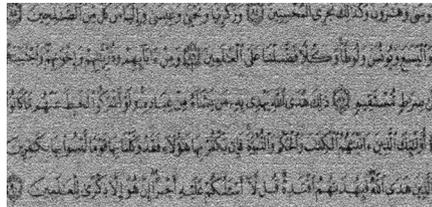
O que muitos achavam suspeito, com o tempo, fui-me acostumando a achar jocoso. “Nesta vida, cada história é uma revelação”, é como nos educava dona Miru. O certo é que o velho era companhia das melhores. Espirituoso e humilde. Muito sarcástico, é bem verdade. “O velho Chico me faz ficar branco de vergonha só com o sorriso, imagine com as palavras!”, comentava o negro Adão. Mas o velho falava coisas interessantes e tinha prosa de gente estudada. De tão simples, era gênio.

O velho era uma verdadeira capacidade. Seu talento não tinha horizontes: aritmética, política, culinária, história, filosofia. Afora seu lado místico, não pairavam dúvidas quanto a seu talento. Amante dos livros, rendia-se sempre a uma boa leitura. O que eu sabia era a história de um homem que deixou antiga morada e retornou mais tarde. Era tudo que eu sabia a respeito dele. E não ia ficar devassando a sua intimidade à custa de saciar a curiosidade de um bando de falastrões. Quanto às prosas a respeito da credence, surgidas em torno de seu nome, eu tinha minhas convicções. Por dedução, ao longo do tempo, acumulei argumentos que fundamentaram minha tese.

Certa vez, em prosa à beira do Riacho do Navio, o velho contou-me do encontro que teve com Figueroa Gompreia. Falou-me que encontrou o filho de Alberico Gompreia, dono da Folha Itajumense, em meio à caatinga, numa estrada que

levava a Pedra das Antas, e que levaram uma prosa de minutos. O velho não conhecia Figueroa, que se identificou e criou amizade. Falaram da Folha Itajumense, da inimizade do velho Chico com Alberico, motivada por manchete estampada na Folha, referindo-se ao velho, suposto produto da mente fértil de seu proprietário: “Nostradamus do Nordeste prevê morte de Lampião”.

Mas, por certo, esta não foi a razão maior para a inimizade entre o velho e o jornalista. O velho Chico não me disse em palavras, que foram poupadas, mas eu sabia que a contenda fora criada, na verdade, pelo redator da Folha, o muçulmano Graub, sujeito sisudo e afeito aos achincalhes com a vida alheia. A filha, Ratiche, era um doce, mas o pai exigia o dote a que se referia o Alcorão para que se consumasse o casório. O tal Graub valia-se da Folha e da passividade de Gompreia para manifestar seu destempero e malquerenças. “É um maniqueísta das conveniências”, dizia a velha Miru, mestra na arte de desvendar almas humanas. A pecha era cultivada pelo muçulmano, que adorava intrigas e falações. Para tanto, investia contra as beatas, prometendo construção de madraçais¹¹ e mesquitas na cidade. Certa feita, inclusive, mandou distribuir xador e almaleque, afora recortes do Alcorão.



O muçulmano ancorava-se na sua vaidade e arrotava aos ventos e cantos suposta superioridade. Manifestava-se na sombra dos acontecidos e se valia do periódico de Gompreia

¹¹ Espécie de escolas muçulmanas.

para arrotar grandeza a antipatia. A velha Miru não suportou meia prosa com o sujeito, que se fez presente na Alfaiataria, na rua das Perdizes, sempre com o Alcorão rente ao sovaco. “Ainda vou construir uma mesquita aqui; uma tal qual a dos *Omiádas*, que conheci em Damasco, com a presença de um *muezzin*, para convocar à oração, do *imâm*, para dirigi-la, e do *khatib*, para pregar; além do que, vou distribuir xador e almaleques para as itajumenses”, manifestou-se o muçulmano.

Eu me convenci de que o velho não cismara com o jornalista, mesmo porque Gompria era um sujeito sem maiores antipatias, embora fosse de vaidades sem estribeiras. O problema do velho certamente acontecera por intermédio do muçulmano, que parecia apreciar o cultivo de contendas. Isso eu compreendi quando, certa feita, li rascunho de missiva escrita pelo punho do velho e dirigida ao redator da Folha. A carta era curta e direta, bem ao gosto do seu autor. Era bem escrita — eu pude comprovar —, ainda que de difícil compreensão, afora o fato de interpretar-la como uma ameaça. Eu li a missiva e guardei a leitura e o achado para mim, só mesmo confessando o atrevimento nas insônias da madrugada:

“*Sr. Graub,*

Não sei se o devo chamar assim, ou se melhor lhe caiba o título de Dom Graub, tal qual os monarcas de outrora; quem sabe, ainda, melhor lhe caísse a pecha Mister Graub, na exata medida da sua soberba.

Mas sobre V.Sa. não pretendo falar, mesmo porque a altura do vosso comportamento é rasteira, como assim o fazem aqueles de índole e gesto duvidosos.

Quanto à notícia que ganhou corpo através da covardia das suas mãos, na surdina das suas ações e na letra crua e gélida

dos seus escritos, pretendo esclarecer. Não se valha da Folha e do jornaleiro para arrotar a sua suspeita grandeza, valendo-se da falsa premissa de que tudo que diz é feito e sem retorno. Lembre-se que dos homens de verdade, queira distância, ao menos quando do cultivo do seu destempero, para que não lhe seja ensinada a Lei de Talião e não lhe seja apresentada a única coisa sem retorno deste mundo, que é o passamento para a vida melhor — ou, no seu caso, para o inferno.

Muitos já foram injustiçados, como o capitão Dreyfus,¹² por exemplo. Mas eu não permitirei que o eco maldito da sua voz ou a crueza de suas palavras manchem a minha pecha de homem bom. Seus escritos não me causam temor, muito menos moça, ainda porque tenho por princípio amedrontar-me apenas com os que me são superiores, mas apenas no plano intelectual, o que — é verdade incontestável — não é o seu caso.

Sem mais.”

Quanto ao filho do jornaleiro, o velho descreveu-me, achando-o polido e educado. De outras passagens da prosa não tenho lembrança. Ouvi sem reação e, confesso, pensei estar o velho atordoado pela idade, afora a repreensão de dona Miru: “Gente velha não fica abobalhada; finge-se bronca para colher frutos”. Mas a descrição feita era exatamente igual a do filho de Gompria e o velho não conhecia o rapaz, o que me causou estranheza. Para quem não sabe, Gompria até hoje chora a perda do filho, morto quando o velho encontrava-se perdido pelo mundo, antes do seu retorno a Itajumã.

Aquele não foi o único acontecido estranho envolvendo o velho, que era sinestésico até a alma. Mas, aos poucos, fui entendendo os fatos, e para isso contei com os ensinamentos de dona Miru. O certo é que, pelo que parece,

¹² Oficial francês acusado de ter transmitido, a inimigos, segredos oficiais.

o velho conversou com alguém que já se foi. Chego a tremer, só de pensar. Quem bem explicou isso foi a velha Miru, também afeita às crendices. Mas dona Miru apelava para as rezas, não para as almas.

Dias depois do episódio, apossiei-me de um livro que se encontrava na cabana. Gostaria de ler, como de costume, para não cultivar a minha própria ignorância. “A leitura é bem maior”, dizia o velho. Deitei-me em uma rede presa a duas árvores, esperando o velho que tinha ido à procura de lenha. Deliciei-me com a boa leitura do livro. Minha primeira impressão foi a de que se tratava de um livro estrangeiro, como outros do velho, tamanho o número de nomes esquisitos. Talvez esse detalhe tenha aguçado ainda mais o meu interesse. Entre nomes engraçados e alguns muitos acontecimentos interessantes, passei a folhear o bendito livro. Na verdade, este falava de misteriólogos e espiritismo. Dizia o livro que o tal espiritismo¹³ era filosofia religiosa que tinha por pretensão o aperfeiçoamento moral dos homens — se é que isso é possível — graças à manifestação de espíritos e de almas.

No começo, fiquei a me divertir com os nomes estrangeiros para, só depois, compreender os fatos. Depois de folheado o livro, com as devidas pausas, passei a acreditar que o velho era, na verdade, um espírita. Coisa de misteriólogo. Assim, estava explicado o motivo do velho ter proseado com o filho de Gompria, que habitava o outro mundo. O mundo melhor, como dizia o padre Lorrán. Aliás, o livro chamava esse tipo de pessoa, que se comunicava com os que já se foram, de médium. Conteí o fato à velha Miru que se encarregou de esclarecer os pormenores.

¹³ A literatura indica o surgimento do espiritismo em *Hydesville*, condado de *Wayne*, nos Estados Unidos da América, obra da família metodista de *John Fox*.

Parece inverdade, mas realmente o velho deveria ter conhecimento da minha chegada. A macaxeira torrada, com manteiga derretida, era um dos meus pratos de maior gosto. Não que comida fosse coisa que se escolhesse, mas todos nós temos os nossos gostos. “Gosto é coisa séria, não se pode olvidar”, dizia a velha Miru. A manteiga vinha do estrangeiro e era vendida no armazém de Riacho Alegre, onde viviam muitos forasteiros de tudo que é parte deste mundo de meu Deus. “Vem da Europa”, esclareceu o velho Chico. Eu aproveitava minha predileção culinária para provocar minha irmã, quando da sua choradeira sem fim. “Uma manteiga derretida que se bota em macaxeira”, eu dizia. Carne seca, farinha de mandioca e maniçoba complementavam a refeição. De fato, o velho não comeria tudo aquilo sozinho. Disso eu tinha certeza. Preferia, sempre, ao anoitecer, golar uma caneca de chá de canela, depois de pitar um cigarro de palha. Tinha que se cuidar, pois tinha repugnância a doutor de branco, a quem chamava de alma penada. “Médico é tal qual alma penada e pai-de-santo”, dizia o velho.

Lembro-me, também, de alguns dos muitos ritos de dona Miru. A velha, sempre ao amanhecer, antes mesmo de retirar o grande penico branco esmaltado que guardava embaixo da cama, como relíquia de família, acendia vela para São Lázaro. Outra mania da velha dizia respeito à hora da janta. Pontualmente às dezoito horas, nem mais, nem menos, ainda a ouvir o sino da igreja a soar, tocado, provavelmente, por Pança, dona Miru colocava a janta, sob pena de reprimenda. “Se passar das seis o castigo divino é certo”, dizia.

Após a comilança sem fim, ameacei uma prosa:

— O velho também já sabe da nova?

— Sei pouco, filho — murmurou acomodado em um tamborete e perdido em longas baforadas. — Mas sei que tem moçoila no meio.

Não adiantava eu perguntar como ele sabia que tinha moçoila. O certo é que eu tinha de desabafar com alguém. “Quem guarda palavras é livro”, dizia a velha Miru, exigindo transparência, no que era obedecida à risca por Cinthia.

— É a filha do estrangeiro — articulei.

— Você está doente ou de pilhéria? — indagou o velho, tomado pelo espanto, e arregalando os olhos, fazendo acentuar o cacoete de colocar as mãos na cabeça.

— Mas foi maior que os meus princípios, velho.

— Maior princípio que a resistência e o equilíbrio não há. Já se viu se emolecar com filha de coronel?

— Mas ele não é coronel — rebati.

— Mas é rico, tem cobre e nome.

— E eu quero lá o dinheiro daquele desinfeliz? — retruquei.

— Mas quer a cabra dele, não é?

— Bom, aí a gente pode até conversar — pilheriei, na tentativa pouco eficaz de descontraír o ambiente.

— Você não está no seu juízo perfeito. Eu não vou acudi-lo. Nem pense que eu concordo com essas doidices.

Diante da inescandível apreensão do velho, tratei de explicar o romance.

— Velho, eu fiz tudo por vontade dela. Eu não forcei nada, juro pelo poder do nosso bom Deus. Foi o tal destino.

— Então ela quis?

— E eu por acaso tenho cara de quem tem moçoila à força?

— Ela não faz parte do teu destino.

— Como podemos saber, velho?

— Não sabemos; mas a verdade é que ela não pode fazer parte de sua história.

— Mas não foi o senhor mesmo quem disse que o destino é nossa luz maior?

— Mas ela é filha de gente ilustrada, que tem posse e nome — tornou a argumentar o velho.

— O senhor mesmo tem conhecimento de como eu estou progredindo — argumentei. — Já tenho terra que, para se correr, tem de ser no lombo de um animal e pra lá de dia. E as cabras? Já tenho pra lá de quinhentas, dando leite que nem mulher parida.

— Mas você é emperrado que nem mula empacada. Vê se tem cabimento um pobre sem nome e sem trejeitos de rico se emolecar para o lado de uma endinheirada. Abastado casa é com abastado. Se misturar, vira engodo. Você pode até ter terra e cabra, mas não tem nome nem tradição. É assim que funciona.

— Disso eu sei.

— E o homem é estrangeiro — ponderou mais uma vez o velho.

— E eu sou é nordestino, deste sertão de meu Deus — retribuí, rindo da preleção travada.

Mas o velho tinha razão. Naquele instante eu até poderia não concordar com ele, mas, depois de algum tempo, curvei-me à sua experiência e sabedoria. Realmente eu estava até que ficando endinheirado. Talvez em menos de ano, tivesse mais dinheiro que o próprio estrangeiro. Mas o que o velho Chico queria dizer é que eu seria eternamente pobre. Rico em dignidade e, talvez, em posses; mas pobre em comportamento e nome, afora o espírito e gosto. “Rico é rico até no nome”, dizia a velha Miru.

Primeiro, eu não alardeava riqueza. Pouca prosa e muito trabalho, senão vinha o olho gordo. Depois, a companhia humilde sempre fora de meu agrado. Jamais eu seria um abastado de gestos finos e comportamento duvidoso, cabotino até a alma, como o estrangeiro. Eu gostava mesmo era da prosa com o velho Chico, do aconchego da casa de dona Miru e da companhia das putas e dos companheiros de prosa e gotejo. Gotejo que eu golava naquele instante, na companhia do velho Chico. A cachaça era conhecida pelo mimo de “cobertor de pobre”, jurava o negro Adão.

E o certo é que o velho não via com bons olhos o meu romance com a menina. Mas eu ainda queria um pouco mais do sentimento dela. Não sei se por fraqueza ou valentia. Assim sendo, nem pude perceber as diferenças que, mais tarde, nos foram impostas.

* * *

Prosa e mais prosa, convenci o velho de que podia ir um pouco mais adiante com o romance. Afinal de contas, a menina havia-se feito mulher em meus braços e eu, pelo menos, devia-lhe atenção. Virara mulher relaxada em minha humilde companhia, com as pernas trançadas nas minhas, quando me ofereceu o cabaço a gosto, à beira do Metediço, em um estrondoso “feitiço de pernas”. Uma avoação sem fim de cabaço, quando me ofereceu a formosura, por amor e encantamento. Isso virou, depois, um vício para a menina. Andava sempre reclamando: lasqueira boa, não podia nem bem andar, ardia feito pimenta. Chegou a ficar relaxada de tanto fazer. Mas sempre estava pronta pra ser amada. Este era o segredo. A moçoila saía estrompada, mas feliz.

Sentei-me à porta da cabana admirando o sol que, àquela hora, já se preparava para adormecer. O cenário era o mais poético possível. E, talvez por isso, resolvi exteriorizar minha inspiração. Com o sentimento da menina, vieram-me outros, mesmo que a contragosto. Não os melosos, mas os contidos.

Adentrei a casa e peguei o pequeno bandolim¹⁴ que o velho possuía. Ainda com os olhos no cenário, imaginei a possibilidade de entoar alguma melodia. Dedilhei algumas notas, sem o menor êxito. O bandolim do velho era do tipo napolitano, com quatro cordas duplas em uníssono e afinação

¹⁴ Pequeno instrumento musical de cordas palhetadas, da família do alaúde; tem a caixa em forma de uma pêra e costas abauladas.

cenário, que, a cada minuto, ficava mais formoso. Comecei, também, a cantarolar, tentando achar algo do meu gosto. Mudei a batida para uma forma mais cadenciada. Tentei mudar os acordes criando uma nova seqüência. Aos poucos, a melodia foi ecoando e tomando corpo. Trabalhei com lá-ré-mi. Fui vencido pelas palavras melosas de Cinthia, que exalava sentimentos. Assim, depois de persistentes minutos, que mais me pareceram uma eternidade, criei uma trova, sem brilho nem cores, mas consagrada à menina dos olhos de mel e encanto.

O velho gostou do poema melódico escrito sob a complacência do céu sem fim do sertão, inspirado pela natureza e pela palpitação desenfreada do peito:



*Gosto é sentimento muito estranho,
Todos o têm, em muitos tamanhos,
E vem e vai que nem assombração;
Mas gosto maior é o gosto pela mulher,
Pois não se sabe se é sina ou se fé,
Nem se sabe se vai encantar;
Gosto menos com o peito, mais com a razão,
Verdade — sentimento é premonição,
Outras vezes, mal maior;
E gosto meu é sentimento santo,
Do cheiro no ar, ainda o encanto,
Acima de mim, abaixo de Deus;
Mede-se gosto pelos pés, ventre e resto acima,
As verdades e encantos de menina,
Que vestem o significado do gosto meu.*



Não custa ser impressão, mas o certo é que por aqueles dias percebi que Cinthia andava mais em casa, afeita às prendas domésticas e sempre em companhia de dona Miru. Volta e meia, quando estávamos a sós, ela cuidava de minhas coisas, como antigamente fazia. O fato chamou-me a atenção e confesso ter ficado até mesmo contente, afora a curiosidade.

Cinthia, agora, ajudava sempre dona Miru nos afazeres domésticos; lavava roupas e só saía de casa para fazer as compras e, mesmo assim, depois de ter pedido permissão a mim. Estava se dedicando, também, à culinária, oportunidade em que se mostrou uma boa dona de casa.

Outro detalhe interessante é que minha irmã havia voltado a ser carinhosa comigo. Derramava-se em mimos e carícias. Quando eu fiquei doente, com as tripas enrolando e a febre ardendo, Cinthia se esmerou em cuidados. Até banho de sopapo, com folhas e orações, ela me deu. Eu fiquei azeitado, tomado pela vergonha, pois fui obrigado a ficar despido na frente de minha irmã. “Se as quengas podem te ver assim, quanto mais eu!”, ensaiava atrevimento, incentivada por dona Miru. O banho com folhas e orações foi exigência da velha. Foi dona Miru que ordenou a Cinthia que me banhasse, não sei se por pirraça ou se por necessidade. “Qual problema há de sua irmã ver você assim?”, pirraçava. Eu tinha de obedecer, mesmo porque a velha era brilhante em seus banhos e orações.

Mas eu sabia que a ordem para Cinthia me banhar era uma pirraça. “Feche os olhos, Cinthia, pois teu irmão é tão envergonhado!”, ordenava, com um escancarado sarcasmo.

O certo é que, depois do namorico com o miserento, Cinthia havia se transformado em uma menina fria e distante, de pouca prosa e meiguice. A verdade é que eu motivei isso, pois lhe negava palavras e atenção, acho por bem confessar. Mas minha irmã recuperou sua estima por mim.

O tempo foi passando e minha impressão foi tomando foros de certeza. Até o rostinho de minha irmã parece que havia desentristecido. A menina dos olhos de mel e encanto, que, àquela altura, já freqüentava a casa da velha, transformara-se na melhor amiga de Cinthia. As duas, muitas vezes, saíam juntas, com o meu consentimento expresso, e eu não mais havia presenciado nenhum outro “teatro” de mau gosto ou ouvido qualquer coisa que lembrasse o nome daquele filho de uma jumenta. O consentimento eu dava com a cabeça, cheio de gosto, tentando imitar a velha Miru, que tinha uma relação mímica com Cinthia, tamanha a afinidade.

Não sei o que havia acontecido, pois minha irmã não tecia maiores comentários acerca do assunto, mesmo porque eu, por meu lado, também mantinha certa distância a respeito de tais abordagens. Essas prosas não me traziam grandes alegrias, o que incentivava a minha reserva. Mas o fato é que alguma coisa havia acontecido e por certo minha irmã nada mais tinha com o herdeiro de Clemêncio Barroso, o coronel safado em cuja cara eu haveria de cuspir, um dia.

O distanciamento do miserento é claro que foi do meu agrado. Intrigava-me, porém, o seu motivo. Talvez tivesse sido por conselhos de dona Miru, ou até mesmo pelo acaso. Mas eu preferi acreditar mesmo que o distanciamento tivesse sido produto do que ocorrera dias atrás.

Era uma tarde de quinta-feira e muitos estavam na praça,

vindos de outros lugarejos, para fazer a feira antecipada. Pança já se preparava para fazer soar o sino das dezoito horas e nós estávamos no boteco a bebericar e prosear sobre coisas sem muita importância. À mesa, Adão, Tuquinha da Gerlande, Mingué, Mineiro, os irmãos Caquinho “Juazeiro”, Petrônio “Salgueiro” e Oton “Petrolina”, filhos da costureira Artildes, e Ataíde “Da-deira”, quenga carnuda e atrevida. Puta-ruim, afetada e viciada na enrabação. Não parecia com as “meninas” de Prazeres, sempre dóceis e de prosa fácil. Adão e o italiano se encarregavam de animar a prosa com inverdades e exageros. “Eu não minto, só acrescento”, dizia o italiano, no maior descaramento. Mais tarde, a convite de Mineiro, aproximaram-se duas das garotas de Prazeres. Regininha e Cleomira eram duas das novas rameiras do bordel da cafetina. Não tão arteiras quanto Ataíde, porque dóceis e sem afetação. Chegadas, é bem verdade, aos adornos espalhafatosos. Regininha não dispensava os acessórios berrantes. Cleomira, por sua vez, colecionava pulseiras no braço. As duas, depressa, viraram atração do puteiro.

O certo é que ficamos a prosear e bebericar aproveitando o movimento da praça. Tonho esmerava-se em agradar os fregueses. A cada instante servia uma cachaça diferente: “trava goela”, “peçonha de sogra” e “esquenta lençol”, afora o jero-piga. Gotejo para todos os gostos. Ora trazia, também, uma misturada em folhas, ora uma feita em alambique na capital. O negro Adão requereu a “cobertor de pobre”, pinga de seu gosto. Não se deu por vencido e instruiu:

— Para relaxar, dois cálices; para amansar, de três a cinco cálices; e para encorajar, de seis a dez cálices; mais do que isso as conseqüências podem ser variadas: pouca vergonha, xibunguice, falação sem fim.

Entre muitas goladas, meus olhos ficaram de atalaia a vigiar Cinthia que se encontrava na praça. Minha desconfiança tinha razões, pois o patife também se encontrava no ambiente.

A menina estava em casa e sobre ela falarei mais tarde. Porém, minha irmã ali estava e eu não a perdia de vista.

Nada estava acontecendo de anormal, é bem verdade. Cinthia estava em companhia de dona Miru que proseava com as beatas em frente à igreja. Se deixassem, dona Adelaide tinha prosa para dia e noite. Não parava. Tagarelava e arregalava os olhos. Mas Cinthia limitou-se a acompanhar a velha Miru nos arredores da igreja. Dali não havia saído desde que chegara. Do botequim eu prestava atenção em todos os detalhes. Os passos do salafrário também eram vigiados. Procurei ser discreto, para não chamar a atenção dos outros borrachos. Afinal de contas, estavam comigo, na mesa, duas das maiores e mais afiadas línguas do sertão baiano: Rodolpho Miguel Paternostro e o negro Adão.

O movimento na praça já estava por diminuir e os filhos dos coronéis continuavam a desfilar suas posses, como de costume. Tempo depois, percebi dois sujeitos aproximarem-se de Cinthia, que se encontrava próximo a dona Miru. A velha talvez nem tenha percebido, pois se encontrava perdida em prosas com as beatas da igreja. De longe, custou-me perceber, mas deu para notar que se tratava de Julinho, acompanhado do filho do coronel Francisco dos Colares. O miserento, eu logo vi, o que não se deu com o colega. Minha primeira reação foi conter o ímpeto. Discretamente puxei a peixeira da cintura e guardei-a às costas. Era recomendável. Desrespeito se cura é com uma boa coça ou com a ponta do punhal. O miserento que não se atrevesse! Não me custava capá-lo.

Fiquei com um olho na mesa, outro na praça. Percebi que o filho do coronel Francisco dos Colares havia se aproximado mais de minha irmã, enquanto que o miserento recuava um pouco. Minha visão não era das melhores, mas também não era das piores. Mantive-me calmo, como se a vida assim me tivesse feito, até que o amigo do patife, diante da repulsa de Cinthia para uma prosa, provavelmente não do agrado de

minha irmã, puxou-lhe o braço com aspereza, chamando a atenção, inclusive, de dona Miru. Um desrespeito de dar dó. Dona Miru reprovou com a cabeça, seguida das beatas. Dona Adelaide, comadre de dona Miru, chega colocou a mão nos olhos, talvez por repúdio, talvez por exageração.

Em cinco pernadas, fiquei de cara com o indivíduo e não demorei em atirar minha mão ao seu pé de ouvido. Eu não quis nem prosa nem satisfação. Nesses momentos, a gente prosea é com os braços e pernas, afora o punhal. Minha irmã ainda chorava com a grosseria do filho do coronel Francisco dos Colares, quando ele se levantou. Olhei-o bem, não sei se por ódio ou inquietação, antes de desferir-lhe mais um tabefe. O sangue desceu no rosto do desgraçado, enquanto que o filho do miserento assistia atônito à cena. Por fim, puxei a peixeira detrás das costas e ameacei o safado de morte ou castração, fincando a arma rente a sua goela. Pensei em capar o safado miserento. Vontade foi o que não me faltou. Cura-se desrespeito gratuito com sova. Capado, o miserento não mais seria homem.

Aquele safado esquecera que minha irmã era moça prendada, de criação e família, e que merecia respeito e atenção. Só não finquei a peixeira, enviando-o para o repouso ao lado do coisa-ruim, em consideração a dona Miru, que se encontrava nas redondezas, e por não ser atitude conveniente. Mas a sova era recomendável: tabefes para todos os lados. O indivíduo ergueu-se com dificuldade, tomado pela zonzeira, e partiu em disparada ao encontro de Julinho.

O filho do coronel Clemêncio Barroso ensaiou arrojo e me dirigiu a palavra, o que me pareceu um atrevimento. Na primeira vez que o miserento assim o fez, no rodeio, oportunidade em que teve o descaramento de me dirigir a palavra e oferecer desafio — domar o burro Leão —, jurei para mim mesmo que seria a primeira e penúltima vez que o miserento iria ter a ousadia de tentar manter prosa comigo. A próxima

seria a segunda, mas também a última. O certo é que o safado criou bravura e arriscou ameaça: “Se não correr em retirada eu mando chamar Antônio ‘Arranca Tripa’ e João ‘Mata Cem’ e te arrebento”.

Não lhe dei ouvidos e cumpri a minha promessa. Acertei-lhe um sopapo que lhe custou dois dentes e a mudez eterna, pelo menos comigo.

Nesse episódio, pelo menos, contei com o irrestrito apoio de dona Miru, afora Cinthia. Eu mesmo peguei a velha em prosa perdida com Cinthia:

— Teu irmão fez bem; fez melhor que com Licurtixa, a quem nega a palavra.

— Com Licurtixa meu irmão nem olha para os lados; não sorri, nem resmunga; não sei nem se respira — disse Cinthia.

Depois do acontecido, passei a acreditar que o afastamento de minha irmã daquele filho de uma égua parideira deu-se pelo acontecido ou pela frouxidão do miserento, que jurou revide mas perdeu dois dentes.

Não era birra isolada com os dois safados, o pai e o filho. Além do coronel Clemêncio Barroso e do seu filho Julinho, ganhei inimizade, também, com alguns outros indivíduos pelo sertão de meu Deus¹⁵. Cabra safado não merece atenção. O negócio é não ter medo de cabra safado, nem de criar inimizade. “Quem não tem inimigo é porque não tem vida”, dizia o negro Adão.

* * *

Tuquinha havia comprado, àquela época, um carro de fundo que era uma beleza. O mesmo serviria para o transporte de animais, o que proporcionaria bom dinheiro para o “Azeitona”, que, quando o guiava, punha a língua para fora, cacoete terrível.

Fiquei curioso com o automóvel, que se assemelhava a uma coisa do além. “Isto tem a força de uns cem burros”, gabava o “Azeitona”. Eu já tinha visto outros carros, como o lamborguine do coronel Clemêncio Barroso e o *chevrolet* do

¹⁵Nem se fale de Licurtixa, cabra safado que distribuiu malquerença para meu pai e minha mãe. Em relação a este o melhor destino era o silêncio. E nem se fale que ele é o nosso único parente, como faziam Cinthia e dona Miru.

coronel Francisco dos Colares. Mas jamais tinha entrado em algum. No de Tuquinha, não só entrei, como também arrisquei um movimento.

— Aperte aquele pedal — ordenava o proprietário.

— Mas que porcaria de transporte, “Azeitona” — provoquei. — Eu prefiro é andar de burro.

— Puxe esta alavanca para trás.

— Este tal de automóvel é muito complicado, Tuquinha.

— Você é que está com o miolo mole.

Demorou um pouco, é verdade, mas eu aprendi. Cheguei a ensaiar algum movimento. Dias depois, rodei uma légua com o automóvel, sem precisar de orientação. Porém, o fato marcante ocorrera na região da Ribeira, dias depois. O “Azeitona” havia pedido meus préstimos. De fato, o pobre iria carregar umas vinte e tantas cabritas para o município de Pedra das Antas, perto de Riacho Alegre.

Já na volta, Tuquinha preferiu ficar na carroceria do carro, controlando os animais, ficando para mim a incumbência de dirigir o tal automóvel. Um assombro! Tremi mais que vara de bambu e canela de velho. “Quem anda uma légua anda duas”, motivou-me. O fato se deu, após minha insistente tentativa de aprendizado, no que consegui um certo êxito.

Lá para as tantas, ainda tentando vencer a pouca intimidade com a máquina, deparei-me com um outro carro a frente, o que não previ. Quase que tombo, tamanha inquietação. A novidade não me caiu bem e, para complicar, o miserável achou de parar o carro a fim de prostrar com um cassaco que se encontrava no caminho. Aí começou a guerra. De um lado, eu; do outro, o carro de Tuquinha, com seus pedais e alavanca. Esqueci-me do posicionamento correto da alavanca, quando o carro estava parado. Para piorar ainda mais a situação, o motor desligou sem que eu assim quisesse.

Já nervoso, tratei de ligar novamente a máquina e gritei, menos por arrojo, mais por agitação:

“Olhe a frente, miserável!”.

O sujeito olhou para trás com cara de poucos amigos. Tratava-se do poeteiro de Riacho Alegre, Zia da Poesia, que tinha fama de atrevido. O miserável saltou do carro, cheio de boça e, sem muita educação, desafiou-me, proferindo versos, como de costume: “Se estás com pressa, que me tires da tua direção; caso contrário, dar-te-ei um bofetão”.

Poeteiro safado e filho da puta, ainda veio com pilhérias em forma de verso. Juízo quente, não tive melhor pensamento. Mesmo com certa dificuldade puxei a alavanca para o devido lugar, acelerei o transporte e tratei de fazer o que o miserável ordenara: joguei o carro de Tuquinha da Gerlande contra o da frente. O impacto foi tão grande, que o pobre proprietário, que se encontrava na parte traseira, em meio às cabritas, foi jogado no chão de barro. Mas minha atitude foi, por um todo, acertada. Precipitada, é verdade. Mas o certo é que o carro do poeteiro descera a pequena ribanceira da estrada e o caminho da frente ficara livre. Tuquinha, ainda pasmo, subiu novamente no carro e partimos de volta a Itajumam.

Quanto ao carro, este não sofrera grandes avarias. Coisa de alguns contos de réis que fiz questão de pagar. O acontecido rendeu buxixos de todos os lados. Assim, depois do ocorrido, o safado metido a poeteiro jurou-me de morte — “Mais um”, pensei —, ao menos em verso, e se tornou meu inimigo: “Vou-te buscar, de pijama ou de terno; mas tua sina será, na terra ou no mar, correr léguas do inferno”.

* * *

Outro que ficara meu inimigo fora o cigano Micênio. Sujeito petulante, de poucas palavras e muita bruteza, e que tinha por costume destratar as pessoas. “Um brutamonte”, definiu dona Miru.

Certa feita, correu a notícia, em Itajumam, que o cigano tinha batido em Magda, filha mais nova do pescador Xavier. O caso ocorreu quando a menina fora à procura do pai e, ao passar por perto do acampamento dos peregrinos, parou para beber a água de um tanque.

O cigano, irado com a atitude da menina, esbofeteou-a sem a menor piedade. Coisa inútil. A moçoila, desesperada, correu de volta à cidade, trazendo no rosto as marcas da agressão.

O pobre Xavier, velho e adoentado, não encontrou maior coragem para enfrentar a situação. Perante o seu acovardamento, Micênio ganhara ainda maior ousadia e dissera, em voz alta, no Armazém de Xevita, que não existia homem na cidade que se atrevesse a desafiá-lo. A população, enraivada, não perdoou o cigano por tamanha boçalidade.

Dias depois, Micênio sentou-se à mesa do boteco de Tonho, tomou duas doses de cachaça e já se preparava para partir sem mesmo perguntar o preço da mercadoria. Tonho, amedrontado com o cigano, preferiu não cobrar. Foi nesse momento que o velho Xavier, não conseguindo suportar a situação, berrou de dentro do bar:

— Além de covarde é mal paga.

— O que estás dizendo, velho safado? — indagou o cigano, partindo ao encontro de Xavier.

— Isso mesmo que você escutou, covarde e mal paga — retrucou o pescador.

Nesse momento, a gritaria proporcionada pelo cigano já havia chamado a atenção de toda a praça. Aproveitando a platéia, o cigano partiu para cima do velho Xavier, desferindo um tabefe no rosto dele. O pescador tremeu nas pernas e acabou no chão.

O acontecido constrangeu a todos que ali estavam e eu, talvez por precipitação, talvez por desagravo ao cigano,

desafiei-o: “Por que não bate em alguém de sua idade?”. A verdade é que eu me arrependi, acho por bem confessar. “Querela alheia sempre nos causa estragos”, comentou, depois, o velho Chico. Afora isso, não havia motivo maior para eu advogar em favor do velho Xavier. Não sei se minha intromissão foi em defesa da honra ou por repúdio à covardia, mas o certo é que não foi decisão bem tomada. “Eu sei que meu irmão tem perna para correr e para rodopiar, mas eu tenho medo de revide”, choramingou Cinthia. Porém, após a intromissão, as pernas não podiam mais correr, restando rodopiar.

O cigano, tomado pela ira, revidou a provocação:

— Vou matar você, seu bosta.

Micênio, além de forte era alto. Parecia um sobrado de concreto. Acostumado a bater em todos, por arrojo ou desagravo, inclusive em mulheres, o cigano não contava com a minha reação.

Partiu para cima de mim, atirando contra o meu rosto sua mão pesada. Fui jogado ao chão e o sangue brotou na face. Chega fiquei aturdido. Uma tontice de se ver, o que motivou o choramingo de Cinthia, por um dia e noite.

O miserento tinha uma força pior que coice de mula. Novamente o cigano conseguiu atingir-me, só que agora usando os pés. Vi o mundo descer e subir, e pensei em reza e proteção. O certo é que já me bastavam as outras contendas e, na verdade, esfregação que valha é mesmo a com mulher. “Este negócio de se esfregar com homem só traz sangue e dor na costela”, eu pensei.

Levantei-me e segurei uma cadeira. Fiquei atordoado, é verdade, mas enraivado. O correto seria cansar o cigano. O miserável era forte que nem um touro, esguio e acostumado aos entraves corporais. Eu deveria cansá-lo. Também deveria perturbá-lo. Provocando o cigano, este ficaria afoito e desguar-necido. Assim, seria, certamente, mais fácil tombá-lo. Artifício que eu usava, também, para domar animais.

Obedecendo à minha tática, provoqueei o miserento:

— Vem me pegar seu maricas de merda.

— Eu vou te matar, desgraçado.

— Você é um moleque — tornei a provocar o cigano, enquanto criava contornos disformes com as pernas e os braços, gingado muito parecido com aqueles praticados pelos negros, o que enfureceu ainda mais o miserento.

O covarde correu ao meu encontro sem que me alcançasse. Ao tentar uma nova investida, já mais estafado, acertei-lhe a cabeça com um tamborete do bar. O safado caiu no chão, melado de sangue.

A multidão, atônita, assistia ao duelo do lado de fora do estabelecimento. Micênio ainda se ergueu jurando-me de morte. “Mais um”, eu pensei. Cabra safado. Forte feito touro. Prometeu represália, mas o reboiço já tinha sido feito.

Porém, já acidentado, o cigano não tinha mais a agilidade de antes. Não sei se eu tinha ainda força ou destreza para lhe acertar mais um sopapo, acho por bem confessar. Afora isso, eu estava ensangüentado e numa zonzeira de se ver e o cigano, além de robusto, era alto feito um pé de árvore. Mas eu tinha de usar a cabeça e ultimar a contenda. Assim sendo, joguei uma garrafa vazia para o ar e o cigano, por impulso, segurou-a com as duas mãos. Foi o que eu precisava. O miserento desguarneceu-se e eu lhe acertei um sopapo no pé do ouvido, alcançando altura com um tamborete do estabelecimento, o que fez o cigano desabar de vez. Por fim, cuspi em seu rosto, com raiva e regozijo, provando que em Itajumam também havia homens. O touro fora dominado de vez e eu me encontrava estrompado com a contenda. “Meu irmão apanhou tanto que chega me deu pena”, lamuriou Cinthia. “Esta valentia não serve de nada”, comentou a velha Miru, encarregada de cuidar do estrompo.

Desde então, eu ganhara mais um inimigo na cidade.

Poderia dizer que, além dos já conhecidos rivais, não cultivei outras maiores pendengas. Algumas outras ordinárias e sem relevo. Ocorreu, entretanto, um acontecido insólito que, por pouco, não me custou a vida.

Certa feita, eu estava a ir para as minhas terras, quando percebi algumas pistas deixadas ao longo da estrada. Nada mais natural, mas, mesmo assim, alguma coisa intrigava-me. Está certo que o caminho apertado, em meio a umbuzeiros, uma vegetação espinhenta e muita urtiga contribuía para a deixa de pistas. Além disso, eu era um incorrigível observante nestas prosas. Coisa de quem não gosta de ser tolhido por arroubos.

Desci do jerico que me acompanhava e passei a estudar o local. O chão seco e marcado apontava a presença de pessoas por aquelas bandas. Mas as pegadas estavam, em certo trecho, meio que umedecidas. Isso revelava que eram pegadas frescas, recentes. Até aí, tudo bem. Mas alguma coisa ainda me intrigava.

Sempre ouvira muitos casos acerca do bando de Lampião. Muitos verídicos; outros nem tanto. A perseguição desenfreada das volantes atrás do líder do cangaço e de seus seguidores, as atrocidades que eram cometidas e muitas outras falações. Eu tinha, também, conhecimento do intelecto audaz do cangaceiro.

Dona Miru conta, inclusive, um episódio que ficara famoso por estas bandas. Lampião, em data desconhecida e não lembrada, invadiu a cidade de Salgueiro, em Pernambuco, por mera diversão. Acontece que, ao sentar-se em uma mercearia pertencente a um soldado do governo, Lampião pediu café ou chá, para lhe satisfazer o gosto. O soldado do governo, para não perder a oportunidade, pôs veneno de planta na bebida, esperando ser reconhecido pela bravura. O Capitão,

escolado em bandidagem, mexeu a bebida com uma pequena colherinha de prata e estimação que trazia sempre consigo. Não se demorou a descobrir a artimanha do soldado do governo e obrigou o infeliz a beber a bebida e morrer a morte que lhe havia sido reservada.

Era costume de Lampião, inclusive, deixar falsos vestígios que confundissem as volantes. E essa era a minha impressão. Aquelas pegadas eram, para um bom entendedor, ambíguas e duvidosas. Às vezes acusavam a presença de dez pessoas. Outras vezes, imaginava-se a presença de apenas cinco pessoas. A marca deixada no solo era, também, curiosa. A parte da frente era mais aprofundada o que me fazia suspeitar que as pessoas estavam a andar de costas.

Abaixei-me e estudei minuciosamente aquelas pistas. Algumas nitidamente diferentes. Havia, por exemplo, perto das deixas de pé, um galho quebrado. Pelos vestígios, o corte fora feito com uso de facão. Era um corte transversal e oblíquo. O interessante é que as pegadas, naquele local, estavam justapostas em sentido contrário, o que me deu a certeza de ter sido uma pista proposital.

A partir daí, intensifiquei a idéia de que o bando de Lampião estava naquelas bandas. Era uma idéia lógica, ainda, se levarmos em conta que, dias atrás, a volante do tenente Ramos passara por Itajumam fazendo indagações à população acerca dos cangaceiros. Afora isso, havia, também, uma movimentação sem fim de coiteiros pela cidade.

Assim, procurei andar em meio aos umbuzeiros, pois não gostaria de novidades indesejadas. Eu sabia que Lampião não criaria problema comigo, mas, em todo caso, procurei prevenir-me.

Adiante, já perto de minhas terras, pude perceber o passar desenfreado de algumas pessoas. Escondi-me entre arbustos e pude acusar a presença de uma volante. À sua frente, gesticulando e portando na mão direita uma metralhadora

Hot Kiss, estava o esquisito tenente Ramos. Eram mais ou menos uns quinze homens. Deveriam estar seguindo os rastros dos cangaceiros. Aluados, tomaram o lado errado, como bem queria o capitão, orientados pelas falsas pistas.

Por certo, não demoraria muito e algum cangaceiro iria certificar-se do despistamento. E eu estava mais do que correto. Passados cerca de três minutos, que me pareceram horas, avistei um deles. Pelos traços físicos e trejeitos, deveria ser Luiz Pedro, homem de confiança de Lampião.

Para o meu azar, o jerico que me acompanhava deu sinal de vida e chamou a atenção do cangaceiro. Luiz Pedro (era ele mesmo) veio marotamente observar o que ocorrera. Antes, porém, provocou assobios com as mãos e lábios de forma que me pareceu ser um chamado. E era. Logo atrás, atento ao chamado, veio outro homem do capitão, que acredito ter sido o cangaceiro Arvoredo.

Como não me restavam maiores opções, puxei a peixeira que sempre me acompanhava, guardei-a às costas e apareci.

Vi quando Luiz Pedro sussurrou a Arvoredo:

— Olhe que é gente da volante.

Com critério, acrescentei:

— A volante já passou.

— Cale a boca, seu desaforado — gritou Luiz Pedro, com voz de ameaça.

Não cultivei maior temor, pois percebi nos olhos do cangaceiro que o seu intento era apenas amedrontar-me.

— Não estou mentindo — defendi-me.

— Vou encerrar meu punhal em seu pescoço, desgraçado — tornou a gritar o cangaceiro, mostrando a arma que conduzia em uma das mãos.

Nesse instante, sem muitas opções, e mesmo porque o diálogo não era, por certo, arma que se usasse contra cangaceiro, posicionei-me para reagir a qualquer agressão. Se me fosse dada alguma chance, eu iria levantar poeira com as pernas,

numa correria sem fim, só parando em Itajumam. Mas não me pareceu o melhor escape, pois os cangaceiros estavam montados.

Acontece que, por oração ou ventura, apareceu Lampião, acompanhado de Maria Bonita, e, de logo, ordenou:

— Recue Luiz Pedro.

De cima do cavalo que o conduzia, e me apontando um revólver 32, fazendo mira, o cangaceiro indagou:

— Quem é o rapaz que anda sem direção?

— Não sou gente do governo, capitão — tratei de esclarecer. — Estava perambulando quando vi uma volante dirigir-se para o norte — esclareci, sem revelar o meu itinerário e o nome do tenente que guiava a volante.

— Vai-se embora sem olhar para trás — ordenou o cangaceiro. — Meu faro diz que vosmecê fala a verdade.

Por precaução, refiz o meu itinerário e retornei à Itajumam ainda abalado com o acontecido. Fora uma das poucas vezes que vi Lampião e bando, mas a única em que trocamos alguns olhares e palavras. Serviu, no entanto, para que eu conhecesse Maria Bonita. Esta, uma formosura de mulher. O mimo bonita lhe caía bem. Uma belezura de mulher. Boniteza de dar gosto.

Após um bom tempo de convívio, percebi que a menina não era a mesma. O rosto, outrora muito alegre, trazia agora sinais de tristeza. Não se faziam necessárias as palavras, mesmo porque a menina falava com os olhos. O certo é que eu sentia com frequência que, por vezes, ela me evitava. O curioso é que ainda podia sentir o seu amor, o sentimento que consome o peito e o juízo, como bem dizia Cinthia, e que a distância entre nós dois era coisa diversa do sentimento. A distância não significava o malogro do romance. Era coisa outra.

Fiquei intrigado, acho por bem confessar, mas procurei ser o mais complacente possível. Muitas outras tardes de amor tivemos à beira do Metediço, o que se tornou um sadio vício para a menina, encantada pelo “feitiço de pernas”, após a avoação sem fim de cabaço. Sempre nos víamos e não havia peijas entre a gente. Coisa rara, afora o ciúme esporádico, mormente das quengas. Talvez por isso mesmo, a tristeza estampada no seu rosto não me parecia inteligível.

Pensei até que se tratasse de ciúme, coisa feita por influência de outras moçoilas. Sentimento que também me dominava, às vezes tolo. Mas não era. O ciúme eu sempre contornara com competência, não deixando de ser atencioso com a menina. Certa vez, inclusive, Cinthia flagrou-me com Leninha e, por pouco, não dedurou à menina. Leninha era

filha de Parmério Brabeza. “O guardião de cabaço”, como dizia a velha Miru. A moçoila era uma quentura quando da ausência do pai, que mascateava em Pedra das Antas e arredores. Parecia uma santa, mas escondia um fogaréu de moçoila. Leninha era apimentada e tinha os olhos de vai-e-vem, capazes de coisa muita. “Olhos de moça desavergonhada que está doida para perder o juízo e o excesso, se é que já não o perdeu”, dizia dona Miru. “Uma desfrutada que se oferece sem custos ou amor, nos cantos e aos ventos”, enraivava-se Cinthia.

Precisei contornar a situação, explicando à minha irmã que eu não tinha maiores compromissos com a menina e que mais cedo, mais tarde, ela não mais ia me querer, talvez por imposição do destino. “Ela tem posses e nome”, esquivei-me. Eu sei que não convenci Cinthia, mesmo porque ela era irredutível nessas pelejas. Mas eu não entendia muito do tal sentimento adocicado, como dizia Cinthia, com os olhos a brilhar. Coisa de amator. E, assim sendo, por vezes, traí a mim mesmo.

Custava-me, ainda, acreditar que aquela moçoila dos olhos de feitiço e encanto, filha de gente nobre, pretendesse coisas de futuro comigo. Eu preferia acreditar que, a qualquer hora, ela me dispensaria, como se faz com as mercadorias e com os adornos. Coisa de gente superior. “Sangue nobre, do estrangeiro”, diria o velho Chico. O consolo que buscava nos braços alheios era como se fosse uma precaução. Arrependimento, jamais. Já bastava a ausência de meus pais. Se aquele feitiço me pegara, o olhar preso no firmamento, os olhos de mel e encanto, o “feitiço de pernas”, em infundáveis noites de amor à beira do Metediço, eu me precaveria. Jamais eu tivera tamanha redenção. Coisa de arrepiar. Pensei, inclusive, tratar-se de influência do coisa-ruim. Mas a menina era moçoila donzela e amadureceu em meus braços. Isso, no começo, é que me atormentou.

Naquela noite, por exemplo, Leninha me convidara para uma visita à casa de uma parenta em Riacho Alegre, incentivada pelo seu descaro, e com os olhos de vai-e-vem. Já no caminho, não se cansou em proferir palavras ousadas e fazer convites desavergonhados. Nem parecia filha de Parmério Brabeza, o homem que jurou de morte o primeiro que encostasse as mãos na filha. A velha Miru já havia me alertado para o perigo da empreitada. “O negócio é não encostar as mãos; o resto há de ser permitido”, eu me defendia, não sei se por receio ou se por pilhéria.

A casa da parenta estava vazia, o que lhe facilitou os planos e vícios. Moçoila apimentada, chegada ao descaro, Leninha frequentava Itajumam há muito, desde moçoila. Foi ela que flagrei tomando banho de rio, certa feita, quando senti, pela primeira vez, um palpitar no coração, um inocente desejo; certamente, minha primeira experiência genuinamente masculina.

Leninha era filha de Parmério Brabeza, o homem que jurou de morte o primeiro que se atrevesse a encostar na filha, “o guardião de cabaço”, como dizia dona Miru. Ela, Leninha, tinha a mania de não usar as peças íntimas, o que talvez a deixasse ainda mais desavergonhada. Uma temeridade, é verdade. “Não cobre nem o seu derradeiro talento”, provocava a velha Miru, em palavras rebeldes.

Tinha, também, a pecha do deleite fácil, afora os olhos de vai-e-vem. Nunca se dava por satisfeita. Moçoila foga, do xibiu quente. Mimada aos tapas e no leito. Tinha sede pelo pecado. Coisa de quem gosta muito do deleite fácil, qualquer. Um manjar. Fazia por prazer. Coisa boa, interessante.

Espreguiçando-se na cama do primeiro quarto da parenta, desprovida, como de costume, de qualquer peça sob o vestido de cor terra que trajava, e com o xibiu à vista — ou o “derradeiro talento”, como queria a velha Miru, Leninha tornava-se um convite à luxúria. Após a perdição, quando relaxou

esquecendo o cabaço em minha companhia, revelou-se ofendida e chegada ao descarro, mesmo sendo filha de Parmério Brabeza. E assim era que, vez em quando, eu atraíçoava o meu próprio amor. Coisa de quem teme o encanto. De quem recebe outra perda. Coisa de amador.

Naquele dia, confesso, eu havia extrapolado, mesmo porque o acontecido só fora terminar no terreno ao lado da casa de dona Miru, com o flagrante de minha irmã. Não consegui convencer Cinthia, que se mantinha indignada com o acontecido, o que me deixou deveras perturbado.

Afora isso, Leninha tinha o costume de provocar Tafynha. A quenga, num ciúme de se ver, certa vez rolou no barro, agarrada aos cabelos da rival, quando soube do cerco de Leninha. Uma briga miserável, que me consumiu o juízo e não me deixou alternativa, senão correr léguas do cerco da quenga e da moçoila espevitada. Mas a vergonha eu não pude remediar. Uma gritaria dos diabos:

— Vê se não se atraca com homem das outras — ameaçou Tafynha.

— Tu é que não pode ver um cabra que já fica no assanho, sua quenga — devolveu Leninha, fazendo jeitos e trejeitos de deboche, e com os olhos de vai-e-vem.

— Vou lhe mostrar quem é quenga — ameaçou Tafynha, partindo para cima da rival.

Leninha, nem bem havia se esquivado, e já retornara à provocação:

— Eu sou pura, menina donzela. Homem que é bom, só depois do noivado e casório. Tu é que és uma perdida — provocou Leninha, numa sonsice de dar dó.

— Donzela, só se for de umbigo. Tu já perdeu as contas dos homens que teve nesta vida, mais que os dedos dos pés e das mãos — rebateu Tafynha, alardeando que a rival anotara os seus amores em folha de papel, depois que os dedos dos pés e das mãos se tornaram insuficientes.

— Tu está é com despeito, pois o meu fogo é da cintura pra cima — rebateu novamente Leninha, com os olhos de vai e vem e com uma sonsice de se ver.

— Teu pai, Parmério Brabeza, devia se chamar era Parmério “Lerdeza”, pois se faz cego por conveniência — estocou, por fim, Tafynha, antes do término da contenda.

A peleja só parou com a intromissão providencial do negro Adão e de Oton “Petrolina”, que trataram de acalmar as duas, antes que o acontecido chegasse ao conhecimento de Parmério Brabeza. O “guardião de cabaço”, como dizia a velha Miru, em palavras rebeldes, era ciumento que só se vendo. “Um casca grossa”, afirmava a velha; “um trimiliquento”, dizia Cinthia.

O certo é que o doidivanas cobrava bom comportamento da esposa e da filha. Aquela uma dama, esta uma espevitada. Leninha era fogosa e desavergonhada. Uma quentura. O pai é que era o problema. Até cangaceiro tinha receio. E ainda se vangloriava da filha, não sei se por cegueira ou se por ilusão: “Filha minha é que não anda na boca das mexeriqueiras; também, uma pérola de moça, pura igual a santa de igreja, donzela por todos os lados e buracos”.

Porém, o que estava realmente acontecendo eu já esperava e não demorou a ficar evidente.

* * *

O certo é que, dia após dia, a menina ficava mais distante de mim. Sentia no seu semblante uma espécie de receio. Curioso notar que — como antes já disse — a menina, por vezes, freqüentou a casa de dona Miru. Porém, jamais eu entrara na sua casa estando ela presente. Minha visita resumiu-se ao primeiro dia, na varanda, e nada mais, o que me pareceu um contra-senso.

Não que eu quisesse conquistar a casa da menina, mas cheguei até a pensar que ela tivesse vergonha de mim. Afinal, eu não tinha nome nem posses. Talvez ela não quisesse mostrar o rapaz, pelo qual se encantara, à sua família. Porém, eu não queria e nem deveria ser precipitado, mesmo porque, talvez estivesse acontecendo algo que eu não soubesse. Quem sabe, a mãe da menina tivesse tomado conhecimento de que a filha perdera a formosura em minha companhia. A própria menina avisou-me da educação moderna, mas rigorosa, da mãe, que não se cansava de perguntas e ironias, nem eufemismos: “É bom que a senhorita proteja a sua formosura; a que reside embaixo do umbigo e de onde saem a água que se bebe e o filho que se pare”.

Mas o certo é que eu não acreditava que fosse coisa da mãe da menina, que me pareceu ser uma pessoa educada e esclarecida, afora o fato de ser do estrangeiro, do tal modernismo.

Contudo, chegou um momento em que eu não mais poderia agüentar. A idéia de que a menina tinha vergonha de mim se acentuara, na medida da minha irresignação. Ela não mais me via com freqüência e, quando via, era às escondidas. Uma coisa, todavia, intrigava-me. Mesmo os encontros sendo mais escassos, quando existiam, tinham a mesma intensidade de antes. Talvez este fosse o argumento melhor que achei para continuar encontrando a menina. A suposta falta de amor inexistia. Em meus braços, a menina sempre demonstrara alegria. Vendia felicidade e ternura. A diferença é que, agora, por vezes, ela chorava. E esse foi o grande problema. Pranto de mulher é uma peste. Chego a tremer só de pensar.

Procurei ao máximo não parecer intrometido, mas, aos poucos, tive de exigir explicações para as lágrimas e o desajeito. Afora isso, a menina não se vendia aos cantos, resumindo-se à sua insuperável discricção. “A filha do estrangeiro açoita sorrindo e xinga de boca calada”, dizia a velha Miru, não sei se

por sabedoria ou se por presságio. Tudo foi acontecendo rapidamente e, confesso, pensei no pior.

Certa tarde, ainda com o sol a se pôr, eu voltava das minhas terras trazendo no lombo do animal pequena parte da colheita antecipada de inverno. Nesse ponto, Pente Fino era perfeito. Tratava a terra, como se fosse uma pessoa de estima. Dava-lhe carinho e, em retribuição, a colheita aumentava ano a ano. O manejo do molambo com a terra era digno de comentários elogiosos. O próprio velho, na exigência peculiar aos que conseguem ultrapassar muitas dezenas de anos, aprovava o meu único serviçal. Aliás, eu não tratava Antenor como um empregado. Ali, ele era um parceiro. Um bom parceiro. Isso eu deixei claro com palavras e gestos.

Vinha pela entrada secundária da cidade, que começava em Pedra das Antas e passava por Riacho Alegre, antes de chegar à Itajumam. Estrada construída pelo cangaço. Preferi tal caminho, para fugir dos olhos curiosos de dona Adelaide, comadre da velha Miru. A beata era uma peste com a língua e, todas as vezes em que voltava das minhas terras, ao passar pela porta de sua casa, a faladeira arregalava os olhos e ensaiava observações à custa de meu nome. Sua predileção era tripudiar o muçulmano Graub, que prometeu construção de mesquita e madraçais na cidade, isto é uma verdade. Mas qualquer um era presa para a beata, que ainda pregava inocência, à custa da idade e da moléstia.

O muçulmano cultivava a discórdia, bem ao seu estilo, enviando para a beata bilhetes ininteligíveis e misteriosos, o que aguçava a ira de dona Adelaide e a deixava com a moléstia aos pés: “é um queimor nas goelas, um baticum no coração e um vai-e-vem no juízo”, dizia.



É certo que aquele percurso era um pouco mais longo, mas era, por isso mesmo, pouco movimentado. A terra seca fazia criar uma nuvem de poeira. A camisa branca de colarinho rendeu-se aos efeitos da natureza. Uma sujeirada de dar dó. A labuta diária quase nunca era parceira da boa vestimenta. Eu também não tinha motivos para pôr, sem pretexto justo, camisa de ver Deus, recém-comprada nas estradas da vida ou na mão dos caixeiros viajantes.

O problema é que eu agora mais parecia um boneco de barro, tamanha a poeira que cobria o meu corpo. O animal também sentia o efeito do dia ensolarado e seco, andando a passos forçados, atrasando ainda mais a viagem.

Passada a entrada da cidade, cruzei um caminho de pedra que me economizaria preciosa légua. Passei pelo fundo da igreja e comecei a subir a ladeira. A caminho de Itajumam, passei pela fazenda do coronel Júlio. Aproveitando a visita, apanhei uma flor de pétalas brancas, com cheiro acentuado, a qual não sei nominar.

Preparei-me para subir a ladeira na incerteza de ver a menina. Talvez ela estivesse a esperar-me na janela como fez outras vezes, com um sorriso escancarado no rosto e com os olhos de encanto. Acomodei a flor de pétalas brancas em minha mão. A outra ocupava-se da rédea do animal.

O certo é que, para minha decepção, a menina não estava na janela. Senti, por segundos, um vazio no peito. Coisa de presságio. Pensei em jogar o presente no chão, mas me contive. Parei no passeio de pedras portuguesas em frente à casa da menina. Lá fiquei por sofridos minutos à espera de uma oportuna aparição. Quando já estava pronto para partir,

percebi a sua esperada presença. Acenei tentando esconder a flor. Por um instante, achei que ela fingira não me ver. Insisti nos acenos tornando impossível uma farsa qualquer. A menina, assim, apareceu na varanda. Amarrei o animal em uma cerca próxima e fui ao seu encontro. Entreguei-lhe a flor sem que lhe roubasse qualquer gesto de alegria ou encantamento. Indaguei o motivo da apreensão; porém, mais uma vez, fiquei sem resposta. A menina nem ao menos ofereceu-me um beijo, aparentando medo de alguma coisa. Não sei se medo ou vergonha, foi o que me atormentou. O certo é que a minha presença, ali, não lhe era agradável. Olhei fixamente os olhos da menina e lhe dei as costas, dispensando a educação aprendida nos reparos da velha Miru. Preparava-me para partir, quando fui interrompido por uma voz rouca que surgira na porta:

— Quem é esse maltrapilho?

Era o estrangeiro. Alto, nem magro, nem gordo, segurando um charuto com a mão esquerda, mostrou, de logo, sua irritante empáfia. Olhei-o tomado pela ojeriza, mas tentei manter equilíbrio e as poucas palavras — na verdade, um eufemismo, por conta da minha mudez, naquele instante.

— É um amigo, pai — bradou a menina.

— Não gosto de maltrapilho — gritou, gesticulando, mais uma vez, o desinfeliz.

— Ele não é um maltrapilho — argumentou, com voz de choro, a menina.

— Para mim é maltrapilho mesmo — gritou o estrangeiro. — E tem mais, é vadio e ...

Parou, só através de nova intervenção da menina que, a esse momento, desmanchou-se em lágrimas, o que me fez tremer ainda mais.

Guardei todas aquelas palavras no subconsciente. Eu não tinha o que provar ao estrangeiro. Era homem honesto, coisa que sua cara ensebada parecia não ser. Gente que olha

de banda é gente que não presta. Sujeito cabotino! A vida tem desses cabras, mas também tem dias subseqüentes. O mundo não terminaria ali. O futuro a Deus pertence e o estrangeiro engoliria a sua malfadada recepção. Eu prometi a mim mesmo, na forma de uma sentença.

Ainda ouvi o último golpe do desinfeliz:

— Retire-se da porta de minha casa, seu maltrapilho!

Preferi retirar-me em silêncio, pois nada é melhor que isso, em certas ocasiões. Antes, porém, fiz questão de olhar fixamente os olhos do desinfeliz. A sua cara ensebada, de gente sem trato e costumes, sem-vergonha, não me enganara. Certamente o estrangeiro teria resposta. A minha vindita seria, apenas, questão de tempo.

Provavelmente tudo que estava acontecendo era uma resposta divina ao meu comportamento absurdo. O velho tinha razão. A verdade verdadeira é que eu não tinha de me enamorar por gente opulenta. Gente que tem nome e posses. O mundo funciona assim. Não se deve misturar as classes. Agora me restava lembrar as palavras sábias de dona Miru, como sempre o fazia: “Nada como o tempo”.

A própria dona Miru falava a Cinthia, mas em voz alta, como se o recado fosse dirigido a mim: “Gente que tem posses e nome se enrabicha com seus confrades sociais, e não com gente como a gente, de quem são diferentes como o sal e o açúcar”.

O certo é que uma resposta à altura seria, para mim, questão de honra. Disso eu estava certo. Maior verdade não há. O estrangeiro certamente iria descobrir sua desgraça. O rancor aprofundara-se em minha alma, como se fizesse parte de mim. Pensei em emboscada, em enterrar no peito do desinfeliz uma peixeira ou lhe cuspir a cara ensebada. O acontecido não tinha perdão. Enquanto eu não me vingasse daquele presunçoso, eu não respiraria em paz, disso eu estava certo.

Ser chamado de maltrapilho, para mim, não era vergonha. Eu não o era, e pronto. “As ofensas ganham grandeza de acordo com a receptividade dos nossos ouvidos”, dizia a velha Miru. O ofensivo, no caso, foi a forma do insulto,

ventilado aos berros, sem nem mesmo haver motivo aparente. Restava-me, entretanto, a prudência. Assim o foi, outrora, com outros que tentaram, sem êxito, derrubar-me na covardia: o coronel Clemêncio Barroso, o delegado Lombriga e os jagunços Antônio “Arranca Tripa”, João “Mata Cem” e Zizinho “Quebra-queixo”.

O certo, contudo, é que aquela, provavelmente, foi a maior humilhação que já me fizeram passar. Não apenas os berros, como os fatos. Primeiro, porque o alarido foi distribuído pelo pai da menina e, também, por terem sido os insultos covardemente alardeados na frente dela. E a verdade é que não se chama homem honesto de vadio. Maior pecado não há. Coisa de princípio e respeito. Por muito menos, o miserento já mereceria uma sova. Mas sua desgraça seria bem maior do que o mero castigo físico ou o silêncio, eu mesmo sentenciei. Aquele, o doutor de branco e as manipulações de drogarias dão jeito; este, só era bem-vindo para gente como Licurtixa, após o corretivo com sopapos. Afora isso, era claro que, àquela altura, a menina evitaria qualquer reencontro, por ordem ou respeito. Não importa. E mais clara ainda era a certeza de que o estrangeiro iria engolir os desacatos, pois não se mancha honra alheia com palavras perdidas, foi o que aprendi com a vida. Coisa de tempo.

* * *

Já na casa de dona Miru, tratei de pôr os pensamentos em ordem. Não iria comentar o acontecido com Cinthia. Não estragaria a amizade conquistada junto à menina, pois o estrangeiro não mereceria tamanha vitória. Acreditei ter sido, aquele, o último contato com a menina. Não sei se por conveniência ou se pelo destino. Mas não tinha raiva dela, que não poderia ser culpada pela atitude mesquinha de um

pai miserento. “Não se escolhe aquele de quem se vai nascer”, é o que dizia a velha Miru. Sujeito safado e cabotino. Gente que fala com a língua solta, aos berros. Conheço esse tipo de gente, do olhar de banda. Mas o certo é que eu haveria de sair daquela situação, da melhor forma possível.

Dona Miru, como de costume, percebera minha inquietação:

— Viu aquele que não presta? — indagou referindo-se ao coisa-ruim.

Sorri tentando desfazer o semblante carregado.

— Vocês não me enganam, filho. Eu conheço muito bem esses rostinhos amargurados.

E realmente a velha tinha razão. Mas eu não queria compartilhar meu ódio com ninguém.

Preferi passear pela mata, para sentir mais firmemente a presença divina. Precisava relaxar espiritualmente. Conversar com o meu anjo-da-guarda seria de bom senso. Eu queria, naquele instante, buscar forças no imaginário, disso minha alma carecia.

A lenda dizia que a mata era encantada. Que, ali, foram firmados acertos de proteção. Os anjos certamente estavam por perto. Eu tinha necessidade da companhia deles. Não tinha pai, não tinha mãe, e não iria transformar a minha raiva em lágrimas. Eu queria buscar forças nos símbolos sagrados que possuímos. Ali, ao alto, estava o céu. Talvez o maior presente do Criador. É o céu que ilumina nossa estrada de luz. Que, por vezes, mostra-nos os símbolos. Eu tinha de usufruir aquela dádiva, tragar o ar em direção ao pulmão e depois cuspi-lo juntamente com o meu ódio. A natureza do ambiente era como um remédio daqueles modernos, comprados nas drogarias da capital. Manipulação do Criador. Mas eu queria mais. Gostaria de responder, à altura, à empáfia desmedida daquele estrangeiro. Eu haveria de ter ainda mais dinheiro. Usaria meu cobre como uma resposta a mim mes-

mo. Transformaria o pequeno pedaço de terra de meus pais em uma imensidão sem limites, como assim já o fazia. Era minha sentença, questão de honra. Não era para mim, era para minha família. Quando meus pais retornassem, teriam orgulho do filho. Disso eu estava certo. Eu era pobre em jeitos e trejeitos, mas rico de espírito. Guardava no peito a dignidade comum a poucos mortais. Tinha visões honestas do mundo. E o estrangeiro? Quem seria? Como teria sido que o miserento enricou? Eu descobriria, talvez com a ajuda do velho Chico, talvez sem ela. Mas o certo é que eu descobriria.

Parti em direção à cabana, caminhando e pensando. Não iria matar o desinfeliz. Meu anjo não queria isso. Queria paz. Gostaria que a resposta fosse uma questão de honra. E nem sempre a honra é feita com sangue. Uma boa sova também não bastaria. Coisa pouca. “A verdade é que, muitas vezes, a honra se constrói com trabalho e dignidade”, dizia o velho Chico.

Não seria aquele sujeito da língua alongada, que falava aos berros, que iria estragar a minha existência. O mundo é uma junção de fatos. Não é algo isolado. Um dia após o outro. E, um dia, ele iria experimentar a minha força. Questão de honra.

A ofensa do estrangeiro fora descabida, essa era a única certeza, afora o corretivo que se aproximava. Não tinha sentido real. Não era ciúme da menina. Era coisa podre. Coisa de gente que não vale muito. O mundo está empestiado deste tipo de gente. Não valem nem um vintém. Um tabefe na cara ensebada não era recomendável: muito pouco. Na frente, com bons pensamentos, a resposta apareceria. Era só interpretar os ensinamentos do Criador.

Por vezes, tive a sensação de que a vida era mais amargura que felicidade. Na verdade, muitas vezes, perdi-me em pensamentos ruins, atolado na amargura e angústia sem fim. “Tua vida é sobrelevar os pensamentos e costurar as tuas memórias”, era o que dizia a velha Miru, que se postava de atalaia, nas sombras da casa, sempre a interpretar os sentimentos e sonhos, meus e os de Cinthia. As luzes que nos guiam e conduzem à nossa infinita estrada da vida, coisa que o velho Chico tanto afirmava em muitas prosas, não eram tão nítidas para mim. Ou eu não sabia interpretá-las, ou não as tinha.

Podia, ao menos, ter sido a ofensa obra de um outro indivíduo. Mas, não. O destino quis que o autor fosse o estrangeiro. O tal destino dito e redito nas prosas de estilo da menina. Ventura ou não, o acontecido era mais que uma triste realidade. Talvez incômoda demais, por ter como coadjuvante a menina dos olhos de mel e encanto, a do choro e gemidos, que ainda tentou arrancar forças do desconhecido e ousou, inclusive, desafiar o pai, atitude condenável por aqueles idos.

Agora, não havia mais tempo para lamúrias. O desconsolo deveria ficar para trás. Não adiantaria abençoar com minha lembrança um episódio marcado pelo lado podre da vida. O tempo encarregar-se-ia de apagar o acontecido. Disso eu estava certo.

“O homem não é um ser estático e, talvez por isso, o mundo dos humanos prime por ser composto de altos e baixos”, é o que ensinava o velho Chico. Um dia após o outro. Apesar da vida humilde que eu levava, jamais pequei pelo comodismo. Fui ao encontro da luz prometida que ilumina a nossa estrada. Não pequei pela omissão. Fui intrépido e obstinado, não por mero capricho da vaidade, mas, antes, por reconhecimento e auto-estima. Esta nem sempre eu tive, mas me foi imposta pelo destino, o que não me causou moossa. Tinha uma estrada a percorrer e procurei, como nunca, a luz que me guiaria a ela.

Aprendi os encantos do alfabeto, ainda criança, e nunca me deixei vencer pela ignorância. Com a ajuda de gente instruída, acrescentei ao meu, até então, resumido conhecimento a respeito de terra e animais, um pouco de política, história e essas coisas típicas da civilização. Eu acreditava em Deus, também. E ele daria forças ao seu criado, na batalha contra o inditoso. Não seria o desrespeito dos outros que abalaria o meu coração. Eu bem sei que, muitas vezes, fui consumido pela amargura, o que não me impediu de dar a volta por cima, motivado pelos bons sentimentos e pela minha intrepidez. Talvez eu realmente fosse um maltrapilho. Mas um maltrapilho digno do posto de filho de Deus, o que incentivava o meu orgulho. Cinthia mesmo não se cansava de tagarelar: “Meu irmão é cheio de virtudes e dele muito me orgulho”, competrava-se, apesar da suspeição que caía sobre ela.

* * *

Andando pela caatinga, com a cabeça nos céus e o fardo da decepção nas costas, resolvi chegar até à cabana. O velho, mais uma vez, seria uma boa companhia. Aliás, não raro, o velho tinha uma explicação para os acasos da vida, talvez con-

duzido pelo espiritismo que o abençoava, talvez pela sabedoria. O mundo dos homens, tão estúpido e contraditório, teria a resposta nos céus. O velho conhecia o melhor atalho para chegar ao veredito, pois tinha talento e cultura para tanto. Não era pretor dos homens ou dos deuses. Mas era gente iluminada e que sabe interpretar os símbolos e as luzes.

Cruzei arbustos, mandacarus e urtiga com agilidade de cão farejador. Itajumam e Riacho Alegre conviviam com a caatinga, como se em meio a uma imensidão coberta de verde. Na verdade, a caatinga é uma mata pequena, de árvores pequenas e tortuosas. Perto de Itajumam, podiam ser encontrados, com freqüência, a macambira, o xiquexique, o umbu, o pereiro e o facheiro. O clima quente da região fez-me produzir, mais tarde, produtos como a mamona e a oitícica.

Assim, entre vegetação, ora insuficiente, ora densa, rumei até à cabana do velho Chico. O caminho feito não fora o de costume. Talvez, por isso, eu fora surpreendido pelo estorvo da mata. A natureza é sempre atenta a mostrar os seus mistérios. Nós, porém, a conhecemos superficialmente, sem profundidade, tolos que somos. “A santa natureza”, como definia o velho Chico.

Andando por um atalho incomum, feito anos atrás pelos cangaceiros que ali passaram, topei com o improvável. Não que eu fosse imune a assombros. Mas não seria provável uma surpresa qualquer. A natureza tinha intimidade comigo. Era a minha segunda casa. Porém, pisei, por desatenção, na cauda de uma cobra. Rápido que foi, não deu para verificar qual a espécie do réptil. Sentindo o ardor da picada, parei em meio ao mato rasteiro, cheio de urtiga. Percebi, de logo, o sangue escorrer pelo calcanhar. O bicho romper a frágil proteção da bota e alcançara a perna com impressionante precisão.

De imediato, enrolei o ferimento com minha camisa de botão, evitando o contato com a poeira. A picada deveria

ter sido desferida por uma cobra-de-asa. O folclore rezava que o enorme ofídio era capaz, inclusive, de voar. Eu acreditava. Deveria ter sido mesmo a lendária cobra-de-asa.

Acelerei o passo em meio à dor. Já na cabana, fui recebido pelo velho Chico que, em meio a rezas e folhas misturadas, estancou o sangue e interrompeu a consternação. As folhas escolhidas, nas mãos do velho, transformavam-se em medicamento. Coisa de gente preparada. O veneno não faria efeito. Talvez a raiva contida no sangue tenha servido como um medicamento a mais. Aquela cobra deveria ter, como almoço, o estrangeiro miserento, foi o que desejei. Mas o veneno reservado para aquele desinfeliz seria mais poderoso. Para ele, coisa pouca são as artimanhas da natureza. Tem de ter mais. Afora isso, para mim, o episódio fora um alento, coisa dos símbolos aos quais o velho Chico se refere. Tinha de ser cobra e de ter veneno. Isso eu interpretei. Talvez fosse uma luz. Uma advertência. Foi assim que aprendi com a vida e com os livros, afora as prosas de estilo.

Pensei em coisas das mais variadas, mas sem que chegasse a um ponto final. Tudo deveria ser o mais premeditado possível. Eu não admitiria qualquer erro grotesco. Atenção era a palavra de ordem e o episódio com a cobra-de-asa serviu de alerta. O mundo funciona assim. Coisa do destino. Não há outro espaço para desatenção. Eu tinha de estar atento e a cobra-de-asa ensinou-me essa simbologia. Conteí, mais uma vez, com os préstimos e talento do velho Chico, mestre na arte da vida. Os avisos servem como lição. Não podemos, assim, exonerá-los.

* * *

A companhia era agradável, mas as palavras tinham dificuldade em ser faladas. O velho já havia prevenido. Mas

que diacho de força é aquela que deixa a gente, por vezes, estonteado? Eu lá ia imaginar que um dia pudesse sentir um troço daqueles?! O velho já era uma pessoa vivida. Já devia ter tido experiências semelhantes. “Um erro”, ele próprio conceituou. Não podia cobrar de um aprendiz a sensatez tão comum a um anoso. Mas eu haveria de falar, mesmo porque eu já tinha uns pensamentos na cabeça. O estrangeiro era gente nova em Itajumam, assim sendo, ficaria difícil descobrir, de logo, uma pecha que incomodasse o desinfeliz. Mas, qual o homem que não a tem?

Pensei, por momento, em averiguar a vida do indivíduo. Eu tinha de ter um trunfo. As coisas funcionam assim. Pode-se dizer até que era, também, uma intuição qualquer. Mas havia um raciocínio firmado por trás de uma simples desconfiança. Afinal, quem era aquele estrangeiro que chegara assim em Itajumam, dizendo-se negociante de nem sei o quê e desfazendo de seu humilde povo?

O pedantismo do desinfeliz era típico daqueles que fazem da auto-valorização uma forma tola de reconhecimento. Gente da língua alongada, que fala aos berros. Entre desconfianças e colocações precisas, acreditei ser melhor averiguar a vida do forasteiro.

Prosa em dia, o velho concordou com o meu pensamento. Faltava, agora, achar o mais importante: o parceiro perfeito.

Não se tratava de tarefa difícil. Contudo, melhor seria que fosse uma pessoa de nossa inteira confiança. Pensamos, a princípio, no negro Adão. Gente boa, sangue bom; “pedreiro tapa-buraco”, como ele mesmo se identificou. Opção descartada, contudo, levando-se em consideração a língua afiada do companheiro, chegado à falação sem fim. Outro lembrado foi Pente Fino, exímio caçador e de minha irrestrita confiança. Falho, porém, quando lembrávamos de sua incurável moléstia provocada, provavelmente, pela infidelidade da mulher. O nome mais apropriado apareceu na língua do velho e também seria de um estrangeiro.

Um estrangeiro muito amigo do velho Chico: o turco Aminta não sei do quê.

Aminta era um rastreador de primeira. Diziam que ele fora o responsável pelas operações patrocinadas pelo governador, em meio à caatinga, na busca de cangaceiros. Era o nosso parceiro apropriado, perfeito. Não sofria dos males da perfídia, nem era linguarudo, chegado às falações. Por fim, ainda se podia dizer que o turco Aminta também era um estrangeiro. “Estrangeiro com todos os poréns”, aclarou o velho. Estrangeiro da Turquia e figura pela qual o velho Chico guardava inteira confiança. Amizade antiga.

Uma vez resolvido o antigo impasse, partimos para a elaboração do perquirido. O turco prometeu seguir os passos do estrangeiro e buscar informações a respeito dele sem deixar rastros. Pediu alguns dias para o trabalho e disse que traria a “vida” do desinfeliz para mim, de presente. “Palavra de otomano”, jurou. E, realmente, esse era o presente que eu mais desejava.

Antes já dito, agora redito, comecei a produzir, em minhas terras, também, mamona e oiticica. O dinheiro ganho era, em grande parte, investido na própria terra. O negócio, com a graça do nosso bom Deus, estava dando tão certo que Antenor não mais era suficiente. E se registre que o negro fazia o trabalho braçal de uns três amarelos juntos.

Devido à carência de material humano, vi-me obrigado a desembolsar mais alguns contos em troca de um trabalho ainda melhor. Mas estava valendo o esforço. “O suor do trabalho é a arma medicinal mais consistente contra os deslizos da vida”, dizia a velha Miru, para quem o trabalho afoga as mágoas. Antenor não tinha, também, do que se queixar. Construimos juntos uma casa de pau com varanda de pedras portuguesas, iguais às da ladeira onde a menina morava.

Comida não faltava a Antenor. Tratei-o com a mesma consideração que por mim ele tinha. Era uma retribuição pela fidelidade demonstrada ao longo de alguns anos. O negro era fiel, astuto e matreiro. Só perdia o bom senso, quando da presença da esposa ferosa e furunfeira. Traía o escuro por qualquer um. Coisa de mulher-da-vida, gazeteira.

Assim, eu já havia, por alto, aumentado a quantidade de terras em, pelo menos, três vezes. Já vendíamos couro e passamos a produzir, também, mamona e oiticica. Afora isso, havia a criação de animais.

Coisa se deu, quando pensei em pôr nome na roça. Afinal, gente tem nome e por que roça também não tem? Rodei como um bicho endoidecido e não cheguei a melhores conclusões. Troço mais difícil era pôr nome em roça. Diante do impasse, consultei Antenor, Florisvaldo e Persivaldo, os dois últimos recém-admitidos. Dois irmãos, indicação do próprio Pente Fino, que os conhecia por já longo tempo. À primeira vista, pareciam ser bons de braço.

Florisvaldo era um crioulo alto, da fala marota, que portava na boca um dente da cor de ouro. Era um sujeito de gestos grosseiros e de educação pouco civilizada. Não que fosse má pessoa. Era coisa mesmo de gente de pouca educação e traquejo.

Persivaldo, o irmão, tinha um tipo mais caricato, cheio de jeitos e trejeitos. Era também alto, porém magro e troncho. Negro, que chegava a reluzir. Tudo que o crioulo fazia era motivo de graça. Além do mais, Persivaldo não conseguia pronunciar direito determinadas palavras, trocando, às vezes, as letras, em uma algaravia sem fim. Isso fez com que fosse batizado, por Antenor, como Persivaldo “Troca Letras”. Persivaldo defendia-se:

— Olhe, *pratãozinho*, Antrenor tá de gozação.

— *Pratãozinho* é um prato pequeno — pilheriava Antenor, mostrando-se, também, inculto.

Pois bem, em prosa informal com os três crioulos, selecionamos uma penca de nomes. Primeiramente, pensei em pôr o nome de “Olhos de Mel”, desistindo, por convicção própria. A seguir, já durante a prosa, apareceram sugestões das mais diversas. Pente Fino sugeriu “Dirce”, numa espécie de injusta homenagem à sua mulher indigna e aleivosa. Pente Fino tinha pela mulher uma veneração sem fim. Coisa de espantar. Dirce era trabalhadeira e prestativa, porém furunfeira, que nem quenga. Traía o negro por costume, num descaramento de dar dó. Inexplicável era a devoção de Pente

Fino pela mulher. Para Persivaldo era coisa de mandinga: “para mim, *pratãozinho*, esta sirigaita deu chá de xibiu para o Pente Fino”.

Os dois irmãos, Florisvaldo e Persivaldo, que não so friam de mesmo mal, insinuaram coisa melhor:

— Alegria, patrão — opinou um deles.

— Larga de ser burro Florisvaldo, é melhor que seja Roça do Contentamento. Eu ouvi esse nome em *argum* lugar e achei um *beleuzura* — retrucou o outro.

— Nome mais feio, Persivaldo! — Florisvaldo contestou. — Nome bonito é Roça da Alegria.

Para que não houvesse brigas e mesmo porque contentamento e alegria, no fundo, são a mesma coisa, dei a sentença final: Roça da Felicidade.

Assim sendo, cada pedacinho de terra meu formaria um conjunto de terra chamado de Roça da Felicidade. Quanto à fazenda principal, esta seria nominada em uma outra ocasião.

A decisão final foi do agrado de todos. Apenas Antenor teimava em sustentar sua idéia. Por fim, rendeu-se às minhas palavras e acabou acatando o nome estabelecido. Dizia ele que sua esposa, Dirce, merecia homenagem melhor.

Existem pessoas que marcam a nossa existência. Aparício “Mão Divina” e o estonteado Xerico são nobres exemplos.

Aparício é escultor em Itajumam. Consegue dar vida à argila, como eu jamais pude presenciar. Era um verdadeiro artista. “Artista nos gestos, nas atitudes e na cordialidade com as pessoas”, estabeleceu a velha Miru.

Xerico é o homem das luzes. Calado, observador e interpretativo. Não vive o nosso mundo. Dizem que é especial. Outros dizem que é loucura, moléstia sem cura. É também um artista. Um artesão das palavras e dos gestos.

* * *

“Mão Divina”, gracejo mais do que previsível, ganhara minha irrestrita admiração pelo amor que emprestava às esculturas que fazia. Certa feita, não muito longe, Aparício pediu-me um pouco de argila para a manutenção do trabalho. Permite que fizesse uso do material de minha propriedade todas as vezes que assim o quisesse. Como prova de gratidão, o escultor presenteou-me com um trabalho que fora além da minha imaginação. Tratava-se de uma escultura de meio corpo, “um busto de menina-moça”, como bem queria dona Miru. Trabalhada em barro, a obra beirava a perfeição.

Explicou-me o escultor que se tratava de um busto. Na verdade, um busto de minha irmã. O que me impressionou foi a riqueza de detalhes. De fato, lembrava em tudo Cinthia: desde o olhar, até a curva do rosto, afora o sorriso maroto. “Eu quero para mim”, pediu dona Miru, não sei se, na verdade, um pedido ou uma ordem. Mas o certo é que o trabalho de “Mão Divina” era algo impressionante demais para que meras e humildes palavras esgotassem. Mais perfeito, inclusive, que a fotografia do retratista de Riacho Alegre. Disso eu não tinha dúvida.

Minha irmã, quando teve acesso ao presente por mim recebido, e por dona Miru exigido, não acreditou no que estava presenciando. Cinthia ficou boquiaberta e emocionada, desmanchado-se em lágrimas, incentivada pelo seu sentimentalismo sem fim. Um berreiro dos infernos! “Santo Deus, é minha filha”, disse dona Miru, repetindo a choradeira. Coisa de moçoila afetada e de velha chorona.

O certo é que todos nós temos os nossos talentos, artistas que somos. Uns melhores, outros piores. Mas, todos talentosos para alguma coisa. Uns para o bem e outros para o mal. “Até para ser puta tem que se ter talento”, dizia Tafynha, que no leito era um vulcão. “Assim, a arte existe e ganha vida”, explicava o velho Chico. No caso de Aparício, isso se revelava na precisão e formas daquela escultura, que beirava a realidade imaginária. Dar vida à argila era o talento de Aparício.

Um outro fato que me chamou a atenção foram as palavras de Aparício:

— É a primeira vez que faço obra semelhante.

— Por qual motivo? — indaguei.

— Meu pai, há muitos anos atrás, fizera o busto de uma senhorita.

— Sua irmã também? — tornei a indagar.

— Não, fora da minha mãe. O interessante é que na época eles mal se conheciam.

— Muito interessante — acompanhei.

— Meu pai jamais fizera outro busto, pois acreditava que era um sinal de união entre o mestre e a homenageada.

Aparício deveria estar querendo dizer que aquela obra teria o condão de unir o feitor — ele próprio, “Mão Divina” — à homenageada — no caso, minha irmã. Aquilo soou-me como um galanteio escancarado, o que não me caiu no gosto, acho por bem confessar. Percebi que minha irmã, a essa hora, tentava esconder a vergonha, mesmo que não fosse desonra.

Mas me pareceu um galanteio. Eu não gostava deste tipo de prosa. Galanteio barato se cura é com tabefe e chicote. Mas eu não deveria dar ouvidos a credices tolas, mesmo porque “Mão Divina” era um rapaz de gestos nobres e merecedor do respeito de minha família. Mas eu não imaginaria que aquele sujeito fosse um dia fazer par com Cinthia, que sofria de mau gosto. Entretanto, antes ele que o miserento, essa é uma verdade. Porém, melhor ainda se ela não caísse de gosto por ninguém, era a utopia do meu coração.

Aquilo era, para mim, esquisitice deslavada. O fato de Aparício homenagear minha irmã com o feitio de um busto não faria surgir indicativos de enlances amorosos, afora a credice que mantinha em família, incentivado pelo brilho nos olhos da velha Miru, que se derretia nessas prosas, pois vivia em função da felicidade de minha irmã. “Duas sentimentalistas”, pensei.

* * *

Outro que marcara a minha vida, ao menos nas lembranças, fora o aluado Xerico.

Faça-se importante reparo, para que não se cometa uma injustiça: o botequim de Tonho, antes de asilo de borrachos e mulheres da vida, era reduto de intelectuais e doutores.

O boteco era fuleiro, é verdade. Mas bem visto e frequentado. Era também famoso pelo encontro de intelectuais daquelas bandas. O próprio Aparício era cliente assíduo. No mais, doutor Dummond, o hospedeiro Amado, Mingué, o juiz de Direito, Antônio Castro “Mordaça”, o promotor de justiça, Paolo Jacobina, entre outros. Afora estes, quem também mantinha estreita relação com o boteco era Xerico.

Xerico era um tipo de gente incomum. Perambulava pela cidade dizendo coisas surpreendentes, quando não estava no boteco de Tonho. “Na verdade, um aluado”, explicou a velha Miru. Assim sendo, não gozava de bom conceito entre os mais fingidos. Para mim, Xerico era gente como outra qualquer. Cabra de valor.

Lembro-me de certa feita, quando o aluado almoçara na casa da velha Miru. Ficara todo o tempo calado, até que passou a dizer repetidamente: “Seiscentos e tantos gramas de alimento da terra”. A princípio, pensamos tratar-se de uma esquisitice. Com o passar do tempo, entretanto, Cinthia não resistiu e indagou:

— O que dizes, Xerico?

— Seiscentos e tantos gramas de alimento da terra.

— O que é que tem seiscentos e tantos gramas, Xerico?

— argüí, talvez sem a paciência que o aluado merecia.

— Os alimentos da terra.

— Mas que alimentos são estes?

— Os alimentos da terra.

— Olhe aqui, seu aluado ... — esbravejei, sendo advertido, veementemente, por dona Miru.

— Ele está fazendo alusão à mandioca-doce.

— Tem seiscentos gramas de mandioca-doce aqui? — indaguei, vencido pela bisbilhotice e apontando para a tigela.

— Não, tem seiscentos e tantos gramas de alimento da terra — tornou a tagarelar o doidivanas, com a voz estridente, tal qual a de nosso prefeito Teolindo “Araponga”.

— Mas eu não perguntei se tinha seiscentos gramas de mandioca-doce? Qual a diferença?

— O “tantos” — respondeu Xerico, não sei se por pilhéria ou se por doidice, com a voz estridente e irritante.

Não consegui segurar a curiosidade e fui pegar a pequena balança da velha Miru. Coloquei a tigela sobre a balança e o resultado não demorou a sair: setecentos e vinte gramas ou quase isso.

— Parece que você não é tão bom assim — provoqueei Xerico.

— Seiscentos e tantos gramas de alimento da terra — retrucou o aluado mantendo a mesma frase, que parecia já retumbar sala adentro.

— Claro! Pese sem a tigela — ordenou a velha.

Coloquei novamente a mandioca doce sobre a balança, só que agora sem a tigela. O ponteiro indicou: seiscentos e vinte e um gramas. Dona Miru e minha irmã ficaram pasmas. A velha com a boca aberta e Cinthia abrindo o berreiro. Não se sabe como poderia Xerico acertar com tamanha precisão. Seria o desprotegido um adivinho? Dona Miru dizia não se encabular.

— Podemos saber como adivinhou? — indaguei.

— Xerico não adivinha, mas avalia, com a aritmética.

— Como assim? — questionou Cinthia, que adorava esse disse-que-disse sem valor ou importância.

— Dona Miru, minha amiga velha, disse que pusera dois quilos ao fogo e que metade ficara na panela. Então deveria ter um quilo. Mas devemos atentar para o fato de que a raiz perde cerca de trinta por cento do seu peso quando é tratada e aferventada. Logo, só poderia mesmo ter setecentos gramas. Os outros mais ou menos cem gramas de perda são indicações científicas. Coisa de livro que Xerico lê. O acerto ou desacerto fica por conta da sorte. Às vezes erro. Mas sempre avalio.

Ficamos, naturalmente, pasmos com a revelação. Prosa de doidivas. Coisa do outro mundo. Para mim, era armação. O certo é que aquele indivíduo da fala estridente, louco ou adivinho, arrancou aplausos de admiração de dona Miru e Cinthia, numa afetação escancarada de ambas. Xerico mostrou-se inteligente, embora molestado por doença que muitos diziam sem cura. Coisa difícil de explicar.

Já em casa, esperando resposta do turco, tirei três dias para o descanso.

Cinthia, que retornara a ser a irmã carinhosa de outrora, não me largava o pé. Achei, inclusive, que minha irmã tinha algo a dizer. Conversou sobre assuntos jamais questionados, indagou sobre a roça. Achei estranho o comportamento dela. Por fim, como se não mais agüentasse a bisbilhotice, perguntou:

— Passaste estes dias na terra?

Respondi positivamente com a cabeça.

— Tem certeza? — tornou a indagar.

— E desde quando falo inverdades? — retruquei, já por perder a calma tão pretendida.

— E tinha mulher por lá? Quer dizer, estas quengas que andam por aí ou moças que se dão ao desfrute?

— Não, só mato e bicho — respondi, não entendendo onde Cinthia queria chegar. — Inclusive fui picado por uma cobra — complementei mostrando a úlcera curada com chá e reza.

— E você procurou alguma mulher?

— Você agora virou padre? — retruquei diante da curiosidade excessiva de minha irmã.

— É que ... — gaguejou. — É que me pediram para saber se você estava se enrabichando com outra qualquer — completou a prosa, como se estivesse a bronquear-me.

A curiosidade de Cinthia era, na verdade, a curiosidade da menina dos olhos de mel e encanto, a do choro e gemidos, foi o que imaginei. Disso eu estava certo. Através de minha irmã, ela gostaria de ter conhecimento sobre o que se passava comigo. Não sei se por sonsice ou se por sentimento. A verdade é que a menina deveria estar sofrendo, ao menos pela deseducação do pai. “A filha do estrangeiro chora dia e noite”, aclarou Cinthia, outra incorrigível choradeira.

A menina era filha e, só por isso, já devia respeito ao desinfeliz. “Filho chora pelas costas, mas atende pela frente a ordem maldita de um pai”, manifestou-se a velha Miru, para Cinthia, mas com a voz alta, como se as palavras devessem ecoar no meu ouvido. É certamente eu perderia o seu amor, o tal sentimento que consome o peito e o juízo. Talvez não, talvez, sim. Não sei, ficava ao gosto do tal destino. Mas, certamente, a menina não seria mais a mesma. Não teria estrutura suficiente para enfrentar o pai. A desobediência de filho, por aqueles idos, era coisa irreparável, como bem alertou a velha Miru. O destino, motivo de nossa primeira prosa, talvez tenha nos dado uma rasteira, tal qual a cobra-de-asa. Eu não gostaria de ficar sem os braços acalorados da menina, acho por bem confessar. Mas o certo é que, mesmo que a contragosto, a menina teria que fugir dos meus braços, pois a verdade do seu mundo não permitia o chamego com um “maltrapilho”, como me mal definiu o estrangeiro.

Mas me pareceu que o tal sentimento meloso, que tanto ela quanto Cinthia gostavam de propagar, não sumira do seu peito. Minha irmã deixou isso escapar, não sei se por descuido ou objetivo. Naquele dia, por exemplo, a menina mandou, por minha irmã, uma poesia para mim. Uma lindeza de poesia, que li com o coração palpitando e afrouxado, sob os olhares da velha Miru, que vivia nas sombras da casa, acompanhando os sentimentos e sonhos meus e de minha irmã. “Teu irmão foi consumido pela afeição; de ti já não pode

falar”, proseou com Cinthia. Retribuí a poesia com outra, de Cassimiro de Abreu, escritor do gosto do velho Chico:

*“Eu via e minha alma antes de vê-la
sonhara-a linda como agora a vi;
nos puros olhos e na face bela,
dos meus sonhos a virgem conheci.
Era a mesma expressão, o mesmo rosto,
os mesmos olhos só nadando em luz”.*

Eu deixaria o tempo passar. Não adiantava, àquela altura, tropeçar em indagações tolas. De nada adiantaria o martírio daqueles pensamentos, pois se a menina não tivesse mais de ser minha, que não fosse. É o tal destino. Quanto ao estrangeiro, eu reservava com apreço uma resposta. Não seria prudente imaginar situações. Mas o certo é que aquele desinfeliz não me parecia boa gente. O olhar presunçoso e de banda, de quem nada tinha por temer, a língua alongada, a prosa aos berros, escondiam, no meu pensar, uma desavergonhada aparência.

De fato, nada mais restava, que esperar. Coisa que eu não tolerava. Mas, enfim, não me restava outro jeito. O turco Aminta era gente de qualificação. Competente e discreto. Certamente haveria de chegar com boas notícias. Não lhe dei pressa; pedi-lhe fatos. Como os queria! Seria o meu trunfo. Talvez, assim, aquele desgraçado enfiasse, goela abaixo, toda a sua arrogância. Não sairia vencedor. Apesar da paz que eu sempre pregava, nunca dispensei uma peleja, ainda mais, se por um motivo justo. E aquele era justíssimo. Envolveria sentimentos e decepções. Eu não devia nada ao estrangeiro e, mesmo que fosse um maltrapilho, seria gente. É gente, desde que não se prove o contrário, merece respeito.

Ele, sim, tinha jeito e trejeito de cabra safado. As prosas a respeito do desinfeliz eram unânimes: havia mistério

em relação ao estrangeiro. Talvez fosse até impressão, mas, de um jeito ou de outro, eu acertaria o desgraçado. E ele não perderia por esperar.

Quanto à menina, não poderia crucificá-la. Não lhe negaria a palavra, como fiz com Licurtixa. Nem lhe negaria o perdão, destino que reservei a Cinthia. A menina não tinha culpa por ter nascido filha de sujeito tão cretino. “Não escolhemos de quem nascemos”, amparava a velha Miru, incentivada por minha irmã. As lágrimas que jorraram do seu rosto, naquele dia, frouxas e inescandíveis, mostraram-me o repúdio dela ao comportamento do pai. Eu tenho de confessar que, após a “noite de chuva”, quando senti o cheiro e conheci o olhar da menina, passei a cultivar a frouxidão dentro do peito, para o desvario surdo de Cinthia e de dona Miru. Uma miséria! Mas o certo é que a menina dos olhos de mel e encanto, da voz quase inaudível de puta, muito embora a docilidade de uma dama, merecia o meu irrestrito respeito, não sei se uma realidade ou se uma fantasia. Mas eu haveria de perdoar a menina dos olhos de mel e encanto. Sorte não alcançada por seu pai.

Prece de nordestino é que nem dizer de mãe: não tinha jeito de dar errado. E, por baixo de rezas e pedidos, vi-me protegido pelos deuses. No ano que já caminhava para findar, os acontecidos, de certa forma, beneficiaram-me por demais.

O governo vinha criando formas de incentivar a agricultura e diversificá-la. O velho, como sempre, ajudou-me. Procurou incentivos em Riacho Alegre e em Pedra das Antas. Conseguimos adubos a preço de custo e, ainda, material suficiente para expandirmos em direção ao nordeste. O velho também trouxera alguns equipamentos para a labuta com o couro. Bom por dois motivos: primeiro, a pouca despesa que tive para tanto; segundo, a injeção de ânimo que me proporcionou.

De fato, fui aos poucos adquirindo coragem. Com ajuda externa, tive condições de economizar bom cobre e, além do mais, multiplicar tarefas.

Antenor, que não dispensava um serviço extra, adorava boas novas. Assim, meio que de improviso, e contando com os préstimos da rapariga com quem convivia, fundamos uma fabriqueta. A pouca experiência com o negócio fora, por certo, o maior empecilho. Porém, devagar e sempre, prosperamos.

Contei com a ajuda, também, de Florisvaldo, Persivaldo e esposa. A fulana que alimentava o negro, de amor, era uma pérola de operária. Trabalhadeira, cuidadosa e confiável, ganhara, de logo, o meu apreço. Prometi dinheiro para o casório,

caso tivéssemos sucesso. E tivemos. Tive de esquecer a promessa. Ganhamos uma dinheirama de encher os olhos. Cobre, que só vendo! Contive-me em alegria. Persivaldo cobrava-me:

— Cadê o bronze, *pratãozinho*?

— Êta crioulo burro — pilheriava Antenor, deixando Persivaldo “Troca Letras” em desajeito.

Florisvaldo não se intrometia em querela alheia. Crioulo alto, da fala marota, fazia reluzir na boca o dente da cor de ouro que possuía. Era o seu grande orgulho.

O único impedimento que tínhamos, desde então, era a falta de água que fizesse mover o maquinário. A fazenda ao lado tinha, mas o dono, um desconhecido, não fazia negócio com a propriedade. Era uma pena. Com água, tudo seria mais fácil. Com agudeza, pus Antenor no encalço do desconhecido proprietário para que pudéssemos fazer negócio.

O vizinho da esquerda era gente de meu desgosto. Não havia possibilidade de negociar terra à procura de água. O sujeito não queria prosa comigo. Nem eu com ele. Também, eu não fazia a menor questão de seu afeto. Para mim, ele era gente da pior qualidade. Cabra safado, da cara ensebada.

Há algum tempo atrás, tive um sério atrito com o tal indivíduo. A parte esquerda de minhas terras não era cercada, vez que a criação de cabras era feita na parte inversa. Aquela área eu havia reservado tão somente para o cultivo. Assim, até mesmo por economia, não via necessidade de cercá-la.

Certo dia, eu estava proseando com Antenor quando um vulto adentrou a fazenda. Puxei o facão e fui ao encontro da aparição. Talvez se tratasse de algum gatuno ou de bisbilhotece gratuita. Mas não era. Uma pequena cabra desgarrada por ali se intrometera. O acontecido não me despertou maiores aborrecimentos. Achei tratar-se do acaso. Idéia só mesmo contestada, quando Pente Fino me contou fato domês anterior.

Relatou Pente Fino que aquela cabra era do rebanho de Leomir, um mineiro de bigode vasto que era vizinho da parte esquerda. Contou-me que, dias atrás, uma quantidade enorme de cabritos arrasara com a plantação de mandioca que o negro cuidara, afora os umbuzeiros. Eu não tinha como perceber, pois Antenor não se demorou em tratar a terra. Disse-me que o acontecido se repetiu ainda por algumas vezes. Diante das circunstâncias, fora dar ciência dos inoportunos fatos ao tal vizinho da esquerda, Leomir. Sujeito indelicado, criador de inimizades, Leomir era conhecido por sua inigualável mesquinhez. Magro feito um cipó, tal indivíduo ainda se atrevia a dizer-se intrépido. Falastrão, gostava de desrespeitar os humildes e ainda tinha por mania peitar as pessoas que não concordavam com seu estilo de vida.

Pente fino contou-me com precisão o acontecido, com os olhos esbugalhados e a prosa comprida. Falou-me que comunicou ao vizinho que suas cabras estavam arrasando o meu terreno e que o mesmo precisava tomar providências. Assim, ainda sugeriu a construção de cercas. O tal do Leomir, cuspendo de ódio, destratou Antenor em tom ríspido. Dissera que, se fosse do meu interesse, eu que construísse o cercado. Antenor arremedava o safado que, quando tomado pela ira, segurava o escroto, com estilo trocista, um cacoete.

O tal Leomir era mesmo um sujeito safado, sem disfarces ou aparências, essa era a verdade. Não tinha cabimento. As cabras eram dele, então ele que procurasse guarnece-las. Por fim, Antenor contou-me que Leomir ainda teve a ousadia de chamar-me de filho de uma jumenta e pôs o molambo para fora de sua propriedade.

O pobre do Pente Fino, tomado pela ira e vermelhidão nos olhos, confessou-me que só não dera uma sova de bainha de facão no miserento, com receio de minha reprovação. Afora isso, o miserento só andava com jagunços. O certo é que Antenor guardara também o acontecido, pois queria que eu

presenciasse a entrada de cabras em minha terra, para que a verdade se tornasse inconteste.

Entendi a atitude de Antenor. Homem de origem humilde, Pente Fino não era de maiores discussões. Pude perceber por seus olhos e palavras que o molambo fora vencido pelo ódio. Certamente gostaria de ter enviado o miserento para o lado do coisa-ruim. Mas não o fizera por muitos motivos. Pente Fino sabia quais as conseqüências que poderiam advir de uma atitude impensada. Era pobre e rude, mas não era bronco.

Qualquer um poderia ler nos olhos de Antenor a alegria estampada diante da minha reação de aborrecimento. Pente Fino sabia que eu tomara uma atitude. Guardara para mim o desfecho do caso. Era uma mescla de fidelidade e confiança, coisa rara em tempos de guerra.

Decerto, pobre não tem vez, essa é a verdade. E isso refletia, por exemplo, na atitude do molambo. Era o respeito surgido das entranhas da mais ingênua ignorância. Pente Fino não era um covarde. Tampouco era desrespeitador. Mas era pobre e, num repente de entendimento, hesitou em confrontar-se com um abastado. “Dono de terra guerreira é com dono de terra”, defendeu-se.

Eu também era de poucos recursos. Pelo menos, aparentemente. Mas tinha um pequeno porém: eu tinha terra. Além do mais, o proprietário era eu, a parte legítima para o revide. Pente Fino estava ali para cumprir ordens. E, com esse pensamento, mostrou-se ainda mais coerente e digno de merecidos elogios.

Diante dos fatos, não me restou posição diversa. A partir daquela data, eu não iria admitir que cabras de um outro criador devastassem minha produção. Ordenei que qualquer animal que adentrasse os meus limites fosse de imediato conduzido até o outro lado da roça. Para tanto, tive o prazer de comprar uma corda grossa e outros apetrechos, coisa de alguns contos de réis,

para que o negro fizesse alguns bons laços. Por fim, pedi a ele que não permitisse a entrada de estranhos nas terras.

— E, caso entre? — indagou Antenor, como se profetizasse algo.

— O fim de vida é questão de tempo; quem quiser abreviá-lo, que aqui entre.

Despedi-me com um prolongado adeus.

Perdi-me no tempo. Dias, meses, anos já se foram e as informações que chegavam eram quase sempre vagas. Apenas uma levada voltou e eu, como já anteriormente comentado, corri em direção ao amontoado de gente que se espremia na saída da marinete. Triste realidade, acho por bem confessar. Aquele fora o último e primeiro “rebanho” de gente que voltara da vida miserável do sul.

Ambrósio Quintino, misteriólogo daquelas bandas, tentara a vida no Sul e trouxera apenas desgosto. Sua casa de adivinhações, montada em rua de movimento da Vila Mariana, não lhe rendera boas recordações:

— Seu menino, o Sul é lugar de gente desmiolada — queixava-se. — Tinha gente que era de tudo que é canto. A gente era tratado feito bicho. E olhe que bicho, para eles, era coisa de se ter nojo.

Essa não era opinião isolada. Dona Maricota, velha risinha, chegada às fofocas, perdera a dentadura através de sopapos que recebera de um moleque larápio. Hoje, não há quem faça a velha desdentada sorrir, nem cócegas nem pilhéria.

Diante do quadro que chegava até nós, comum era o temor que crescia em mim, vencido pela ausência e pelas lembranças. Como estariam o velho patriota e a velha religiosa? Seu Ambrósio e Dona Maricota renderam-se às promessas do Sul. Meus pais poderiam ter ido para lugar diverso.

“Só mesmo Deus pode afirmar o paradeiro do casal”, advertia a velha Miru.

Coisa interessante deu-se, quando, em certa feita, eu retornava de minhas terras e já me preparava para adentrar a casa de dona Miru. Aconteceu uma coisa curiosa, entretanto. Naquele instante, eu senti uma presença ao meu redor, o que me pareceu ser artimanha de Cinthia, mas apenas um engano.

O corpo cansado arrepiou-se por inteiro. Aquilo não era uma simples premonição. Eu tinha a correta impressão de que havia pessoas ao meu redor. Olhei atentamente e nada enxerguei. Parei, respirei e prossegui em nova averiguação. Meu coração palpitava muito, hei de confessar, o que me proporcionou a certeza ainda maior de que eu não era a única pessoa ali. Coisa de arrepiar. Chega-me a tremer as tripas, só de pensar.

A casa da velha estava vazia, o que aguçara ainda mais a minha imaginação, vencido pela nostalgia sem fim. Parei na porta do quarto e, como se por uma ordem divina, olhei vagorosamente para trás. Em um simples repente, que me pareceu uma eternidade, vi as imagens de meu pai e de minha mãe. O velho a segurar um cajado de pau ordinário, com uma medalha de honra ao mérito esculpida em bronze e detalhada com o emblema brasileiro, presa no peito, e a balançar a cabeça positivamente, com um sorriso escancarado; e, ao seu lado, a velha esposa, com uma trouxa na cabeça e derramando algumas lágrimas, tal qual Cinthia, no rosto triste e amargo.

Aquela imagem emocionou-me por completo, acho por bem confessar. Os dois apareceram rapidamente e logo depois se foram. “Apenas uma visitação”, acalmou-me a velha Miru. Serviu, pelo menos, para eu matar a saudade que se estocara em meu peito. Guardei o acontecido, mas não a angústia. A visão poderia ter sido real, mais ainda do que o meu desgosto.

Aquela aparição era um alento divino. O mundo funciona assim. O Criador empresta os símbolos. Temos que interpretá-los. Aquela visão era um símbolo. Tinha luz. A luz que nos guia pela nossa estrada de vida. Talvez aquilo tivesse o condão de me incentivar. É verdade! As coisas não acontecem por acaso neste mundo de meu Deus. Era um aviso do Criador.

Mais tarde, contei o acontecido ao velho Chico. Este confessou-me que aquela aparição era uma retribuição ao amor verdadeiro que eu nutria por meus pais. Ele se encarregou de interpretar a luz. Coisa que o céu explica e poucos entendem. Pareceu-me o despertar de um futuro próximo. Não sei se bom ou se ruim. Mas me pareceu uma atribuição de força, para que eu não fosse vencido pela fraqueza e frouxidão. Mas este símbolo não me atrevi a entender, afora as dúvidas, aos montes.

* * *

Dona Miru não perdia o costume. Às cinco e meia, céu ainda às escuras, levantava-se e acendia vela para São Lázaro. A velha guardava consigo a eterna esperança de retorno dos seus grandes amigos. “A esperança é último recurso”, pregava. Oração de sempre. Muito ainda, em homenagem à minha mãe, a esposa do velho do cajado.

Eu confesso que, mesmo timidamente, tinha fé em rever meus pais. Afinal, esse louvor fora roubado de mim, ainda criança. E eu queria e fazia questão de encontrá-los. Talvez essa fé desmedida, crença perfeitamente compreensível, tenha sido uma aliada de respeito. Minha fuga de Itajumam fora fruto, também, dessa minha fé. Não me fiz ímpio por conveniência. Ser incrédulo, nesse momento, era impensável. A esperança de revê-los era a minha religião.

O velho do cajado, onde quer que estivesse, estaria

declamando o país, essa é uma verdade. Fazia a sua parte. Era um amor tão doentio, que motivou, inclusive, ciúme por parte de minha mãe. Essas eram as histórias que cresci ouvindo. A história de um velho patriota, apaixonado por seu país, e sua fiel e religiosa esposa.

Contava dona Miru que, certa feita, uma levada de estrangeiros chegou a Itajumam. A cidade, ressalte-se, fora colonizada por estrangeiros que, inclusive, significavam importante parcela da população.

Em prosa mantida com os recém-chegados, meu pai percebera um certo despeito por parte de um dos intrusos. Falava o tal sujeito ser intelectual e doutor de profissão e que ali era lugar de gente bronca, coisa de nacional. Sujeito petulante que despertou a ira do velho do cajado.

Dona Miru contou, com os olhos esbugalhados, pouco menos que os de dona Adelaide, que o velho saudoso correu atrás do safado estrangeiro só parando na metade da estrada que ligava a cidade a Riacho Alegre, por intervenção de alguns desocupados. O velho resmungara, ainda, o fato de deixar incólume o “ordinário potoqueiro”. Minha mãe, pobre coitada, não escondia a vergonha do patriotismo sem estribeira do esposo, o que curava à custa de fé e orações.

Por certo, eu estava bem servido. O trabalho de Antenor, Florisvaldo e Persivaldo enchia-me os olhos. Às vezes que ia às minhas terras, tinha a impressão de que ficavam cada vez mais e mais formosas. Herança menor de meus pais. A maior era a vida e a educação. Esta, confiada à velha Miru, após a partida de Itajumam.

As plantações pareciam crescer em proporções avantajadas. A terra cheirava a prosperidade. Nem de longe, via-se o enorme terreno seco de Itajumam. E olhe que a cidade ficava a poucas léguas dali. Mas o certo é que o roçado encantava-me. Coisa de encher os olhos, afora a urtiga miserável. Umbuzeiros pra tudo que é lado. Uma belezura de se ver!

O bom senso faz-me admitir que os três serviçais tinham mãos de gênio. “O que plantam, colhem”, gabava o velho Chico. Tudo sob a minha coordenação periódica, afora a ajuda contumaz do velho.

E outra comemoração, meio que inusitada, acontecera por favor do meu vizinho da esquerda. Pude, inclusive, contemplar Pente Fino com duas cabritas. O mesmo acontecendo com os dois outros, Persivaldo e Florisvaldo.

O fato é que o miserento da esquerda, motivado pela soberba, não construiu o cercado que lhe cabia e terminou pecando pela teima. Cumprindo ordens expressas, Antenor prendera as primeiras cabritas que aqui adentraram, apagando

os vestígios. O negro beizola, embora tosco, costumava tomar decisões dignas de aplauso. Assim sendo, não constrangido com a ameaça do vizinho, Antenor tratou de apoderar-se das cabritas intrometidas. O crioulo guardou-as em um cercado construído especialmente para o trabalho. Ordem minha. Coisa de alguns tantos de contos de réis. Bronze abençoado e que não me custou maiores economias.

Já à noite, em minhas terras, deitei-me na rede para apreciar o luar que tomava corpo, perdido entre os pensamentos relutantes e a algaravia dos três. Ainda sob os efeitos das histórias sem fim de Antenor e dos contos inúmeros de Persivaldo e Florisvaldo, pus-me a sorrir, consumido por uma aparente felicidade, o que me pareceu uma escapada.

Apesar do ato de coragem, senti uma certa palpitação por parte de Pente Fino. Talvez ele temesse o revide de Leomir, o que não era improvável. Mas não devia. O destino é carta marcada. Afora isso, não se deve temer um homem, pois todos são fracos. “Apenas uns fingem melhor valentia do que os outros”, alfinetava a velha Miru. Só mesmo Deus é senhor das nossas vidas. É ele que escolhe o nosso porvir e que apresenta as nossas luzes. Não se teme um sujeito cabotino, metido a pistoleiro, como aquele. Cabra safado, do bigode vasto. Ademais, as terras eram minhas e nelas eu mandava. Cuspi o gole de pinga por receio da zonzeira.

Pente Fino, como se quisesse vencer um inimigo desconhecido, não poupava o fígado. Bebia, quase que por instinto. Pedi que se retirasse, pois eu já pretendia recolher-me, mas ele não me deu ouvidos. Rente ao chão, parecia uma mula teimosa, persistindo na desobediência. Percebi que ele queria proteger-me de algo. Percebi fidelidade no gesto de Antenor, apesar da desobediência. E o negro tinha razão, pois não demorara mais que poucos instantes, para que o miserento ousasse investir em direção ao casebre. Portando uma peixeira que quase escapulia pela calça frouxa, o miserento Leomir

viera acompanhado de dois jagunços.

Sem demonstrar contentamento, indagou aos berros:

— Em que lugar estão as minhas cabritas?

— E desde quando eu sou o responsável pela sua criação? — ponderei, de imediato.

— Olhe aqui, seu ousado de merda, trate de dar conta de minhas cabritas, caso contrário ...

— Caso contrário ... — interrompi o miserento, erguendo-me da rede.

— Caso contrário eu lhe darei uma sova.

— Não nasceu homem, neste mundo de meu Deus, que se atrevesse a tanto — contestei.

— Você é um moleque ousado, rapaz, e muitas vezes os homens ousados acabam comidos pelos vermes e cobertos pela terra.

— Quem está sendo inconveniente é o vizinho, pois não lhe dei permissão de adentrar em minhas terras.

— Aqui eu entro quantas vezes achar oportuno — gritou Leomir, vendendo intimidação.

— Pois lhe digo que tenha cuidado, posto que o vizinho pode se arrepender.

— Você é pretensioso rapaz. Qual a outra sugestão a dar?

— Que cerque a sua parte de terra — respondi em tom ríspido.

— Não farei isso.

— Então, reze para que os seus animais não passem para minhas terras.

— Mas você é muito atrevido, rapaz.

— E tem mais, vizinho, não pense em vir aqui sem a minha permissão. Pode entrar e não sair — ameacei.

Um dos homens de Leomir, o temido Zizinho “Quebra-Queixo”, peito-largo de fama, jagunço safado, atreveu-se a puxar uma garrucha. O miserável era capanga afamado no sertão, pior que os do coronel Clemêncio Barroso: João “Mata

Cem”, Antônio “Arranca Tripa” e “Trombeta”. Antenor, porém, foi mais rápido, colocou-o em sua mira, tolhendo, assim, qualquer precipitação do outro. Leomir, mijando de ódio, pusera-se em retirada para mais nunca voltar. Jurou-me de morte. “Mais um”, pensei. Quando o acontecido chegou aos ouvidos de Cinthia e dona Miru, foi um Deus nos acuda. Minha irmã desmanchou-se na choradeira, jurando amor eterno, enquanto a velha Miru manifestou-se em prosa: “Intrepidez não traz nada de bom, só receio e aversão”.

O certo é que a cerca fora construída dias depois. Antenor quisera, ainda, saber se não tive receio de morrer, talvez pela promessa que me foi dirigida. Respondi-lhe que cabra safado só avisa que vai matar, não age. Coisa de falatório.

Por obra do bom Deus, Cinthia preferiu não mais me dar dor de cabeça. Não consegui o meu perdão, é bem verdade. Mas, pelo menos, não padeceu com o meu silêncio. “Eu prefiro os berros e as palavras pouco amistosas ao silêncio”, implorava dona Miru, receosa, provavelmente, de que minha relação com Cinthia descambasse para o mesmo destino da com Licurtixa.

Motivos para tanto minha irmã tinha. Talvez tenha enxergado o quão trouxa fora durante um bom tempo. A companhia daquele miserento, filho de uma égua parideira, não era benéfica para ela.

Muito, também, deve-se a dona Miru. A velha, passado o dia da praça, quando arrastei ao chão o amigo do miserento e lhe proferi alguns sopapos, pendeu mais para o meu lado. O certo é que minha irmã já parecia curada do flagelo que a desvirtuava.

Ainda por cima de tudo, a menina, amiga de Cinthia que era, não cansava de tagarelar para minha irmã coisas de amor. O tal sentimento meloso que consome o peito e o juízo. Cinthia era sentimental e chorona. Fora educada pela velha Miru, para ser transparente. A velha a mandava berrar, mas jamais se calar, pois dizia ser o silêncio o pior dos gritos. Cinthia obedecia e exagerava, não escondendo sentimentos e lágrimas, nem atrevimento, quando corria nua pela casa, com os peitos em desajeito e com a calcinha aparecendo.

Eu, e isso é óbvio, não procurei jamais interferir na amizade das duas, mesmo porque a menina era gente de valor, o que se fez claro nas palavras da velha Miru, acho por bem confessar. Também, jamais fiquei de indagações com Cinthia. Não fiz proveito da amizade das duas. Eu sabia, contudo, que muito do que conversavam dizia respeito a mim. “Fogo de menina-moça”, remediava dona Miru. Mas talvez fosse melhor para a menina manter uma certa distância de mim. A sua felicidade era mais importante do que o meu bem-querer, foi o que imaginei.

Em conversa de botequim com o velho Chico, admiti a existência de um vazio, talvez para desempatar minha alma. No mais, o velho era confiável. Por certo, a fé que reservava por ele era mais ou menos compatível com a que um confidente reservava ao padre que o ouvia.

Pois bem, entre uma e outra prosa, admiti o que já era claro. Revelei, ainda que a contragosto, o meu sofrimento. Vendi a minha vida a preço de pechincha, o mesmo destino que reservei a minha alma. Uma confissão difícil. “Não vejo teu irmão confessar sentimentos”, é o que dizia a velha Miru, em prosa perdida com minha irmã. Absurda idéia, levando-se em conta o quão evidente foram as minhas palavras, afora o fato de eu não ser de falações íntimas. Preferia a conveniência ao exibicionismo. “Discreto até demais”, resmungava Cinthia, em palavras herdadas da velha Miru. Mas o velho Chico era gente de valor e estima, e não fora muito fácil extrair alguma informação de mim, a bem da verdade.

Como de costume, a mesa do botequim mantinha-se farta, da buchada ao jacaré. Aliás, jacaré para os bestas. Aquilo deveria ser carne de calango. O Tonho, inclusive, tinha essa mania. A cachaça era sempre importada, presente dos intrusos. A carne, de bicho de longe. Coisa nobre. Era um autêntico vendedor de ilusões. “Jacaré pipira”, dizia ele.

Eu confesso que não ligava. Se de jacaré ou de lagarto, o bucho não reclamava e a presa satisfazia. A carne era bem temperada. É uma verdade. Que não era de jacaré pipira, é mais verdade ainda; mas era boa.

O velho gostava de bebericar uma especiaria da casa, cachaça das boas. A pinga era envelhecida em contato com o mandacaru. Depois de três meses, coava-se o líquido para que a pinga tivesse qualidade. Por fim, servia-a pura ou preparada com bebida gasosa. Não tinha o efeito da trazida pelo negro Adão, mas, nem por isso, menos valorosa.

Pois bem, sob os efeitos inomináveis do gotejo, confessei o meu desgosto. Não queria afastar-me da menina pela interferência do estrangeiro, mesmo que essa sentença já tivesse sido dada pelo tal destino. Se ele queria cobre, eu agora já o tinha. E se fosse o caso, eu pagava o preço que o miserento quisesse, como também exigia o muçulmano Graub, pela mão de Ratiche.

Instruí-me com os doutores da lei e tomei conhecimento do tal dote. Se o estrangeiro se metesse a besta, eu ofereceria preço: uma dinheirama dos infernos. O tal dote a que se referiam os doutos, como o promotor Paolo Jacobina. “O dote é exigido pela lei ou pela religião”, ensinou o Promotor. Mas a verdade é que a menina não tinha preço. Tinha, isso sim, os olhos de mel e encanto, o feitiço do choro e dos gemidos; o corpo que exalava perfume e sedução; a voz melosa, como a de uma puta, e dócil, como a de uma dama.

Na verdade, antes mesmo de estar sob os efeitos do gotejo, eu vivia sob os efeitos da solidão, que era o custo da ausência de meus pais, essa é a verdade. Solidão esta que eu só dispensara, quando ao lado da menina. As moças da vida não afastavam a solidão, embora houvesse o chamego. Afora isso, levei um tempo correndo léguas de Tafynha, após a briga e os berros, quando a quenga rolou no barro com Leninha. O certo é que eu padecia de saudades e sentimentos, mais uma verdade.

E, em meio a esses tormentos, pus-me a amar minha terra, como se fosse a uma mulher. Acordava e dormia ao cheiro da caatinga, da bosta de bicho e ao lado dos negros enlambançados pelo sol queimante de Itajumam.

Eu comia o que tinha, a qualquer hora. Dirce encarregava-se da ceia: nacos de carne seca do sertão, macaxeira, maniçoba, jiló e farinha de mandioca. Afora carne de bode assada e entupida de gordura. Um manjar! Enchia o bucho na companhia dos negros. Aliás, eles eram os meus companheiros de braços, não de borracheira. As suas histórias de vida é que me encantavam. A prosa irreverente de Antenor e a vaidade infundada de Florisvaldo serviam-me como estímulo. “A natureza humana é a nossa grande fonte de inspiração”, revelava o velho Chico, em prosa de valor. Eram os cabritos que eu colecionava, e que já passavam de centena, que também me estimulavam a prosseguir com aquela vida tola. Coisa da falta de pai, de mãe e do tal amor, sentimento miserável que só faz molestar o juízo, é o que eu imaginava, não sei se com acerto ou se com deslize.

A terra estava sendo mais do que generosa. Hei de reconhecer! Vinha me dando convicção e certezas. Ali, eu me sentia homem. Verdadeiramente um homem. Eu haveria de ser um vencedor. Talvez solitário, mas vencedor. Eu ajudaria muita gente. Por outro lado, enfiaria goela abaixo daqueles que me desprezaram, a minha vitória, ainda que tardia, mas uma vitória. “Quem faz por merecer, se não vence hoje, vence amanhã”, dizia a velha Miru. Eu faria do repúdio pelos que me desprezaram uma razão de vida. E se a menina não mais me quisesse, eu desapareceria pelo mundo adentro, que nem cobra na urtiga.

Entre um pensamento e outro, devaneios sem fim, o velho olhava-me com exatidão. Examinava-me da cabeça aos pés. Falava coisas oriundas de qualquer livro. Esses tipos de prosa que requerem conhecimento. Ele dizia que iria consultar os livros

e saber de que mal eu padecia, não sei se por bondade ou se por sarcasmo. Falava de estradas, do mundo e de luzes; que as respostas para as nossas tolas indagações estão no mundo; nos detalhes que o Criador oferece. A luz era para ser procurada. É ela que nos ajuda na caminhada rumo à afirmação. “A vida é uma estrada de luz, e nós temos que procurar essas luzes, atrás das respostas que formam o nosso caminho”, dizia.

O velho continuamente demonstrara lucidez, e de tão simples, era gênio, mas o certo é que ele tinha sempre de consultar um volume. “Simplicidade é fim de estágio”, sentenciava. Consultava leituras exóticas: psicologia, história e misteriolgia. Dizia que o mundo é um mistério a ser desvendado; que requer confiança e humildade. Falava da leitura dos livros, da teoria Freudiana.

— Teoria o quê? — eu indagava.

— F-r-e-u-d-i-a-n-a. Vem de Freud.

Passado o caso do sujeitinho de nome esquisito, o velho vinha, agora, mostrar-se preocupado comigo. Soluçando e com os olhos quase que cerrados, improvisava um discurso:

— Você vive por demais enraivado, moço. Receio que deixe as circunstâncias falarem mais alto.

— Está com medo de eu mandar o atrevido do estrangeiro para o fundo do São Francisco, velho?

— Não, rapaz — respondeu de imediato. — Receio que você se deixe levar pela precipitação. Tens peleja com vizinho de fazenda, com o moleque filho do coronel Clemêncio Barroso, e, até, com o pai daquela moçoila por quem se enrabichara, afora o conflito sem palavras que cultivava com seu único parente, Licurtixa.

— Não tenha temor, velho. Hei de saber lidar com esses embates. Não haveria de sujar minha reputação com o sangue de um miserável qualquer.

— Falo isso, rapaz, com a experiência de quem tem

muitos anos de vida — ponderou. — O governo, agora, está atacando do jeito que pode. Dizem até que já existe entre nós a tal da pena de morte.

— Ponha termo a essa prosa, velho. Eu não sou inimigo do governo. Minha contenda é com uns pobres diabos inexpressivos. É coisa pessoal. Coisa pior faz Lampião e até agora ninguém fez nada. Toma jeito, velho!

Eu tinha que concordar com o velho, não o faria diferente. A própria dona Miru, já há muito, exigia de mim comportamento diverso, ora ao pé do ouvido, ora nas prosas com Cinthia, quando falava em voz alta para que eu escutasse. “Tenho receio que você seja consumido por si mesmo, pelos seus sentimentos”, lamentava a velha.

A prosa prolongou-se noite adentro. Os ânimos estavam acirrados e não poderia ser diferente. Todos nós estávamos apreensivos com o turco. Já haviam transcorrido duas semanas e nenhuma notícia do rastreador.

A vontade de obter notícias era incontrolável e inimaginável. O otomano tinha de se sair vitorioso. Por justo, eu encheria o rastreador de cobres. Coisa de gratidão. Tinha de fazer o serviço bem feito. Traria novidades e ganharia recompensa.

A palavra de Deus já era por mim conhecida. Restava entender as palavras do homem. A alma humana, como dizia dona Miru. Apenas ela e o velho Chico tinham esta capacidade. A velha enxergava tudo. “Enxerga até o que não se vê”, compenetrava-se Cinthia, em escancarado exagero. As observações da velha eram feitas sem alarde, nas sombras da casa ou nas entrelinhas dos acontecimentos.

Procurei assistir às aulas ministradas pelo culto professor Miguel, no educandário de Itajumam. Eu, como já dissera outrora, tinha bons conhecimentos de aritmética. Sabia, com razoável precisão, contas de somar, subtrair, dividir e até multiplicar. “Meu irmão faz conta sem os dedos”, gabava-se Cinthia. Confesso que não era bem assim, afora o orgulho de minha irmã. Assim acontecia todas as vezes em que ia comprar alguma propriedade. Relutava bastante, antes de assinar quaisquer papéis. O velho sempre dava a sua anuência. No mais, não era do tipo que passava vergonha — o que me pareceu uma fatuidade.

O professor Miguel, por vezes, arriscou-se em me ajudar. Não foi possível todas as vezes. Ou era o trabalho ferrenho e contumaz ou as dificuldades de cobre, ao menos no começo de vida. A educação e princípios ficaram a cargo de dona Miru. Afora isso, os tropeços ensinavam-me muito. “Uma queda, um ensinamento”, dizia a velha Miru.

Diferente ocorreu com Cinthia. Minha irmã freqüentava assiduamente a escola do professor Miguel e era afeita aos estudos. Sabia tudo de aritmética e gramática. Não tinha uma continha que não soubesse. A letra era corrida e vistosa. Uma boniteza de se ver!

Mais tarde, não obstante, as coisas foram tornando-se mais fáceis. Primeiro, porque freqüentei mais vezes o educandário do professor Miguel; ademais, porque o velho tratou de compartilhar comigo o vasto conhecimento que possuía, oriundo da leitura de livros antigos. Tinha literatura para todos os gostos: história, literatura de cordel e Bíblia. E, por certo, a época era das mais propícias. Não fazia muito tempo que surgira uma tal de literatura moderna. O velho é quem sabia maiores detalhes. “É o modernismo”, ensinava. Sei mesmo é que, por vontade ou até a contragosto, talvez motivado pelas palavras de desafeto do estrangeiro, aos poucos, fui desprezando a antiga bronquidão.

E, como se não quisesse nada da vida, fui crescendo. Sorrateiramente, mas crescendo. “Teu irmão age na calada da noite, com cara de coitado, temendo olho gordo”, ponderava a velha Miru, em prosa perdida com Cinthia. De fato, e aos poucos, fui prosperando, tanto nos negócios, quanto nos conhecimentos. Não gostaria de ser um jumento amansado, sujeito sem maiores culturas. Gente sem trato e traquejo. Conhecimento é coisa importante, senão falta o bom senso. E mais: é coisa preciosa, nossa herança maior. Não pode ser roubada e nem se perde no tempo.

Assim, sempre que a prosa exigia um maior raciocínio, escorava-me nos ensinamentos do velho Chico. E, de fato, agora eu já entendia até mesmo de história, como das guerras, por exemplo. Sabia tudo de guerra, não sei se por acaso ou predileção. Pra mim, e aqui eu estou sendo sincero, guerra era briga de família; é coisa de herança, pelega barata. No mais, não me deixava passar vergonha.

Para tanto, tinha o cuidado de não ser precipitado. Lembro-me de certa feita, quando o doutor Juarez, rábula de Riacho Alegre, chegado aos estudos forenses, sujeito de poucas palavras e muito gestos, em prosa perto da Alfaiataria, oportunidade em que gesticulava feito um alienado, criou arapuca para mim:

— Caro amigo — começava com contumaz eloquência —, a política itajumense é um retrato do mundo atual. Não vistes a idéia de anexar nossa cidade a Riacho Alegre?

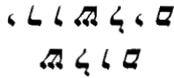
— É uma boa opinião, meu grande amigo Juarez — bajulou Alberico Gompria.

— E tu, meu jovem rapaz? — indagou o rábula, vencido pela vaidade, como se quisesse presenciar meu previsível insucesso.

Triste engano o acometeu, pois manifestei pensamento com a sutileza de um literato e embalado pelo texto recém-aprendido:

— Discordo, amigos — comecei. — Vejamos o exemplo alemão: Hitler, com o apoio dos fascistas austríacos, ordenara a ocupação da Áustria, que fora anexada à Alemanha, no *Anschluss*. E não foi uma anexação amigável como teimam em noticiar — soletrei, sem nem ao menos respirar, o texto recém-memorizado nas aulas do professor Miguel.

Parece até que eu sabia que iam me fazer essa pergunta. Memorizei o texto umas cinqüenta vezes, motivado pelo receio de uma prosa mais culta com a menina. Ainda não havia esquecido o dia em que não soube responder quem era o tal David da estrela que enfeitava o pescoço da filha do estrangeiro, sem contar que eu desconhecia ser a menina uma judia sefadi. No mais, a moça filha do estrangeiro amava as prosas de estilo e os escritos diferentes. “Adoro as letras em hebraico”, dizia.



Isso sem contar nos pensamentos ditos e reditos pela menina, em letras estrangeiras — “o ladino, cujo nascedouro é o espanhol-judaico”, ensinava —, quando me oferecia bênção:

— *El dio ke t'escape de ojo malo i de ayinarah*; é uma bênção judaica, muito usada por minha família — dizia a menina.

Mas a verdade é que os parceiros de prosa ficaram, naquele instante, boquiabertos e não esconderam o desajeito. Alberico, jornalista de profissão, sentiu-se desprestigiado. Bufou de ódio, pois o meu comentário o atingiu por completo. Era ele o proprietário da “Folha Itajumense”. O rábula, vaidoso que era, também não se mostrou contente. Achou-se desprestigiado. Ele sabia de lei e o jornalista sabia de notícias. Não era de bom grado serem envolvidos por um inculto qualquer, como me consideravam.

Eu, assim, ganhava, cada dia mais, convicção e respeito social, mesmo que não o quisesse. “Respeito a gente adquire em cada ato ou palavra e aos poucos”, ensinava a velha Miru.

* * *

Perto das alturas eu estava. E assim deveria ser. Passava dias ao lombo de um animal, correndo terra e fazendo contas. O dinheiro poderia até não render nada, mas não poderia faltar. Eu tinha de honrar meus compromissos. Assim, não me restavam maiores opções: trabalhar e trabalhar.

Entre a vontade curiosa de aperfeiçoar o domínio das letras e o fascínio pelas coisas da inteligência do homem, vi-me por longo tempo. Ora estava cheirando a bosta de animal,

ora estava banhado, debruçado em uma mesa qualquer, estudando os livros do velho Chico. E muito me ajudavam eles. Os negócios que havia feito, se não me renderam grandes frutos, não me trouxeram maiores problemas. Modesta essa assertiva, é bem verdade, pois, desde já, no curtíssimo intervalo de dois anos, eu havia prosperado como ninguém. Por vezes, à custa do acaso e, muitas outras, do trabalho.

Só naquele ano, eu tinha conseguido guardar mais de dois malhos de contos de réis. Era uma dinheirama que não se tem conta. Cobre de arder os olhos. Para ser sincero, nem eu mesmo esperava um dia ter tanto cobre junto. “É a recompensa do seu trabalho”, gabava o velho Chico.

Não que eu fosse um homem abastado, mesmo porque não era essa a minha pretensão. Mas, hei de convir que, com cobre, muitos dos meus planos iam se concretizar. Guardava no baú, no canto do pequeno quarto, no casebre que construí com os criados da fazenda, parceiros de trabalho nas minhas terras; baú forte e de pau a pique, presente da velha Miru.

Por certo e de fato, foi através do cobre que, aos poucos, fui juntando, que encontrei boa parte da tal de felicidade. Não que esta se compre. “O dinheiro compra quase tudo, até a alma dos homens, mas não a felicidade”, dizia a velha Miru. Porém, o dinheiro nada mais era que o fruto colhido e plantado por mim. Ganhei-o da forma mais honesta e digna que se possa imaginar, à custa de muito esforço e ajuntado em mochoques no baú, presente da velha Miru. Mas não contava: tinha medo da má-sorte. Contos de Itajumam, da velha Miru. Crendices tolas, que eu respeitava. Com essas coisas de gente abonada, dinheiro e posses, não se brinca. E, também, não seria o dinheiro que me transformaria em outra pessoa. O fato de tê-lo não mudaria o meu caráter e princípios. Meus princípios só eram rendidos, quando da presença da menina, com aqueles olhos de mel e encanto e a voz melosa de uma desfrutada, mas dócil, como a de uma dama.

Mas iria manter os meus princípios, mesmo porque apenas a educação é coisa que não se perde. A casa o vento leva; a roça, o bicho come.

Esse negócio de ter muito cobre até me preocupava. Mas valia. Com ele se compra de tudo. Os cabras safados que ali existiam rendiam-se por qualquer vintém. Gente sem valor. As coisas aconteciam naturalmente. Iam ficando mais fáceis. Era só prometer recompensa e meus planos se realizariam. Gente que se rende por qualquer vintém. O mundo está empestiado dessa gente. Não tem valor que preste. Era oferecer o cobre e as vontades eram feitas.

Assim, eu, graças ao bom Deus, não me deixei sucumbir aos poderes da riqueza, que nunca havia sido coisa de minha cabeça. Coisa pouca, que se acaba. A roça, o bicho come, e a casa, o vento leva. Riqueza mesmo é educação e cultura. Morre com a gente. Ninguém bota a mão. Só se atinge com olho gordo. Mas, aí, apelamos para as rezadeiras.

O cobre mostrou-me um lado desconhecido da vida. Os valores que fui aprendendo, se não me encantaram, muito me assustaram. Perdi a ingenuidade e ganhei muita astúcia. Qualidade miserável, mas necessária. Com o cobre, deleitei-me com mulheres de vida fácil, comprei terras e fiz inimigos. Muito era possível, graças a ele. Isso me chocou. Nada de grave, é verdade. Mas chocou. Esse poder que fui ganhando eu não queria. Eu sabia que as coisas tinham preço, mas não que os homens também tinham. Passei a acreditar que o mundo gira em torno do capital. Prosa do velho Chico, em conversa intelectual.

Através do dinheiro eu poderia, também, revidar com maestria o tratamento nojento que o estrangeiro me havia dispensado. O sujeito calou-se perante mim, à custa do meu trabalho e de minha conseqüente posição. Agora, de fato, eu era um grande fazendeiro. Tinha terra e bicho. E isso ele não poderia esquecer, embora de nada soubesse, como os outros

também não sabiam, afora o velho Chico. “Mas não tem nome”, alertava o velho.

O estrangeiro não esperava ter um inimigo à altura. Apostou em um futuro impreciso, frágil e modificador. Pecou pela desídia. Foi imprudente e os grandes homens não podem ser imprudentes. Coisa de precaução. Perdeu-se em suas próprias razões.

— “Há, verdadeiramente, duas coisas diferentes: saber e crer que se sabe” — afirmou o velho Chico ao adentrar a casa.

— De onde tiraste pensamento tão valioso, velho? — indaguei, mesmo não compreendendo muito o sentido da tirada.

— Essas são palavras de Hipócrates, meu jovem — respondeu de imediato. — O homem deve, além de ter conhecimento, saber que o tem.

— E o que isso significa de concreto?

— Significa que não basta a simples curiosidade, o saber por si só; o homem tem de acreditar, crer em suas convicções, desde que tal raciocínio não o leve ao devaneio, viciando a sua pureza. Você tem de manifestar seu raciocínio para as legendas da vida. Desvendar a simbologia que o Criador oferece. É a estrada de luz que nos conduz ao caminho traçado pelo Criador. Mas temos de interpretar as coisas do mundo. Essa é a nossa sentença.

— Mas por que falaste isso para mim? — tornei a indagar.

O velho, lascando um pedaço de carne seca na boca (carne de jabá, coisa preciosa) de uma forma jocosa — para não dizer grosseira —, e com a simplicidade de sempre, rebateu:

— O rapaz está perdendo tempo. Não vale muito o pernoite ao lado de um livro, se o coração não se encontra em paz. O rapaz terá, de fato, o saber, o conhecimento. Porém, dificilmente acreditará verdadeiramente naquilo que

sabe. Você não está em paz consigo mesmo. Seus olhos não permitem embustes. Não cultive fantasias, meu filho. Não cultive ilusões. O homem faz-se pelo seu conjunto. Não deve imaginar, tolamente, que chegou no ápice da vida. Lá jamais chegaremos. Apenas o Criador tem esse dom. O estudo é válido. Mas de nada vale, se o coração não se encontra em paz.

Percebi, por justo, o quanto é importante a experiência. O velho Chico sabia agredir com as palavras, tal qual a velha Miru, sem alardes ou excessos. Coisa impressionante, de arrepiar. Não falava de mais, nem, tampouco, de menos. Falava a verdade. Aliás, explicava a verdade. Esta, quase sempre, difícil de ser desnudada. “O homem, às vezes, foge da verdade como o diabo da cruz”, dizia a velha Miru. Mas o velho ponderava, ensinava, refletia. Não tinha máscaras. Fazia-me crer no mundo dos homens. Explicava a verdade, como se fosse uma pretensão qualquer. Para tanto, agredia com as palavras. Não pretendia agradar. Não tinha esse intento. Sua sina era ensinar o mundo dos homens. Por fim, fez-me absorver os ensinamentos do Criador e a simbologia que ilumina nossas vidas. “Oriente-se pelo Criador e aprenda a entender a sua simbologia; a nossa estrada é iluminada; busquemos a luz que nos guiará”, educava.

Olhei atentamente para o velho e procurei entender o que ele dizia. Por certo ele tinha razão. Aquele meu proceder era não mais que uma fuga. Coisa de amador. Talvez a demora do turco servisse para piorar ainda mais a minha angústia. De fato, eu havia perdido a menina para um inimigo que se encontrava em mim mesmo, essa é uma verdade. Buscava uma resposta da vida e tinha de encontrar as luzes a que o velho se referia, em prosas de valor. Eu deveria lutar contra mim e não contra terceiros. O livro sagrado já acolhia esse pensamento. O estrangeiro destruir-se-ia por si só e a mim caberia cultivar o sentimento que bem quisesse, desde que ele não me levasse ao devaneio. Talvez eu buscasse reencontrar

o amor da menina, coisa que jamais experimentara, dentro do meu atormentado coração. Ainda que esse amor, sentimento que deixa o juízo em desassossego, fizesse com que minha vida se transformasse em verdadeira história de livro, como bem disse a velha Miru, em prosa perdida com Cinthia.

O homem é igual à terra, certeza maior não há. É esta que nos representa, pois colhemos o que plantamos, assim ensinava a velha Miru. Há os homens secos e os maleáveis, assim como as terras e os pastos. Há terra boa como há, também, gente de valor: os almocreves, pastoreiros. Por outro lado, existem os miseráveis: coronéis, jagunços, cangaceiros. Eu gosto é das pessoas de valor. Gente de bom coração, ainda que sem nome e cobre. Com cabra safado, já disse, se proseia é com a ponta da faca e a bainha do facão. Gente do olhar enviesado. Cabra que não vale um vintém.

* * *

Agi conforme pensei. Parti em debandada rumo à ladeira dos ladrilhos portugueses, perto da igreja do padre Lorrán. Eu queria, nem que fosse de longe, olhar a menina. Talvez ela estivesse à beira da janela. Poderia, assim, fazer-lhe um gracejo qualquer, ensaiar um poema ou oferecer-lhe um simples beijo, fazendo estripulias com a língua. O beijo serviria para que eu chamasse a atenção da menina. Iluminar-me-ia através dos olhos de mel e encanto. Olhos que falavam e encantavam.

Não havia mais tempo a perder. Por certo, eu não era um dos reclusos da delegacia do delegado Lombriga. Definitivamente, eu não era um desordeiro, um maltrapilho. Eu deveria ser muito respeitado. E, para tanto, deveria também me fazer respeitar. Por isso, fiz-me trabalhador. Fiz-me, também, é verdade, borracho e enrabador. Mas eu era trabalhador

e sempre fui gente de predicados, merecia reverência, esse era meu grande alarde.

Corri pela rua das Quintas, para que as desocupadas de sempre não fizessem de meu nome motivo de conversas esparsas. Atirei-me à mata buscando ainda maior e melhor privacidade. Mesmo sendo o percurso maior, assim preferi. Não haveria curiosos. Ali, nas imediações do parque, havia apenas eu e Deus.

Cruzei, ainda, com um veado-preto em meio ao mato. Era um guarapu de sessenta centímetros. A pressa impediu-me de qualquer reação de apreço. Apenas visualizei o bicho que, provavelmente, corria da ira de animal maior, o que me fez mudar novamente de direção. Talvez fosse um símbolo da natureza, mas preferi não ousar.

Chegando perto da igreja, pulei algumas cercas antes de chegar à rua de barro. Respiração ofegante, tratei de enxugar o suor que corria em meu rosto. A corrida fora, inegavelmente, uma considerável inimiga do banho moroso e do cheiro de alfazema. Mas não tinha importância. Desde que o objetivo fosse alcançado, os detalhes seriam meros e insignificantes imprevistos.

E lá estava a imponente casa. Não sei onde o estrangeiro conseguira dinheiro para comprar imóvel tão vistoso. Por certo, a casa 29 da Ladeira dos Ladrilhos Portugueses valeria muitos réis. Cobre em abundância. Coisa de encher os olhos.

Encostei-me na cerca que envolvia a casa do senhor Laudomiro Fungueiras. Sujeito urbano, de bons costumes, muito embora chegado às sovas conjugais. De lá, a visão da casa da menina era privilegiada. Esperei alguns minutos e logo tive o primeiro alento. Detrás de um arbusto, pude perceber a presença de duas pessoas. Vestindo uma calça de tecido vistoso e discreto, estava a senhora Mariette. Mulher esguia e estilosa, do tipo belo, chegada à ostentação (sempre portava um punhado de jóias no braço e pescoço), chamava a atenção dos homens.

Não sei como pôde ter tamanho mal gosto. O estrangeiro não era homem para ela. Cabra de poucos qualificativos, insignificante. Ao seu lado estava a menina.

Arrisquei uma maior investida e me aproximei do portão. Fi-lo como se fosse um simples passante. Encostei o chapéu surrado pelo tempo no peito e proferi as homenagens de costume. Muito educada, senhora Mariette retribuiu com enorme simpatia:

— Igualmente, *cherry*.

Confesso que não compreendi bem o *cherry*, mas, de qualquer sorte, pareceu-me uma palavra elogiosa.

À menina, ofereci um longo sorriso. Fui, de logo, retribuído. Já mais relaxado, pude esbanjar boas maneiras. Percebi que a menina estava meio que desconcertada e que a senhora Mariette já havia ouvido falar de mim. A menina me fez juras de amor, o que disse com os olhos de mel e encanto.

Entre atitudes educadas de ambas as partes, pude, inclusive, saborear um delicioso chá de pitanga. Não cometi, contudo, exaeros. Adentrar a varanda, como fiz outrora, seria imperdoável imprudência. E não seria agora que o estrangeiro teria a oportunidade de desfilhar sua tradicional ignorância.

— Queres mais uma xícara, *cherry*? — indagou a senhora Mariette, desfilando um suntuoso sotaque francês.

— Obrigado, senhora, mas já me dou por satisfeito.

— Que tal um *mustatchudo*? É um doce da culinária sefaradi.

— Agradecido.

— É uma pena!

— Bela casa — arrisquei.

— Adoro esta casa; pena que não sei se continuaremos aqui — profetizou a esposa do estrangeiro, com certo desgosto na voz.

Palavras que me marcaram e que teriam um significado muito especial nos dias seguintes. Essas palavras de madame

Mariette, mais tarde, serviriam para que eu formulasse a minha desforra. Coisa de tempo. Mas, já naquele instante, um alento me fez guardar a afirmação da madame no subconsciente.

Os olhos da menina ainda externavam contentamento, proferia juras de amor, quando o mal querido se deu por presente. Não abandonando a educação recíproca que até então perdurava, agradeci a bebida e me despedi prometendo retorno. Acenei com o chapéu, envergando o corpo. Cavalheirismo escancarado, é verdade. Mas, coisa de gente educada, chegada ao respeito.

Ainda pude ouvir, mais adiante, o sonoro descontentamento do desinfeliz, que proferia “louvores” horrendos. Sujeito cabotino, da cara ensebada.

Evitei, contudo, uma pendenga inútil. A educação reinara naquele pequeno instante. Não seria o estrangeiro que estragaria aquela aproximação. Eu o ignoraria. Gente igual a ele, nem se olha para a cara. Ignora-se. Quanto à menina e à madame, eram de uma fineza de se ver.

Dom Pedro de Alcântara João Carlos Leopoldo Salvador Bibiano Francisco Xavier de Paula Leocádio Miguel Gabriel Rafael Gonzaga, isto não podia ser nome de gente. Mas era. Contava o velho que esse bem apoderado senhor das nomenclaturas fora imperador do país, sob a tutela de um tal de José Bonifácio. E “José Bonifácio” fora o nome dado pelo prefeito ao centro escolar recém-construído em Itajumam. Bajulação barata, afora o perfeccionismo histórico, o que era do gosto do professor Miguel.

Lembrei o extenso nome do imperador para fazer uma pequena alusão ao do turco Aminta: Aminta Erfeguires Xifras Ariolases P’ortenho Olondes Mequeiro. Por questão de economia vocabular, preferiu-se o gracejo “turco Aminta”, em contramão aos seus inúmeros nomes de família.

* * *

Imediatamente, corri em direção ao turco Aminta. De longe, ainda deitado à rede na cabana do velho, pude vê-lo aproximar-se vagarosamente.

Trazia consigo a fadiga proporcionada, provavelmente, pelo trabalho exaustivo. Coisa de caça. Bicho farejador. Dispensei o bom senso e tratei logo de averiguar as novidades.

A demora do turco só poderia ser motivo de grandes achados.

O turco Aminta fazia-se acompanhar por um sujeito engraçado. Cabra de boa educação e de boas maneiras. Apresentou-se curvando o corpo e balbuciando palavras de agrado, com forte sotaque estrangeiro. O cabelo encaracolado e o sorriso estampado no rosto eram seus atributos marcantes.

O otomano tratou de tirar dúvidas, sem maiores delongas:

— Este aqui é um amigo do peito. Cabra bom.

— Boas novas — cumprimentou o velho Chico, mostrando-se agradável.

Repeti o gesto, para não parecer grosseiro.

O turco continuou:

— Chama-se Tilibi Abdalarmiz. É gente do estrangeiro, marroquino do Marrocos, cabra honesto e de sangue bom.

O tal Armiz mostrou-se simpático. Apesar da pouca intimidade com o nosso idioma, balbuciava algumas palavras inteligíveis entre outras tantas sem compreensão. Era alto, esguio e de cor trigueira. Simpático, o marroquino impunha um sorriso sem pausa, atributo marcante. Era exageradamente risonho, o que transmitia certa simpatia. Pareceu-me cabra bom, sem afetação. Afora isso, usava um imenso e grosso colar de prata. Trajava roupas comuns e uma alpargata de couro, talvez típica de sua região, que se assemelhava às femininas. Era, também, chegado ao tabaco. Vício miserável do tal marroquino. Pitava feito uma chaminé.

Pareceu-nos que o turco Aminta fez-se acompanhar pelo marroquino para que este o ajudasse na importante incumbência que confiamos a ele. “Duas cabeças pensam melhor que uma”, argumentou o otomano. “Algumas delas não pensam, só se assanham”, diria o negro Adão, sempre tomado pelo erotismo.

Feita a devida pausa, conversamos por demorados minutos. De novidade, a princípio, o turco trouxe pouca. Confesso que cheguei até mesmo a decepcionar-me. Pois bem,

o que fizera o turco por tão longo tempo? E o tal Tilibi Abdalarmiz, cabra simpático e risonho, será que também era rastreador?

Tratei de manter, a muito custo, a resignação. Afinal, dentro de tudo o que o otomano dizia, certamente algo de interessante devia ser extraído. Indaguei-o explicitando um suave descontentamento, repreendido, em olhares, pelo velho:

— O desinfeliz é gente de bem ou o amigo não fizera bom rastreamento?

— Ora, seu menino, desde quando este turco aqui perde viagem? — retrucou demonstrando confiança.

— Não seja precipitado, rapaz — ponderou o velho.

O turco repetiu a história umas três vezes. Contou com a ajuda do marroquino Armiz, por muitas vezes. Mas, no final, reduziu a prosa interessante ao necessário, expondo intrigantes revelações acerca do estrangeiro miserento.

— O tal estrangeiro é gente conhecida — começou a revelar. — Parece que tinha um negócio lá pela capital que não fora adiante. Pior: deixara uma dívida vultosa e muitos credores sedentos por bronze. Uma dinheirama sem fim. Letras e mais letras assinadas e sem pagamento.

— Sim, e o que mais? — eu indagava repetitivamente, demonstrando uma enorme ansiedade.

— Parece também que o rastreado vai ter que pagar a tal dívida.

O marroquino Armiz interrompeu a prosa, esclarecendo com certa dificuldade vocabular:

— E parece, ainda, que o safado vai pôr à venda a casa da família, para que o débito seja honrado.

A revelação, se não pareceu grande coisa, também não me pareceu sem valor. A própria madame semeou o acontecido, dias atrás, na varanda de sua casa:

— Dona Mariette deixara escapar em nossa prosa,

dias atrás, um certo receio de perder o imóvel de que tanto gostava — esclareci.

Tinha sentido a história do turco e do marroquino. De fato, pareceu-me triste a senhora Mariette. Deixou transparecer uma certa angústia, quando indagada a respeito da sua residência. E o estrangeiro? Não era novidade. Sempre acreditei que o tal era um depravado. Tinha o vício do descaramento. A cara ensebada e o olhar de banda do safado eram indicativos de falta de honradez.

— Mas não sabes da maior, amigo rapaz, amigo velho, — retornou à história. — O tal estrangeiro não me parece sofrer de desinteligência.

— O que o leva a ter tanta certeza, turco amigo? — indagou o velho, como se já previsse o término da prosa.

— O tal discípulo do coisa-ruim vai pôr gente de sua confiança para ganhar dinheiro no jogo.

— Mas, como pode se dar tamanho absurdo? — retruquei indignado.

— É muito simples, meu rapaz — explicou-me o otomano. — Basta que o desinfeliz use um terceiro para que este, à custa do jogo, ganhe dinheiro amaldiçoado.

— Mas não pode, isso não pode ... — esbravejei. — A lei não permite.

— O que você entende de lei, rapaz? — repeliu o velho. — Quem se debruça sobre as leis são os juristas e não os leigos.

— E como o miserento obterá tanto dinheiro no jogo? — indaguei.

— Isso temos que raciocinar, jovem — calou-se o turco.

Mas o estrangeiro era mesmo um espertalhão. Vivia fazendo joguetes. Era um safado. Tive vontade de cuspir-lhe a cara e mijar no seu pé. Não o deixaria impune, antes a morte. Alguma coisa tinha de ser feita.

O turco, que agora pitava um cigarrete de palha, imitando o marroquino, este mais exagerado e caricato, pôs termo à conversa:

— Tem mais uma coisa que quase engulo. O rastreado é amigo de um notável jogador de baralho, capaz de ganhar muitos contos de réis em uma noitada.

— Como descobriste isso, turco amigo? — quis saber o velho.

— Um desconhecido, dono de uma birosca na capital, contou-me que viu o tal rodar dados e puxar cartas como ninguém. O velho sabe que eu entendo do negócio. Jogo para mim é espírito antigo, coisa de parceria.

— E o amigo pode precisar quem é o tal jogador, que jogo é esse e quando vai se realizar? — indaguei.

— É um tal de Genevaldo, conhecido como Gené “das Cartas” ou Gené “Mão de Puta”; o tipo de jogo com o qual o safado é acostumado a ganhar dinheiro é conhecido como carteado sertanejo, jogo de esperteza e malandragem; e se realiza todo final de mês, em Riacho Alegre.

Agora apenas uma dúvida precisava ser saneada para que a grande pelega tomasse corpo:

— E quem poderia derrotar o tal Gene Mão de Puta? — tornei a indagar.

O turco calou-se para manter a modéstia; o velho, entretanto, tratou de revelar:

— Não conheço ninguém melhor do que o amigo turco.

O otomano, modesto, apontou para o marroquino Armiz, amante da bebida e do tabaco, que pitava compulsivamente:

— O parceiro marroquino pode me ajudar.

Era a revelação que eu gostaria de ouvir. Por certo, chegara ao fim a prosa que renderia muitas e muitas falações. Renderia, talvez, uma vida. Falações diferentes das prosas sem rumo do botequim ou do Armazém. “Coisa de futuro, onde o infinito é o limite do homem, no tempo e no espaço”, como pressagiava o velho Chico.

O turco Aminta fizera a primeira parte do planejado.

Contava com a ajuda do marroquino Armiz. Eram cabras de valor. Conhecia pelo olhar. Gente que olha de banda é gente que não presta. O turco era astuto feito uma raposa. O marroquino, afora o tabaco e a bebida, era honesto e também astuto. Ambos eram chegados às putas. É certo. Verdadeiro vício. Muitas vezes, encontravam-se, também, borrachos. Mas eu confiava nos dois e guardei minhas esperanças no par que se encarregara de me ajudar.

A vida em Itajumam não se resumia a imprevistos desagradáveis. Por certo, muitas coisas marcantes aconteciam, ainda que de forma despretensiosa. Não apenas a prosa com amigos de boteco, o rala-peito e bate-coxa nos festejos e o chamego das putas.

Lembro-me de um tal jogo que, certa feita, fizeram-me jogar. Infeliz recordação. Jogo esquisito e miserável. Coisa de que não gosto nem de lembrar.

* * *

Voltava da casa do velho, a galope. O sol castigante fez-me optar pelo caminho da região da Ribeira, perigosa pela passagem, não raro, de suçuaranas esfomeadas.

Já perto da cidade, cruzei um atalho de pedras, passei pelo ribeirão que originou o nome daquela parte da mata e, por fim, alcancei o fundo da igreja.

Ainda cansado, pude perceber a presença de alguns desocupados. Estavam a correr atrás de uma imitação de bola, feita, provavelmente, de retalhos enrolados. Coisa esquisita: gente correndo e gesticulando aos berros.

Entre os desocupados, estava Pepê. O gago logo convidou-me a participar da correria:

— Queres jo-jo-gar?

— Mas que diacho de jogo é esse? — indaguei curioso.

— É o tal do fu-fu-tebol.

Eu nem mesmo bem sabia da existência desse tal de fu-tebol. E, de fato, o jogo pareceu-me estranho. Coisa esquisita. Pepê dissera que o tal jogo fora indicação de Wilkner, inglês amarelo, sobrinho de dona Adelaide.

A molecada colocara em paralelo dois paus fincados na terra. Por cima, um terceiro pau. Havia duas armações dessas. Parece-me que o jogo consistia em fazer a bola adentrar a armação contrária. Tudo jogado com os pés.

Ainda meio que desavisado, fui convidado a participar. Entrei no campo de barro e fui apresentado rapidamente aos meus companheiros de time, como se chamavam os grupos adversários. Coisa de cinco sujeitos de cada lado. Ainda desavisado, e para não dar vexame, tratei de esclarecer:

— Mas o que faço, Pepê?

— Chu-te-te a ...

Não deu tempo do gago desinfeliz terminar a resposta. Do outro lado do campo, vinha em minha direção Zequinha, um cafuzo magricela, filho de uma índia de nome estranho e do negro Antônio. O moleque vinha em disparada com a bola. Fazia trejeitos curiosos, mostrando ginga e certa intimidade com o jogo. Ziguezagueava velozmente, feito uma flecha.

Eu, por outro lado, não sabia bem o que fazer. O gago havia dito que era para chutar. Como não tinha tempo para maiores indagações, fiz o que me mandaram: chutei. De fato, foi um chute e tanto. “Voaram” a bola e o pobre cafuzo. Juro que mirei a bola. Mas o magricela veio junto para o seu azar. Urucubaca pura. Coisa de mandinga. Não premeditei. O certo é que Zequinha, coitado, gemia no chão enquanto o gago indagava aos berros:

— Vo-vo-cê é ma-ma-luco?

— Mas não era para chutar, Pepê? — tentei justificar-

me, ainda atordoado com o incidente.

— Era pa-pa-ra chu-ta-tar a bo-bo-la — gritou o gago, com os nervos afflorados.

Eu não poderia adivinhar. Jamais havia visto jogo tão esquisito. O certo é que o pobre Zequinha, cafuzo das pernas finas, não conseguira levantar-se tamanha a dor. Os ossos estalaram e o mestiço comeu barro no chão, com o bestunto rente ao terreno seco. Vexame puro. Coisa de iniciante. Pedi-lhe desculpas e nunca mais me atrevi a jogar o tal do futebol.

Talvez por instinto puxei o facão que carregava na anca do burro. Tinha sinal de gente na mata. Um carcará voou em debandada sem justificativa plausível. O momento era, certamente, inoportuno. O velho sempre me alertara para as simbologias da caatinga. Coisa de reflexo. Vi um vulto e o cerquei pelas costas. Pensei que pudesse ser algum jagunço: Antônio “Arranca Tripa”, João “Mata Cem”, Zizinho “Quebra-Queixo”. Mas era o velho Chico que vinha ao meu encontro para uma prosa.

Mais acalmado, pusemos as palavras em ordem. Eu estava de volta das terras. Fazia o percurso pelo trecho que dava no Parque. Ali, pensei em descansar o burro. Porém, com a aparição do velho, seguimos viagem. Mais longe, coisa de duas léguas, atraquei o burro.

O Metediço parecia adormecido. As águas formavam uma espécie de espelho natural. Pude perceber o reflexo tenso no rosto do velho. O mesmo não escondera de mim a aflição. O certo é que, mais uma vez, o cenário era o mesmo. Trocavam-se as personagens, apenas. Agora eu não mais estava nos braços da menina. Estava a prostrar com o velho. Em vez dos seus beijos quentes e do feitiço de pernas, do agasalho de braços, a experiência do velho Chico. E não só: as almas também eram diversas. De um lado, o encanto e a beleza estonteante; do outro, a sabedoria. Se a menina me

completava na carne, eram as palavras do velho que alegravam o meu espírito. Em vez dos seios rígidos de uma não-índia, o peitoral já flácido do velho Chico.

Agora não existiam os olhos de encanto, a sedução e o perfume do corpo, a voz melosa de moçoila apimentada, ainda que dócil, como a de uma dama; agora havia a luz da experiência. Não seriam os encantos desconcertantes da menina e sua pureza, guardadas em minha saudosista memória, que roubariam minha concentração diante do velho. A menina era o meu grande fetiche, era a verdade. Mas o velho era o equilíbrio de que eu precisava. Daquela nossa prosa, surgiriam importantes decisões. Coisa mais consistente e primordial do que as já vividas, outrora, e no mesmo lugar, com a menina dos olhos de mel e encanto. Os mimos da menina iriam ceder espaço à fereza das palavras do velho, que tinha talento e cultura, que sabia agredir com as palavras e que ensinava a verdade. “A verdade existe em cada um de nós; alguns fantasiam, outros crescem com ela”, ensinava. Formas diferentes de viver e aprender, ocorridas à beira do Metediço. Porém ambas decisivas. Sem elas, minha história de vida ficaria maculada, sem eira nem beira. Mas, o certo é que, agora, eu estava no mesmo cenário — o Metediço —, embora a companhia fosse outra — o velho Chico.

Nesse momento, era uma vida a ser debatida e não um simples dia de amor tórrido. Não existiriam, naquele instante, sentimentos. Usaríamos tão somente a razão. “Não devemos pensar com o coração, que sobreleva os sentimentos, e, sim, com a cabeça”, é o que ensinava a velha Miru.

* * *

— O que pretendes fazer, meu rapaz? — indagou o velho.
— Velho Francisco, acredito que o senhor, talvez em

conversa com algum anjo prosador, já descobriu o que farei.

— Conversa besta, rapaz — inquietou-se o velho. — Eu posso até imaginar o que fará, porém é sua cabeça o seu guia.

Talvez mais clara que as águas límpidas do Metediço era a certeza de que o velho já tinha ciência do que eu pretendia. Ele, como de costume, teimava em manter a sua incansável humildade e simplicidade. Escondia o dom de enxergar além do tempo. Não que o velho fosse bruxo afeito a mandingas, misteriólogo qualquer. Mas ele tinha a percepção apurada dos anjos-da-guarda.

O velho sabia, como ninguém, prosear com os deuses. Era um médium. Isso mesmo. A palavra difícil que estudei em livro encontrado na cabana. Tinha rara inteligência. Guardava consigo o prazer pela leitura, a curiosidade pelas coisas do mundo. Era o seu fascínio entender os povos. Gostaria muito, o velho, de poder servir a seus semelhantes. Confessou-me, inclusive, que, em certa época, tivera vontade de seguir carreira política, desistindo, por possuir qualidade intolerável para o ofício, ao menos por aquelas bandas. “Homem probo não se enamora com a política”, dizia a velha Miru.

Hoje, o velho contentava-se em estudar política. Falava nomes complicados como se estivesse falando de Teolindo Araponga. O velho sabia como se portar diante do mundo. Era culto e talentoso. Afora isso, de tão simples, era gênio. “Simplicidade é fim de estágio”, dizia ele.

Indagou-me, novamente, como se não tivesse imaginação das minhas ponderadas pretensões:

— O que pretendes fazer, rapaz?

— O velho sabe que tenho ganhado uma boa quantidade de cobre.

— E o quê?

— Tenha calma, velho — tentei manter um pseudo-suspense. — O cobre que hoje tenho em reserva é por demais suficiente para comprar aquela casa — continuei.

— Termine — ordenou.

— E acho bastante interessante a idéia de comprarmos o imóvel.

— Mas como? — indagou o velho.

— Primeiramente, usaríamos o turco Aminta e o marroquino Armiz para que não permitissem que o tal Gené das Cartas, o “Mão de Puta”, ganhasse cobre para o miserento estrangeiro.

— E posteriormente?

— Depois, eu usaria uma pessoa para que comprasse a casa de número 29 da Ladeira dos Ladrilhos Portugueses.

— E ...

— E tem mais.

— O quê?

— O estrangeiro terá uma surpresa ainda maior.

— O que pretendes fazer?

— Talvez amadureça em mim a idéia de doar a casa para a madame Mariette.

— O rapaz mostrou-se inteligente. É uma idéia apreciável. Fazer fortuna sem posses é o mesmo que banhar-se sem água — ironizou o velho.

— Talvez minha loucura tenha resquícios de lucidez, velho.

E por certo teria. Mais tarde, as coisas aconteceriam como planejado. Porém, primeiro, restava-me adquirir o referido imóvel. Antes, o turco deveria provar o seu talento no jogo de cartas. O resto seria questão de tempo e tão-somente consequência para a minha vitória. Essa fora a minha fantasia.

Aparentemente, não havia maiores razões que explicassem minha repentina afeição pela senhora Mariette. Talvez fosse o contraste de delicadeza e bruteza entre ela e seu esposo, o estrangeiro. De fato, a madame — como gostava de ser chamada — caíra no meu gosto. Após a visita à porta da residência dos Muniz, quando a madame distribuiu simpatia e me ofertou chá de pitanga, tive outras tantas e gratas surpresas.

Certa feita, e não muito distante da primeira aproximação, eu estava a bebericar no bar de Tonho, quando Cinthia chegou de repente e esbaforida:

— Você não vai acreditar no que vou lhe dizer.

— Viu Lampião — pilheriei.

Minha irmã pareceu não ter gostado muito da galhofa, um tanto quanto inoportuna, é bem verdade, mas, mesmo assim, continuou:

— Eu estava, agora, lá na casa dos Muniz.

— E isso é lá novidade, Cinthia?

— Calma! — exclamou minha irmã, que parecia mais aflita do que eu. — O que quero dizer é que dona Mariette o elogiou por demais.

— Dona Mariette não, Cinthia, madame Mariette — esnobei intimidade, fazendo estripulias com a língua, o que me fez babar involuntariamente.

— E você nem vai acreditar.

— O que foi dessa vez?

— A dona Mariette ... quer dizer, a madame Mariette, convidou-nos para jantar na casa dela, a mim e a você.

— É claro, Cinthia, que se ela nos convidou só poderia ser a mim e a você — consertei minha irmã, ainda alheio ao conteúdo da prosa.

— Você virou dodivanas? — inquietou-se Cinthia.

— O que é que você está me dizendo? — indaguei involuntariamente.

— Isso mesmo, nós vamos jantar na casa dos Muniz.

O convite não me caiu mal, mas também não me fez bem. Não sabia se era correto o aceite, ou se melhor caminho não seria a recusa. De um lado, a educação; do outro, a precaução. Cinthia não se fez de rogada e exigiu boas maneiras:

— Não se diz “não” a um convite.

A sofisticação do seu argumento não me convenceu.

— Se diz “não”, sempre que não se pode dizer “sim”, mais por precaução do que por fineza — sentenciei.

Realmente, só me faltava essa: dividir a mesa com aquele miserento, o estrangeiro.

Contudo, após o palpito de dona Miru, que atendeu ao apelo de Cinthia, revii minha posição. Minha irmã apelou para o sentimentalismo, o que não me pareceu boa nova, e não precisou de muitas palavras para convencer a velha Miru. As duas mantinham uma relação de muitos gestos e de poucas palavras. Não precisam de muita prosa, tamanha a afinidade. Proseavam com os olhos, mãos e sobranceiras. Comigo, entretanto, Cinthia cultivava uma relação de respeito e palavras. Não muitas, mas suficientes. Muitas vezes, altas e irônicas. “Não apelem para os berros”, rogava dona Miru. É que minha irmã era melosa e choradeira, um berreiro sem fim. “Trata-se de uma relação bérrica, em que os olhos não bastam, apenas berros e lágrimas”, dizia, sempre, a velha Miru. O certo é que a velha preferia assim. Não tolerava o silêncio,

que dizia ser a grande peste de um relacionamento. “Deus me livre de que vocês descambem para o silêncio”, afirmava. Muitas e muitas vezes, a velha Miru ordenara-me, não sei se por receio ou se por amor à minha irmã: “não descambe para o silêncio com sua irmã, como fez com Licurtixa”. E não era apenas a velha que cultivava o mesmo temor. “Prefiro a morte”, dizia Cinthia, com voz de choro. Volta e meia as duas mantinham prosa a respeito:

— Licurtixa esteve hoje aqui. Veio me trazer doce de umbu. Para mim e para a senhora. “E para mais ninguém”, foi o que disse.

— E seu irmão?

— Entrou em casa com os olhos cerrados. Sentou-se na mesa e não tirou os olhos do prato de maniçoba, enquanto Licurtixa estava em casa. Não sei nem se respirava.

* * *

Já cruzando a esquina podia-se ver a igreja do padre Lorrان. Atrás desta, perto da mata que dava para a caatinga, encontrava-se a roça onde os desocupados jogavam o tal jogo de futebol. Eu é que nunca mais me atreveria a jogar jogo tão esquisito. Não só pelo incidente, mas, principalmente, pela esquisitice. Jogo miserável, coisa de desocupados. Logo em cima, podia-se ver a Ladeira dos Ladrilhos Portugueses. Na esquina da ladeira, a imponente residência dos Muniz.

Cinthia disputava comigo a aflição. Minha irmã, mesmo sendo fiel amiga da menina, não se contentava de alegria por jantar na casa de uma outra pessoa. Apesar de freqüentar a casa dos Muniz, mesmo porque o estrangeiro não sabia que a amiga de sua filha era irmã do “maltrapilho”, seria a primeira vez que isso acontecia. Jamais experimentara o gosto de comida em casa alheia, mesmo porque eu não permitia.

Criação rígida: ordem e porrada. Cinthia não tinha querer. Era calar e obedecer. Caso contrário, caía na sova de mãos e palavras.

Vestia um vestido de cor branca, cheio de rendas e apetrechos. Confesso que, mesmo ficando apumado em minha irmã, eu não ficara muito satisfeito. Presente de dona Miru, não sei se por estima a Cinthia ou se por pirraça a mim. “Veja como sua irmã está uma lindeza!”, gabava-se a velha. Isso porque o vestido pecava pela ousadia. Na frente, podia-se notar uma transparência sem fim, com a calcinha e o califon à vista, o que me deixou em desajeito. Atrás, um decote deixava nu três dedos contados das costas de minha irmã. Isso sem falar no comprimento da vestimenta: coisa de dois dedos acima do joelho. Um absurdo! “Com este vestido Cinthia mostra a alma dela e outros predicados”, provocou-me dona Miru, sem arrancar de mim nenhuma manifestação de alegria; tão-somente um irônico e insatisfeito movimento labial.

Permiti a pouca vergonha, talvez por estar ao seu lado. Mesmo assim, o percurso não fora dos mais agradáveis. Ao adentrarmos a rua da Princesa (que levava esse nome por ter sido visitada por uma dessas burguesas de antigamente), passamos pelo açougue de um português novato na cidade.

Mesmo de longe, pude escutar o cochicho pornográfico do miserento, tagarelado ao pé do ouvido de um freguês:

— Veja que cabrita mais carnuda, meu compadre! — exclamou o depravado, na hora em que cortava o bucho de uma cabra.

Avancei em três pernas, quase por instinto, para cima do miserento que se tomou de surpresa:

— O que é isso, jovem?

— Isso é para você aprender a não se colocar para uma menina de respeito, seu portuga filho da puta — esbravejei garguelando o velho lusitano.

Fui contido pelo freguês e, a muito custo, deixei o lugar, sem ter dado mais uns tabefes no gringo depravado. Mas não

consegui engolir o insulto. Ousadia pura. Coisa que se resolve com sopapos ou açoites. Após o acontecido, o portuga passou a me bajular com freqüência. Coisa que jamais tolerarei.

A pendenga não proporcionara maiores problemas para nós. Restou-me, porém, uma desconfortável e indiscreta mancha na calça, que tratei de cobrir com o terno, afora a alegria escancarada de Cinthia, que adora a minha proteção. Quanto ao portuga, livrou-se de tomar uma sova por não respeitar menina de valor. Cabra safado.

Esquecido o acontecido, continuamos nossa caminhada rumo à casa dos Muniz. Cinthia encontrava-se muito bem trajada, mesmo que a vestimenta não fosse do meu agrado. Uma pouca vergonha, convenhamos. Amostração sem eira nem beira. “Com esse vestido, Cinthia está uma lindeza, mostrando a alma e outros predicados”, provocou-me a velha Miru, com sarcasmo nas palavras. Por isso mesmo, o portuga tagarelou indecências. Mas o certo é que Cinthia parecia uma princesa. Uma boniteza! Tudo novo, parecendo coisa de gente abastada. Vestido de ver Deus, florido e engomado, além das rendas e apetrechos, afora a pouca vergonha.

Por outro lado, eu, não tão vistoso quanto Cinthia e esquecido da vaidade, trajava uma camisa de linho, também engomada, e de colarinho estiloso e apertado; a calça era surrada e desbotada, afora a frouxidão. Precisei apelar para o suspensório. Contudo, acreditava que não passaria vergonha. “Estás uma perdição”, rogou a velha, não sei se por merecimento ou se por deboche. Portava, ainda, por precaução, um paletó de pano amarrotado. Mas me banhei com demora e usei perfume por todo o corpo, fazendo-me cheiroso. Alfazema, presente de dona Miru. Um exagero de dar dó, afora o cabelo que corria pelos lados, penteado com esmero

Na varanda, madame Mariette nos esperava com sua habitual delicadeza:

— Como estão meus convidados? — indagou com seu acentuado sotaque francês.

Cinthia, mais íntima, já se encontrava casa adentro. Eu preferi uma certa distância. Seria a primeira vez, depois da bravata do estrangeiro, em que eu chegaria à varanda da frente. Além, é claro, de que seria também a primeira vez em que eu adentraria a casa dos Muniz.

Entreguei à madame uma flor dos sertões, colhida por Pente Fino.

— Sempre tão educado, meu rapaz — agradeceu.

Já na mesa, pude perceber o quão detalhista era a anfitriã. Mesa bem posta, como jamais pude imaginar existir. Dois pratos, colheres, garfos e facas diametralmente justapostos; um copo pequeno parecido com os de dona Miru e um outro fino e longo. A casa era uma belezura de ser ver. Móveis de jacarandá e muitos cristais *bacarat*, afora os tapetes persas por todos os lados. Uma fineza de dar gosto.

Em meio às prosas sobre artes e países, percebi que os livros vinham me fazendo bem. Mantive um diálogo interessante e sereno, com justo esforço, poucas vezes apenas deixando a desejar, muito embora a esquisitice da comida, que motivou o meu agravo, acho por bem confessar. Cinthia e eu estávamos acostumados a comer o que víssemos. “Comida não se escolhe, se come”, é o que sentenciava a velha Miru. A predileção era buchada, carne de carneiro e de bode, feijão molhado e de corda, não a esquisitice da culinária de madame Mariette. “Culinária francesa”, alegrou-se Cinthia. “Culinária francesa e sefaradi”, consertou a madame.

Estávamos sentados à mesa eu, Cinthia e madame Mariette. Apenas os três. Aceitei o convite a muito custo, fruto dos incontáveis apelos de Cinthia, seguida nas palavras e argumentos pela velha Miru. “Não deixe sua irmã ir sozinha, pois, com este vestido, Cinthia mostra a alma e outros predicados”, provocou-me a velha, em palavras irônicas e

rebeldes. Afora isso, o estrangeiro tinha viajado com a menina. Foram para o Oriente, dizem que lá do outro lado do mundo.

Madame Mariette contou-nos que o marido havia ido resolver negócios no tal Oriente e rever parte da família que por lá deixara. A família era judia, conforme relatou-me a menina. O estrangeiro, também. “Judeu sefaradi”, foi o que me disse, tempos atrás. O estrangeiro era espanhol, mas com raízes médio-orientais. Eu, até então, não havia muito bem compreendido por que razão a menina acompanhara o pai. Confesso que cheguei a pensar que tal fato fosse insulto do miserento. O certo é que minha imaginação não lograra êxito. Madame Mariette acabou revelando que a ida da menina fora por mero capricho do pai, que gostaria de conversar com a filha. Mesmo sem entender direito o motivo, até preferi que assim mesmo tivesse sido. De fato, a menina, já há bom tempo, mantinha uma incômoda distância de mim e eu, aos poucos, ia colocando-a como parte de um passado não muito longínquo. A mãe, madame Mariette, pareceu querer-me aproximar da família e aquele jantar era prova incontestada. Talvez a menina tenha contado à mãe que fui eu o autor do malfeito. Talvez, ainda, premonição. Mas por gestos como esse, a madame foi ganhando minha fiel afeição, mesmo com o romance praticamente acabado. “Madame Mariette é francesa da França”, revelou Cinthia.

Posta a comida à mesa, madame Mariette tratou de externar seu dotes culinários: vinhos e quitutes diferentes. “Este prato é um dos meus prediletos, um filé *Chateaubriand*”, acrescentou. Olhei para Cinthia que se mantinha com os olhos esbugalhados. Isso porque o jantar, como já oportunamente lembrado, reservou-nos momentos de certo constrangimento, acho por bem confessar. A velha Miru já nos tinha alertado: “Refeição de gente rica não enche barriga e nos deixa em desajeito”. Primeiro, nem eu nem minha irmã estávamos acostumados a comer com tantos garfos e pratos

e outras coisas mais; uma confusão sem fim; depois, aquelas comidas exóticas nem de longe pareciam as que estávamos acostumados a comer. Uma esquisitice de dar dó, é a verdade. Cinthia orientava: “É a tal da fineza”.

Porém, muito embora o explícito amorismo meu e de minha irmã, curtimos o jantar, mesmo porque a comida era das mais tentadoras, afora a esquisitice, e a anfitriã contornava a nossa ignorância com sutileza e educação.

— É um jantarzinho simples, queridos. Um verdadeiro *petit comité*.

— Como? — indaguei, involuntariamente.

— Uma reunião íntima — explicou madame Mariette.

Cinthia controlava-se, espremida na cadeira, para não sorrir escancaradamente, reduzindo-se a um discreto movimento labial, o que me pareceu uma provocação.

— Pois sim, queridos, este filé é frito na gordura e servido com *champignons* — continuou madame Mariette a descrever, demonstrando prazer no que fazia.

Minha irmã, inocentemente, pedira água, talvez para remediar o sabor picante da refeição.

— Não, filha, esse prato é acompanhado por vinho tinto — consertou madame Mariette.

Cinthia envergonhou-se, o que me fez sorrir copiosamente, acompanhando olhares jocosos, talvez em revide ou por exageração.

Dirigindo-se a mim, explicou a madame:

— Este aqui é um famoso prato típico do lugar onde nasci. É um prato francês que se chama *Coquilles Saint-Jacques* e é preparado com videiras, creme e *champignons*; por fim, precisa gratinar.

— Está uma delícia, madame — tentei disfarçar o meu desconcerto.

— Comam à vontade, pois já estou satisfeita. *Beraha i salud!* — disse-nos a madame, em letras estrangeiras.

— Obrigada — agradeceu Cinthia.

— Mas minha predileção é a cozinha sefaradi, pois somos judeus, como vocês já devem saber. Esse aqui é um *Pachá de Kodrero* — acrescentou a madame, apontando para um pernil de carneiro.

Diante de nossa curiosidade, apresentou-nos os outros pratos, com gosto e fineza:

— Esse aqui é um *Armiko de Istambul*, feito com tomates, arroz, salsinha, cebola e açúcar.

Depois da refeição, madame Marriette ainda nos ofereceu alguns doces que, conforme Cinthia, era costume de gente afeita à fineza:

— Experimentem o *Mustatchudo* e as *Rejas*.

Lembrei-me da menina, que já me havia oferecido esses doces, antes. A oferenda foi servida em uma compoteira vistosa, feita, provavelmente, com cristal *bacarat*.

Por fim, madame Mariette serviu-me um marasquino, licor branco feito com cerejas amargas. Bebida ruim e amargenta, mas comum nos ambientes mais sofisticados. O tal marasquino gozava de prestígio nas melhores rodas. Acredito que só mesmo pela sofisticação, motivo de ostentação, pois, por gosto, era uma miséria. Tomei apenas por fineza e educação.

Findo o jantar, e depois de mais um tempo de boa prosa, despedimo-nos da madame Mariette agradecendo o convite e toda a delicadeza com que fomos tratados. Minha irmã afirmou que a gratidão era uma dádiva da vida, em palavras herdadas da velha Miru. A madame respondeu com enorme charme e conhecimento:

— “Pouca ingratidão encontramos quando estamos em condições de conceder favores”. É um provérbio francês, queridos — ponderou.

Por fim, a madame manteve o charme peculiar e acenou dizendo em voz já rouca:

— O rapaz é um verdadeiro cavalheiro, tens *aplomb*.

Confesso mais uma vez não compreender o que dizia a madame, conquanto me parecesse um elogio, confete de gente prendada e de costumes. Mas, por certo, fora coisa da boca para fora. Aquele mundo não era o meu, certeza maior não existia. Não me via com aquela pompa: muitos talheres, pratos e comidas exóticas. Talvez a madame, por ser afeita a mim, aprovasse o meu romance com a menina, talvez não, ainda que soubesse que, cada vez mais, esse se tornava improvável. Mas o certo é que fui ao bendito jantar, muito mais para saciar a minha curiosidade em relação à casa dos Muniz — a casa 29 da Ladeira dos Ladrilhos Portugueses — do que para me render aos caprichos de Cinthia.

O velho falou com certo ímpeto. Ele queria que eu soubesse determinadas coisas. Falou, novamente, de terras longínquas. Talvez o falatório fosse produto de minha curiosidade exacerbada. Talvez, não. Por certo, os encontros e desencontros com a menina fizeram surgir em mim um desconcertante interesse por terras distantes.

O velho muito se interessou pela pessoa da madame Mariette. Primeiro, por se tratar da mãe da menina; segundo, por se tratar de uma legítima européia. “Estrangeira com todos os poréns, do outro lado do mundo”, dizia o velho. Itajumam, até mesmo por questões históricas, era uma cidade infestada de estrangeiros. Contudo, a grande maioria destes era de descendentes. “Estrangeiros mal acabados”, pilheriava o velho.

Madame Mariette não. Era uma legítima estrangeira, nascida nos arredores dos vinhedos de *Épernay* e criada no subúrbio de Paris. Madame não escondia a origem pobre. Filha de pais lavradores, era descendente do grande *L'Entress*, um revolucionário francês que participara da famosa queda da bastilha.

Madame Mariette ganhara projeção, quando da sua participação em um concurso de beleza, típico concurso francês, na cidade de Estrasburgo. Conhecera o estrangeiro, até então, um viajante espanhol, em meio às comemorações pelo aniversário da revolução de seu país, acontecida em 1789.

Viveram em terras francesas, depois partiram para a Península Ibérica, para, por fim, fixarem-se em nosso país. Também residiram lá pelo outro lado do mundo, num lugar chamado Palestina, onde o espanhol tem muitos parentes. Por aqui, viveram alguns anos na capital; não no Rio de Janeiro, então capital federal, e, sim, na cidade do Salvador, sede do governo baiano. Depois, já com a menina nascida e crescida, vieram residir em Itajumam, onde o estrangeiro resolvera investir.

Mas a madame não escondia a saudade da sua terra natal, a França: “Sinto falta de muita coisa, da culinária às vestimentas, afora os símbolos e construções de meu país; gosto de artes, de museus, dos *Champs-Élysées*, dos parques de Paris”.

Essa fora a história que a madame contou no jantar. Era por demais parecida com a que revelaram o turco rastreador e o marroquino Tilibi Abdalarmiz, ambos em serviço para mim. Prosa interessante. História de vida.

De fato, antes de criar raízes em nossa cidade, o estrangeiro vivera com a família na capital baiana. A sua vinda para Itajumam era que guardava mistérios. A madame, mulher discreta que era, não teceria maiores comentários acerca do acontecido. Mas a verdade é que o desinfeliz viera para Itajumam, também, por ter quebrado negócio na capital, que o levava à bancarrota. E esse era o ponto fundamental das averiguações feitas pelo turco. A quebra do estrangeiro incorrera na obrigação de o mesmo pôr à venda o seu imóvel predileto: a casa número 29 da Ladeira dos Ladrilhos Portugueses.

Era mais ou menos essa a linguagem correta. Quem melhor poderia explicar era o velho. Mas, o certo é que a casa da Ladeira dos Ladrilhos Portugueses seria vendida em pouco tempo, caso o tal Gené das Cartas, o “Mão de Puta”, não arranjasse cobre bastante. O estrangeiro era mal paga, deixara para trás dívidas e letras. Muito cobre.

O jogo, carteadado sertanejo, seria realizado em Riacho

Alegre, e, como de costume, atrairia a atenção de alguns famigerados jogadores da região. Coisa de pervertidos, espertalhões chulos. Gente chegada à jogatina.

Por certo, a aposta deveria correr em dinheiro alto. Cobre de arregalar os olhos. Uma exceção, é verdade. O normal seria que se apostasse em baixo valor. Mas o interesse em jogo era outro. Assim, o estrangeiro arrumaria cobre suficiente para ser apostado e o tal Gené, o “Mão de Puta”, entraria com a presença física e o seu inquestionável dom de jogador.

De fato, o jogo estava marcado para o final do mês, época em que os jogadores estão mais abonados.

* * *

Os jumentos já estavam à espera para a viagem. Eram em número de três: um para o velho, um para mim e um para o turco. O marroquino ficaria na cidade. Apesar de simpático e muito confiável, não era boa gente para a empreitada: chegado ao gole e ao tabaco, encontrava-se borracho na praça, curtindo a alegria e a borracheira. Marroquino festeiro, chegado às comemorações. “Gente de valor, simpático e sorridente”, conceituava o velho Chico.

O turco, talvez, fosse o mais afobado dos três. O otomano era o único na região capaz de vencer o tal Gené das cartas. Responsabilidade imensa, hei de reconhecer. O adversário era astuto e safado, por isso, conhecido por “Mão de Puta”. Dominava o baralho como ninguém. É claro que também contava com uma inominável pitada de ventura, que sempre acompanha os ajustados. O único problema era que o turco estava acostumado a jogar outros tipos de carteadado. Seria a primeira vez que jogaria o carteadado sertanejo. Mas, tanto eu quanto o velho acreditávamos no sucesso do otomano.

Logicamente, ofereci recompensa ao turco e ao marroquino: muitos contos de réis, cobre de arregalar os olhos. Além disso, noitada na casa das putas. Pinga e festejos. Rala-peito e bate-coxa noite inteira. O turco disse que viajaria com a dinheirama. O marroquino, por sua vez, prometera comprar mais um suntuoso colar de prata, artefato que lhe fazia gosto. Afora isso, tinha de pagar o dote de Ratiche, filha do muçulmano Graub, redator da Folha. Ratiche era um doce, na contramão do pai, um borra-botas. “Um maniqueísta das conveniências”, alertava a velha Miru. O turco revelou que, certa feita, o marroquino bebeu tanto que, ao acordar, descobriu que havia se casado: “O marroquino bebeu dia e noite e, quando acordou, foi informado que havia trocado alianças e prometido dote”, revelou o turco. A moça era Ratiche, filha do muçulmano Graub, que se avermelhou com o acontecido. O turco, assim, fazia de tudo para que o estrangeiro, por meio do tal Gené, não ganhasse o dinheiro no jogo.

Outro detalhe que me deixava otimista era o fato de que ninguém aguardava a presença do turco no evento. Também, pouca gente sabia da competência dele com as cartas. Assim, pegaríamos o adversário de arroubo. O tal Gené Mão de Puta deveria estar imaginando jogar, pelo menos, por dois meses seguidos para juntar a dinheirama. Não esperava aposta em cobre alto.

Fora imposição do velho a recompensa. Mas também a idéia não me causou rancor. O que importava, naquele momento, era que o turco não permitisse que o miserento levasse consigo cobre suficiente para resgatar a dívida da capital, que levou o estrangeiro à bancarrota, e, conseqüentemente, à venda da casa. Era uma questão de honra eu adquirir aquele imóvel. Seria a forma mais interessante de atingir o estrangeiro, foi o que pressaguei. Na verdade, uma fantasia. Afora isso, eu acreditava na competência do turco, um insigne jogador de cartas.

Nervos controlados, montamos nos animais e partimos para a estrada. Prometi que, se vencedor, pagaria noitada na casa das putas. O turco, um incorrigível galanteador, cantador de ladainhas nas noites do sertão, não escondeu o sorriso estampado entre cicatrizes no rosto, chegado às putas que era.

Amarrada à cintura, uma pequena bolsa de couro, onde guardei, cuidadosamente, considerável quantia. Afora o cobre, punhal e parabelo.

Pelos cálculos do turco, o estrangeiro deveria dispor de muitos contos de réis. Certamente cobre emprestado. Assim, eu levaria, por precaução, uma quantia pouco superior. O miserento estaria despreparado. Tentaria jogar tudo e perderia o que arriscasse. Não esperava aposta tão alta. E, por certo, não contava com a participação do turco.

O velho, detalhista ao extremo, tratou de refazer todos os planos já comentados. Não poderíamos errar. Tudo tinha de ser feito como combinado. Planejar era imprescindível. Tinha de sair, como organizado.

A viagem, também, não poderia reservar-nos surpresas. Para tanto, o turco não desgrudou de sua garrucha de estimação. O velho também não se descuidara. Trazia, sob o manto de couro que o protegia do frio, um rifle 22, de cano longo e brilhoso. Eu também me precavi com punhal e com carabina, uma *Winchester* de alavanca, escondida sob o terno surrado.

A caminho de Riacho Alegre, tocamos os animais. O jogo já estava por terminar. O estrangeiro estava em xeque. Era como se estivessemos diante de um tabuleiro de xadrez. As peças iam, aos poucos, sendo justapostas. Algumas não mais faziam parte do jogo, pois já haviam sido derrubadas. Nesse instante, minha situação era privilegiada. O “rei” do estrangeiro estava ameaçado. Retirando-se a modéstia, seria uma jogada de mestre, pois pegaria o adversário de surpresa. Mais tarde, uma fantasia. Eu já deveria, hora dessas, ter comido o peão, bispo, cavalo e torre do desinfeliz. Faltava o “rei”, última estocada.

Nesse momento, a minha realidade era como um tabuleiro com sessenta e quatro casas, onde cada jogador poderia manusear dezesseis peças. O xadrez nascera no Oriente. Não se sabe bem onde, mas nascera. E foi lá que o velho começou a criar gosto pela modalidade. Já havia alguns anos que ele despertara em mim a atenção para esse tipo de jogo. Na verdade, o xadrez era uma forma de aperfeiçoar o raciocínio humano. Seria mais ou menos parecido com a aritmética, conforme bem disse o professor Miguel. O jogador seguia sua linha de pensamento mas, a depender da ocasião, mudava a estratégia, como se mudasse de parecer.

No tabuleiro da vida, o jogo estava chegando ao fim. Agora seria a minha chance. O “xeque-mate” já havia sido dado. Bem valeu o aforismo popular, cantado em prosa e verso por dona Miru: “Nada como o tempo”. O estrangeiro, ao que parece, não conhecia as estratégias da vida. Subestimou o adversário de forma imprudente. Talvez este tenha sido seu grande erro. Não se desafia um estranho precipitadamente. Por aquelas bandas, retaliação se faz é com parabelo e bainha de facão. Mas eu não iria sangrar o estrangeiro. Coisa pouca. Tinha que acabrunhar o desinfeliz, atingir a sua alma.

* * *

Por outro lado, até preferi o anonimato do episódio. Apesar do dinheiro posto em jogo, não houve maiores falácias e quem, por acaso, se atrevesse a falar sobre o assunto não encontrava em mim boa recepção. Era esse o raciocínio lógico e sentença do velho: Não haveria erros.

Percorrido o trecho entre Itajumam e Riacho Alegre, coisa de algumas léguas, rumamos de imediato ao local do jogo. Riacho Alegre guardava em detalhes marcas da colonização. Ainda se podiam ver troncos em meio a praças onde

os negros africanos eram surrados, outrora, pelos senhores de engenho. Boa parte da cidade era descendente de antigos moradores. Os hábitos diferem, e muito, dos comuns da caatinga. Portugueses, holandeses e franceses, em sua grande maioria, fundaram a cidade na época da mineração. Ainda hoje, alguns poucos homens ganhavam a vida explorando as já desgastadas jazidas que, outrora, enriqueceram muita gente.

Riacho Alegre, mesmo assim, ainda conseguia ostentar certa riqueza. A criação de cabras e bodes, o fornecimento de couro para a capital e o que restou das jazidas, faziam de alguns riachenses homens ricos.

O contraste, entretanto, era manifesto. A cidade estava cheia de trabalhadores braçais, homens de gestos simples, que, como eu, tinham pela terra um sentimento quase sagrado.

Entre o aparato dos tempos imemoriais e a simplicidade do presente, encontrava-se o Cine-Teatro Baípe, homenagem justa aos estados da Bahia e Sergipe. Pois bem, atrás do imponente Cine-Teatro Baípe, realizar-se-ia o jogo. Amarramos os animais e fizemos uma primeira averiguação acerca do ambiente. Nada que surpreendesse. Alguns curiosos e poucos jogadores realmente interessados no evento. Procurei disfarçar a apreensão. O velho, menos tenso, pitava calmamente um cigarro de palha. O turco, afoito por natureza, demonstrava, de logo, vontade de manusear as cartas.

À primeira vista, quase tudo sob controle. De fato, não fosse minha repentina indisposição gástrica, tudo estaria sob o mais absoluto controle.

Combinamos aparecer, um de cada vez. Assim, evitar-se-ia qualquer tipo de impacto. Agradei a idéia do velho e pedi, de imediato, para ser o último a entrar. Não que fosse apreensão; fora, na verdade, pretexto barato para visitar uma moita qualquer. Quando apareci no local, reparei, de logo, a presença do turco e a do velho Chico. Este pelas constantes baforadas e aquele pelas vestes chamativas.

Cruzei a entrada e passei, vagarosamente, entre os curiosos. Havia uma grande fogueira no centro do local onde os jogadores se reuniram. Comentários maldosos tomaram conta do ambiente: “Ou eu ganho ou ninguém mais ganha”, ameaçou um dos jogadores.

Fingimos uma incômoda subordinação e não reagimos. Afinal, o estrangeiro estava em xeque, o que me pareceu, mais tarde, uma fantasia.

Acomodado ao lado do velho, passei a concentrar-me no evento. A dúvida que nos restava era se o estrangeiro apareceria no ambiente. Dúvida, por sinal, tola. Era lógico que não apareceria. Lá estaria apenas o seu homem de confiança, o tal Gené “das Cartas”, o “Mão de Puta”.

Começou o evento, esbanjei frieza. Aquela era a jogada final. “Não se pode errar no final, por isso, apelamos para a concentração”, ensinava o velho Chico. O adversário desconhecia a tática da humildade. Subestimou a justiça divina e engoliria o seu próprio veneno. No tabuleiro de xadrez, as peças começavam a se movimentar. Ou, como o miserento preferia, as cartas já estavam a ser postas.

Ernestino Pureza, golador de primeira, jogador de segunda, parceiro de Geó Carraspana, visto com frequência em borracheira, fizera sua primeira jogada: apresentara de logo um ás de copas. “Asneira”, ponderou o velho.

De fato, o ás era peça importante no jogo e não deveria ser usada de imediato. O carteadado sertanejo consistia em um jogo de poucas regras e muito suspense. Cada jogador adquiria dez cartas. Fazia-se a aposta e o jogo teria começo. Cada jogador apresentaria uma carta. Quem perdesse ficaria com elas. Ganhava quem menos pontos tivesse, ao fim do baralho, quando cada jogador deveria ter, no mínimo, cinco cartas.

Naquele instante, a aposta era pequena. Coisa de alguns contos de réis. Participavam, além de Ernestino Pureza, dois outros desconhecidos jogadores. Um destes ensaiou arrojado e

quis apostar cobre maior. Ernestino desconhecia dinheiro e apelou para o gotejo: “Aposto duas garrafas de pinga”. O jogador fizera com que o jogo durasse menos de dez minguados minutos. Perdera e pagara. “Perdi duas preciosas garrafas de pinga”, choramingou.

Apenas um inconveniente durante a primeira aposta: a presença do açougueiro lusitano. O magarefe estava assistindo ao jogo quando percebeu a minha presença. O safado, quase que mijando de medo, pôs-se a tentar prosa comigo. Uma bajulação sem fim. O mesmo portuga safado que, certa feita, dispensou comentários maliciosos em relação a minha irmã, quando do jantar na casa de madame Mariette. Parti em direção a ele e só não dei uns tabefes no miserento porque me seguraram. Agora ele estava ali, tentando puxar prosa e criar amizade.

— Vai jogar? — indagou.

— Não — respondi de forma ríspida.

— Por quê? Não sabes jogar, *puto*?

Olhei para o rosto daquele safado tomado pela raiva. Não tinha cabimento aquele desavergonhado chamar-me de “puto”, sem dó nem piedade.

— Olhe aqui, seu miserento, vou lhe mostrar quem é putu — esbravejei, sendo interrompido de imediato pelo velho.

— Calma. “Putu”, para o português, é, na verdade, rapaz — explicou o velho.

Neste instante o português já estava, literalmente, a mijar-se de espanto, o que se percebeu pela mancha na calça. Coisa de gente frouxa. Terminado o acontecido, tratei de relaxar e manter os ânimos menos acirrados, pelo bem da nossa expedição.

As apostas começariam novamente. O tal Gené puxara do bolso quantia vultosa. Mais dois outros jogadores arriscaram. Puxei o cobre e dei ao turco. Este, apreciando a dinheirama, agarrou o montante e jogou em aposta.

O cobre ia ficando mais vultoso. Os interesses iam emergindo. Restava, agora, esperar pela imposição dada pelo Criador. Seria ele, em toda sua magnitude, quem colocaria termo a essa pendenga. Restava, tão somente, esperar pelo tal destino, dito e redito nas prosas de encantamento de Cinthia e da menina. O destino é que moveria as peças daquele tabuleiro, como bem profetizou o velho Chico.

* * *

O resultado não podia ser pior: além do turco perder o cobre, o miserento Gené ganhara toda a dinheirama.

Mais uma nova aposta se iniciou. Entusiasmado, apenas o tal Gené das Cartas atreveu-se a participar. Desafiou os outros jogadores: “Quem é homem que aposte”, berrou, jogando à terra muitos contos de réis.

De fato, o miserento tinha adquirido ainda maior confiança depois de ganha a primeira aposta, essa é a verdade. Por certo, agora, seria a última. O safado era gente astuta. Cabra matreiro feito uma cobra do mato. O “Mão de Puta”, como era conhecido. Continuou, com sarcasmo, a desafiar: “Não tem homem neste ambiente?”.

Olhei para o turco e fiz sinal positivo com a cabeça. Refeito da derrota, o otomano não só aceitou o desafio, como ainda provocou: “A quantia é pouca”, ponderou o turco Aminta, com fala mansa, mostrando os contos de réis de que dispunha. A platéia encontrava-se boquiaberta, alheia à nossa contenda particular, mas impressionada com o volume de cobre apostado.

Tremi só de ver a dinheirama. Era cobre que fazia homem de bem se benzer. O tal Gené, diante da fala do turco, não se conteve e juntou mais cobre, uma dinheirama dos infernos. Resultado: muitos contos de réis em aposta. “A ambição cega o homem”, diria a velha Miru.

Essa era a jogada final. Caso ganhasse, Gené das Cartas, o “Mão de Puta”, conseguiria atingir o seu intento. A dinheirama em aposta era quantia de que, por certo, o miserento estrangeiro precisava. Era dinheiro ganho, que não precisava de devolução.

Aquele jogador metido a gente grande, safado por natureza, tinha de perder. Era muito cobre que estava em jogo. Dinheiro de uma vida de trabalho. Cobre que compraria a minha desafrota.

O turco levou à mesa um nove de ouro. O miserento tinha um dez de espada. O turco reagiu comendo um sete de paus. Adiante, o “Mão de Puta” mostrou esperteza e fez o turco engolir um tropeço, o que o deixou em desajeito, suando em bicas.

A jogatina era tensa e imaginativa. Havia, como um bom jogo, uma tática a ser seguida. Eu havia depositado uma enorme confiança no turco e este, certamente, não me decepcionaria. O velho, calado, olhava o jogo com um olhar horizontal. Coçava insistentemente a cabeça, um cacoete antigo.

O jogo durou intermináveis minutos, que me pareceram uma eternidade. Por fim, contaram-se as cartas. O safado fora bem, cantou vitória. Morrera com apenas dez pontos: “Dez pontos e a dinheirama no bolso”, gabou-se.

O turco, semblante preocupado, começou a contar as suas cartas, cerca de cinco. Contabilizou, exceto uma, oito pontos. Restava a última. O tal Gené, repetindo a empáfia do seu mandante, provocava vitória antecipada, dançando e cantarolando, o que nos deixou em desajeito.

O turco, demonstrando um misto de confiança e preocupação, não se contendo, olhou a última carta. Fez suspense e demonstrou apreensão. Talvez por mero charme, talvez por verdade. Gené “Mão de Puta”, parecendo prever o resultado, fez posição de vitória, mas tropeçou na sua própria prepotência. O turco guardara, por maestria, a carta do jogo. A decisiva.

Era um ás de copas. O turco terminara com preciosos nove pontos. O otomano havia ganho. Entre a alegria pelo resultado e o significado da vitória, abraçamo-nos demoradamente. Foi um abraço fraterno e verdadeiro. Imprudente, é verdade. Mas a ocorrência não sugeria melhor reação. Às escondidas, a comemoração foi ainda maior. Noitada com as putas e gotejo aos montes. Uma hora destas, o marroquino já deveria estar tomado pela apreensão. Numa borracheira sem fim, provavelmente. Mas deveria estar torcendo e participando ao seu modo. O festejo prometido iria começar.

Naquele instante, acreditei ter alcançado o primeiro passo para a minha redenção. Este foi outro grande erro. Minha fantasia.

Merecia uma comemoração. Minha habitual frieza cedeu espaço a um incontrolável gozo de satisfação. Senti-me completo. De fato, eu estava realizado. Talvez uma vitória única, abençoada. Nem maior nem menor. Apenas uma vitória. Única, mas com gosto e valor especial. Preparada nos detalhes. Honrosa.

O percurso de volta pareceu-me ainda mais desgastante. A vontade de chegar logo a Itajumam era por demais grande. A lua, naquele dia, indicava um amanhã decepcionante. Era a previsão do velho Chico. “A alegria de hoje não será a de amanhã, é o que diz a lua”, pressagiu. E o que isso importava? O que valia, àquela hora, era o contentamento sem precedentes que tomava conta de mim. Se o dia de amanhã não fosse dos melhores, não me restava outro caminho. É o tal destino. O importante, naquele instante, era o presente. Isso foi um erro, pois me gabei do presente e relevei ao esquecimento o futuro, com o ouvido tapado à prosa do velho.

Já era quase madrugada, quando chegamos à Itajumam. As primeiras ruas ainda estavam desertas, o que não se podia afirmar das posteriores. A lua, naquele dia, era um tanto quanto especial. Cheia mais que o normal, clareava a cidade ajudando a luz a gás; a cidade estava às escuras, pois as luzes se apagavam com a chegada da madrugada.

Mas ainda era tempo dos festejos. O movimento na

praça indicava minha previsão. Tonho, com disposição anormal, parecia pressentir a festança que se aproximava. Já aconchegados no botequim, pedi que não se poupasse gotejo e quitutes. E ninguém precisava tomar conhecimento do motivo dos festejos, essa foi a combinação.

Festejos, quitutes e mulheres fogosas ao redor era um chamariz dos mais interessantes. Conclusão: mais o negro Adão, Tuquinha, Pança, Caquinho “Juazeiro”, Petrônio “Salgueiro” e Oton “Petrolina”. Pança estava liberto, pois só era católico até às dezoito horas. Oton Petrolina apareceu com uma das suas três esposas; tinha três mulheres e dois chifres. Seu argumento era comovente: “Se eu posso, elas também podem”.

Juntou-se a nós, ainda, o marroquino Armiz. Lendo nos nossos olhos o triunfo garantido, acomodou-se na mesa com desajeito, motivado pela borracheira sem fim: a tarde e a noite no tabaco e na bebida, pois já havia bebido alguns contos de réis. O otomano já me havia prevenido: “Tilibi Abdalarmiz, quando se faz ansioso, é prisioneiro do copo e do tabaco”. Certa feita, inclusive, o marroquino bebeu tanto que, ao acordar, descobriu que havia se casado, é o que nos contou o turco, com os olhos esbugalhados e cheio de trejeitos. “O marroquino bebeu dia e noite e, quando acordou, foi informado que havia trocado alianças e prometido dote”, revelou o turco. A moça era Ratiche, filha do muçulmano Graub, este, um ignorante, aquela, um doce de moçoila.

Enfim, o marroquino simpático compartilhou nossa alegria com imensa vontade. Prometi-lhe uma outra corrente de prata. Promessa esquecida, acho por bem confessar.

Quem se fez presente, também, foi Geó Carraspana. Adorou o festejo e a borracheira. Em troca, contou anedotas e falou da vida alheia, um dos seus ofícios. Uma falação sem fim. Contou, para tanto, com os préstimos do negro Adão, outro prosador de primeira, golador de segunda. Após vencido pelo gotejo, e depois de invadir a vida alheia, o beberrão

arrependeu-se, como de costume: “Vixe-Maria, quem sou eu?”. Talvez receio de morrer com a própria peçonha.

No mais, pedi ao turco que convidasse algumas das quengas de Prazeres para que pudéssemos dançar um pouco. Pança apareceu acompanhado de Tuquinha da Gerlande. O ex-seminarista, àquela hora, já podia fugir do cerco do padre Lorrán, vez que este tinha por hábito dormir cedo. Além disso, Pança era um católico fervoroso, mas só até às dezoito horas; depois disso, virava ateu. Tonho, para não perder a freguesia, providenciou bandolim, pandeiro e timbale¹⁶.

Cantou-se samba de roda e música romântica, afora o forró. Um bate-coxa e rala-peito sem fim: gotejo, quitutes e putas. Pudemos assistir, ainda, aos passos incomparáveis do negro Adão com uma das putas de Prazeres, cheio de jeitos e trejeitos; ao desprendimento incomum de Pança diante das mulheres. O único inconveniente é que todas as vezes que o sacristão bebia e dançava, terminava no chão, não conseguindo equilibrar o corpanzil imenso. O jeito era juntar cinco homens e levantar o aprendiz de clérigo.

Tafynha também se fez presente. Aproveitou os festejos e pediu perdão pela briga com Leninha, quando as duas rolaram no chão de barro, após um berreiro sem fim, só contornado com a intervenção do negro Adão e de Oton “Petrolina”. Briga que me deixou numa vergonha de se ver, afora os sermões de Cinthia e da velha Miru. Mas a quenga implorou perdão, cheia de mimos e manha, e prometeu recompensa: canseira noite adentro, para compensar o tempo perdido.

Fora, na verdade, o que se podia chamar de uma autêntica comemoração. Apenas eu, o velho Chico, o turco e o marroquino sabíamos do que se tratava. Contudo, todos participaram dos festejos, com a bisbilhotice vencida pelos quitutes e pelo gotejo.

¹⁶ Espécie de tambor metálico coberto por uma pele esticada.

Talvez tenha sido esta empolgação que me fez não atentar para um fato curioso, porém revelador, quando a família Muniz passou no lamborguine pertencente à família Barroso, àquela hora da madrugada. Pode ter sido até uma simples e malfadada coincidência, foi o que pressaguei. Mas era curioso o acontecido. Afora isso, quem dirigia o lamborguine era o filho do coronel Clemêncio Barroso, o miserento Julinho. Pois bem. O certo é que a família do estrangeiro havia passado de carro, junto ao botequim, no lamborguine pertencente à família Barroso, com Julinho ao volante, o que me pareceu uma coincidência, mas que fora, na verdade, uma rasteira do destino.

Fiz correlação com o falatório do velho Chico. Para este, o dia que se aproximava não seria dos melhores. Não dei ouvidos. Um erro. Cobras venenosas não se picam. Fixei o olhar no carro, mas logo o perdi diante dos cantos e encantos das putas. A prosa tola fora, também, refúgio. Não haveria interpelação externa. Não as admitiria. Seria eu só. Talvez, por um acaso, a menina tivesse visto as companhias femininas, foi o que me inquietou. Mas ela não merecia destino outro, posto que não mais fazia questão de minha presença, foi esse o meu pensamento. Tratou-me com distância nos últimos dias. Não mais falava pelos olhos, nem recitava poesias. O encanto ficara no meu peito e no saudosismo, para que o rancor fosse banhado mais tarde, no Metediço ou no leito das rameiras.

Tratei de comemorar a ruína do estrangeiro. Motivo justo. A prosa e a alegria foram minhas companhias. Afora elas, o chamego das putas e o gotejo em abundância. Ainda tive de pagar recompensa ao turco Aminta e ao marroquino Armiz. Cobre abençoado.

O segundo passo foi mais fácil. Sem dinheiro, o estrangeiro viu-se na obrigação de vender a casa. Comprei-a por intermédio do próprio turco, que se encarregou do ardil. O estrangeiro, confuso com a perda, não atentou para o fato de que estava sendo eu, na verdade, e indiretamente, quem estava adquirindo a casa. Imaginou ter sido um fazendeiro de Pedra das Antas. O turco encarregou-se da forjação.

O tal Gené das Cartas, o “Mão de Puta”, derrotado, tratou de fugir para bem longe. Tudo ficou um pouco mais fácil e, em menos de dez dias, a casa estava devidamente comprada. Tudo feito como orientado pelo rábula, em cartório de Riacho Alegre. Muita discrição. Nada que alguns contos de réis não dessem jeito.

Como pensado, rumei em direção à casa da Ladeira dos Ladrilhos Portugueses. Madame Mariette atendeu-me com o semblante carregado. Parecia ter chorado dia e noite. De fato, a casa era a sua grande alegria.

Com a ajuda do causídico, consegui, a muito custo, mas mais fácil do que eu pensava, passar a casa para o nome da madame sem que ela soubesse. Tramóia útil. Nada que com cobre não se compre ou se dê jeito. Assim, já naquele dia, eu estava com os documentos do imóvel. Coisa que fala mansa e cobre dão jeito.

Um sujeitinho do cartório meteu-se a besta e quis retardar o negócio, criando usura pela oferta que lhe foi feita. O turco ameaçou cortar-lhe a língua pelo desagravo, mostrando-lhe a faca amolada, que chegava a reluzir. Ao sujeito do cartório restaria a escolha, feita a artimanha: ou se calava com a língua perdida na ponta da faca, ou com o cobre que foi oferecido. Preferiu manter a língua sã e encher o bolso sem cobrar a mais por isso.

A mudança estava praticamente providenciada. Móveis e apetrechos já haviam sido cuidadosamente guardados. Para não me prolongar no suspense, comecei a revelar, já na porta da casa, após os cumprimentos de estilo:

— Madame, a senhora é uma pessoa do meu apreço — comecei.

— Obrigada, *cherry*.

— Pois bem, eu tive a ousadia de comprar-lhe um presente.

— Não precisava preocupar-se comigo — respondeu elegantemente, sem esconder a frustração que a deixava abatida.

Peguei o documento de posse, até então escondido, com uma palpitação desenfreada no peito, e ofereci à madame.

— O que é isso? — indagou curiosa.

— Acredito ser o presente que mais gostaria de receber — respondi.

A madame pegou o volume com estilo, alheia à novidade que a esperava. Passou a examinar os documentos como se o fizesse por educação e elegância. Pareceu-me não compreender o significado. Porém, tomou-se pelo susto quando absorveu o conteúdo da documentação e ensaiou um desmaio. Procurei acalmá-la, mas a curiosidade foi imediata.

— O que é isso?

— É isso — respondi.

— Eu não posso e nem tenho como acreditar — ponderou ela, tomada pelas lágrimas e soluços.

— Acredite. É de coração.

— Mas foi você mesmo? Como? Por quê? — indagava madame, sem acreditar, talvez, que eu pudesse adquirir o imóvel.

— A única coisa que pretendo é a sua discrição. Não me faça perguntas, madame — exige.

Refeita do impacto, madame Mariette pôs-se a agradecer-me insistentemente. Ousou não aceitar. Refletiu. Educa-

ção estrangeira, madame sabia que a não aceitação seria uma imperdoável deselegância. Sua alegria poderia ser facilmente percebida no sorriso sem pausa estampado no rosto bem cuidado, afora a perda dos sentimentos causada pela surpresa do acontecido.

— *El dio ke t'escape de ojo malo i de ayinarah*; é uma bênção judaica que lhe ofereço — finalizou a madame.

Já à porta, como se por destino, bati-me com o estrangeiro. Este, sem maior educação, esbravejou:

— Ponha-se para fora da minha casa, seu maltrapilho.

Madame, enfurecida, rebateu entregando ao estrangeiro a documentação recebida e fazendo convite à reflexão:

— Será que a casa ainda é sua?

O estrangeiro, trêmulo e perplexo, procurava entender o que estava acontecendo, após a leitura do volume. Madame Mariette encarregou-se da explicação, perdida entre lágrimas e soluços.

Já de saída, cuspi-lhe o pé em sinal de protesto. “Em certos momentos, as palavras não bastam e o melhor caminho é o silêncio”, é o que ensinava a velha Miru. A vingança estava consolidada. O jogo terminara pois o “rei” havia tombado. Esta era a minha fantasia.

Acordei sem mesmo lembrar-me de muita coisa. Cachaça miserável, uma “derrete quengo” capaz de entornar qualquer cabra afeito ao gotejo. Até Geó Carraspana perdeu-se na cachaça. Bebeu e falou muito. Falou tanto que se arrependeu no final. Uma choradeira sem pausa. Soluçou e chorou. Fez cara de coitado e ficou envergonhado como de costume. Chegava a dar pena, afora a fingição sem fim: “Vixe-Maria, quem sou eu?”.

Eu estava deitado na cama de uma das putas de Prazeres. Conhecia pelo cheiro e pormenores. Quando abri os olhos, a primeira coisa que vi foi a penteadeira que se encontrava em frente à cama. Penteadeira de puta é mais sortida que armazém de cidade grande. Uma exageração de dar dó: adornos, perfumes, santos, vestimentas grandes e pequenas (também as pequeníssimas), uma imagem de Padre Cícero, e um monte de apetrechos a mais.

Com certeza deveria ser Tafynha, que pediu perdão e prometeu recompensa, mesmo sendo amásia do coronel Clemêncio Barroso. Um apego miserável, que sempre terminava em canseira. Quando acordava, gemia e queria mais. Não agüentava. Reclamava a lasqueira. Após a noite, abrir as pernas, nem pensar: ardia feito pimenta. Este era o segredo. Mas se lhe negasse o “feitiço de pernas”, ela reclamava e fazia manha, ensaiando calundu.

Tafynha tinha estilo de menina-dama. Andava sempre vestida e perfumada. Vestido de chita florido e vistoso. O perfume era a gosto, afora o exagero. Banhava com ele todo o corpo, inclusive as coxas e arredores, com o pretexto de ser tentadora. “É para me facilitar o vício”, dizia.

No quarto, havia uma penteadeira repleta de fragrâncias. Na verdade, repleta de tudo: adornos, roupas, pratos, garfos, copos e muito mais. “Penteadeira de puta é igual a coração de mãe: tem espaço para tudo”, dizia Oton Petrolina.

Não me recordo de muita coisa, mas, pelo jeito e trejeitos de Tafynha, a noite fora das mais agitadas, com reboliços e ventilação. Canseira noite adentro. A quenga não escondia o contentamento. Prometera a canseira como forma de recompensa pela vergonha passada, quando rolou no barro com Leninha, o que consumiu o meu juízo, afora a vergonha. Prometeu e cumpriu. Curou a saudade madrugada adentro. E, de fato, eu cheirava a perfume barato. Coisa pouca, é verdade. Cheirava, também, a luxúria e pecado, na prosa da velha Miru. Pois, provavelmente, naquela noite, eu havia sido vítima, mais uma vez, da sede incontrolável daquela rapariga, que tinha o dom de despir com os olhos. Um chamego de se ver! Só parava depois de relaxada, quando ficava com os olhos brilhando de alegria e contentamento.

Tafynha era uma puta diferente das demais. Era o meu xodó no puteiro e tinha o xibiu adocicado. Parecia moça de estilo, embora tivesse mania pelo uso de perfumes baratos. Lambuzava, inclusive, as coxas e arredores. Ficava cheirosa com o pretexto de ser tentadora. “É para me facilitar o vício”, dizia. Tafynha ofereceu-se para mim por encanto, com o cabaço perdido em inúmeros “feitiços de pernas”, mas se perdeu na cama daquele filho de uma égua, o coronel Clemêncio Barroso. O “manjar” foi reservado para mim, quando se desdonzelou em meus braços. O coronel era, na verdade, um “pedreiro tapa-buraco”, como diria o negro Adão, em prosa no botequim de Tonho.

Tafynha tinha gestos meigos e elegantes e andava sempre bem vestida — vestidos de chita coloridos e estilosos —, embora fosse quenga por arte e traquejo. Usava perfumes baratos, é verdade. Mas que não entranhavam no corpo. Iam e vinham fazendo parte de uma vida. Coisa que não passasse de uma noite. Não comprometiam, nem assustavam. Um manjar! Perfume pelo corpo todo e, especialmente, nas coxas e arredores, o que a deixava ainda mais tentadora. Uma cheiração desmedida, acho por bem aclarar.

Mas a rameira era diferente para mim. Incomum era, não por ser um tipo de mulher arrebatada. Era diferente, por carregar por mim mais que a simples vontade da carne. O pecado a que se referia o padre Lorrán, em intermináveis sermões na igreja. Para ela, não bastava os corpos estarem juntos. Tinha de haver coisa além. Parecia apego. Era coisa de carne e espírito. Uma quentura de mulher. Mimos e enrabação. Nada além. O certo é que me fazia bem a sua presença, acho por bem confessar.

A quenga era uma quentura, que nem mesmo o estrondo dava jeito, afora o fato de despir com os olhos. Era uma canseira sem fim noite adentro e, ao acordar, queria mais, senão fazia manha e ensaiava calundu.

O coronel Clemêncio era o único imprevisto. Homem, desses ciumentos, não admitia que lhe pusessem chifres. Eu, entretanto, não tinha como evitar. Mesmo sendo inconveniente a sua companhia, Tafynha era boa de prosa e leito e dispensá-la seria uma indelicadeza sem precedentes. “Um pé de xibiu com mel”, derretia-se Tuquinha, antes de alcançado pelo tabefe.

Pulei da cama sem que pudesse ser percebido, antes da manha e do calundu da quenga. Em casa, tive de agüentar, afora a dor de cabeça, fruto da cachaça inditosa e de má qualidade, os olhares desaprovadores de Cinthia e de dona Miru.

— Saíste pela tarde e chegaste a esta hora — resmungou a velha.

— Estava na peleja, dona Miru — tentei amenizar.

— Ainda quer o meu respeito — criticou Cinthia, ensaiando atrevimento.

— E desde quando me faço desmerecedor do seu respeito? — esbravejei.

— Desde quando passa a noite bebendo com um bando de mulheres vadias, quengas de profissão.

— Quem lhe disse isso, Cinthia?

— Meus próprios olhos. E não fui apenas eu quem viu. Teve gente que também viu e reviu.

— E quem foi? — indaguei por instinto.

— Uma antiga amiga.

Não entendi o “antiga”. Também, podia ser coisa tola fruto do ciúme desvairado de minha irmã. Acho mesmo é que ela só estava fazendo charme, tentando maquiar o seu comportamento. Cinthia ensaiava arrojado, coisa que se cura aos tapas.

Porém, eram muito estranhas as palavras de minha irmã, acho por bem confessar. O ciúme era previsível, mas não a revelação de quem presenciara os festejos: “uma antiga amiga”. Mas logo eu saberia a razão dessa suposta inimizade. O começo de uma vida ou término desta. Mais uma fantasia e trompaço do tal destino.

* * *

Eu teria de passar uns dias em minhas terras. Era época da venda de couro para a capital. Já havia fechado um negócio envolvendo coisa de gente grande e estava na iminência de fechar um outro. Por isso mesmo, quis partir logo.

Ainda um pouco temerário quanto à minha irmã, achei conveniente fazer uma pausa na saída.

— Mais uma de suas viagens misteriosas? — ironizou Cinthia, mostrando-se muito atrevida e perturbada.

— Você por um acaso quer que eu te prenda em seu quarto, Cinthia? — esbravejei, rispidamente, entre o silêncio e os berros.

— Por mim, pode prender. Só falta você me bater ou, quem sabe, me ignorar, assim como fez com Licurtixa — desafiou com a voz trêmula e chorosa.

Cinthia mostrava-se estranha e calunduzenta, criando em mim um insustentável sentimento de culpa.

— Madame Mariette convidou-nos a jantar na casa dela. Contou-me do presente que ganhou. Não sabia que meu irmão era tão generoso nem que tivesse tanto dinheiro. Eu também quero presente de gente rica.

— Sobre isso exijo reservas, Cinthia. E tem mais: nunca deixei nada lhe faltar e não admito comentários jocosos.

— Não se preocupe que lá eu não ponho mais os pés, nem mais nada direi — acrescentou.

— Tem algum motivo para tanto? — indaguei ainda confuso.

— Nenhum, só não me atraí gente falsa.

— Qual a falsidade existente?

Cinthia, já chorando, correu em direção ao quarto. Até pensei em segui-la, mas fui imediatamente impedido por dona Miru. Preferi retirar-me diante de toda aquela parafernália, a ser espancado pelas palavras da velha. Porém, aqueles dizeres de Cinthia se não me fizeram mal, também não me caíram bem, e pairaram em meu subconsciente.

A prosa inexata mantida com minha irmã deixou-me perturbado e apreensivo. Não eram do seu costume atrevimentos. Sua conversa pareceu-me um incômodo labirinto. Alguma coisa simbólica e temível. Coisa da vida.

Montei no animal que se encontrava amarrado no fundo da casa e parti em direção às minhas terras. Por certo, algo de errado estava acontecendo. Cinthia não era afeita a atrevimentos como o fez, afora os calundus esporádicos.

Minha irmã parecia sofrer, incentivada por supostas “falsidades” e “antigas amigas”. Eu haveria de encontrar a resposta para todas estas intermináveis indagações. Lembrei-me de que, no dia anterior, quando voltávamos para Itajumam, o velho Chico previu um amanhã ruim. Não dei ouvidos ao velho, movido pela alegria sem fim da vitória do turco. Mas o certo é que o velho Chico havia-me alertado: “A lua, naquele dia, indicava um amanhã decepcionante”.

Montei no animal, mas o fiz contrariado. Eu tinha de partir. Florisvaldo, Persivaldo e Antenor estavam à minha espera. Eu tinha de fechar negócio em Pedra das Antas. A “Folha Itajumense”, de Alberico Gompreia, noticiou o aumento do preço do couro. Além do que eu não podia parar no tempo, para me fazer presente à minha irmã. Ela, quando quis ficar de namorico com aquele titica de cabra, não pensou no irmão. O certo é que não me incorreria cultivar ilusões, ao menos nos meus desejos. E eu carregaria comigo, até a morte, o desgosto proporcionado por minha irmã, disso eu estava certo. Perdão, nem pensar.

Duas coisas, porém, mais me perturbavam. Em primeiro lugar, mesmo não devendo satisfação a ninguém, como poderia explicar o fato de ter dado uma casa à madame Mariette, além do cobre necessário para a compra? Ademais, qual o motivo que fizera minha irmã ter tamanho descontentamento com os Muniz? Seria ciúme? Acredito que não. Jamais deixei que lhe faltasse alguma coisa. Sempre trabalhei como um molambo para que tamanho desgosto não me ocorresse. O fato não era esse. Afora isso, Cinthia era amiga da menina. Tinha alguma coisa de errado e intrigante nessa história.

Lembrei-me que Cinthia falou do convite que madame Mariette nos havia feito. Por certo o estrangeiro não deveria estar em casa. Então, mesmo que a contragosto, preferi passar pela casa dos Muniz e agradecer o convite. Assim, aproveitaria para averiguar alguma coisa que pudesse estar acontecendo.

Em pouco tempo já estava a subir a ladeira. O chão de pedras portuguesas dificultava a vida do animal. Procurei chegar às escondidas, para não criar qualquer tipo de constrangimento. Vim beirando a casa antes de virar a esquina e alcançar o portão principal. Mesmo ainda um pouco distante, percebi a presença de um carro. Poderia ser o estrangeiro, o que me fez ainda mais vigilante. Olhei para dentro da casa e nada pude enxergar. Percebi, contudo, risos que se propagavam na varanda. Já mais perto do portão, conferi com exatidão o carro que ali se encontrava. Tratava-se de um lamborguine, modelo pertencente ao coronel Clemêncio Barroso. De fato, aquele carro era da família do miserento Julinho.

Mesmo não entendendo com clareza a situação, procurei juntar as peças daquele desmonte. Por certo, recordei ter visto, mesmo sob os efeitos do gotejo, no dia anterior, quando me encontrava em festejos e borracho no botequim de Tonho, a família Muniz sendo conduzida pelo filho do coronel Clemêncio. Até então, nada demais. “São cobras criadas e amigas”, diria o velho Chico. Mas, e o choro de Cinthia? E aquelas risadas? Parecia que algo de muito perturbador estava por acontecer. As coisas foram clareando em minha cabeça e não demorei a passar pelo portão principal.

Dobrei a esquina, distanciei-me um pouco do portão, sem alcançá-lo, e, já pelo outro lado da rua, bispei para o interior da casa. Desgosto maior não poderia me acometer. Tudo estava explicado. Agora eu entendia a tristeza de minha irmã. Agora eu sabia de quem partiam as risadas de descontração. Um berreiro sem fim. Lá estavam, sentados no banco da varanda, no mesmo lugar onde um dia eu me sentei, a menina e o desinfeliz.

O desconsolo pesou-me nos ombros. Franzi a testa suada, por instinto. Cuspi no chão. Tudo cadenciado. Restou, ainda, um enorme vazio no peito. Um vazio de fazer eco. Uma paulada pior que emboscada de jagunço ou cangaceiro.

Estes eu combateria na ponta de uma faca ou na mira de minha carabina *Winchester* de alavanca. Para gente safada o melhor destino é o punhal e o parabelo.

Aquele vazio não poderia ser vencido com qualquer arma. Ali era a mente e não o corpo. Não iria incomodar. Não desceria e cuspiria na cara daquele miserento filho de uma jumenta. Não encheria sua cara branquela de sopapos nem faria descer do seu rosto seu sórdido sangue, como um dia o fiz. O miserento não mais me dirigiria a palavra, rendido pela mudez eterna, ao menos comigo, depois que lhe dei um sopapo na praça. Mas não precisaria de palavras para me atingir. Bastava um simples sorriso, naquela mesma varanda onde eu e a menina trocamos o primeiro dos nossos muitos beijos e onde ela me fez a primeira jura de amor. Eu poderia arrancar-lhe as tripas e lhe cuspir a cara. Quem sabe capá-lo. Preferi, no entanto, retirar-me.

Por certo, ele não seria um maltrapilho. E eu o era. Não bastava o dinheiro. O abastado tinha mais, tinha nome. “Rico é rico até quando morre, pois ‘encomenda a alma’; já o pobre tem um ‘constipio’, ‘tomba’ ...”, pilheriava a velha Miru. Ele era um “Barroso”. E eu? Um nada. Eu não tinha pai nem mãe, foi o que pensei. Não tinha nome. Certamente o estrangeiro estaria contente. Havia-me aplicado um “xeque-mate” daqueles quase que insuperáveis. Poderia até imaginar o seu contentamento. Fui vencido pela minha fantasia do dia anterior, quando me senti vitorioso. O tal destino havia se encarregado da preleção e do trompaço, pois confesso que fui um homem de muitas fantasias, o que me fez viver sob o estigma da angústia.

Do alto do animal, tive a visão mais tristonha de toda minha vida. Era a menina ao lado do desinfeliz. Já não bastasse Cinthia, agora era a menina. Não pensei experimentar desgosto tamanho. Cobri-me com a capa de couro torcido, pus o chapéu e ergui a cabeça, como o faz um homem de verdade.

A menina, ao avistar-me, correu em direção ao portão, apreensiva. Tentou prosa, acenando os braços, e com menção de choro. Mas seus olhos não mais me alcançariam. Perderam o brilho e o encanto. Parti em debandada, como se fosse à procura do infinito.

“Toda beleza, quando fora de lugar, deixa de ser beleza”, foi o que me disse o velho Chico, certa feita, em prosa intelectual. A assertiva era de *Voltaire*, que, dizia-se, era filósofo, poeta e dramaturgo, estrangeiro da França, tal qual madame Mariette, conforme aclarou-me o velho. Prosa de livro. Tive oportunidade de lê-lo na biblioteca de Riacho Alegre, por insistência do velho. Guardei aquela frase na cabeça e no papel, para que dela fizesse uso depois.

De fato, a menina não tinha mais o brilho nos olhos. Os olhos de mel, de encantos e desencantos, perdera-se no tempo. Era uma beleza fascinante e inconfundível, acho por bem confessar. “Boniteza muita, capaz de corroer coração dos mais intransigentes”, intrometia-se dona Miru. “A filha do estrangeiro não parece nem preto nem branco; nem afoiteza nem lerdeza; nem rameira nem donzela; nem simplicidade nem soberba; não se permite definir e calcular, vendendo mistérios nos gestos e palavras”, dizia a velha.

Foi assim que me vi diante dos olhos da menina, essa é uma verdade, afora as minhas muitas fantasias. Olhos que recitavam poesias e falavam coisas bonitas. A menina falava com os olhos. Tinha mais: tinha o corpo que exalava sedução e cheiro de amor; a voz melosa de puta arteira, porém dócil como a de moça prendada. A menina também tinha formosura. A dos jeitos e trejeitos que me encantaram e à que sereferia

madame Mariette, que não era mulher de eufemismos. Esta ela perdeu comigo, à beira do Metediço. A outra ela perdeu por si mesma, quando eu a vi na varanda de sua casa, ao lado do desinfeliz.

Aliás, a menina era toda formosa, de cima a baixo, talvez fosse minha única certeza, pois da alma eu não me atreveria a falar. “Tanta formosura que chega a meter medo”, dizia a velha Miru, em prosa perdida com Cinthia, mas em voz alta, para que eu também a escutasse. Mas sua beleza não estava mais no lugar certo. Fugira do espírito carinhoso de outrora. Sua beleza de hoje era meramente carnal. Coisa que se estraga no tempo. Coisa de uma noite apenas.

Parece-me que a menina se perdeu na companhia imunda daquele indivíduo de caráter duvidoso. Sujeito cabotino, afeito à ostentação. Tinha nome, é verdade. Mas apenas isso. Era troncho e safado. Coisa de família.

Por certo, a beleza da menina não estava no lugar adequado. Ultrapassara a barreira do espírito e aterrissara no campo vazio da beleza carnal. Não poderia ser a mesma. E se estivesse sob influência do estrangeiro? Não seria uma desculpa satisfatória. Perdão, nem pensar.

A menina, naquele dia, morrerá para mim, esta foi a minha sentença, não sei se uma fantasia. Igual destino reservei a Cinthia, ainda que o sangue e os sentimentos me fizessem recuar em relação a esta. Talvez até viesse a ressuscitar, assim como o fez Cristo nas pregações do padre Lorrán. Mas, talvez, não fosse mais a mesma. Ela agora navegava no meu coração; na verdade, um grande rio, feito o São Francisco, de rancor. Não lhe ofereceria os sopapos destinados aos cabras safados, mas lhe reservaria o silêncio. “Se essa moça não se cuidar, vai ter o mesmo fim de Licurtixa”, dizia a velha Miru em prosa perdida com Cinthia.

Eu hei de confessar minha fraqueza. Depois que conheci a menina, que a tive em meus braços por muitas e muitas vezes,

beijando-lhe a boca que tinha gosto de mel, e me rendi ao seu encanto, passei a ter uma idéia diferente do mundo. Essa foi a minha fraqueza e mais uma das minhas muitas ilusões. A primeira, a fantasia criada pela ausência de meus pais, o que semeou a semente da minha angústia. Talvez esse tenha sido o meu grande erro. Perdi-me na ilusão de que a menina pudesse passar para mim uma idéia que jamais pude ter com exatidão: a família que de mim foi roubada ainda cedo. Foi um erro, acho por bem confessar. O sumiço de meus pais criara em mim um corpo fechado, ao menos até encontrar a menina. Coisa diversa de minha irmã, uma sentimentalista atolemada. Não poderia permitir que outro mal, como a ausência de meus pais, me corresse. Foi essa a minha fraqueza.

O velho Chico oferecia-me explicações oriundas dos livros ou da mente. “Refleta sempre”, é o que ordenava. Quando sentia haver necessidade, era ainda mais profundo:

— Vou lhe oferecer uma reflexão para que você não se perca em devaneios: “não é triste mudar de idéia, triste é não ter idéia para mudar”.

— Prosa de livro?

— A tal reflexão é fruto da mente fecunda de Aparício Torelly, o Barão de Itararé — sentenciou o velho.

Prosa de livro. Coisa, na verdade, que não me trazia melhores saídas. Mas o velho esclarecia, talvez tentando me oferecer talento:

— Esse sujeito criou um periódico, *A manha*, que dizem ser uma preciosidade.

Mas o fato é que minha idéia agora era outra. Já não existia confiança dentro de mim e, de agora em diante, menos ainda. O homem é por demais falho, disso eu estava certo. Os homens cultivam os piores valores, fora uma das minhas únicas certezas. “Vivemos o tempo da maldade”, dizia a velha Miru.

Como se conceberia tamanho desgosto? A tristeza de minha irmã, sentindo-se ridiculamente atraída, e os risos eufóricos da menina, na companhia de indivíduo tão desenxabido, acabaram comigo por completo, acho por bem confessar. Eu já não seria o mesmo, pois tinha um vácuo em meu peito. Cuspi nas águas do Metediço. Joguei parte de minha ira para os peixes. Venceria o dia ali e ali eu dormiria.

Está certo que eu não vira a menina com qualquer chamego com aquele filho de uma jumenta parideira. Mas ela estava conversando com ele, disso eu tive a certeza. Eu mesmo vi e ouvi: troca de palavras inexatas e risos desinididos. Mão na mão, assim como Cinthia. Minhas diferenças com o sujeito eram públicas. “Se dona Adelaide sabe, todos da cidade já devem saber”, afirmava Tuquinha da Gerlande. E eu também havia trocado palavras e risos de alegria, outrora, naquela mesma varanda, com a menina, quando ela me ofereceu o primeiro beijo e a primeira jura de amor. Haveria apenas de ser comigo. Outro mortal não poderia ter igual contentamento, senão perdia o encanto. Eu não perdoaria, disso eu estava certo.

O certo é que a menina me feriu na alma. Coisa pior que talho de parabelo. A bala certa acaba com o problema e a úlcera pode ser costurada com linha e agulha. Mas o episódio da menina era pior. Atingia a alma e matava aos poucos. “Tua vida é cultivar teu tecido de memória, e esta morte é lenta”, preocupava-se a velha Miru. As balas dos cabras safados eu poderia premeditar, o que não acontecia com a atitude da menina. Ela mesma, certa feita, em prosa de romance, afirmou que o parabelo que tentasse me atingir deveria assoprar duas balas, uma para mim e outra para ela. “Sem você, minha vida não existe”, afirmava a menina, não sei se por amor ou se por sem-vergonhice.

O Metediço era plácido e bem-vindo. Desde menino, em horas de recanto, quando me via desamparado pelo mundo,

sentindo a ausência de meus pais, eu recorria ao Metediço. Como todo nordestino que se dá ao respeito, eu me vangloriava do rio. O São Francisco era um verdadeiro Deus. Deus da divindade das lendas bem ditas, da prestatividade da pesca e coisas a mais.

Antes, ainda sem dinheiro, mas, desde já, com responsabilidade, eram o Metediço, o riacho do Navio e o Pajeú que me forneciam a feira de fim de mês para a casa de dona Miru. Com a tarrafa nas mãos, adentrava rio acima, como um homem das águas. Por vezes, alcançava o número de dez traíras por dia, com a pesca. Era a forma que eu tinha de colaborar com dona Miru. Minhas terras, ainda precisando de força braçal, nada ou muito pouco produziam. Ali, no Metediço, passei boa parte de minha vida. E, talvez por isso, eu tinha uma certa devoção pelo rio.

Foi no Metediço, também, que a menina perdera a formosura. A outra formosura, a dos jeitos e trejeitos, ela havia perdido na varanda de sua casa, naquele dia triste, quando se permitiu acompanhar pelo miserento, trocando olhares e sorrisos e não sei se coisa a mais.

Em fim de tarde, fiquei a lembrar-me de passagens boas, afora os pensamentos ruins, sempre contumazes. Lembrei-me da menina banhando-se no rio; dos encontros e desencontros; do feitiço de pernas; da água que lambia o seu corpo; dos olhos que ficavam mais bonitos e encantados em contato com a água. A menina perdeu-se em meus braços no Metediço, inúmeras vezes. Deu-se por inteira a mim, como se fosse para sempre. Dizia que sempre seria minha. Só minha. “Em teus braços me fiz mulher, em teus braços morrerei mulher”, dizia.

A menina jurou-me, ao pé do ouvido, muitas e muitas vezes, que não mais esqueceria os momentos de amor que vivemos à beira do rio, quando se deixou desdonzelar, oferecendo-me o cabaço a gosto, como prova incontestada de amor,

aparecendo este sentimento novel em mim. O tal sentimento meloso, que atormenta o juízo e deixa o peito em desajeito. “O que faz o coração bater e deixa a gente com falta de ar”, dizia Cinthia.

Amei a menina, como se fosse pelo resto de uma vida. Ali, mais ainda que em qualquer outro lugar. Imaginei que tudo aquilo seria eterno, mais uma das minhas fantasias, é o que pressaguei. Mas, parece que tudo, inegavelmente, chegara ao fim. Restava-me o consolo de pensamentos persistentes, mas que nem sempre me agradavam. Coisa de quem se encontra atordoado, sem melhores pensamentos. Senti falta, mais uma vez, de meus pais. “Nessas horas, o melhor remédio é colo de mãe e braço de pai”, afirmava a velha Miru, perdida na sabedoria de suas palavras.

Custei a entender o que se passara, mas acabei percebendo. Eu fora um grande capadócio. Não dei ouvidos aos ensinamentos do velho: “Cabra pobre se enrabicha é pro lado de moçoila pobre”. A velha Miru também já havia se manifestado: “Não se deve misturar as classes, caso contrário vira engodo”. Certeza maior não há. E se há, não a conheço. E não basta o cobre. Tem de haver, também, o nome. Posses e nome. O mundo funciona assim. Mundo miserável! “Mundo da maldade”, como sentenciava a velha Miru.

Foi o meu primeiro receio da morte. Vi-a de frente, pois, confesso, tive uma enorme vontade de partir. Afinal, não compartilhava, ao menos no começo, vencido pela angústia sem fim, com a idéia dos que pensam que aquele que parte por vontade própria seja um fraco. Pode até ser, em muitos casos. Mas não é uma constante. Não que eu ache a morte um meio de fuga apropriado, mas, a depender do caso, pode até mesmo ser um ato de coragem. Precisa ser cabra macho para tanto. Afora isso, mal de desgosto é peste, muitas vezes, sem cura.

Pois bem, naquela noite, enxerguei o manto negro do passamento em minha frente. Tive a idéia constante de partir. Coisa de arrepiar. Muitos assim já se foram. Eu não estaria partindo por morte matada nem tampouco por morte morrida. Estaria partindo por vontade própria. Não deixaria, assim, que ninguém cruzasse o meu destino. Eu mesmo — e aí com coragem ou fraqueza — findaria minha existência no mundo dos homens, mundo miserável. “Mundo da maldade”, como afirmava a velha Miru, abarrotado de gente morrendo de fome e cheio de cabra safado. Mundo que prestigia posse e nome. Cabra trabalhador e cheio de predicados não tem vez. Nem o tal do amor, sentimento enfeitado que consome o peito, pode-se ter. O nome e as posses atrapalham.

Foi uma luta desigual. De um lado, já com o espírito praticamente entregue, estava eu; do outro, com a volúpia de um monstro pré-histórico, a morte. Lutei contra aquele sentimento repentino e contraditório. Além do que minha morte era lenta. “Não cultive suas memórias e angústias, pois isso vem te matando aos poucos”, ordenava a velha Miru. Eu não poderia ceder, disso estava certo. Eu estava desequilibrado, carecendo de melhores pensamentos. Precipitação não é coisa de se recomendar. Tem de pensar e estudar a ocasião.

Porém, o poder real daquela força desconhecida era extremo, acho por bem confessar. A faca que carregava no lado direito da calça estava pronta. Bastava um único comando do cérebro e tudo estaria terminado. Tinha também o parabelo. Eu iria pro outro mundo. Não o da aparência, mas o real. Lá, ninguém se mete a besta. Tem o tal juízo final. Cabra bom é bem vindo; cabra desinfeliz vai pro inferno. Prosa do padre Lorran, em muitos sermões na igreja.

Mas o que é mesmo que estava pronto? Eu nem mesmo tinha uma família. Como eu iria terminar o que nem bem começou?

Meu conflito acentuava-se na medida do meu desespero. As lágrimas, raras em minha existência, afora as frouxas, pareciam, agora, fazer parte do próprio rio. Uma choradeira sem fim, tal qual as de minha irmã. Coisa de cabra frouxo, hei de reconhecer. Tinha até vergonha de pensar.

Lembrei-me da famosa carta de Perivaldo, ao sucumbir ao lado de sua amada, no cemitério de Itajumam:

“A todos aqueles que me querem bem deixo eternizada minha presença em forma de espírito. Parto porque não existe razão para o contrário. Parto porque tenho um longo caminho a percorrer. Vou atrás de minha amada. O meu mundo se foi com ela. Aqui na terra, as lembranças e desgostos são meus melhores companheiros. Insistir na minha existência é insistir na

melancolia. O homem não foi feito para sofrer. E, também por isso, vou-me. Certamente, vou para um lugar mais feliz. Vou ao encontro da eternidade onde os homens tiram as suas máscaras. Um lugar onde a falsidade não vigora. Onde, da boca só sai o mel da vida. Vou ao encontro de minha amada. Não me aborçam com ressentimentos. Fiz o meu destino. E ele não mais retornará.”

A carta de Perivaldo, eternizada na casa de sua antiga sogra, era um retrato fiel do que significava o encontro com a morte.

Por certo, todos nós, humanos, aqui estamos de passagem. Vestidos em nossos mantos de hipocrisia, desfilamos absurdos relutantes. É o jogo da vida entre homens que não se respeitam. “A vida é uma farsa, cultivando-se a inversão de valores”, sentenciava a velha Miru. Coisa que me fazia cuspir. Uma mesquinhez de dar dó. No fim, todos nós vamos para o mesmo lugar, não adiantando as posses e o nome. Uns ficam no céu; outros vão para o inferno, ao lado do coisa-ruim.

O pensamento finalístico não se resumia à classe dos Perivaldos, ignorantes por destino. Ambrósio Quintino, mistério-famoso por suas profecias, cruzava as estradas do sertão revelando o que chamava de futuro. Para o adivinho, Lampião tombaria, com parte de seu bando, em Sergipe. Arriscava até a época: antes da próxima década. Com ele, partiriam Maria Bonita, Luís Pedro e outros. Jurava, também, de pés juntos, e aí arrancando maliciosas risadas de todos, que o presidente atentaria contra a própria vida. “Além de pouco provável, vai de encontro ao bom senso”, diziam os intelectuais. Getúlio, pelo pouco que eu sabia, não era homem de fugas extremadas. Já não mais governava provisoriamente, como há pouco tempo atrás. “Agora o seu governo é constitucional”, diziam os letrados. Prosa dos cultos, que afirmavam que o governo tinha o amparo da lei. Não seria razoável acreditar, pelo menos, nesta profecia descabida.

O pobre Perivaldo, porém, perdeu-se em suas próprias palavras. Além de pretensioso, fora precipitado, essa é a verdade. Esqueceu-se, provavelmente, de que o destino se escreve bem antes de nascermos e que certamente não compete ao homem o atrevimento de mudá-lo. A velha Miru sempre se encarregava dos ensinamentos, lendo e relendo o Antigo e o Novo Testamentos. “Em Jó, capítulo 22, versículo 02, já se indagava: ‘Porventura o homem será de algum proveito a Deus?’; depois, vem a resposta: ‘Antes a si mesmo o prudente será proveitoso’”, pregava a velha. E Perivaldo não se mostrou prudente e, assim sendo, proveitoso a Deus.

Deus não aprovaria sua decisão. Não era a sua vez. Na terra, todos nós estamos de passagem. Perivaldo pecou pela presunção. Quis fazer o seu próprio destino quando fazê-lo compete ao Criador. A velha Miru sempre cultuava esses ensinamentos, em voz alta, para que eu e minha irmã ouvíssemos: “Em Jó, no capítulo 18, versículo 02, pode-se ler a resposta de Bildade, o qual acusava Jó de presunção: ‘Até quando usareis artifícios em vez de palavras? Considerai bem, e então falaremos’”, dizia a velha.

Perivaldo tinha ódio em seu coração. Talvez, da sua própria existência. Acreditava que interferir no caminho que o Criador reservara para ele fosse recompensador. Esse comportamento demonstrava a sua precipitação, afora a sua ignorância.

O velho Chico condenou a atitude de Perivaldo. Plagiava, para tanto, trechos de livros: “de todos os ódios, nenhum supera o da ignorância e o do conhecimento”. Encerrava: “As palavras de *Galileu Galilei* acabam com os argumentos tolos e descabidos de Perivaldo”.

Por certo, aos poucos, fui apreciando a vida de um modo diferente daquele de pouco tempo atrás. De fato, eu não haveria de interromper um destino já há muito traçado pelo Pai. Seria uma imperdoável grosseria. Coisa de gente que não tem predi-

cados e educação. Não seria, também, este o modo de fuga mais inteligente. Eu teria de vencer. Sim. Essa era a minha sentença. Venceria as minhas próprias fraquezas e não agiria de impulso, vencido pelos sentimentos ruins.

Assim, a luz dos céus foi aclarando minha mente, até então perturbada. Voltei à minha frieza própria. Finquei a faca nas margens do Metediço, como se jogando ao esquecimento a idéia de antes. Aquele gesto simples traduziu meu sentimento. Eu não mais pensaria em atitudes precipitadas. Afinal, eu deveria convir que minha existência não estava reservada às ingratidões e desamores que a vida me impôs.

Levantei-me, pus o chapéu, e parti, mas ao encontro do velho Chico.

O velho, demonstrando mais uma vez ser pouco previsível, aconselhou-me uma viagem. Achava prudente a minha ausência. Acreditei, a princípio, que se tratava de um devaneio, pilhéria ou coisa da idade. Não era. O velho deveria saber o que estava fazendo. Arriscou:

— Vá atrás de sua estrada de luz. Interprete os símbolos do Criador. Vá!

— Mas como?

— Gaste um pouco de dinheiro, seu murrinha.

— Está a me chamar de sovina? Ingratidão é coisa que não tolero.

— Apenas penso que tem feito um uso errado do cobre que cultivou na labuta da terra.

— Não entendo — respondi.

— Pense bem, meu rapaz — tentou explicar o velho, em meio a seguidas baforadas. — Não acha que tem sobrecarregado seu coração com pendência antiga? Liberte-se. Vá atrás de sua paz interior. Conheça o mundo. Ele ensina a viver. Tem as luzes que iluminarão a sua estrada.

Respondi positivamente com a cabeça.

— Você precisa aliviar o seu coração para que a terra não sinta a amargura que o seu dono tem sentido.

O velho, mais uma vez, tinha razão. Coisa de experiência, de gente iluminada. A labuta diária tinha-me furtado

um pouco a reflexão. O cobre não estava trazendo proveito para mim. “Quase sempre não o traz”, dizia a velha Miru. Ao contrário. Até penso que, se ele me faltasse, boa parte dos aborrecimentos seriam facilmente contornados. Não sei se era um pensamento tolo ou correto. Porém, a indagação mais justa a se fazer era em que lugar eu me refugiaria. Por certo, na capital, visitaria o boteco de Adamastor, primo de Tonho, na famosa rua Chile. De imediato, até aprovei a idéia que me veio. Eu gostaria de conhecer a cidade do Salvador. Talvez pudesse ir também até à cidade de São Jorge dos Ilhéus, lá pelo sul da Bahia. Não muito longe. A marinete passava por perto. Professor Miguel já me falara, antes, do lugar. Um encanto! Cidade produtora de cacau. Cultura que dá gosto só de pensar. Coronel e moça prendada por todo lado. Cobre de arregalar os olhos.

Eu não contava, entretanto, com a idéia que semeava o pensamento do velho. “Viagem maior, encantos e reflexões maiores”, sentenciou o velho Chico. O velho falou de um lugar distante, do outro lado do mundo. Disse-me, sem intervalos nem delongas, que eu precisava andar mais. Sair da Bahia, do Brasil. Cheguei a tremer. Ave-Maria! Ordenou que eu comprasse passagem para a capital. De lá, eu iria de navio para o outro lado do mundo. Tratava-se da Palestina, perto do antigo Egito. Coisa somente vista em mapa e na prosa de madame Mariette, por ocasião da visita do estrangeiro e da menina à terra longínqua.

Na verdade, o meu conhecimento acerca do tal lugar resumia-se ao convívio repentino com algumas pessoas que de lá vieram, entre as quais, por infeliz coincidência, o estrangeiro. De lá, falava-se em guerra, briga por terras, e coisas outras não muito agradáveis. Procurei ter conhecimento a respeito desses detalhes, quando da viagem da menina, acompanhada pelo pai, ao falado lugar.

Refutei a idéia não concordando muito com o pensamento do velho. Por certo, viajar para lugar tão longínquo significaria andar por fora de um limite traçado. Pensei carer de inteligência a opinião do velho. Talvez ele quisesse que eu fosse a um lugar aonde ele mesmo gostaria de ter ido. Lembrei-me das palavras do velho, quando se referiu a uma mulher que por lá deixara: “Um erro”. Pensamento tolo! O velho, também, nessas horas, não dava trégua. Ordenava.

Aos poucos, entretanto, fui-me acostumando com a idéia, que me pareceu, a princípio, um devaneio. O presente aconselhava-me uma retirada e, talvez, contando com a ajuda do destino, lá estivesse a resposta para a pergunta que há tempos confundia a minha cabeça. Talvez o caminho a ser percorrido fosse a minha verdadeira estrada de luz a que se referia o velho em prosas de estilo e referência. Talvez, lá do outro lado do mundo, estivesse a resposta para as minhas intermináveis angústias. Eu me guiaria pela luz, pois o caminho seria iluminado. Buscaria a resposta para a minha existência. Já não contava com a presença de meus pais e, agora, tinha o desgosto com a menina, afora a amargura que Cinthia me fez passar.

Por outro lado, e ainda servindo de alicerce à minha quase certeza, o velho não proferia palavras parvas e pequenas. Não pedia, ordenava. Sabia, como ninguém, os atalhos do mundo. “A vida é um livro que precisa ser lido e preservado”, dizia. O velho Chico era gente iluminada, cabra de valor, é bom que se diga. Falava pouco. Ordenava mais. Não era um misteriólogo qualquer, como Ambrósio Quintino. O adivinho, apesar da fama, não se mostrava constante. E o velho, ao contrário, estava sempre e sempre por perto. Mostrava-se continuamente presente. Talvez por isso comecei a permitir que a idéia, até então risível, começasse a prosperar em mim.

Porém, não foi essa a grande razão de minha viagem. Primeiramente, a fuga era sustentada no inteligente raciocínio de que a minha prostração deveria ser saudada com uma atitude própria.

Aos acomodados restava a peregrinação. Eu não esperaria por melhor sorte: agiria. Ademais, o reforço maior para minha partida rumo à Palestina fora o velho. Eu iria em busca da minha estrada de luz, guiada e abençoada pelo Criador. De fato, a insistência do velho Chico em fazer com que eu me dirigisse a tal lugar era uma admoestação. Coisa que os céus indicam e poucos interpretam. Presentimento de quem tem intimidade com o Criador. Presságios e conveniência. Gente iluminada.

Eu deveria respeitar. O velho parecia saber, e muito, o que aconteceria. E, produto do acaso, assim, sem que eu imaginasse, o velho fazia uma despedida. Talvez aquela insistência significasse uma outra coisa. Eu buscaria a luz que me iluminaria para compensar uma perda. O mundo funciona assim: as coisas têm preço. “Deus nos dá a vida e o caminho e a nós cabe percorrê-lo; quando fecha uma porta, abre uma janela”, é o que ensinava a velha Miru. Por aqui, estamos de passagem. O velho sempre frisava isso. Afirmava que o sol iria escurecer para mim. Que eu precisaria respeitar as suas palavras. A desobediência seria temerária. Não queria lágrimas. Apontar-me-ia o caminho da afirmação para que eu buscasse a minha estrada de luz. O velho sabia que sua existência estava comprometida. Precisaria, antes, mostrar-me muita coisa. Era uma prosa sem volta, sem repetições e alegrias. O caminho e as lágrimas. Saudade, muita saudade.

Alguns dias após o pedido do velho, acolhido com reservas por mim, fui encontrá-lo na cabana. Queria prostrar. Achei estranho o velho dizer que aquele seria o seu último pedido. Talvez imaginação. Quando cheguei na cabana, tive que agüentar outro grande desgosto, pois o velho não mais existia. Mais uma perda. Não mais as contaria. O velho passara ao convívio dos deuses. Deixara o mundo dos homens.

O velho Chico arrancou de mim algumas lágrimas. Silenciosas, mas escancaradas. Coisa de gratidão. Sofri, pela

segunda vez, a orfandade. Chorei pela ausência, pelo desconforto e pela ingratidão divina. O velho fora para o outro mundo, no além-mar da vida. Coisa repentina. Mais uma perda; já não as contava.

Chorei lágrimas verdadeiras e sentidas. Silenciosas, é bem verdade. Aquelas que marcam. Lágrimas de desgosto e de amargura. Mundo fuleiro este em que vivemos. Os homens vêm e vão. Não escolhemos quem e quando. Tudo de acordo com o tal destino, que se encarrega de nos levar para o além-mar da vida. “O mundo melhor”, como dizia o padre Lorrán.

Aprendi com o próprio velho que o homem deveria sempre deixar um legado. Ter o conhecimento das coisas e, o mais importante, fazer de uma forma inteligente uso desse conhecimento. Quanto à gratidão pelas coisas divinas e iluminadas, é coisa de quem aprende, reflete e cresce.

Eu não compartilharia com o desmazelo de muitos dos homens. A menina sempre me presenteava com palavras, muitas tiradas do Talmude, o livro do seu gosto e religião: “A coisa principal na vida não é o conhecimento, mas o uso que dele se faz”. O tal livro era uma beleza. Coisa de gente cheia de conhecimento. Era o livro de gosto da menina, que se encarregou de explicar: “A Bíblia judaica é dividida em três livros que são a *Torá*, o *Neviim* (Os Profetas) e o *Ketuvim* (Os Escritos). O Talmude é dividido em quatro livros que são o *Mishnah*, o *Targumin*, o *Midrashim* e os Comentários”.

O certo é que aprendi a ter gosto pela vida e pelos símbolos. Afora estes, a prosa inteligente também era bem vinda. Eu já conhecia, por exemplo, o significado do Monte Sinai, onde os dez Mandamentos foram recebidos. Outras prosas de valor ficavam por conta da cultura e do talento do velho Chico, afora os ensinamentos do professor Miguel.

Aprendi a dar valor ao conhecimento e o velho, ao partir, levou consigo parte da minha existência. Mas eu lhe devia a viagem para o estrangeiro, promessa que estava cum

prindo por gratidão. Assim, a Palestina era o lugar escolhido para o meu suposto desafogo. O velho gostaria que eu fosse. Lá estaria a resposta para a minha existência, disso eu estava certo. Era o encontro com a minha estrada de luz. E, assim sendo, não me restava melhor homenagem.

Deixei a casa de dona Miru, ainda de madrugada. Andaria dez léguas, mata adentro, até alcançar Riacho Alegre ou Pedra das Antas, de onde pudesse partir de marinete até a capital. Mas mudei de idéia e preferi andar sem rumo, até alcançar a cidade de Salvador. Peguei a maleta com os apetrechos, um saco com quitutes e fiz indicação de bênção e saudade.

A velha, pressentindo a minha partida, já me esperava à porta. Sem maiores e impertinentes delongas, mas com o carinho de sempre, abençoou-me. Retribuí com estima e beijei carinhosamente sua testa, como se a indicar um retorno, momento em que lhe fiz um pedido:

— Dona Miru, cuide, por favor, de minha irmã e se cuide também.

— Não se preocupe.

Dei à velha um mochoque contendo boa quantia em dinheiro. Cobre suficiente. E parti prometendo retorno.

Dona Miru não me fez maiores indagações. Preferiu, apenas, abençoar-me.

* * *

Passsei dias na caatinga, após a saída de Itajumam. O primeiro percurso foi feito de pé em pé e, depois, no lombo

de um animal. Cruzei o sertão para só depois chegar à capital. Passei por Uauá e Jeremoabo e depois fui parar em Sergipe e nas Alagoas, antes de retornar à Bahia e alcançar a capital São Salvador. Vi coisas de que Deus não duvida, porque foi ele quem criou. Passei apuros. Topei com o bando de Lampião perto da divisa da Bahia com as Alagoas, antes de este tombar na Fazenda do Angico, em Sergipe. Fiz o percurso em muitos dias. Coisa de quem anda sem rumo, em busca de afirmação.

Antes de viajar para o outro lado do mundo, eu pretendia aprender e amadurecer na caatinga, essa era a minha sentença. No chão seco do sertão de meu Deus. Esse era o meu gosto. E gosto é coisa séria, essa é uma verdade. Até que completasse a primeira parte da viagem, alcançando a capital, gastei alguns dias e muitos contos de réis.

A indagação acerca do que me levava a tal lugar mantinha-se viva dentro de mim. O velho sabia perfeitamente o que estava fazendo. Não era de ordenar à toa. A resposta à minha incômoda realidade certamente estaria por vir. Eu iria em busca de minha afirmação; em busca das luzes, símbolos do Criador, que iluminariam a minha estrada.

Parti da capital da Bahia rumo à Península Ibérica, cruzando uma imensidão de mar, coisa que fugia à minha imaginação. Atracaria em Portugal. A rica história lusitana despertava em mim verdadeiro fascínio. Embarquei no grande porto da cidade do Salvador. O navio era grande, moderno, fabricado, provavelmente, no final do século passado. As cabinas eram, entretanto, incômodas. O espaço reduzido e o enjôo foram empecilhos. Coisa pouca, é verdade.

Ofereciam, como recompensa, entretanto, farta literatura. Versos elegantes do poeta luso Camões, tradicionais do cancioneiro geral: redondilha, vilancete, como foi esclarecido pelos guias.

A chateação ficou por conta de um branquelo ignorante que não me deixou pescar no tal oceano Atlântico. Ainda

zombou de mim, movido pela pilhéria, foi o que me pareceu. Sujeito mais inconveniente. O miserento trajava uma roupa esquisita. Era um bando de gente estranha. Chamavam-se marujos e estavam sempre a nos vigiar. Inconveniência gratuita. Eu coloquei o sujeitinho no devido lugar, ao menos à custa de prosa. Lembrei ao miserento a existência do São Francisco, causando-lhe, certamente, inveja. “Da água doce para a água salgada, mas tudo água”, alertei-o. Só não levei adiante a minha intenção, porque o tal navio era alto feito os sobrados de Riacho Alegre e de Pedra das Antas.

Ademais, a minha chegada à Europa foi tranqüila como pretendida. Mas eu não simpatizei com o tal oceano Atlântico. Preferia o rio São Francisco, o Metediço e o Pajeú. Restava-me, agora, partir em direção à Palestina procurando a minha estrada de luz, dita e re dita nas prosas de valor. E, assim sendo, acabar com as memórias e angústias que não me traziam engrandecimentos, antes me consumiam.

Eu já tinha um certo conhecimento sobre o lugar. Coisa de prosas e livros. Afora isso, instruí-me, de antemão, com o professor Miguel.

O navio atracou em Haifa, vindo de Portugal, sem que eu tomasse conta das horas. Por ali, tudo era estranho, inclusive as horas, que passavam e voltavam sem deixar vestígios. Mas a minha repentina afeição pelo lugar foi maior que os imprevistos.

Lembrei-me de que a menina havia estado ali, com o pai, recentemente. A mesma menina que caiu em meu desgosto, depois de se entregar à alegria e à pouca vergonha ao lado do miserento, na varanda da casa 29 da Ladeira dos Ladrilhos Portugueses. A viagem se deu, quando eu e Cinthia fomos convidados, pela madame Mariette, a jantar na casa dos Muniz. Talvez a menina tenha viajado no mesmo navio, quem sabe, na mesma cabina. Não sei se era pretexto, ou coincidência, mas o fato é que, desse modo, eu me lembrei da menina, ainda que a contragosto. A ela eu reservaria a minha indiferença, já que os sopapos servem apenas para os cabras safados. Mal maior que ingratidão não há. Lembrei-me das palavras da velha Miru, em prosa perdida com Cinthia: “Se essa moça não se cuidar, vai ter o mesmo fim de Licurtixa”.

A viagem não fora das melhores. Apesar da ansiedade que tomava conta de mim, não consegui acostumar-me com o

balançar frenético do navio. Também, porque eu literalmente nada entendia do que as pessoas diziam. A comunicação era feita através de gestos, exceto em relação aos confrades de língua. O velho Chico já me havia advertido: “Para *Shakespeare*, não há pior exílio do que o exílio do idioma”.

Para compensar o enfado em que havia se constituído aquela viagem, fiz amizade com um português de nome Joaquim Abuni Maria. Era um filho de mãe judia casada com um rico industrial lusitano. Homem cosmopolita e de gestos finos, Joaquim demonstrou ser um notório conhecedor do mundo. “Sou cosmopolita”, definiu-se. Dizia ter feito inúmeras viagens, sem que tivesse oportunidade de conhecer o Brasil. “Terra de tupiniquins e mulatas”, disse o forasteiro. Falou da iminência de uma grande guerra, a segunda do nosso século. Contou-me que a Europa fervia sob o domínio de um alemão de nome estranho e que a raça de sua mãe muito vinha sofrendo com o tal. “O *führer* é um doente social, um homicida covarde”, aclarou o portuga. De fato, falou coisas que a Folha Itajumense, de Alberico Gompria, não noticiava com freqüência.

Já em terra, dispensei a companhia até então agradável do portuga. Meu percurso já havia sido desenhado pelo velho, ainda em Itajumam. Alcançaria Tel-Aviv e, depois, Jerusalém. Antes de despedir-me, entretanto, indaguei:

— Que lugar me sugere conhecer na cidade de Jerusalém?

— Sugiro o Muro das Lamentações — respondeu com forte sotaque lusitano.

A prosa com o português serviu para aclarar a região, seja do ponto de vista geográfico, seja do ponto de vista histórico. O portuga aclarou, com uma velocidade estúpida na voz, parecendo periquito adestrado, porém douto e conhecedor da localidade:

— Esse lugar já havia sido habitado, anteriormente, por judeus. Ocorre que houve uma dispersão deles mundo

afora, chamada de diáspora, por volta dos anos 132-135 d.C.; a partir do fim do século XIX, lá pelos idos de 1870, colônias judaicas agrícolas foram fundadas na Palestina por jovens imigrantes judeus, seguidores do monoteísmo judaico, motivados por ideais nacionais de voltar a constituir uma nação independente para o povo judeu; palestinos e judeus dividem o mesmo espaço, às margens do Mar Mediterrâneo; essa estreita porção de terra localiza-se entre as montanhas do Líbano e o deserto de *Neguev*; entre o Mar Mediterrâneo e a Jordânia.

Só parou para respirar.

— E sabe quem deu início à diáspora? — indagou o português?

— Foi algum português maldito — respondi de imediato, sem perceber a indelicadeza que havia cometido.

— Que é que estás a falar? Quem deu início à diáspora não foi nenhum português não. Foi o imperador babilônico *Nabucodonosor II*, quando invadiu o Reino de Judá e destruiu o Templo de Jerusalém.

— Nanana o quê? — indaguei, involuntariamente.

— *Nabucodonosor II* — respondeu o portuga.

— Isso é lá nome de gente, seu Abuni? Além de ter um nome desses o sujeito ainda faz conta, é o de número dois. Cruz credo! Esse sujeito devia ser uma esquisitice de dar dó — respondi, benzendo-me por diversas vezes.

Para terminar a prosa, indaguei:

— E os bate-coxas?

— Bate o quê? — indagou o portuga, sem compreender.

— As festas, companheiro? — melhorei a indagação.

— Agora eu compreendi. As principais festas religiosas daqui são *Rosh Hashaná*, *Simchat Torá*, *Yom Kipur*, *Pessach* e *Chanucá* — respondeu para o meu espanto e indignação.

Tomei raiva do português Abuni. Não deu para decorar um só rala-peito, nem para contar a história. O miserável ofereceu nomes estranhos e ainda queria que eu os entendesse.

Sujeito miserento. Não deu para memorizar um só nome, boteco disso, boteco daquilo, assim como o botequim de Tonho. Apenas festejos de nomes estranhos, que não me causaram afeição. Eu acreditei mesmo é que aquilo não passou de troça do forasteiro.

* * *

Já fazia meses de minha retirada. Pensava constantemente em Cinthia, um pouco a custo, é bem verdade, em dona Miru e em minhas terras. Também, nos companheiros de boteco e de prosa, e nas quengas. Quanto à menina, relevei-a ao esquecimento. Igual fim deveria ter Cinthia. Mas a velha Miru implorou melhor destino: “Não cultive o silêncio com sua irmã, nem lhe negue palavras e atenção, assim como faz com Licurtixa”.

Porém, e não nego, a viagem havia criado em mim um sentimento um tanto quanto adormecido, não sei se de esperança ou se de presságio. O lugar, mesmo com os conflitos existentes, refletia uma luz incomparável. “Na Galiléia, Cristo passara os anos de sua vida privada, fazendo parte da tetrarquia de Herodes Antipas”, assegurou o portuga Abuni, aquele dos festejos com nomes complicados.

Por um todo, o lugar era dos mais belos. Boniteza de dar gosto, acho por bem confessar. Talvez tenha sido essa a intenção do velho; talvez ele quisesse que eu respirasse aquele ar e me enfastiasse com a boniteza do lugar. “O feitiço da boniteza às vezes me causa arrepios”, dizia a velha Miru. Pensei que o velho quisesse me enfastiar com a boniteza e com o encanto do lugar. E isso aconteceu. Não sabia se voltaria melhor ou pior; mas voltaria diferente. Parece que, ali, a história ganhava vida. Aproveitei todos os detalhes daquele pequeno pedaço de terra. Do Mar Morto ao Rio Jordão; de Nazaré a

Tel-Aviv. Por fim, parti para Jerusalém, mais precisamente para o Muro das Lamentações, de acordo com o que ponderou o português viajero.

Parti para a cidade de Jerusalém. Já em terras palestinas, pude perceber o quão bela era a cidade. Nela se encontravam o Gólgota e o Santo Sepulcro. Na parte baixa da cidade, encontravam-se a Cúpula do Rochedo e o Muro das Lamentações. A história, para mim, foi ganhando vida, desde a minha chegada.

* * *

Andei por toda a extensão que cercava o muro. Muita gente estava por rezar ao pé do monumento de pedras. Na verdade, o Muro das Lamentações é parte do muro que cerca o Templo de Herodes, sagrado para os judeus por ser o último remanescente do templo. O português havia-me contado tal fato, ainda na viagem.

Eu havia ganho de um rabino ali presente um pequeno chapéu de forma semelhante a um círculo, de cujo nome não mais me recordo. Coloquei-o na cabeça para não destoar das demais pessoas que ali se encontravam, o que me foi orientado pelo guia da Hospedaria, único que, ali, falava português. Toquei no muro e rezei. Pedi proteção espiritual e paz; pedi por dona Miru e por minha irmã, mesmo que a contragosto.

Fiquei, por algum tempo, a analisar friamente o comportamento daquelas pessoas. Percebi, de logo, que as mulheres vestiam-se com extremo rigor, desafiando o sol escaldante que, naquela época, castigava os habitantes. Os homens faziam gestos cômicos, vestiam-se, alguns, de branco, como se fossem médicos doutores ou pais-de-santo. As construções eram antigas e havia muitas ruínas também. Entretanto, o lugar atraía a minha mais completa atenção.

Percebi que as pessoas rezavam. Não entendia o quê, nem para quem, mas sabia que elas rezavam. Rezavam com os olhos e com os gestos. Uma fé de espantar. Muito maior, inclusive, que a demonstrada pelas beatas que acompanhavam os sermões sem fim do padre Lorrán. Olhavam para o céu como se a conversarem com Deus. A fé daquele povo muito me impressionou, acho por bem confessar. Talvez fosse esta a lição pretendida pelo velho. Mostrar-me a importância da fé, talvez, fosse o seu intento. Era uma coisa diferente da com que eu estava acostumado. “Trata-se de uma conversa com o Pai em meio à própria natureza do lugar”, explicou, antecipadamente, o português Abuni. Não havia diferenças. Todos ali eram iguais. Não havia quem mandasse. O português explicou-me, ainda, que, séculos atrás, o profeta Jeremias ficava lamentando-se à beira do muro em prol do povo judeu, criando-se, assim, um verdadeiro culto ao muro. Coisa interessante. Prosa de estilo e intelecto. Eu memorizei todos esses fatos para quando do meu retorno à Itajumam. Eu queria contar o aprendizado à velha Miru e a quem mais me desse ouvidos.

Passi ao redor de uma espécie de praça e parei para aclarar as idéias. Apesar da imensa luz do lugar, confesso ainda não ter achado uma resposta que me trouxesse paz interior, afora o bem estar que o lugar proporcionava. As luzes já haviam me convidado à reflexão, é verdade. Mas a resposta para minha existência não se fez clara. Talvez a boniteza do lugar ou ainda a fé das pessoas, foi o que imaginei. Mas a grandeza do lugar me trazia maiores alentos, que, certamente, confortariam as minhas memórias e sentimentos. “A crença remedia as angústias”, dizia a velha Miru. E talvez fosse essa crença que, por vezes, me faltou, a redentora do meu destino.

Do alto da praça, pude perceber a existência de uma pequena sinagoga, localizada perto do muro, e visitada, também, por grande volume de gente. A curiosidade fez-me rumar

naquela direção. Pareceu-me uma obra antiga, mas conservada pela ação do homem. Pelo que pude entender, era uma espécie de templo utilizado para que fossem feitos determinados pedidos, só que escritos, pois os orais eram destinados ao Muro. Alguns desses pedidos estavam expostos de forma que todos podiam ler, ou melhor, quase todos. De fato, eu não compreendia nada daquele dialeto complicado. Minha prosa era com as mãos e gestos, afora o auxílio do sujeito da Hospedaria, que falava várias línguas. Havia, também, algumas esculturas feitas na própria parede, onde um sujeito berrava insistentemente palavras completamente desconhecidas e engraçadas para mim.

Achei prudente ir para o segundo piso da sinagoga, onde a algazarra deveria ser menor. Comecei a analisar as formas de pedidos, muitas vezes, feitas através de figuras. Na parte de trás, algumas fotos também podiam ser vistas. É claro que eu não me atreveria a desvendar qualquer dos pedidos. A curiosidade não seria maior que a prudência. Afinal, aquele templo pareceu-me um lugar sagrado e merecia todo respeito.

Passando pela parte de trás, em meio a um emaranhado de folhas, fotos e vários papéis, procurei um lugar mais arejado. De fato, havia uma janela de pouco tamanho, mas que dava acesso a um vento frio, provavelmente vindo do Mediterrâneo. Atrevi-me a escrever alguma coisa. Por certo seria um pecado não o fazer. Coisa de gente deseducada. Puxei do bolso um pedaço de jornal perdido e amassado. Arranjei, ainda, um escrevedor que se encontrava estrategicamente esquecido nas prateleiras. Pensei em fazer, também, um pedido. Haveria razões para tanto. Queria pedir proteção para mim e, ainda, o retorno de meus pais. Este, inclusive, foi um pedido feito com insistência, nas minhas rezas, antes da bênção com as mãos.

Pensei no velho. Pensei em outras coisas mais. O que me levava àquele lugar? A luz que me guiaria estaria escondida?

Acho mesmo que só o velho Chico teria tal poder. E onde estaria a minha tão esperada resposta? A estrada de luz a que o velho Chico se referia, em muitas prosas de estilo e valor? Eram indagações impacientes. Encontrar meus pais, por aquelas bandas, pareceu-me querer muito. Nem sonhei. Pensei em um possível retorno. Já estava em terras distantes, fazia tempo. Itajumam ficara para trás, arrancando saudades da minha sofrível memória. Já fazia meses de minha partida. Eu gostava mesmo era do sertão de meu Deus. Cresci por aquelas bandas. A Palestina era bonita e agradável, é bem verdade, mas não me encantava tanto quanto a caatinga. Apenas uma visitação, mais por gosto do velho e do destino. Nada além. Ainda preferia a caatinga de Itajumam, afora a boniteza da Palestina.

Mas, o certo é que, antes de retornar, eu deveria achar a resposta para as minhas aflições. Talvez a crença fosse a minha redentora. E o lugar me transmitia essa verdade. Assim o era naquela sinagoga, por exemplo. A estrada de luz que me conduziria para uma vida mais amena e feliz. Os símbolos do Criador. Promessa que fiz ao velho Chico e que deveria ser cumprida. Talvez apenas a viagem já fosse uma luz. Uma paz qualquer que me refizesse, quando da volta à Itajumam. A viagem em si já apresentava proveito. Apenas ela, sem novidades e acontecidos, já havia sido suficiente para o meu bem estar. Pensei já estar pronto para o retorno. Voltaria melhor, isso era uma verdade. A mim restaria a esperança eterna de um retorno de meus pais, o que talvez motivasse a minha existência. Quanto à minha irmã, não lhe destinaria o mesmo trato que reservei a Licurtixa, mas também não lhe ofertaria muito. Em relação à menina, não me fiz pensador. Reservaria para ela o meu esquecimento, talvez à custa do chamego de Tafynha, quenga do meu gosto e do xibiu adocicado, ou à custa de Leninha, a filha de Parmério Brabeza, moçoila apimentada e dos olhos de vai-e-vem.

Olhei para as prateleiras procurando um melhor lugar para pôr o meu pedido, escrito com gosto e fé. Não pedi muito, nem pouco, mas pedi com alento e desejo. Eram muitos os pedidos. Eu mesmo vi o tanto, perdidos nas prateleiras da sinagoga. Pensei em colocar a solicitação perto da janela, que tomava-se pela luminosidade, com o vento que escorria do Mediterrâneo e que tinha o horizonte agraciado pela boniteza daquele lugar. Talvez a minha estrada de luz surgisse oferecida por aquela modesta janela, com o sopro do Mediterrâneo e a luz refletida. O retorno de meus pais era o pedido maior, ressalte-se.

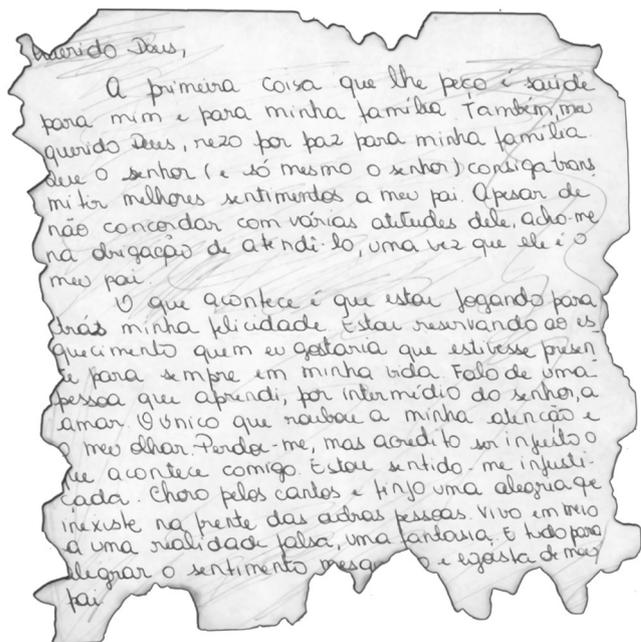
A escassa intimidade com o lugar fora acabando ao longo do pouco convívio. Ganhei uma certa afeição pela sinagoga. Apertei parte do pedido na mão como demonstração de fé. Coisa pouca, é bem verdade. Mas foi um gesto de fé. “Fé a gente demonstra de todo jeito”, dizia a velha Miru.

Procurei colocar o pedido em um lugar próximo à janela, que tinha um horizonte ventilado e bonito. Para tanto, arrisquei mexer em uma carta que tomava um lugar privilegiado. A aflição fez-me derrubar a epístola. Pensei em partir. Como poderia ser tão relaxado? Derrubei a carta de uma pessoa e isso não me pareceu boa nova. E se aquele pedido perdesse o valor? Procurei manter-me calmo e acreditar que aquilo não passava de um simples e comum incidente. Coisa que me fez tremer.

Agachei-me e peguei, cuidadosamente, o pedido. Chamou-me a atenção, contudo, o fato dele estar escrito em nosso vernáculo. Uma grande coincidência, é bem verdade. “As coincidências existem, senão o destino perde valor”, dizia a velha Miru. Coloquei-o de volta ao seu lugar de origem, desde agora, já dividindo o espaço com o meu. Já me preparava para partir, quando um estalo atingiu o meu pensamento. Pareceu-me estranha a grafia daquela carta. Ou melhor: pareceu-me muito conhecida. Fiquei um tanto admirado, mas o certo é

que aquela carta poderia ser de quem eu menos imaginava. Talvez ali estivesse guardada a resposta para a minha existência, uma pausa nas minhas memórias e angústias, consumidas pela intransigência dos meus sentimentos, acho por bem confessar. Um ponto final nas incertezas e mágoas.

A letra conhecida impulsionou a minha fé, ainda que involuntariamente. De fato, a carta fora escrita em português. “Português falado e escrito no Brasil e em Itajumam”, eu constatei, facilmente. Ainda, a letra era conhecida: letra corrida para os lados, parece até que desenhada, tamanha perfeição. Percebi rapidamente e sem muito esforço. Custei a acreditar, mas o pedido fora feito pela menina dos olhos de mel e encanto, a do choro e gemidos. Eu mesmo conferi a assinatura. Mas não precisava. Eu conhecia a letra da menina. Coisa de muitas cartas recebidas e guardadas sob o colchão surrado do leito. Era dela.



Querido Deus,
A primeira coisa que lhe peço é saúde para mim e para minha família. Também, meu querido Deus, rezo por paz para minha família. Que o senhor (e só mesmo o senhor) consiga transmitir melhores sentimentos a meu pai. Apesar de não concordar com várias atitudes dele, acho-me na obrigação de atendê-lo, uma vez que ele é o meu pai.
O que acontece é que estou jogando para trás minha felicidade. Estou reservando as melhores coisas para quem eu gostaria que estivesse presente para sempre em minha vida. Falo de uma pessoa que aprendi, por intermédio do senhor, a amar. O único que roubou a minha atenção e meu olhar. Perdeu-me, mas acredito ser injusto que aconteça comigo. Estou sentindo-me injustiçada. Choro pelos cantos e sinto uma alegria que inexistente na frente das outras pessoas. Vivo em meio a uma realidade falsa, uma fantasia. E todo para alegrar o sentimento mesmo e egoísta de meu pai.

Talvez ali se encontrasse a resposta para algumas das minhas muitas indagações. Talvez não. O velho tinha razão. Eu havia ido em busca de afirmação. Agora eu estava de posse da minha grande resposta, foi o que pressaguei, não sei se uma verdade ou se uma fantasia. A minha estrada de luz, oferecida pela coincidência do destino. Mas procurei ser prudente, para que não fosse vencido por mais uma fantasia, como a cultivada na suposta vitória sobre o estrangeiro.

A data não era das mais antigas. A menina deveria ter feito o pedido quando da viagem com o pai, na mesma época em que jantamos, eu e Cinthia, na companhia de madame Mariette. Procurei manter-me calmo para que a leitura fosse realizada. Pensei estar cometendo um pecado. Resisti. Não sei se o melhor caminho seria a leitura ou a resignação. A viagem já havia feito bem a mim. Melhor remédio não sei se haveria de ter. Quanto à menina, o xibiu adocicado de Tafynha e os olhos de vai-e-vem de Leninha se encarregariam da redenção. Mas o certo é que eu não consegui segurar o ímpeto, talvez por fraqueza, talvez por coragem. Quem sabe, não foi o tal destino, dito e redito nas prosas da menina, o construtor do acontecido? As histórias de vida são feitas para serem lembradas, essa é a verdade. Abri pausadamente a missiva e me pus a ler o pedido na íntegra. Antes, porém, olhei em direção à janela, como se rogando pela luminosidade divina. O conteúdo da carta estava por ser patenteado com a bênção do Criador:

“Querido Deus,

A primeira coisa que lhe peço é saúde para mim e para minha família. Também, meu querido Deus, rezo por paz para minha família. Que o Senhor (e só mesmo o Senhor) consiga transmitir melhores sentimentos a meu pai. Apesar de não concordar com várias atitudes dele, acho-me na obrigação de atendê-lo, uma vez que ele é o meu pai.

O que acontece é que estou jogando para trás minha felicidade. Estou reservando ao esquecimento quem eu gostaria que estivesse presente para sempre em minha vida. Falo de uma pessoa que aprendi, por intermédio do Senhor, a amar. O único que roubou a minha atenção e o meu olhar. Perdoe-me, mas acredito ser injusto o que acontece comigo. Estou me sentindo injustiçada. Choro pelos cantos e finjo uma alegria que inexistente, na frente das outras pessoas. Vivo em meio a uma realidade falsa, uma fantasia. E tudo para alegrar o sentimento mesquinho e egoísta de meu pai.

Acreditava que a vida era mais fácil de ser vivida no momento em que conheci a minha outra alma, a minha outra pessoa. Falo do rapaz por quem tenho amor imortal. Aquele que nem os imprevistos conseguem acabar. Sinto-me só. Aliás, sentimos-nos sós. Eu e o produto deste amor, o qual carrego no ventre e de que apenas minha mãe tem conhecimento. Ela me deu conforto em seus braços e palavras e me disse que eu perdi minha formosura para ganhar outra. É, longe de dívidas, a minha razão de vida. Talvez sem ele eu não suportasse constrangimento maior. Mas chegará a hora em que eu não conseguirei esconder o que a natureza chama de vida e que eu chamo de gravidez. Prefiro não mais viver, a ter que preterir o meu grande amor. Enquanto isso, passo uma imagem que não é a minha, vivo em meio a uma solidão desmedida e deixo o meu amor entregue aos prazeres da vida. Bem queria eu cuidar dele. Não o deixaria sucumbir à esbórnia, às mulheres da vida, como por vezes presenciei. Daria a ele o meu grande amor. O meu mais puro amor. Entregar-me-ia em corpo e espírito. E é isso que lhe peço: devolva-me o meu grande amor. Sua filha.”

Algumas lágrimas vieram-me ao rosto, acho por bem confessar. Lágrimas escancaradas, embora silenciosas. Não sei se de alegria ou repente. Mas a verdade é que a emoção não me consumiu, ao menos com a menina, pois em relação a ela fui vencido pela frieza. Mas não segurarei o pranto, quanto à revelação do ventre, fruto da nossa sem-vergonhice. Bem que

tentei, fiz esforço, mas a choradeira me consumiu. Não a custa da menina, a quem reservei a intransigência dos sentimentos, tomado pela mágoa sem fim, destino que a criança não conheceu. Por esta eu chorei, como revelação do destino ou estrada de luz, como queria o velho. Mas o pretexto da menina não me causou afeição, afora a revelação do ventre crescido pelo feitiço de pernas. Pelo filho, chorei, mas apenas por ele, acho por bem confessar.

Certo é que eu me vi atordoado e meloso, tal qual Cinthia, com a revelação da paternidade. Coisa que eu não tolerava. Sentimento que faz doer o peito e consumir o juízo. Mas a minha estrada de luz havia sido revelada, essa é uma verdade. Talvez ali estivesse a resposta para algumas angústias e inquietações, que sempre permearam a minha alma. Talvez a criança se encarregasse de curar a ausência de meus pais, ou destino maior. “Deus fecha uma porta e abre uma janela”, dizia a velha Miru.

Pedi desculpas a Deus e levei a carta comigo, como reminiscência de uma história. Eu agora deveria retornar à minha terra, minha Itajumam querida, da Bahia de todos os Santos, sertão de meu Deus. Iria ao encontro do filho que a menina dos olhos de mel e encanto carregava no ventre, fruto da nossa sem-vergonhice, provavelmente já nascido. Não sei qual a minha reação frente à menina, se de alegria ou distância, afrouxado pela criança ou fechado pela mágoa. Os acontecidos não venceram meu rancor, afora o fruto no ventre da menina, embarrigada pelo vício do feitiço de pernas. Não sei como seria minha reação a um novo encontro, ao menos depois da revelação do filho e da declaração de amor. Aquela me encantou, esta nem tanto. A declaração de amor, se não me trouxe tristeza, também não me causou afeição. Duvidei das palavras, acho por bem confessar. Não sei se haveria perdão e algumas palavras, foi o que pressaguei. De resto, o destino se encarregaria da correção dos sentimentos. Mas sei que eu não lhe negaria os olhos e iria em busca da minha extensão.

Quando o navio atracou no porto de São Salvador, eram duas horas da madrugada. Marujos corriam pelos arredores do porto em busca de putas que saciassem seus instintos animalescos. A brisa do mar esfriava o local, exigindo o uso de proteção.

Os bares ainda funcionavam, quando cruzei a avenida Sete de Setembro. Caminhei por toda aquela extensão até chegar à velha Rodoviária, localizada em um bairro de que desconheço o nome. Dali, eu partiria para Riacho Alegre, depois, caminharia até Itajumam.

Confesso que não esperava a hora de partir. Informaram que a marinete partiria ainda de madrugada. A estrada ruim deixava claro que o percurso não duraria menos que meio dia. Talvez mais. Por certo, eu chegaria à minha cidade por volta do anoitecer.

A Rodoviária estava cheia. Era época de viagem, mês de festejos, afora o fato de ser madrugada. Aliás, não poderia se dar em melhor época o meu retorno. O mês de junho era dos mais agradáveis. Certamente, estaria acontecendo a quermesse em Itajumam, em meio às comemorações e festejos em homenagem a São João.

Às cinco horas em ponto, a marinete partiu. O percurso comprido e difícil fazia da viagem um verdadeiro martírio. Da janela pude perceber a mudança pausada de vegetação. O sertão

ia aos poucos ganhando vida. Lembrei-me do que havia visto lá no estrangeiro: as montanhas do Líbano, o deserto de *Neguev*.

A viagem à Palestina, como bem quis o saudoso velho, fez-me um bem inominável. A partir dela, comecei a ter uma outra percepção da vida. Por certo, agora, eu já poderia até acreditar nas pessoas e nos sentimentos, foi o que imaginei, não sei se por verdade ou se por ímpeto. Comecei a aceitar o tal sentimento meloso, a que se referia Cinthia, com a voz trêmula e os olhos de alegria, afora a minha reserva. Ele me foi imposto, goela abaixo, por rasteira do tal destino. Mas tinha a extensão feita à custa da sem-vergonhice e que já devia ter sido cuspada do ventre da menina. A verdade é que passei a acreditar nos sentimentos e na reciprocidade destes. A vida, como um todo, passou a ter um valor maior para mim, disso eu estava certo. Eu tinha conseguido alcançar uma das minhas muitas respostas de vida. Outras me faltavam, como o paradeiro de meus pais. Mas a vida havia-me ensinado que o mundo funciona assim. Não alcançamos tudo. Somente o Criador é tão perfeito. Para nós, tudo tem seu preço. As contas são acertadas no juízo final, o tal tribunal divino a que se referia a velha Miru. “A gente perde por aqui, e ganha acolá”, dizia a velha. Tem de saber viver, caso contrário, se estrompa.

Certamente, a partir de minha chegada, eu começaria a refazer minha vida, ao gosto do destino. Valorizaria certos sentimentos, antes relegados ao esquecimento. Lutaria por pessoas a quem, antes, dominado pelo receio, pouco fiz. Compraria um casa maior para dona Miru ou proporcionaria mais conforto para a velha. Coisa de gratidão. Da casa velha ela não sairia, é bem verdade. “Daqui só saio carregada por quatro pessoas”, dizia dona Miru. Investiria, também, em minhas terras, que passariam a se chamar Fazenda Jerusalém. Justa homenagem. Quanto à minha irmã, o destino se encarregaria da ajustagem. Eu gostaria de vê-la feliz, ao lado de um cabra de valor e bons costumes, não nego e admito,

por conta da promessa feita à velha Miru. Mas o resto é resto e o destino se encarregaria da correção. O certo é que, a caminho de Itajumam, rezei por minha irmã. Não sei se a contragosto ou se por devoção. Mas rezei. Mesmo que o desgosto ainda ofuscasse o brilho do meu coração, pedi por ela, vencido pelo sangue e sentimentos. E, caso Cinthia encontrasse a pessoa certa, eu não criaria problemas, desde que fosse cabra de valor e costumes, foi o que prometi a dona Miru, muito embora as promessas existam para ser descumpridas.

Chegando em Riacho Alegre, encontrei Alberico Gompria. Sempre bem falante, indagou por onde eu andava. Curiosidade excessiva. Procurei esquivar-me do jornaleiro, sem, no entanto, obter grande êxito. Em cinco minutos, o periodista conseguiu a proeza de detalhar o que acontecera em toda a minha ausência. Entre um emaranhado de notícias fuleiras, duas delas, se não me alegraram, também não me entristeceram. O certo é que, ao que parece, minha irmã estava prometida a Aparício “Mão Divina”, o escultor de hábitos moderados, que fazia milagres com argila. Conforme a prosa, a demora para o casório era o meu retorno, pois Cinthia exigia que compromisso maior só haveria na minha presença. A outra novidade é que muitos acreditavam que eu não mais retornaria à cidade, perdido pelo mundo. A exceção eram a velha Miru e Cinthia. Conforme o jornaleiro, a velha, em prosa perdida na Alfaiataria, revelou a esperança: “eu e Cinthia aguardamos o retorno”. Minha irmã também havia-se manifestado, com voz de choro, o que não me pareceu boa nova: “da perda de meus pais eu me convenci, mas não da de meu irmão”.

Lembrei-me, não sei se por acaso, que Aparício havia falado da tradição familiar: feito um busto de menina moça, esta contrairia matrimônio com o feitor. Tradição mantida. Coincidência muita. A verdade é que, e eu tenho que confessar, a notícia envolvendo minha irmã me proporcionou um baticum arrebatado no peito. Não sei ao certo se por felicidade

ou coincidência. Mas o certo é que senti uma alegria esfuziante dentro do peito, do que tive certeza mais tarde. Cinthia era o meu bem querer, e isso eu não tinha como encobrir.

Sem cerimônia, apossei-me de um burro esquecido e amarrado em um pedaço de pau. Atitude justificável e perfeitamente compreensível naquele instante, afora o desagravo. Mas a vontade de retornar à Itajumam era maior que a polidez.

* * *

Já em Itajumam, percebi a existência de uma quermesse. Amarrei o burro na floresta e caminhei até o outro lado da cidade. Entrei na casa de dona Miru e, como previsto, não havia ninguém. Matei a saudade que consumia meu peito. Meu quarto estava como deixei. Florido, por curiosidade. A velha e Cinthia cultivavam a idéia de minha volta. Certamente estavam tristes com minha ausência. Deixei a maleta que carregava e parti em direção à praça.

Passadas rápidas, alcancei, em pouco tempo, a Ladeira dos Ladrilhos Portugueses. Já no alto, próximo à esquina que dava acesso à igreja do padre Lorrán, percebi que a casa dos Muniz encontrava-se vazia. Todos deveriam estar na quermesse. Rumei para a praça, como um pássaro em direção ao ninho. O traje europeu — um grande casaco de tecido grosso — e a barba por fazer escondiam a minha identidade.

Avistei, de logo, a praça. Pude ver as pessoas andando de um lado para o outro; as crianças, em debandada, numa correria sem fim; as barracas armadas para a venda de apetrechos e quitutes. Encostei-me ao lado de uma casa em ruínas. De lá, pude procurar as pessoas. Vi o bando de desocupados bebericando no botequim de Tonho, companheiros de prosa e gotejo; as quengas de Prazeres enfeitando o ambiente; vi Leninha, com os olhos de vai-e-vem, e Tafynha, quenga do xibiu doce, perdidas

na mesmice da praça; avistei dona Miru, que se encontrava ao lado das amigas beatas, atolada em prosas infundáveis; Cinthia de mãos dadas com Aparício “Mão Divina”. Apurando ainda mais a vista, após certo tempo, avistei a menina dos olhos de mel e encanto, a do choro e gemidos, que se encontrava, com aquele jeito e trejeito de encantamento, encostada em uma árvore, não muito longe da casa em ruínas. Encontrava-se relaxada. Pareceu-me, todavia, perdida em devaneios. Imediatamente, lágrimas muitas vieram-me ao rosto. Escancaradas, mas silenciosas. Não pela menina, mas pela extensão, fruto da nossa sem-vergonhice e nascida do ventre da menina. Lágrimas frouxas, daquelas que aparecem sempre, sem nenhuma vergonha, é bem verdade. O tal sentimento que consome o peito e o juízo. Mas é que nos braços da menina havia um petiz. Um menino, para ser mais cuidadoso. A minha extensão. Aproximei-me com zelo. O olhar parado no firmamento e os olhos cor de mel não deixavam negar a origem da criança. Era o nosso filho. Talvez a minha mais significativa estrada de luz. “Deus fecha uma porta e abre uma janela”, sentenciava a velha Miru.

Calmamente, aproximei-me da criança e da mãe, a menina, que se encontrava distraída, perdida em pensamentos, mas com o mesmo olhar de encanto e com o perfume que entranhava. Em meio à quermesse, na praça da igreja, em Itajumam, vi as coisas se aclararem e lembrei-me do velho Chico, a quem devia a vida. Deus havia me reservado tamanha alegria. Uma imagem única e duas luzes: mãe e filho. A menina, assustada, procurou olhar para o homem que se aproximava de seu filho, com aqueles olhos que falavam e recitavam poesias. Tentou distanciar-se, mas em vão. Sem esconder a emoção que a tomara de repente, olhou-me como se deixasse escorrer dos olhos todo o seu mel. Reconheceu-me. Talvez ainda esperasse o meu retorno. Demonstrou isso em gestos e no olhar. Olhar, revele-se, de vitória, de redenção.

A princípio, cuidou apenas de apresentar-me o fruto da nossa sem-vergonhice e amor, o tal sentimento encantado que consome o peito e o juízo, mas imprescindível em nossas vidas. Talvez estivesse confusa. Mas, tão logo, abraçou-me com ternura, deixando-se render às muitas lágrimas. Retribuí o abraço, não sei se com estima ou se com secura, mergulhado, ainda, nas minhas memórias e angústias, afora as mágoas, e sem saber — e nunca o soube — se havia esquecido o passado e consentido o perdão. Ainda ficamos a olhar o filho com que Deus havia nos presenteado, em meio a uma praça em festejos, na Itajumam do sertão nordestino. A minha estrada de luz tinha-me conduzido àquele instante abençoado.

Acordei com certo espanto e nostalgia. De fato, já deveria ter perdido a hora. Parece duvidoso, mas tive a sensação de que, naquele simples intervalo de tempo, recordei toda a minha vida, mergulhado nas minhas memórias e movido por um desejo sem fim. Coisa de visagem. Por certo, o sol já havia adormecido, dando lugar ao aparecimento de uma lua crescente.

Mas não era mais hora para saudosismo. Afinal, minha mulher e meu filho estavam a me esperar em casa. Eles e o destino se encarregaram da correção dos sentimentos, na guerra contra minhas memórias e angústias. Certo é que, até os meus últimos dias, a intransigência de minha alma foi um mistério para mim mesmo, mas o resto é resto e o destino se encarregaria da correção. Por vezes, imaginei que a vida me consumiu aos poucos, em cada palavra não ouvida ou em cada sentimento que me foi levado. Os valores foram estruturados até o fim de vida, à custa das palavras e da nossa sem-vergonhice. Isso porque, no ventre da menina dos olhos de mel e encanto, já estava a nossa filha, conforme previsão da velha Miru e de Cinthia. Mais uma outra estrada de luz. Porque são elas quem nos guiam. Somos meros intérpretes dos símbolos divinos que nos são ofertados generosamente. Prosa de valor que aprendi com a vida.

Levantei-me e parti. Já na estrada, agradei a Deus por mais um dia. Por fim, pedi que me abençoasse e protegesse.

Mas não era mais hora para saudosismo. Afinal, minha mulher e meu filho estavam a me esperar em casa. Eles o destino se encarregaram da correção dos sentimentos, a guerra contra minhas memórias e angústias. Certo é que, até os meus últimos dias, a intransigência de minha alma foi um misterio para mim mesmo, mas o resto é resto e o destino se encarregaria da correção. Por vezes, imaginei que a vida me consmiu aos poucos, em cada palavra não ouvida ou em cada sentido que me foi levado. Os valores foram estruturados até o fim da vida, à custa das palavras e da nossa semvergonhice. Isso porque, no ventre da menina dos olhos de mel e ecanto, já estava a nossa filha, conforme previsão da velha Mir e de Cinthia. Mias uma outra estrada de luz. Porque são elas quem nos guiam. Somos meros intérpretes dos símbolos divinos que nos são ofertados generosamente. Prosa de valor que aprendi com a vida.

